



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA

Braz Pereira Alves Neto

CIDADE TRANSCENDENTAL: uma análise historiográfica da obra “Assombrações do Recife Velho”, de Gilberto Freyre

RECIFE

2019

Braz Pereira Alves Neto

CIDADE TRANSCENDENTAL: uma análise historiográfica da obra “Assombrações do Recife Velho”, de Gilberto Freyre

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História

Orientador: Prof. Dr. Diogo Arruda Carneiro da Cunha

RECIFE

2019

A474c

Alves Neto, Braz Pereira

Cidade transcendental : uma análise historiográfica da obra
“Assombrações do Recife velho”, de Gilberto Freyre / Braz
Pereira Alves Neto, 2019.

175 f. : il.

Orientador: Diogo Arruda Carneiro da Cunha

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Programa de Pós-graduação em História. Mestrado em História, 2019.

1. Pernambuco - História. 2. Recife - História. 3. Historiografia.
4. Freyre, Gilberto - Crítica e interpretação. I. Título.

CDU 981.341

Ficha catalográfica elaborada por Catarina Maria Drahomiro Duarte - CRB 4/463

Braz Pereira Alves Neto

CIDADE TRANSCENDENTAL: uma análise historiográfica da obra Assombrações do Recife Velho, de Gilberto Freyre

Universidade Católica de Pernambuco

Mestrado Profissional em História

Linha de pesquisa 2 - Sociedades, trabalho, cultura e memória.

Defesa pública em: 09 de agosto de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Diogo Arruda Carneiro da Cunha (UNICAP/ UFPE) – Orientador

Prof. Dr. Helder Remigio de Amorim (UNICAP) – Membro interno

Prof. Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende (UFPE) – Membro externo

Profa. Dra. Maria do Rosário da Silva (UNICAP) – Suplente interna

Prof. Dr. Márcio Ananias Ferreira Vilela (CAp / UFPE) – Suplente externo

Para “Dona Gilda”, minha mãe, que me ensinou as letras do meu nome antes de me apontar o caminho da escola – caminho esse ao qual ela foi tolhida de trilhar ainda na flor de sua juventude.

AGRADECIMENTOS

Parafrazeando o poeta Gonzaguinha, percebo que sou a marca das lições diárias de outras tantas pessoas. Começo por agradecer aos que escutaram as primeiras batidas do meu coração: meus pais Gilda e José e meus irmãos Adriana e Fábio, pelo amparo de toda uma vida. Eles me deram a oportunidade de escutar as primeiras batidas de mais dois corações, o de Ivan “Bitá” Henrique e o de Nanda, meus sobrinhos. Segue também um abraço a Seu Fernando, meu tio, um exímio contador de “causos” e fonte de inspiração.

Optei por escrever a maior parte do trabalho no plural, por saber que contei com os ensinamentos de muita gente. De maneira mais direta, gostaria de agradecer imensamente ao meu orientador, o Prof. Dr. Diogo Arruda Carneiro da Cunha, responsável por me dar o aval sobre trabalhar com a temática que escolhi, por me dar a oportunidade de mudar o direcionamento da pesquisa quando achei necessário, pela amizade e pelo apoio em todas as horas, sobretudo nas mais difíceis. Aos Profs. Drs. Flavio José Gomes Cabral e Tiago da Silva César, por terem me acompanhado academicamente desde a graduação, incentivando em conversas extraclasse, abrindo seus gabinetes de maneira muito prestativa para tirar dúvidas, apontar bibliografias e por me ajudarem, também, nas partes burocráticas inerentes a qualquer programa de pós-graduação.

Na etapa de qualificação, além do meu orientador, contei com a presença dos Profs. Drs. Antonio Paulo Rezende e Helder Remigio Amorim. Antonio Paulo já tinha me presenteado com uma aula sobre a história do Recife. Apontando diretrizes preliminares ao percurso que eu percorreria, adiante fez pertinentes ponderações durante o exame do meu trabalho. Helder foi cirúrgico em suas vastas observações, além de acompanhar indiretamente a pós-qualificação. Agradeço aos dois por serem tão atenciosos. Agradeço também a presteza da Prof. Dra. Maria do Rosário da Silva e do Prof. Dr. Márcio Ananias Ferreira Vilela por aceitarem a suplência da defesa pública; e ao Prof. Dr. José Adelson Lopes Peixoto pelo incentivo e auxílio em aspectos burocráticos.

Aos meus amigos e colegas de classe do mestrado: Ana Cristina Costa, André Nascimento, Cássia Teixeira, Eliza Brito, Fábio Monsão, Fábio Salvari, Flávio Benigno, Francisca Neta, Gertrudes Gomes, Jairo Cabral, João Paulo Santos, Paulino Paiva, Renata Victor, Rozildo Silva, Sylvania Silva e Sonielson Juvino. Um terno abraço em agradecimento

a tudo o que vivenciamos juntos: os sorrisos, as aflições, as esperanças, as caronas, os cafés. Sinto-me honrado em ter feito parte de uma turma com espírito de grupo.

Por falar em grupo, agradeço aos amigos Cleonice Velozo, Eleonora Castelar, Enaide Vidal, Fátima Militão, Geraldo Ferreira, Heitor Brito, Ivanilde Gusmão, Jacira Barros, Rejane Gonçalves, Rejane Paschoal e Telma Brilhante, pelo carinho e pela compreensão de minha ausência nas atividades do *Grupo de estudos literários Dom Graciliano* durante esse tempo que precisei me dedicar ao mestrado.

Fundamental para a concepção deste trabalho foi a pesquisa realizada na *Fundação Gilberto Freyre*. Agradeço a todos que fazem a FGF, em especial à gerente de acervos, Jamille Cabral Pereira Barbosa, que gentilmente me recebeu na instituição e permitiu o acesso a documentos sobre Gilberto Freyre e Lula Cardoso Ayres. Ainda na FGF, tive a oportunidade de dialogar com André Balaio, Naymme Moraes, Roberto Beltrão e Téo Pinheiro, do projeto “O Recife Assombrado”, que compartilharam algumas de suas experiências. Retribuo o “abraço assombrado” e agradeço pelos incentivos.

Meu muito obrigado aos prestativos funcionários do Arquivo Público Jordão Emerenciano; da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco; e da Biblioteca Central da Universidade Católica de Pernambuco; à bibliotecária do setor de Obras raras e Coleção Especial Maria Marinês Gomes Vidal, da Faculdade de Direito do Recife (UFPE); à Isabela Cabral de Melo e à Gerlane Santana, monitoras da Biblioteca Central Blanche Knopf – (FUNDAJ).

Um agradecimento afetuoso as irmãs e irmãos que a vida me presenteou: Marileide, Dona Tetê (Tereza Silva), Janaína, Fê (Santos), Trycia, Fabíola, Josiane, Miscelene, Jorge, Lavor, Rita, Manu, Osglay, Ingrid, Paula (Melo), Paula (Mota), Ernani, Ellen, Rogério, Madalena, Eduardo, Jordélia, Cícero (Williams), Jérdyson, “Os Costa” (Ilana e Lucas), Kalina, Cacau, René, Paulinho, Ataliba, Déa, Cris, Kiki, Vaninha, Andrezinho, Érika, Mari e Beta (Petrolina e Juazeiro).

Por fim, humildemente, venho a enfatizar a incompletude desse ato de agradecer, ciente de que, por mais que eu me esforçasse, não conseguiria abranger nesta lista todas as pessoas que contribuíram para a feitura deste trabalho.

“Eu vi o mundo... Ele começava no Recife”

(Cícero Dias)

“O céu de Ícaro tem mais poesia que o de Galileu”

(Herbert Vianna)

“Os livros são objetos transcendentos
Mas podemos amá-los do amor tátil
[...]
Domá-los, cultivá-los em aquários,
Em estantes, gaiolas, em fogueiras
ou lançá-los pra fora das janelas.”

(Caetano Veloso)

RESUMO

Recife, capital do contraditório, bela e cruel. Cidade em que a população, por vezes, demonstra certa irreverência para lidar com o cotidiano e profunda reverência aos seus mistérios. A convivência com “fantasmas”, um aspecto íntimo da cidade, entre mudanças e permanências, foi percebido pelo escritor Gilberto Freyre. Este autor, que já na década de 1920 – quando foi diretor do jornal *A Província* –, solicitou a investigação e orientou a publicação das histórias do “sobrenatural”. Ao longo dos anos, coletou diversos relatos de fantasmagorias provenientes das distintas comunidades que coabitavam o Recife. Em 1955, publicou uma coletânea de narrativas intitulada *Assombrações do Recife Velho*. Outrora avaliada por críticos como obra “lateral”, “paralela”, de cunho “exótico”, atualmente podemos inferir, tomando por base teóricos da história, que o livro se mostra como uma interessante fonte de pesquisa. Procuramos nesta dissertação analisá-lo sob o prisma historiográfico. Levamos em consideração aqui a importância de atrelar a história do livro com a de seu autor e colaboradores, bem como a da cidade do Recife. Destacamos que a composição imagética, recepção e longevidade da temática de *Assombrações do Recife Velho* também se fazem presentes em nossa análise.

PALAVRAS-CHAVE: Fantasmagoria; Gilberto Freyre; História de Pernambuco; Recife.

ABSTRACT

Recife, capital of the contradictory, beautiful and cruel. A city in which the population, at times, demonstrates a degree of irreverence in dealing with everyday life and profound reverence to its mysteries. Their “coexistence with ghosts”, an intimate aspect of the city, with its changes and permanences, was noticed by writer Gilberto Freyre. This author, which in the 1920’s -when he was director of the *A Província* newspaper – called for the investigation of stories about the “supernatural” and oriented their publication. In the passing years, he collected several testimonies of phantasmagorias coming from the distinct communities which lived together in Recife. In 1955, he published a collection of narratives entitled *Assombrações do Recife Velho* (*Hauntings of Old Recife*). In yore labeled by critics as a “lateral” or “parallel” work, “exotic”, today we can infer, taking history theorists as a basis, that the book presents itself as an interesting source of research. In this dissertation, we aim to analyze it under historiographic lenses. We take into consideration the importance of linking the story of the book with the one of its author and collaborators, as well as the city of Recife’s. We highlight that the image composition, reception and longevity of the *Assombrações do Recife Velho* theme are also present in our analysis.

KEYWORDS: Phantasmagoria; Gilberto Freyre; History of Pernambuco; Recife.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Aguardem A Província</i>	56
Figura 2 - O pânico da Bolsa de New York.....	57
Figura 3 - Nova diretoria: Freyre e Belo.....	76
Figura 4 - Uma das visagens do Sobrado da Estrela.....	81
Figura 5 - O Sobrado Mal-assombrado da Rua Augusta.....	82
Figura 6 - Manchete da história “O Sobrado da Estrela”.....	83
Figura 7 - Manchete da história “O Sobrado Mal-assombrado da Rua Augusta”.....	83
Figura 8 – Propaganda – Cine Helvética.....	87
Figura 9 – Propaganda - William Fox.....	88
Figura 10 –Propaganda – Líquido de Dakin.....	90
Figura 11 – Propaganda - A Garantida.....	92
Figura 12 – Propaganda – Phosphovitamina.....	94
Figura 13 – Propaganda – Loteria Federal.....	96
Figura 14 – Brevemente “ <i>Assombrações do Recife Velho</i> ”.....	99
Figura 15 - Condé e Freyre.....	99
Figura 16 - Cartaz UDN.....	104
Figura 17 - Capa de caderno LCA.....	107
Figura 18 - Interior de caderno LCA.....	108
Figura 19 - Capa de <i>Assombrações do Recife Velho</i> , 1955.....	110
Figura 20 - Capa de portfólio que acompanhava o livro ARV, 1955.....	110
Figura 21 - Rubricas em exemplar de organizador.....	111
Figura 22 - Rubricas em exemplar destinado ao público.....	111
Figura 23 - Desenho de Lula Cardoso Ayres, 1955 - “ <i>O Sobrado da Estrela</i> ”.....	118
Figura 24 - Desenho de Lula Cardoso Ayres, 1955- “ <i>Outra Casa da Rua Imperial</i> ”.....	119
Figura 25 - Desenho de Lula Cardoso Ayres, 1955 - “ <i>O Barão de Escada...</i> ”.....	122
Figura 26 - Desenho de Lula Cardoso Ayres, 1955 - “ <i>O Velho Suassuna Pedindo ...</i> ”.....	126
Figura 27 - Desenho de Lula Cardoso Ayres, 1955 - Vinheta.....	130
Figura 28 - Propaganda - “Acaba de sair” - 1955.....	131

Figura 29 - Propaganda - “Acaba de sair”-1956.....	131
Figura 30 – Abertura da Série ARV.....	141
Figura 31 – “Pacato cidadão”.....	142
Figura 32 – “Encontro”.....	143
Figura 33 – “Desespero”.....	143
Figura 34 – O “causo” sendo contado.....	144
Figura 35 – O “divulgador”.....	144
Figura 36 – “Gargalhada final”.....	145
Figura 37 – “Criatura”.....	146
Figura 38 – “Olhar de lobisomem”.....	147
Figura 39 – “Referência à <i>Pietá</i> ”.....	147
Figura 40 – “Placa da Praça Chora-menino”.....	148
Figura 41 – “Arte tumular”.....	149
Figura 42 – “Casa de gente sinhá”.....	149
Figura 43 – “Fantasma de meninozinho”.....	150
Figura 44 – “Fantasma prestes a desaparecer”.....	151
Figura 45 – “O desaparecimento”.....	151
Figura 46 – “Josefina”.....	154
Figura 47 – “Josefina / Lobisomem”.....	154
Figura 48 – “Papa-Figo”.....	155
Figura 49 – “Fornecedor”.....	155
Figura 50 – “Refeição”.....	155
Figura 51 – “Barulhos no Sobrado da Rua de São José”.....	156
Figura 52 – “Adaptação d’ <i>A Província</i> ”.....	156

LISTA DE ABREVIATURAS

- AARV**- Algumas Assombrações do Recife Velho
- ABNT** – Associação Brasileira de Normas Técnicas
- AIB** - Ação Integralista Brasileira
- ANL** – Aliança Nacional Libertadora
- APEJE** – Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano
- ARENA** – Aliança Renovadora Nacional
- ARV** - Assombrações do Recife Velho
- BN** – Biblioteca Nacional
- BPE** – Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco
- CAp** – Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco
- CEF** – Caixa Econômica Federal
- CG&S** – Casa- grande & senzala
- CPDOC** – Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil
- DIP** – Departamento de Imprensa e Propaganda
- DOPS** - Delegacia de Ordem Política e Social
- DP** – Diário de Pernambuco
- EUA** – Estados Unidos da América
- FBN** – Fundação Biblioteca Nacional
- FGF** – Fundação Gilberto Freyre
- FUNDAJ** – Fundação Joaquim Nabuco
- GF** - Gilberto Freyre
- HQ** - Histórias em Quadrinhos
- JC** – Jornal do Commercio
- JL** – Jornal de Letras
- LCA** – Lula Cardoso Ayres
- MDB**- Movimento Democrático Brasileiro
- PCB** - Partido Comunista Brasileiro
- PDS** - Partido Social Democrata
- PE** - Pernambuco
- PSP** - Partido Social Progressista
- PTB**- Partido Trabalhista Brasileiro
- RJ** – Rio de Janeiro
- S.P.** / [s.p.] - Documento sem numeração de página

SM – Sobrados e mucambos

SP – São Paulo

TA – Tempos de aprendiz

TM – Tempo morto e outros tempos

TRE – Tribunal Regional Eleitoral

UDN - União Democrata Nacional

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
I - “Eu vi o Recife”... Ele começava em Beberibe	16
II – A temática das assombrações e o retoque freyriano	22
III – Embasamento teórico-metodológico	24
Capítulo 1 – Freyre e o Recife: antecedentes, traços de vida e modernizações (1918-1955)	33
1.1 - Freyre, recifense e intérprete do Brasil	33
1.2 – Antecedentes	33
1.3 – De Norte a Norte	39
1.3.1 – Em meio a Primeira Grande Guerra	39
1.3.2 – Um nortista na América do Norte	42
1.4 – Replantando raízes	45
1.4.1 – Intelectuais nordestinos, uni-vos!	47
1.5 – Freyre cooperando com Estácio	54
1.6 – Transição freyriana: a escrita toma fôlego	58
1.7 – Velhas contendidas, “Estado Novo”	61
1.7.1 – Segunda Guerra: o “fascismo caboclo” se aliando	64
1.8 – Da Câmara de deputados ao Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais..	66
Capítulo 2 – Nos domínios d’Assombrações do Recife Velho	71
2.1 - A propósito da imprensa na década de 1920	71
2.1.2– Freyre n’A <i>Província</i>	74
2.2.1 – Prenúncio de Assombrações do Recife Velho	96
2.2.2 – Lula Cardoso Ayres, “o amigo certo de sempre”	100
2.3-Publicação de Assombrações do Recife Velho (1955)	109
Capítulo 3 - Assombrações do Recife Velho: histórias, recepção e longevidade	112
3.1 - Histórias: textos e imagens	112
I - O Barão de Escada, num Lençol Manchado de sangue	120
II - O Velho Suassuna Pedindo Missa?	123
III - Uma Rua Inteira Mal-assombrada	127

3.2 – O Livro de luxo: no atelier do Lula, nas gráficas e nos melhores jornais do ramo!.	130
3.3 - Assombrações do Recife Velho: recepção e longevidade.....	137
3.3.1 – As edições populares.....	137
3.3.2 – Luz, sombras, câmera e ação: <i>Assombrações do Recife Velho</i> nas telas da TV e cinema.....	139
I - O Boca- de- Ouro.....	141
II - Outro Lobisomem.....	145
III - Fantasma de Menino Feliz.....	148
3.3.3- Algumas Assombrações Do Recife Velho: fantasmas ressurgem nas histórias em quadrinhos (HQ).....	152
I - Um Lobisomem Doutor.....	154
II - O Papa-Figo.....	155
III - O Sobrado da Rua de São José.....	156
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	158
FONTES.....	160
REFERÊNCIAS.....	167

INTRODUÇÃO

“O gesto que liga ideias aos lugares é, precisamente, um gesto de historiador.”

(CERTEAU, 2002, p. 65)

I - “Eu vi o Recife”... Ele começava em Beberibe

Um dos primeiros epítetos que tomei conhecimento sobre o Recife foi o de *Veneza Brasileira*, provavelmente utilizado no mesmo tom ufanista que o poeta Gonçalves Dias utilizou para descrever Pernambuco¹ como a *Veneza Americana*. Concordo com o historiador Denis Bernardes (1996, p. 53)², que afirmou ser esse epíteto um tanto pitoresco. Acreditamos que tal expressão beira ao grotesco quando soa como entusiasmo em adequar o Recife aos moldes europeus por subserviência; sem levar em consideração que cada cidade tem distinções que vão além do relevo.

Contudo, para a concepção da palavra “Recife”, o relevo foi importantíssimo, como salienta a linguista Nelly Carvalho (2015, p. 8). De acordo com a autora, a palavra Recife veio do árabe, escrita com o artigo “al”, daí “*al-rasif*”. Ou, traduzindo: arrecife - que significa pedra próxima à costa. Segundo o memorialista Mário Sette (1978, p. 27), no século XVI, tinha-se o “Povo dos Arrecifes”, entre palhoças e jangadas, trapiches e veleiros. A localidade também era conhecida como “Porto dos Navios” ou “Ribeira Marinha dos Arrecifes”.

A antiga povoação tornou-se “o Recife”, nome sempre usado com artigo “o” - pela conformidade com sua origem etimológica em designar acidente geográfico. Vale frisar outro epíteto, a de *cidade anfíbia*, descrito pelo intelectual pernambucano e “cidadão do mundo” Josué de Castro³ (1954, p. 34). O autor se refere ao Recife como “anfíbia” por se situar numa planície flúvio-marinha, que tem suas massas de construção quase dentro da água, aparecendo numa perspectiva aérea, com seus diferentes bairros flutuando, esquecidos à flor das águas. A perspectiva da observação da cidade vista do alto a flutuar também é contemplada na poesia

¹ Lembremos que Recife era também conhecida como *Cidade de Pernambuco*, ou simplesmente *Pernambuco*

² Bernardes (2007, p. 53), que afirmou que esse epíteto é um tanto pitoresco[...] é exemplo de citação indireta. Conforme orientado durante a banca de qualificação da UNICAP, inserimos o número de páginas- quando existentes- tanto nas citações indiretas (opcionais pelas normas da ABNT) quanto nas diretas (obrigatórias pelas normas da ABNT). Nas citações indiretas não colocamos aspas no texto, visto que o mesmo é uma adaptação da ideia do autor.

³ Josué de Castro formou-se em medicina em 1929. Cientista e professor universitário no Brasil e no exterior. Foi embaixador do Brasil em Genebra, na Suíça. Presidiu o conselho da Organização para a Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO). Por duas vezes, recebeu indicação para o Prêmio Nobel da Paz.

de Carlos Pena Filho (1977, p. 125)⁴: “Hoje, serena flutua/ metade roubada do mar, metade à imaginação, pois é do sonho dos homens que uma cidade se inventa”. Vemos em Carlos Pena, para além das questões geográficas, a tentativa de narrar a cidade através da percepção do imaginário dos que fazem a grande moradia dos homens.

Como afirma o historiador Antonio Paulo Rezende (2000, p. 1): “A cidade é, na verdade, a grande moradia dos homens, ponto de encontro e desencontro dos seus sonhos e dos seus desejos”. Rezende complementa esse trecho dizendo que a narrativa histórica do Recife deve levar em consideração os aspectos da multiplicidade, visto que a cidade se alimenta da capacidade de invenção cotidiana, em muitos aspectos, imprevisível, dos seus habitantes.

Para Gilberto Freyre (2008, p. 47), Recife é uma *cidade talássica*, escancarada ao mar – e, ao mesmo tempo, cortada pelos rios Capibaribe e Beberibe e manchada de água por várias camboas, riachos. É interessante perceber que Freyre busca, através da vivência, decodificar o Recife à sua maneira. Em apresentação ao *Guia Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*, Rezende (2007, p. 17) frisa que a narrativa freyriana, ao dar um significado a elementos vistos outrora como de menor importância, bem como no uso de fontes que faz alusão à escola dos Annales, renova-se, do ponto de vista da historiografia, contribuindo para que se fuja do elogio fácil aos grandes acontecimentos e se mergulhe na riqueza do inesperado que habita cada esquina da cidade.

Sobre o Capibaribe e o Beberibe apontados por Freyre e tantos outros autores que versam sobre o Recife, Nelly Carvalho (2015, p. 8) faz uma interessante observação, envolvendo suas etimologias: o sufixo *ibe*, do tupi, tem o sentido de rio, corrente de água. Assim, pela etimologia, Capibaribe é o *rio das capivaras* e o Beberibe o *rio das raias* ou *dos pássaros*. Entretanto, percebemos no sumiço das capivaras, das raias e dos pássaros, o descaso do homem com a natureza.

Mesmo com a degradação causada pelos seres humanos, os cursos d’água são comuns em toda a Região Metropolitana do Recife, e em alguns casos são indicativos de fronteira entre um bairro e outro, ou até mesmo entre municípios. São comuns existirem, por exemplo,

⁴ Carlos Pena Filho (1977, p. 125)⁴: “Hoje [...] inventa” é exemplo de citação direta. Conforme orientado durante a banca de qualificação da UNICAP, inserimos o número de páginas – quando existentes- tanto nas citações indiretas (opcionais pelas normas da ABNT) quanto nas diretas (obrigatórias pelas normas da ABNT). Nas citações diretas colocamos aspas no texto por serem transcrições literais das palavras do autor - quando o nome do autor antecede uma frase o colocamos apenas as iniciais em letras maiúsculas.

bairros consagrados pelo mesmo nome, mas que se situam em cidades distintas. Os nomes de vários subúrbios localizados na extensão territorial das “cidades-irmãs”, Recife/Olinda fazem alusão a tais cursos d’água, como por exemplo, os bairros de Água Fria, Aguazinha, Águas Compridas, Peixinhos, Córrego do Abacaxi.

Esses “arrabaldes”, por vezes, funcionam como satélites da Cidade⁵. Citemos o bairro de Beberibe como um exemplo clássico: o rio homônimo estabelece a fronteira entre a parte do bairro que está sob jurisdição do Recife e a outra que está sob a de Olinda. Beberibe, hoje periferia, é uma localidade conhecida desde os tempos do Império, seja pelas resistências estabelecidas em suas matas pelo *Quilombo do Catucá*, ou por um importante evento para selar acordo entre as autoridades políticas, a chamada *Convenção de Beberibe* (1821).

O bairro possui, então, em seu centro, uma estrutura eclesiástica antiga (Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Beberibe), praça e um monumento em homenagem à convenção de 1821⁶ -, além outros ambientes como mercado público, feira livre, escolas, e cemitério.

Parafraseando versos de frevos do compositor Antônio Maria, sou do Recife com orgulho, sinto até saudades quando me afasto dessa cidade – e ainda assim a levo comigo, pois Recife está dentro de mim. Citando neologismos de Caetano Veloso, poderia arriscar dizer que tenho o Recife como *mátria* e sonho que ela um dia se torne *frátria*⁷.

Entre minhas contradições, lembro-me das palavras de Bernardes (1996, p. 1): “Recife, esplêndido mito, realidade cruel”. Assim, ainda que seduzido pela mítica e pela mística que envolve essa cidade, tenho ciência de que ela também possui ásperas facetas, como as descritas ao final do *Guia Prático do Recife* – este de autoria de Carlos Pena Filho: “Recife, cruel cidade,/ Águia sangrenta, leão. Ingrata para os da terra, boa para os que não são / Amiga dos que a maltratam / Inimiga dos que não [...]” (PENA FILHO, 1977, p. 138)⁸.

⁵ “Cidade”: termo utilizado para denominar o centro do Recife.

⁶ Para celebrar os episódios de 1821, a Prefeitura do Recife mandou erguer na principal praça do bairro o Monumento à Convenção de Beberibe, obra encomendada ao artista plástico Abelardo da Hora. O monumento, em cimento polido, tem oito metros de altura. (Disponível em: <<https://pe-az.com.br/editorias/bairros-do-recife/1062-beberibe>> Acesso: 08 fev. 2019)

⁷ Os neologismos “mátria” e “frátria”, descritos por Caetano Veloso, aqui são apreendidos por nós desta forma: o primeiro como uma espécie de pátria, mas ancorada no materno; e o segundo como um local onde se desfruta de fraternidade ampla.

⁸ “Recife [...] dos que não [...]” (PENA FILHO, 1977, p. 138) é exemplo de citação direta. Conforme orientado durante a banca de qualificação da UNICAP, inserimos o número de páginas – quando existentes – tanto nas citações indiretas (opcionais pelas normas da ABNT) quanto nas diretas (obrigatórias pelas normas da ABNT). Nas citações diretas colocamos aspas no texto por serem transcrições literais das palavras do autor – quando o

Na convivência entre o real e o onírico, fui ao longo dos anos tentando dia a dia encaixar uma peça nova no horizonte de um “quebra-cabeças” sobre minha terra natal. Meu interesse por estudar a história do Recife, e mais especificamente pela temática das assombrações, remete-me de maneira empírica aos anos 1990, quando eu tinha que conviver obrigatoriamente com esse tema, visto que eu e minha família éramos vizinhos do *Cemitério Público de Beberibe*⁹.

A morte, os ritos, a arquitetura fúnebre e, por consequência, as histórias ligadas ao pós-morte eram partes do cotidiano. Por morar no “baixo Beberibe”, isto é, na parte pertencente ao município de Olinda, precisava passar pelo cemitério, também chamado de *Caenga* - talvez por se situar na antiga Estrada do Caenga e/ou por superstição para se evitar pronunciar a palavra cemitério -, para realizar tarefas simples, como frequentar a escola, comprar mantimentos, ir a um posto de saúde.

Talvez, o cemitério estivesse para mim como o *Cabo Bojador* estava para os navegantes lusos do poema *Mar Português*, de Fernando Pessoa: para passar pelo *Caenga* era necessário passar além da dor. A dor poderia ser por passar pela derradeira morada de uma pessoa querida, ou pela repetida observação do sofrimento ecoado nos velórios e enterros.

Quem sabe, pelo aviso macabro, refletido num caixão: seja pela morte em si, ou até mesmo pelas súplicas que algumas famílias precisavam fazer entre os vizinhos para juntar dinheiro suficiente para custear um enterro: “*A Morte e Vida Suburbana*”, guardada as devidas proporções, costumava ser tão dura quanto “*A Morte e Vida Severina*”¹⁰ descrita pelo poeta João Cabral de Melo Neto.

Uma vez ultrapassado o *Bojador/Caenga*, além da dor, poderia vir o medo. Para ir rumo à Cidade era necessário passar pela entrada da chamada *Ladeira do Padre*¹¹, local que se dizia aparecer à noite um sujeito com batina levando a sua própria cabeça decepada nas

nome do autor aparece ao final de uma frase o colocamos em letras maiúsculas.

⁹ Atualmente Cemitério Público de Águas Compridas.

¹⁰ *Morte e Vida Severina* (1954), peça literária de natureza regionalista, tradição medieval, forte religiosidade, linguagem próxima do registro oral, apresenta vários aspectos do folclore em sua construção formal, distribuídos ao longo dos dezoito trechos que compõem a obra. Para o Crítico o literário Alfredo Bosi (1994, p. 471) trata-se de um poema longo com equilibrado rigor formal e temática participante, onde João Cabral de Melo Neto conta o roteiro de Severino, um homem do Agreste que vai em demanda do litoral e topa em cada parada com a morte, presença anônima e coletiva, até que no último pouso lhe chega a nova do nascimento de um menino, signo de que algo resiste à constante negação da existência. Disponível em: < <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/5507> > Acesso em: 20 abr. 2019

¹¹ Entrada da Rua Engenheiro Fernandes Dias, onde no topo há a Casa de Retiros São José.

mãos. No caminho, ao alto, avistava-se um imponente retiro eclesiástico que destoava e muito com as habitações simples da população local.

E passava-se ainda pela antiga *Casa do Pavão*¹², lugar visto por muitos como assombrado, por outrora, supostamente, ter sido moradia de uma família de “papa-figos”. Algo que me instigou bastante foi o burburinho em torno de um evento apelidado de “*Poltergeist de Beberibe*.”¹³ Entre os moradores do bairro começaram a transitar policiais, repórteres, pesquisadores de parapsicologia. Interessante frisar que a realidade sofrida do bairro imbricava-se com a cultura de massa e dava margens a outras histórias.

Acreditamos, por exemplo, que a música “*Pavão Misterioso*”, tema da telenovela *Saramandaia* (Brasil, 1976), interpretada pelo cantor Ednardo, influenciou muito as lendas sobre a *Casa do Pavão*. Sobre o “*Poltergeist de Beberibe*”, obviamente não poderíamos deixar de mencionar o clássico do cinema de terror *Poltergeist – o fenômeno* (EUA – 1982) e todo seu imaginário consumido tanto em época de lançamento quanto em reprises televisivas.

Às referências da cultura *pop*, comentadas em Beberibe, somou-se o contato com a *cena Mangue*, também conhecida por *Movimento Manguebeat*¹⁴. Daí a curiosidade sobre o poético, seja no campo onírico, seja no real do Recife, ainda mais aguçada – o que incluía

¹² Conforme Rubem Franca (1978, p. 268), a casa era interessante e bonita, tinha no alto duas janelas, a guisa de mirante. Na parede do terraço havia murais de cores discretas: um grande pavão (daí o nome popular do Chalé). No século XIX, pertenceu a família do prof. José Vicente Meira de Vasconcelos, da Faculdade de Direito do Recife. Nos Anos 1970, foi orfanato dirigido por uma missionária sueca. Há décadas demolida, é lembrada por uma placa e uma estatueta de pavão em frente a uma construção moderna que abriga um supermercado.

¹³ No fim da década de 1990, uma casa do bairro de Beberibe, na Zona Norte do Recife, virou cenário de fenômenos paranormais. Pedras se “materializavam” e caíam sobre o telhado, geralmente na madrugada, 1h30 e 6h. Seis adultos (três casais), duas crianças e uma adolescente moravam no local. Uma das mulheres adultas faleceu em acidente misterioso, relacionado ao caso paranormal. Enquanto guardava a louça, pratos começaram a voar pela casa. Tomada pelo susto, correu em direção aos fundos da propriedade, onde uma vala estava aberta para a construção de uma fossa séptica. A queda no buraco provocou sua morte. (Diário de Pernambuco. Recife 30 jul. 2015. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/07/29/internas_viver,589450/enquanto-sobrenatural-a-origem-chega-aos-cinemas-conheca-cinco-casos-paranormais-do-recife.shtml> Acesso: 12 fev. 2019)

¹⁴ O *Manguebeat* é um movimento musical surgido na cidade de Recife, no começo dos anos 1990, quando bandas como Chico Science & Nação Zumbi e Mundo Livre S/A decidiram misturar a música pop internacional aos gêneros tradicionais da música de Pernambuco (tais como: maracatu, coco, ciranda, caboclinho etc.). É considerado por muitos o mais importante movimento musical do país desde a Tropicália. (Disponível em: <https://www.ufpe.br/agencia/noticias/-/asset_publisher/VQX2pzmP0mP4/content/tvu-comemora-25-anos-do-movimento-manguebeat/40615> Acesso: 08 fev. 2019. Além do mais, pode ser visto como uma cena pop, pois envolvia outras artes como: cinema, TV, rádio, moda, dança, pintura, etc.

algumas lendas urbanas, bem como contestações típicas de quem vivia “na quarta pior cidade do mundo”¹⁵.

Em bom “pernambuquês” me perguntava: “O que danado era a ‘Perna cabeluda’?” A Comadre Florzinha frequentava outros lugares além da mata do bairro de Dois Unidos? Por que tantos “trombadinhas¹⁶”, lixo nas ruas, fedentinas dos rios? Por que já praticamente no século XXI perseguiram tanto os “xangozeiros¹⁷”? Por que tantas “kombis¹⁸” com jovens trabalhadores gritando ritmicamente de uma só vez o itinerário: “*Cidade pela Cabugá/ Terminal Guararapes /mesmo preço do ônibus/ aceita vale e passe!*”. Por que a retirada dos ônibus elétricos das ruas? Por que tantos cinemas fechando as portas? Por que tantas demolições de casarões? Para além desses porquês, ainda de forma empírica, tentava desvendar o pano de fundo das histórias de assombração que circulavam pela cidade.

Num misto entre tensão e alumbamento, descobri a existência de um livro que continha a história de uma mulher morta e emparedada. Fui até as prateleiras de uma das bibliotecas que frequentava e além de encontrar o romance *A emparedada da Rua Nova*, de Carneiro Vilela, deparei-me também com o livro *Assombrações do Recife Velho*, de Gilberto Freyre. Por um bom tempo, acompanhei o que podia de referência a este último: curtas-metragens, notícias de jornal, encenações, passeios, sites, livros correlatos.

Nos idos dos anos 2000, após o ingresso na graduação em História na Universidade Católica de Pernambuco, senti a necessidade de trasladar do empirismo para a investigação histórica orientada. Já na pós-graduação, sob a orientação do Prof. Dr. Diogo Cunha, delimitamos que procuraríamos compreender o Recife pelos meandros deixados pelas histórias reunidas no livro *Assombrações do Recife Velho*.

¹⁵ O manifesto encartado no disco *Da Lama ao Caos* (1994), de autoria de Fred Zeroquatro, traz o trecho: “O Recife detém hoje o maior índice de desemprego do país. Mais da metade dos seus habitantes moram em favelas e alagados. Segundo um instituto de pesquisas populacionais de Washington, é hoje a quarta pior cidade do mundo para se viver”. No mesmo disco uma música de autoria de Chico Science, chamada “Antene-se”, traz os versos: “Na quarta pior cidade do mundo / Recife cidade do mangue”.

¹⁶ *Trombadinhas*: gíria para designar menores que vivem em situação de rua, comumente vistos com entorpecentes e/ou cometendo pequenos delitos.

¹⁷ *Xangozeiros*: aqui, especificamente, entendemos como forma genérica de se referir a frequentadores de cultos afro-brasileiros.

¹⁸ *Kombis*: veículos motorizados de pequeno porte, também conhecidos por “vans”, utilizados como meio alternativo de transporte público de passageiros.

Enfim, ampliar a visão do Recife iniciada em Beberibe era preciso. Seja para entender de outra forma as conexões entre Beberibe e a cidade, e entre a cidade e o mundo – seja ele o formado por um conjunto de países, seja ele o meu mundo interior.

II – A temática das assombrações e o retoque freyriano

Gilberto de Mello Freyre (Recife, 1900-1987), atento aos aspectos multidisciplinares debatidos nos círculos norte-americanos e europeus desde a década de 1920, lança olhares sobre a “história do sobrenatural”. No ano de 1929, sob o cargo de diretor do jornal *A Província*, delega ao repórter policial Oscar Melo a função de investigar e colher relatos sobre fantasmagoria que assolavam a capital pernambucana.

Surgia então a série *Nos domínios do sobrenatural*, com texto assinado pelo referido repórter e ilustrações a cargo de Manoel Bandeira (desenhista e pintor, homônimo ao poeta recifense Manuel Bandeira). Gestava-se com esses relatos (somados à busca por arquivos da polícia, e conversa com “fiéis contadores de histórias”) um livro que aproximadamente uma década e meia depois surgiria em edição de luxo com as narrativas de fantasmagoria assinadas pelo próprio Gilberto Freyre e ilustrações do artista Lula Cardoso Ayres: *Assombrações do Recife Velho: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense*.

Destaquemos que para ilustrar as edições seguintes, “populares”, foi convidado Poty Lazzarotto – curitibano, cujo portfólio inclui desenhos para *Sagarana* (primeira obra lançada pelo escritor João Guimarães Rosa), o que indica a preocupação de Freyre com o pictórico como parte integrante da “aura” das histórias. A preservação das ilustrações de Poty foi levada em consideração nas edições póstumas.

O livro por algum tempo foi considerado pela crítica como algo de cunho paralelo, exótico, pitoresco – a exemplo da parte da culinária descrita em *Açúcar* (1939) - visto como um “ponto fora da curva”, na vultosa obra iniciada com *Casa-grande & senzala* (1933). Porém, o desenvolvimento dos estudos históricos no Ocidente, permite-nos observar atualmente, mais de seis décadas após o lançamento, que *Assombrações do Recife Velho* permanece sendo uma importante fonte para fazermos inferências sobre o Recife.

Interrogando as “assombrações vindas d’antanho” é possível compreender um pouco da cidade que abriga homens e criaturas fantásticas e as relações entre a tradição e a

modernidade, num local provinciano e cosmopolita, cheio de histórias íntimas compartilhadas entre gerações.

Sobre o marco temporal da pesquisa, tomamos 1955 como ponto de referência, ano em que *Assombrações do Recife Velho* foi publicado. Desta forma, observar a o início década de 1950 se fez necessário. Assim perceberemos alguns acontecimentos, como a obstinação de Freyre e o empenho de Lula Cardoso Ayres em proporcionar uma composição entre imagem e texto, além de um esforço pessoal deste último para a materialização gráfica do livro em si, com consequências na publicação e comercialização dos exemplares. O momento em que o livro veio a lume, bem como o impacto da recepção da obra na imprensa, indicam o caminho ao qual nos detivemos à citada década.

Contudo, ora recuamos no tempo, seja para destacar como o livro começou a ser gestado, ou para tentar elucidar períodos um pouco mais longínquos por serem importantes para a compreensão da aura das narrativas de Freyre, ora para avançamos décadas, visto que a partir de 1970 passa a ter uma nova configuração: confeccionado por outra editora, com um material físico menos requintado, denominado de “edição popular”.

O avançar no tempo nos serviu também para salientarmos que, apesar da temática fantasmagórica, o livro continua vivo, pulsante, inspirador, com um legado de produções artísticas atuais baseadas diretamente nele – como, por exemplo, adaptações para cinema/televisão e histórias em quadrinhos.

Frisamos que Gilberto Freyre é certamente um dos autores brasileiros que mais foi estudado, desde a publicação de seu *Casa-grande & senzala*, um dos maiores livros da historiografia brasileira. importantes críticos literários, sociólogos e historiadores – como Antônio Cândido, Maria Lúcia Pallares-Burke, Luiz Costa Lima ou Ricardo Benzaquen de Araújo – debruçaram-se sobre a obra do autor pernambucano.

Como todo clássico, consideramos a obra de Gilberto Freyre uma inesgotável fonte de estudo. Além disso, o aprofundamento da literatura sobre esse autor mostra um desequilíbrio nos estudos dedicados à sua produção pré-1936 (1936 foi o ano de publicação de *Sobrados e mucambos*) e o que foi escrito posteriormente.

Nesse sentido, o presente trabalho se justifica pela necessidade de reduzir o desequilíbrio nos estudos sobre a produção freyriana, buscando aprofundar o conhecimento da produção quando o autor se encontrava na maturidade. Produção considerada por muitos

como menor quando comparada aos monumentos literários produzidos na sua juventude como *Casa-grande & senzala* e *Sobrados e mucambos*.

Em segundo lugar, pela abordagem que estamos oferecendo que, se não é inédita, não cremos que foi suficientemente explorada, isto é, escrever parte da história de *Assombrações do Recife Velho* e apontar as maneiras como, de forma explícita ou alegórica, são tratadas as mudanças na “fisionomia” da urbe, como as gerações interagem com as histórias de assombração, os costumes, as coexistências culturais, as permanências de um imaginário, a atualidade de um Recife com alcunha de “capital assombrada” e como o pioneirismo de Freyre foi fundamental para isso.

Assim, procuramos delinear um panorama historiográfico do Recife, alguns de seus aspectos sociais, econômicos e políticos, retrazando também o itinerário de Freyre e suas relações na produção de *Assombrações do Recife Velho*; buscamos reinserir o livro no momento histórico de sua produção; apontamos as relações entre as partes escritas e imagéticas do livro, bem como refletimos sobre a longevidade da temática de fantasmagoria amplificada por Freyre.

III - Embasamento teórico-metodológico

Nossa pesquisa começou a se materializar a partir de um referencial teórico mais generalista. Foram cruciais as indicações dos historiadores Michel de Certeau e Pierre Nora, de modo a compreendermos como se dá a feitura de um trabalho historiográfico. Para Certeau (2002, p. 65-118), encarar a história como uma operação é tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um *lugar* (um recrutamento, um meio, uma profissão etc.), *procedimentos de análise* (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). Sendo assim, a *operação historiográfica* se refere à combinação de: *um lugar social* (lugar de produção socioeconômico, político e cultural de um historiador, levando em consideração as subjetividades e o grupo que o chancela), *uma prática* (“fazer história” é uma prática, cuja técnica pode se deter mais ao lado da literatura quanto da ciência propriamente dita) e *uma escrita* (o historiador ao escrever fabrica algo revelado por seu discurso).

Para tratarmos das questões envolvendo memória e história nos valem do norte dado pelo historiador Pierre Nora (1993, p. 7-27) em seu artigo *Entre memória e história - a problemática dos lugares*, onde o autor discute os limites de memória e história apresentando conceitos, dialogando com o leitor e buscando enfatizar dualidades - como o afetivo e o

racional, e o absoluto e o relativo. Para Nora (1993, p.9), memória e história, longe de serem sinônimos, opõem-se. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente, porque é afetiva, é mágica. A memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, particulares ou simbólicas. A história, porque operação intelectual é laicizante, racional e crítica. A memória liga a lembrança ao sagrado, enquanto a história a liberta, e a torna prosaica. Quando diz que “história é nosso imaginário de substituição” (NORA, 1993, p.28), o autor nos faz refletir como hoje em dia lidamos com a história, os lugares de memória e os mecanismos que dispomos para análise e elaboração de uma narrativa condizente com o momento sociocultural que vivemos.

Com a operação historiográfica, empreendida por nós, nos deparamos com alguns gêneros e algumas subáreas que se revelaram importantes, como a biografia e a história dos intelectuais. Nesse sentido, os trabalhos de François Dosse, Jean-François Sirinelli e Angela Castro Gomes foram indispensáveis. Quanto à história dos livros e ao cruzamento com a história cultural, revisitamos conceitos de Robert Darnton, Roger Chartier e Louis Marin. Para tratarmos de questões envolvendo temporalidade, nos remetemos à história dos conceitos, enfocando critérios de sincronia e diacronia, capitaneados por Reinardt Koselleck. Salientamos que utilizamos as referências teóricas de maneira adaptada e interligada.

A narrativa que elaboramos sobre parte da biografia de Gilberto Freyre foi, antes de qualquer coisa, um desafio cuja única certeza que tínhamos era que seria um ato inacabado. Inacabado não só porque nos utilizamos apenas de recortes de sua vida, recortes estes também inacabados, pois, até mesmo instante de uma vida têm horizontes que são inacessíveis. Nossa intenção foi estabelecer uma sinergia entre pesquisa e descobertas com o ato de narrar para compreender um pouco mais de Freyre e do Recife.

Capitaneados pelo historiador François Dosse, principalmente, na sua obra *O desafio biográfico: escrever uma vida* (2009) partimos da nossa visão do presente para darmos nossa interpretação de uma época e alguns de seus atores. Como mostrou Dosse (2009, p. 122), o gênero biográfico é impuro, ou seja, envolve mais de uma esfera de conhecimento, estando, por exemplo, entre história e ficção ou jornalismo e história. Para retratar o itinerário de Freyre procuramos fontes originais, como jornais, revistas, cartas, desenhos, manuscritos. Não

olvidamos de consultarmos memorialistas, incluindo o próprio Freyre, que teve sua voz contemplada mediante observações contidas num diário de juventude, publicado como livro, em 1975, com o título de *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930*.

Para tratarmos de maneira metódica sobre esse “diário” de Freyre, foi importante o aval da historiadora Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke (in Freyre, 2006, p.11-15), que em prefácio ao citado livro se utiliza de uma frase emblemática de Gabriel García Márquez: “*la vida no es la que uno vivió, sino la que uno recuerda y como la recuerda para contarla*”, demonstrando aqui a consonância do hibridismo de Freyre em seu livro de memórias em forma de diário.

A autora revela a importância do “diário” quando enfatiza que o mesmo se impõe como uma obra-prima de autoapresentação e de dramaticidade da juventude de Freyre, sendo relevante para auxiliar na tarefa de reinserir e interpretar sua vida. O próprio Freyre (2006, p. 17), em prefácio ao “diário”, é contundente quando diz que o livro foi publicado de modo extremamente incompleto. Para nós, isso também foi um norte, pois soou como uma demonstração prática das orientações que seguimos a partir de Dosse (2009, p. 55).

Percebemos que lacunas sobre épocas, sobre a história de Freyre e seus pares seriam intransponíveis caso não levássemos em consideração a imaginação em inferências – prática essa muito comum ao profissional empenhado em fazer história por vias biográficas devido à impureza do gênero. Salientamos ainda que, mesmo quando utilizamos de artifícios imaginativos, prezamos pelo compromisso com a verdade histórica, uma verdade nossa obtida na tentativa de se aproximar da verdade ocorrida. Vale frisar que a verdade histórica, via aproximações de ordem biográfica, outrora depreciada como mostrou Dosse (2009, p. 104-105), teve o reconhecimento entre historiadores eruditos, bastante difundido a partir dos anos 1990, sendo crescente na atualidade.

Nossa visão do polissêmico trabalho intelectual de Freyre foi sendo estruturada ao interrogarmos parte de seu itinerário. Para tanto, nos valem de conteúdos trazidos pela história dos intelectuais. Importante destacarmos a orientação do professor Diogo Cunha, como consta no artigo *Os estudos sobre os intelectuais brasileiros e os modelos franceses: constituição, problemas, abordagens, diálogos e historiografia*, publicado na Revista de História da Unicap (2018), que a partir do exame de algumas abordagens historiográficas, enfoca como essas situações contribuíram para definir com maior precisão o papel do intelectual na sociedade brasileira, os seus engajamentos e as suas formas de atuação.

Tal artigo traz um conceito basilar de *intelectual*, palavra que na França passou a designar aqueles que, oriundos do domínio da criação ou da mediação cultural, passaram a se engajar no debate público (CUNHA, 2018, p. 325). Poderíamos citar como exemplo, a mídia, a religião e os próprios intelectuais que, há pelo menos três décadas, compõem uma prática de estudos cujo caráter não é considerado um empreendimento de caráter duvidoso (SIRINELLI, 2003, p. 238, apud CUNHA, 2018, p. 327).

Para demonstrar algumas das vivências que ecoariam na construção do livro das assombrações, procuramos discutir um pouco do perfil intelectual de Gilberto Freyre, bem como as interações com as sociabilidades intelectuais aos quais se vinculava. Além do já citado Dosse, nortearam-nos nessa tarefa os historiadores Jean-François Sirinelli e Angela de Castro Gomes, esta última que, segundo Cunha (2018, p. 334), foi uma das responsáveis pela consolidação, a partir da década de 1990, de uma história dos intelectuais brasileiros, demonstrando-se inovadora em suas pesquisas que privilegiaram o papel dos intelectuais e seus meios.

Sobre a importância e autonomia da história dos intelectuais, que se situa num âmbito mais aberto dialogando com as histórias política, social e cultural, Sirinelli (2002, *in* RÉMOND, 2002, p. 238) enfoca que foi a partir da década de 1970 que a história dos intelectuais tomou fôlego. Para nós foi de muita importância saber que seus preceitos se ancoravam numa história dinâmica, reconhecida pelas pistas que descortina, pelas perguntas que faz e pelas respostas que aos poucos consegue dar. A polissemia do termo intelectual, trazida por Sirinelli também nos fez perceber algumas características de Freyre, intelectual criador, mediador, engajado, contraditório.

Os argumentos de Sirinelli (2002, p. 248-249) sobre as dificuldades de se interpretar as sociabilidades nos fez dar um passo adiante para tentarmos entender um pouco das atuações de Freyre sem o peso de ofertarmos um texto sem lacunas, tipicamente translúcido. Partimos de situações, até certo ponto, turvas, mas com a consciência de que todo grupo de intelectuais organiza-se em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum, e de afinidades mais difusas que fundam uma vontade e um gosto de conviver e que essas estruturas não podem ser ignoradas ou subestimadas pelo historiador.

Diante do exposto por Sirinelli (2002, p. 250-252), partimos para avaliar alguns dos microcosmos intelectuais aos quais Freyre se interligou: na academia, na política partidária, no universo editorial, nos jornais, nas revistas, enfim, em ambientes permeados de pessoas influentes no cenário nacional onde era comum a coexistência entre juristas, escritores,

poetas, artistas plásticos entre outros. Algumas dessas sociabilidades poderiam ser entendidas como verdadeiras “redes”, onde os intelectuais envolvidos apresentavam traços específicos que auxiliavam Freyre nos debates intelectuais da cidade.

Procuramos, ainda norteados por Sirinelli (2002, p. 258), observar alguns atores que eram de uma geração imediatamente anterior à de Freyre, bem como seu diálogo com as gerações posteriores, de modo que houvesse um grau de reinserção das ideias discutidas no ambiente social e cultural, principalmente na cidade do Recife, e por sua recolocação e situação num contexto histórico.

Muito nos auxiliou a historiadora Angela de Castro Gomes (1993, p.64), ao trazer, de forma contundente, interpretações da história dos intelectuais para um contexto brasileiro. Assim, a autora nos alertou sobre as dificuldades em se definir a noção de intelectual, apontando para o que de fato perceberíamos em Freyre: um produtor de bens simbólicos envolvido direta ou indiretamente na arena política.

Gomes impulsionou-nos a investigar o meio intelectual em que Freyre transitava, levando em consideração o tempo e espaço bem como as formas de conviver com seus pares: um domínio intermediário entre a família e a comunidade cívica. A autora ainda nos forneceu subsídios para verificarmos alguns passos de Freyre em locais privilegiados de sociabilidade: nas editoras – em especial Edições Condé, José Olympio Editora e Editora Record -, no *Manifesto Regionalista* e em correspondências. Com relação às correspondências, baseamos nossa metodologia na mesma autora (GOMES, 2000, p.18) para analisarmos cartas enviadas pelo ilustrador do livro das assombrações Lula Cardoso Ayres para Gilberto Freyre.

Para tratarmos de *Assombrações do Recife Velho* foi condição *sine qua non* falarmos da história dos livros, como diriam os professores da Universidade de Edimburgo David Finkelstein e Alistair McCleery (2014, p. 60)¹⁹: “*La historia del libro ya no es simplemente la esfera de los bibliófilos o los críticos literarios, sino que puede ser vista como una parte integral de la historia de la comunicación humana*”. Para termos uma visão mais ampla dessa seara, detivemo-nos ao estudo intitulado *O que é a história dos livros?* de Robert Darnton

¹⁹ Sobre os professores David Finkelstein e Alistair McCleery: *FINDELSTEIN* é um historiador cultural especializado em história da mídia, cultura impressa vitoriana e estudos de história do livro. Seu livro mais recente foi *Movable Types: Roving Creative Printers*, do *Victorian World* (2018). Disponível em: <https://edinburghuniversitypress.com/david-finkelstein.html>. Acesso: 03 abr 2019. *MCCLEERY* é professor de literatura e cultura na Napier University em Edimburgo. Ele é coautor com David Finkelstein dos dois livros-texto padrão no campo, *Uma Introdução à História do Livro* (Routledge, 2005) e *The Book History Reader* (Edição Revisada, Routledge, 2006). Disponível em: <https://edinburghuniversitypress.com/alistair-mccleery.html>. Acesso: 03 abr. 2019.

(1995, p. 109-130). Segundo este autor, a história do livro está sendo reconhecida em países como França, Alemanha, Inglaterra como uma disciplina importante.

Darnton chama a atenção da interdisciplinaridade dessa matéria, visto que é prudente que o historiador do livro não negligencie a história das bibliotecas, das edições, do papel, dos tipos de leitura. Para tanto, ele elaborou uma espécie de processo da comunicação para oferecer aos historiadores um modelo geral de como os livros surgem e se difundem na sociedade - este podendo ser descrito como um circuito de comunicação, que vai do autor ao editor, ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor e chega ao leitor, que encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição. Darnton (1995, p. 112) conclui que a história do livro se interessa ao longo de cada fase desse processo como um todo, em todas as suas variações no tempo e no espaço, e em todas as suas relações com outros sistemas - econômico, social, político e cultural, no meio circundante.

Apesar do modelo de Darnton não ser dotado de perfeição, como ele mesmo reconhecia, foi bastante importante para nós como um elemento de inspiração. Contudo, frisamos que parte da trajetória do livro das assombrações foi narrada por nós, sem que nos detivéssemos a qualquer hermetismo de modelos ou métodos.

As questões lançadas por Robert Chartier (1991, 74; 2011 p. 105) nos artigos *O mundo como representação* (representação como produtora de realidade, que leva o historiador a analisar as formas que permitem apreender a identidade social dos indivíduos, dos grupos e de suas práticas) e *Do livro à leitura* (onde o autor nos fez refletir sobre a maneira de ler ser induzida pela própria materialidade do objeto tipográfico, uma vez que a leitura é uma atividade historicamente mediada), foram incontornáveis.

Levamos também em consideração o que o historiador e crítico de arte Louis Marin (2011, p.117-140) no trabalho *Como ler um quadro - uma carta de Poussin em 1639*, quando o autor destaca que há elementos de leituras cabíveis, tanto no plano da narrativa escrita quanto na imagética - sendo as imagens que ilustram narrativas possuidoras de uma presença material aos textos que estão ligadas. Ao modo de Marin (2011, p. 123), coube-nos destacar que o legível (escrita) e o visível (gravuras) em *Assombrações do Recife Velho* têm fronteiras e lugares em comum e, para isso, seria necessário decifrar códigos e dar nossa interpretação para a parte imagético-discursiva.

É importante salientar que seguimos algumas das orientações do historiador alemão Reinhart Koselleck, principalmente quanto à temporalidade. Para tanto, mergulhamos no

passado e, ultrapassando nossas próprias vivências e recordações, fomos conduzidos por perguntas, mas também por desejos, esperanças e inquietudes, nos confrontamos com vestígios, que se conservaram até hoje, e que, em maior ou menor número chegaram até nós, a partir das histórias de assombrações compiladas por Gilberto Freyre.

Procuramos observar questões trazidas por Koselleck na obra *Los estratos del tiempo: estudios sobre la historia*, onde o tempo pode ser visto metaforicamente como na geologia, em “estratos”, isto é, camadas superpostas que coexistem, “[...] *los tiempos históricos constan de vários estratos que remiten unos a otros y sin que se puedan separar del conjunto*”. (KOSELLECK, 2001, p.36). E no livro *Futuro pasado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, no qual o autor observa o tempo histórico como construção cultural, podendo ser trabalhado de maneira diacrônica ou sincrônica. Sendo importante salientar que um tempo histórico mesmo em seu caráter sincrônico apresenta uma série de diacronias.

As indicações trazidas em *Futuro pasado* se mostraram mais latentes: agimos por diversas vezes na intersecção entre a história dos conceitos e história social, uma vez que, como diria o próprio autor, “a história social que queira proceder de maneira precisa não pode abrir mão da história dos conceitos, cujas premissas teóricas exigem proposições de caráter estrutural.” (KOSELLECK, 2006, p. 118). Buscamos decifrar convergências e divergências entre aspectos do passado e do presente.

Alternamos entre a diacronia e a sincronia: é perceptível, por exemplo, um grau maior de linearidade quanto a aspectos da história de Freyre e da cidade do Recife - incluindo os processos de permanência, transformações e inovações desta. E a maneira mais sincrônica, quando passamos a analisar algumas das narrativas de assombrações, visto que levamos em consideração o conjunto de espaço e tempo, seja no formato original do livro publicado em 1955, seja pela receptividade encontrada na teledramaturgia ou nos quadrinhos.

As principais fontes utilizadas em nossas pesquisas foram as edições do *Assombrações do Recife Velho* - Edições Condé, 1955; José Olympio Editora, 1970 /1974; Editora Record, 1987; Topbooks, 2000; e Global, 2008. Destaquemos que para termos acesso à primeira edição do livro foi necessário ir à seção de obras raras das seguintes bibliotecas: Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco (onde conseguimos ter acesso a uma pasta portfólio que vinha em anexo ao livro com desenhos ampliados de Lula Cardoso Ayres); Biblioteca Central Blanche Knopf – FUNDAJ (local em que nos detivemos mais nas leituras e análises dos textos); e Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife – UFPE (onde fotografamos as ilustrações, vinhetas e capitulares que utilizadas nesta dissertação).

Dos diversos jornais que pesquisamos, destaquemos a *Província* (PE), consultado inicialmente no setor de microfilmagem (FUNDAJ), e que tivemos a oportunidade quase ao final da pesquisa de consultá-lo em formato digital na Hemeroteca Digital Brasileira/Biblioteca Nacional.

Consultamos também o *Diario de Pernambuco* (PE), *Jornal do Commercio* (PE), *Jornal do Recife* (PE), *A Epocha: órgão do Partido Conservador* (PE); *Jornal Pequeno* (PE); *Correio da Manhã* (RJ); *Jornal de Letras* (RJ); e *Jornal do Commercio* (RJ). Além das revistas: *O Cruzeiro* (RJ) e *Contraponto* (PE) - a maior parte dessas publicações foi consultada em acervos digitais. Contudo, houve também a necessidade de nos deslocarmos para o Arquivo Público Jordão Emerenciano (APEJE).

Catálogos de arte e correspondências foram observados *in loco* na Fundação Gilberto Freyre (FGF), cujo conteúdo foi gentilmente cedido para o desenvolvimento desta pesquisa. Nos trabalhos de recepção utilizamos a adaptação do livro das *Assombrações nas versões para o cinema* (2000) e em histórias em quadrinhos (2017).

A dissertação está dividida em três capítulos: no primeiro, “*Freyre e o Recife: antecedentes, traços de vida e modernizações (1918-1955)*”, procuramos verificar a relação de Freyre com o Recife. Para tanto, verificamos a inserção de Freyre na cidade via seu nascimento, além do contexto familiar, visto que consideramos o núcleo familiar como sua primeira vivência de sociabilização, complementada no colégio. Discorremos como a Primeira Grande Guerra, bem como a sociabilidade colegial, corroboraram para que Freyre optasse por fazer seus estudos de nível superior em Universidades Norte-americanas. Frisamos que, mesmo estando em terras estrangeiras, Freyre mantinha um trabalho de “correspondente” para a imprensa pernambucana. Abordamos a reaproximação do autor com o Recife após estada em terras estrangeiras (Estados Unidos e Europa), sua aproximação com intelectuais regionalistas em prol de uma maior estruturação de costumes “nordestinos” em disputa com alguns conceitos de um modernismo aos moldes paulistanos; o envolvimento com a política como assessor até o período do Estado Novo; e seu curto exílio após a Revolução de 1930. Algumas de suas contendas em meio ao Estado Novo, sua breve passagem na Câmara Federal e sua incursão no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (atual FUNDAJ), época em que se firmou como intelectual conservador. Lembremos que abordamos aspectos do período que vai do fim da Primeira Grande Guerra até a publicação do livro *Assombrações do Recife Velho* (1918-1955).

No segundo capítulo, “*Nos domínios d’Assombrações do Recife Velho*”, discorremos sobre a imprensa na década de 1920. Enfatizamos a atuação de Freyre na mídia como articulista, conferencista e diretor de jornal. Tendo em vista que, para nós, o embrião do livro *Assombrações do Recife Velho* está contido nas páginas do jornal *A Província*, procuramos resgatar informações sobre os primórdios do periódico, de sua relevância no cenário pernambucano, e demonstrar as mudanças implementadas por Freyre no período em que foi diretor do jornal. Realizamos um processo de seleção e exposição de matérias da série *Nos domínios do sobrenatural*, correlacionando-as com as histórias repaginadas por Freyre no livro das assombrações. Fizemos um apanhado dos profissionais que o auxiliaram diretamente na tarefa de ilustrar e recolher material dessas entrevistas, como nos casos do pintor Manoel Bandeira e do repórter Oscar Melo. Sobre a confecção do livro propriamente dito, procuramos inserir o perfil de Lula Cardoso Ayres, incluindo a maneira como ele contribuiu ativamente para que o livro saísse do prelo.

No terceiro capítulo, “*Assombrações do Recife Velho: histórias, recepção e longevidade*”, procuramos analisar algumas histórias contidas no livro das assombrações, a relação das histórias com os artigos publicados n’*A Província*, e a parte imagética realizada por Lula Cardoso Ayres. Observamos também a recepção do livro, parte da repercussão que ele alcançou na mídia impressa à época de seu lançamento e uma análise de algumas das histórias levadas à TV / cinema e aos quadrinhos lançadas nos anos 2000 e 2017, respectivamente.

Capítulo 1 - Freyre e o Recife: antecedentes, traços de vida e modernizações (1918-1955)

Recife / é o sol saindo / e o
Bandeira Dois anunciando seus
mortos.
(MIRÓ, 2016, p.103)

1.1– Freyre, recifense e intérprete do Brasil

Gilberto de Mello Freyre, amplamente conhecido como sociólogo e escritor, conquistou diversos títulos, entre eles, os graus de bacharel em Letras pelo Colégio Americano Gilreath (Recife); bacharel em Ciências Políticas e Sociais (*Bachelor of arts*) pela Universidade de *Baylor* (EUA); e mestre em Ciências Políticas Jurídicas e Sociais (*Master of arts*) pela Universidade de *Columbia* (EUA). Concluída esta pós-graduação, aporta na Europa por um curto período de tempo até regressar ao Recife, em 1923.

Na década de 1930, Freyre teve uma produção prolífica, publicou, dentre outros escritos: *Casa-grande & senzala* (1933), *Sobrados e mucambos* (1936) e *Nordeste – aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil* (1938). Obras que trouxeram a lume o seu nome ao cenário nacional. Destaquemos que seu livro de estreia, *Casa-grande & senzala* é considerado um clássico, essencial para a compreensão intelectual da formação do Brasil moderno.

Na maturidade, continuou a produzir, agrupando, durante aproximadamente sete décadas, um vasto material de sua autoria. O historiador Antonio Paulo Rezende (1997, p. 137) sinaliza a dificuldade de enquadrar Freyre numa área de conhecimento específica, visto que ele escreveu sobre vários temas que vão desde a análise mais geral da sociedade brasileira e sua formação histórica até os sabores sublimes da culinária nordestina.

Freyre transitou entre várias posições políticas ao longo da vida, ora desagradando conservadores, ora sendo veementemente conservador. Como dizem os historiadores Peter Burke e Maria Lúcia Pallares-Burke (2009, p. 326), apesar de suas assumidas contradições, as ideias desse intérprete do Brasil, ainda que contestadas, não perderam sua relevância para o mundo de hoje.

1.2 – Antecedentes

Recife, pátria do contraditório. Capital de sol e sangue. Cidade na qual desde o século XIX, conforme a conveniência dos interesses dos grupos dominantes, divulga-se pela imprensa belezas e agruras, espelhando uma cordialidade brasileira em laços de compadrio, afeita tanto ao amor quanto ao ódio. Na transição do século XIX para o XX, segundo o

jornalista e crítico literário Edilberto Coutinho (1994, p. 9), o Brasil, jovem República, sedimentada na “política dos governadores”, chefiada pelo presidente Campos Sales (1892-1902), consolida o poderio de setores econômicos regionais.

O país possuía uma população estimada de 17.318.56 habitantes, dos quais 64% viviam no campo. De acordo com o historiador Mário Hélio (2000 p. 31), no Recife – considerada então a terceira mais importante cidade do país –, viviam 113.106 habitantes. Nesse ínterim, o Império agonizava, sendo substituído por uma República. Pernambuco deixava de ser Província para ser Estado, fato que, aparentemente, não abalou muito as estruturas sociais.

O historiador e geógrafo Manuel Correia de Andrade (1997, p. 233) aponta que junto com a República consolidou-se o processo de industrialização, sobretudo, no ramo açucareiro. Hélio (2000, p. 33), por sua vez, informa que os operários enfrentavam condições de vida muito precárias, trabalhavam em ambientes escuros e de parca ventilação por mais de 12 horas. Os negros libertos iludiam-se de um igualitarismo que, logo saberiam ser apenas formal.

As formalidades também não foram capazes de atingir plenamente a ordem de poder em Pernambuco. Desse modo, “a tão sonhada República não conseguiu submergir ao peso do patriarcalismo e das famosas e resistentes oligarquias” (REZENDE, 1997, p. 122). Conforme Hélio (2000, p. 33), chefiando o processo de transição, interpenetravam-se a aristocracia açucareira e a burguesia de comerciantes, fazendeiros, industriais, pequenos e médios proprietários, que recebiam os seus convidados a doce e vinho do Porto, em salas que expunham os seus retratos em molduras douradas.

Como vemos, parte da tradição resistia, moldava-se. Com a República, o poder dos coronéis foi exacerbado. A cidadania permanecia restrita: “continuou a haver o controle de eleitores e das eleições pelos que detinham o poder (o voto não era secreto), sendo frequente votarem mortos e ausentes.” (ANDRADE, 1997, p. 260). Pernambuco, ainda gozando de largo prestígio eleitoral, tinha ao lado da oligarquia paulista, um vice-presidente: Francisco de Assis Rosa e Silva.

O comumente chamado de “Conselheiro Rosa e Silva”, visto a posição que ocupava no Império, liderava a política pernambucana, moldando ações para a continuidade da oligarquia local: “controlaria o Estado de 1896 a 1911, por 15 anos, portanto.” (ANDRADE, 1997, p. 264). Anos mais tarde, esse líder político seria homenageado com seu nome em

substituição ao da Estrada dos Aflitos, na Zona Norte do Recife – atualmente, Avenida Rosa e Silva.

No ano de 1900, mais precisamente em 15 de março, nesse país ainda majoritariamente rural, numa região de tradição açucareira, na então Estrada dos Aflitos, veio ao mundo Gilberto Freyre. Nasceu na casa dos pais, provavelmente via mãos de parteira, como prezava o costume da época. Informa-nos o professor e bibliógrafo Edson Nery da Fonseca (2002, 122) que a casa do nascimento, a qual já não existe, ficava defronte à Igreja onde foi batizado. A construção católica do batismo ainda existe, ou melhor, resiste: a igreja, sufocada entre arranha-céus, resquício valioso para se notar as poucas perenidades de uma transição urbana outrora já iniciada.

Freyre nasceu, portanto, numa cidade que refletia parte da transição republicana do país, com peculiaridades provincianas e com algum cosmopolitismo: “Padres, comerciantes, escravos, senhores de engenhos, holandeses, judeus, portugueses, fizeram do Recife um espaço heterogêneo, mesmo cosmopolita em alguns momentos, com suas vinculações fortes com as novidades estrangeiras.” (REZENDE, 1997, p. 27). A cidade atravessava uma época de crises, não de exuberâncias, como frisa Hélio (2000, p. 34). No Recife, o último ano do século XIX é marcado por transições e modernizações, tempo de falta de moradias, mau planejamento urbanístico – mazelas ainda persistentes na atualidade.

Conforme citado, Freyre nasceu no início de 1900, como de costume, em pleno lar. Vinculou-se, como não poderia deixar de ser, ao seu *primeiro clã*²⁰, o familiar, composto por membros estabelecidos no Norte do Brasil colonial, com ascendência direta, dentre outros, de ibéricos e holandeses. Como registraria mais tarde o amigo e escritor paraibano José Lins do Rego, citado por Meneses (1991, p. 22): é Gilberto Freyre de ilustre família de Pernambuco, pois seus avós vinham de antigos senhores rurais que se enobreceram plantando cana-de-açúcar.

O historiador Antônio Gonçalves de Mello apud Silvia Cortez Silva (2010, p. 2-4), dá um tom majestoso à árvore genealógica de Freyre: descendente de Wanderleys, de FONSECAS GALVÃO e de MELLOs entrelaçados com ALBUQUERQUES e CAVALCANTIS, ALVAREZ e FREYRES, com *remoto* sangue indígena. Gilberto Freyre é simultaneamente da chamada “nobreza da terra” e da burguesia recifense – de um lado paterno, o patriarcado rural que lentamente se foi

²⁰ As ideias de “clã” foram inspiradas na escrita de Maria Lúcia García Pallares-Burke, especialmente no livro *Gilberto Freyre, um vitoriano nos trópicos*, onde a historiadora traz um tópico denominado “O clã de Freyre” (PALLARES-BURKE, 2005, p. 167)

urbanizando, sendo o lado materno constituído por representantes da pequena burguesia do Recife, gente modesta, funcionários públicos.

Acrescentemos aqui que, em 1900, mais estreitamente, “os Freyre”, isto é, seus pais, Dr. Alfredo Freyre e D. Francisca de Mello Freyre, eram então considerados um núcleo familiar de classe média, como afirmam Burke e Pallares-Burke (2009, p. 36): Freyre nasceu numa família de classe média alta relativamente empobrecida, que havia pertencido à aristocracia rural do estado de Pernambuco, que já havia sido a região mais importante do país. É válido ressaltar que a família de Gilberto, antes mesmo de ele ingressar na escola, oportunizou-o uma educação diferenciada se comparado à maioria da população brasileira - principalmente à tão sofrida “arraia-miúda” nortista.

Como expõe o escritor e um dos biógrafos de Freyre, Diogo de Mello Meneses (1991, p. 13), além da própria família que o direcionava com aulas de latim, língua portuguesa, e outras matérias basilares, teve aulas de pintura com o paisagista Brasileiro Teles Júnior, aulas de língua inglesa com o Mr. Williams e aulas de língua francesa com Mme. Meunier. O menino Gilberto ainda tinha a sua disposição na casa paterna uma valiosa biblioteca com a qual pôde satisfazer sua curiosidade intelectual²¹.

Em entrevista concedida a revista *Visão*²², Freyre responde a perguntas e sucintamente nos descreve como, aos 75 anos, percebia sua infância:

Visão: *Como foi o menino Gilberto Freyre?*

Freyre – Um menino como muitos. Joguei futebol, quebrei o braço. Uma vez fugi de casa. Porém, a maior preocupação de todos era que eu fosse retardado mental. Até os oito anos, não conseguia aprender a ler ou escrever. Em compensação, gostava de desenhar, o que serviu para ‘descobrirem’ minha inteligência

Visão - *Como assim?*

Freyre - Apareceu aqui no Recife um professor inglês, Mr. Williams, para ensinar seu idioma e desenho às crianças de origem britânica e aos filhos da aristocracia local. Mostraram meus desenhos a Mr. Williams e ele disse a meu pai que eu era uma criança com inteligência até acima do normal, mas também um menino

²¹ Lembremos que nos anos 1900, no Recife, o acesso às obras literárias e científicas era muito difícil. Ter uma biblioteca à disposição era um grande privilégio de uma minoria ínfima. É comum se encontrar referências a bibliotecas privadas nas memórias de escritores e intelectuais da geração de Gilberto Freyre.

²² *Visão* - Revista quinzenal fundada no Rio de Janeiro cujo primeiro número data de 25 de julho de 1952. Em 1957 foi transferida para São Paulo, onde permaneceu até seu fechamento no início da década de 1990. Editada pela Ed. Visão, pertencente ao grupo norte-americano Vision Inc., também proprietário do título Vision, que circulava na América Latina, e da Visión Europa, que circulava em alguns países europeus, além de outros títulos de menor expressão. Na década de 1970, *Visão* passou por importantes transformações. Em 1972, Said Farah comprou o título *Visão*, revendendo-o, dois anos depois, a Henry Maksoud, que montou uma gráfica própria, passando a publicá-la semanalmente e em cores. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/visao>> Acesso em: 22 mar. 2019.

revoltado. Comecei a estudar com esse professor, fui alfabetizado em inglês. (*Revista Visão*, São Paulo, 27 out. 1975, p. 86)

Freyre iniciou sua vida escolar, aos oito anos de idade, no Colégio Americano Gilreath – atual Colégio Americano Batista - “fundado em 1906 por missionários norte-americanos no Recife e que cedo se tornou um dos colégios preferidos pelas melhores (sic) famílias do Nordeste para a educação de seus filhos. (MENESES, 1991, p. 10). Burke e Pallares-Burke (2009, p. 36-37) nos elucidam que Escolas Batistas haviam sido fundadas no Brasil desde o final do século XIX, como parte de um projeto missionário, e apesar de terem falhado no objetivo de converter grande número de pessoas, os batistas foram bem-sucedidos em seus projetos educacionais, abertos aos católicos.

Os Freyre, família tradicionalmente católica, escolheram a escola batista para seus filhos em razão do alto padrão acadêmico e de métodos inovadores, não por suas afiliações religiosas. Decisivo para a manutenção dos filhos nessa escola foi o pai de Freyre: “Dr. Alfredo Freyre, que se tornou lente de Português e de Latim do estabelecimento e mais tarde vice-diretor.” (MENESES, 1991, p. 11). Segundo o sítio virtual do colégio, hoje o pomposo edifício com fachada inspirada na *Casa Branca* (EUA) leva o nome do Dr. Alfredo Freyre; a homenagem teria sido prestada ao professor e advogado por ele ter intermediado as negociações para a compra do terreno do colégio.

Em paralelo à condição de aluno, Freyre, talvez motivado pelo exemplo paterno, começou a dar aulas de latim no Colégio Americano, passagem memorada por ele num diário datado de 1915 - hoje impresso com o título *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade 1915-1930*²³ (optaremos por utilizar também a abreviatura TM) - “Sofro com as aulas de latim que tenho que dar a estudantes todos mais velhos que eu. Tenho que estudar talvez mais do que eles para não ficar de todo desacreditado como ‘latinista’.” (FREYRE, 2006, p. 30).

No colégio, Gilberto Freyre, orgulhava-se de suas “façanhas de menino-homem” (FREYRE, 2006, p. 31). Ali adquiriu prestígio entre os que faziam a instituição e possivelmente entre diversos colegas. Fonseca (2002, p. 49) relata que Freyre, além de aluno, ensinou língua latina e teve destaque como redator do jornal de estudantes *O Lábaro*. Nessa época de autoafirmação, e até imitação, Freyre (2006, p. 38) reflete sobre suas inspirações

²³ Maria Lúcia Pallares-Burke (2005, p. 24-26), sobre *Tempo Morto*, enfoca a despeito das declarações de Freyre de não ter modificado o estilo, ou seja, o modo de escrever de seu diário íntimo, nem atualizado o conteúdo. Mas fica claro que o texto foi escrito e reescrito ao longo dos anos, houvesse ou não um núcleo original. A autora dá exemplos e demonstra que o caráter memorialístico de TM fica evidente.

locais para tomar “ânimo de verdadeiro escritor”: é um ânimo que se encontra em Oliveira Lima e, sobretudo em Chateaubriand, assim como em Aníbal Fernandes – para me referir aos colaboradores do velho *Diario*²⁴.

Freyre fala da importância da projeção de seus artigos escritos no jornal do colégio, em especial um de 1917, intitulado: *O período feudal na vida de um homem*. O próprio Freyre ao julgar tal texto como uma produção acima da média da literatura colegial, decidiu apresentá-lo a um profissional. Procurou o renomado jornalista Aníbal Fernandes: “Aníbal me recebeu como se eu, um menino, já fosse igual a ele: como um intelectual. [...] Com uma agilidade que me espantou, leu o artigo todo e exclamou: ‘Espantoso! Vou transcrevê-lo amanhã!’” (FREYRE, 2006, p. 45-46) - O texto seria publicado no jornal *A Ordem*²⁵.

Fonseca (2002, p. 49) complementa o destaque de Gilberto Freyre ao ressaltar que o mesmo foi escolhido como orador na solenidade de formatura, cujo discurso rapidamente veio a lume na imprensa: “Outra transcrição de trabalho meu por Aníbal Fernandes, desta vez no *Diario de Pernambuco*²⁶ [optaremos por utilizar também a abreviatura DP], e não no Jornal *A Ordem*: a do meu discurso de Bacharel em Ciências e Letras, pelo Colégio Americano.” (FREYRE, 2006, p. 46).

Para orgulho de Freyre, a turma em que foi orador também teve como paraninfo, convidado por ele, o diplomata e historiador Manuel de Oliveira Lima. O Colégio Americano Gilreath, no período de 1908 a 1917, foi centro não apenas de estudos, mas de uma rica sociabilidade intelectual inicial de Freyre. Como visto, dentre outras coisas, de lá emanaram seus primeiros escritos para jornais de ampla circulação, além de ter tido por paraninfo um homem influente como Oliveira Lima.

Conforme destaca Maria Lúcia Pallares-Burke (2005, p. 55), foi graças às conexões do Colégio Americano com instituições irmãs nos Estados Unidos que Freyre foi mandado para Baylor, uma universidade batista em Waco (Texas), conhecida como “Vaticano Batista” – a

²⁴ Aqui, provavelmente, Freyre se refere ao *Diario de Pernambuco*.

²⁵ *A Ordem* – Órgão Político e Noticioso - Publicação matutina, começou a circular no dia 20 de maio de 1917, em formato de seis colunas com quatro páginas. Redatores principais – Aníbal Fernandes (secretário), Baltazar Pereira e Gervásio Fioravanti. Redação e oficina à Rua 15 de novembro (atual do Imperador Pedro II - Recife/PE), nº 295 – tinha orientação republicana. Nascimento (1967, p. 131-132)

²⁶ *Diario de Pernambuco* – Começou a circular no dia 7 de novembro de 1925, iniciando as atividades com o formato de 24 ½ x 19 centímetros, com quatro páginas. Fundado por José de Miranda Falcão. Sua tipografia era instalada à Rua Direita nº 267 – Recife-PE. Nascimento (1968 p. 21-23); Jornal pernambucano diário [...]. É hoje o mais antigo jornal em circulação na América Latina. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-pernambuco> > Acesso em: 08 jun. 2018.

Universidade de Baylor apresentou-se como a escolha mais fácil para um egresso do Colégio Americano do Recife prosseguir seus estudos nos Estados Unidos: já havia em Baylor uma tradição em receber alunos do Recife, e os créditos do Colégio preenchiam as exigências de admissão na Universidade.

1.3 - De Norte a Norte

1.3.1 – Em meio a Primeira Grande Guerra

Em fins da década de 1910, talvez em razão de sua larga curiosidade e de seus múltiplos interesses, Gilberto Freyre considerava o Recife de seu tempo estreito demais para suas ambições culturais. Maria Lúcia Pallares-Burke (2005, p. 54) afirma que Freyre achava que não somente sua “vila de província”, ou “aldeia recifense”, como chamava sua cidade, mas todo o país era atrasado demais para oferecer a ele as oportunidades educacionais que aspirava.

Viajar para o estrangeiro significava para ele e seus familiares criar condições para que seu potencial fosse desenvolvido e suas perspectivas ampliadas. Nessa época, a aurora da vida de Freyre foi enevoadada pela Primeira Grande Guerra (1914-1918). Em prefácio para o livro *TM*, Freyre (1975. In: FREYRE, 2006, p. 19) reflete sobre a própria adolescência: “[...] um misto de insegurança tímida e de vaidade, por compensação, enfática.”. Fase turbulenta que atravessou o pré-guerra e a guerra com seus pungentes riscos.

O filósofo e historiador Luiz César Rodrigues (1986, p.28) apresenta uma dimensão desses riscos, como consequências da combinação entre competição econômica, rivalidades imperialistas e sonhos expansionistas: o século XIX claramente havia findado, a modernidade era escancarada também em forma nefasta, com a tecnologia do terror em escala maciça sendo considerada um dos principais inventos do século passado. A Grande Guerra não afetava apenas combatentes, mas também habitantes das cidades e dos campos, exigindo deles sofrimentos, esforços e sacrifícios quase insuportáveis.

As historiadoras Lília Schwarcz e Heloísa Starling (2015, p. 346), no livro *Brasil: uma biografia*, sugerem que nesse período houve “crise na terra do favor”. O Brasil, a dita terra do favor, ou melhor, dos favores, principalmente entre as oligarquias nacionais; no plano externo se prestava, em 1917, durante o governo de Venceslau Brás²⁷, a entrar oficialmente na guerra

²⁷ Venceslau Brás: presidente da República entre 1914-1918.

apoiando os Estados Unidos - ofertando basicamente auxílio no policiamento do Atlântico. Internamente, nesse momento se deu a crise da economia agroexportadora, motivada pelas contínuas secas e pela flutuação do café.

Andrade (1997, p. 285-286) elucida que a Primeira Grande Guerra provocou um forte impacto sobre a economia brasileira, voltada para a exportação, provocando aumento de inflação e desemprego, e obviamente o Recife não ficou imune à crise. Trabalhadores, sem perspectivas e direitos, com a obrigação de realizar jornadas diárias de 10 a 12 horas de trabalho, percebendo salários arbitrados pelos patrões, o fechamento de indústrias, o problema de moradia e com a dificuldade de acesso aos que detinham o poder, passaram a ser mais ativos em suas reivindicações e a fazer greves.

Em meio a esse clima de incertezas, Freyre resolveu partir: conforme Burke; Pallares-Burke (2009, p. 37), “a Europa tinha sido a primeira escolha de sua família, e a dele também, mas completou 18 anos em 1918, não exatamente o momento ideal para uma longa estadia (sic) na França ou na Inglaterra.” (BURKE; PALLARES-BURKE, 2009, p. 37). Resolveu então, ir para a “Outra América” – como gostava de se referir aos Estados Unidos. Rezende (1997, p.142-143) procurou reconstituir a aura de Freyre, a respeito dessa importante decisão: viajaria, em 1918, carregando curiosidades e frustrações e, inevitavelmente, saudades do Recife, cidade que teria destaque especial em toda sua reflexão intelectual. Lugar, para ele, privilegiado pela sua história, seus encantos e tradições.

O historiador Olivier Compagnon²⁸ vem dedicando estudos sobre tratados da Primeira Guerra Mundial e suas relações com a política e a cultura na América Latina. Em artigo publicado pela Universidade de Cambridge²⁹, Compagnon (2013, p. 533) adverte que a Primeira Grande Guerra há muito tem sido considerada como um “não-evento” na história latino-americana contemporânea, uma vez que tal região, chamado de subcontinente, encontra-se longe dos principais palcos das operações militares.

Compagnon enfatiza que se faz necessária uma reavaliação dos efeitos dessa guerra para a América Latina. Um desses motivos é a atenção dada ao assunto nas antigas colônias espanholas e ibéricas: a Guerra recebeu imediata atenção dos governos e chancelarias,

²⁸ Olivier Compagnon - professor de história contemporânea da Universidade Sorbonne- Nouvelle (Paris 3).

²⁹ COMPAGNON, Olivier. Latin America - from Part III - World War. In: *The Cambridge History of the First World War*. Publisher: Cambridge University Press, 2013. p. 533-556. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/books/cambridge-history-of-the-first-world-war/latin-america>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

mobilizou setores sociais importantes e promoveu uma série de conteúdos intelectuais devotados a ela, não apenas de 1915 em diante, mas até o fim da década de 1930.

Refletindo sobre o pós-armistício, ocorrido em 11 de novembro de 1918, Compagnon (2013, p.550-552) explana que houve na América Latina, um otimismo efêmero, notadamente nas semanas finais de 1918. Contudo, algumas circunstâncias fortaleceram crises de identidade que emergiram durante a guerra. Assim como foi observado por muitos intelectuais no início do século 20, desde o peruano Victor Haya de la Torre (1895-1979) até o argentino Manuel Ugarte (1875-1951), a guerra não apenas falhou em mudar a dependência estrutural das economias da América Latina no mundo exterior, mas, adicionalmente, redistribuiu as cartas de modo que os Estados Unidos agora possuíssem poderosas armas comerciais e financeiras, além do poder militar que Washington exercia regularmente na região desde os anos 1890.

A partir disso, surgiram numerosas perguntas sobre o futuro dos estados latino-americanos, aparentemente condenados a viver na sombra de seu vizinho do norte após viver sob a guarda econômica europeia durante o século XIX. É importante destacar que, para além de reforçar o status periférico da América Latina na orquestra das nações, do ângulo da história cultural, houve uma modificação da percepção das elites regionais anteriormente consolidada: a Europa falhou no papel e guiar o mundo, como frisou o escritor argentino Saúl Taborda (1885-1944).

O escritor brasileiro José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), em algumas de suas crônicas, ironizava sobre o fútil combate orquestrado entre a França e a Alemanha – que gerou o sacrifício de 10 milhões de seres humanos na lama das trincheiras. A carnificina resultante da exacerbação dos nacionalismos europeus, paradoxalmente, catalisou os nacionalismos latino-americanos.

Os anos vinte e trinta do século passado foram marcados por um nacionalismo cultural. No Brasil, a busca por uma identidade nacional pode ser percebida em algumas iniciativas. Compagnon (2013, p. 353) destaca o *Modernismo*, movimento estético lançado em São Paulo em fevereiro de 1922, que teve como figura dominante Mário de Andrade (1893-1945), o qual dedicou seus primeiros poemas à guerra, em uma coleção publicada em 1917, *Há uma gota de sangue em cada poema*, e analisou a turbulência estética no Brasil em 1929:

Nem bem a guerra de 1914 terminou, todas as artes tomaram impulso. Houve influência da guerra nisso? Está claro que houve. Os quatro anos de morticínio pode-

se dizer que universal, tiveram o dom de precipitar as coisas. Surgiram governos novos, sistemas renovados de ciências, assim como artes novas. (ANDRADE, Mário, 1977, p. 194 apud COMPAGNON, Olivier, 2013, p. 553, - tradução nossa)

Como veremos adiante, Freyre também participou de uma dessas iniciativas na busca por uma identidade nacional, destaquemos as questões brasileiras com tons regionalistas.

1.3.2 – Um nortista na América do Norte

Além da saudade, a bordo do navio Curvelo, em 1918, Freyre apontava suas curiosidades e esperanças: “[...] o que me espera nos Estados Unidos, como serão meus estudos? Como me adaptarei à vida ianque?” (FREYRE, 2006, p. 53). Em pouco tempo, essas respostas viriam, sem necessariamente a satisfação ter sido a tônica. Segundo Burke e Pallares Burke (2009, p. 61), Freyre chegou aos Estados Unidos alguns meses antes do fim da Primeira Guerra Mundial e viu a intensificação da campanha para a restrição da imigração, liderada pelo movimento eugênico³⁰, com o apoio de muitos biólogos, psicólogos e antropólogos de respeito.

Apesar de sofrer na própria pele os efeitos desse movimento que, particularmente, consideramos como uma chaga da humanidade, Freyre não sairia incólume dessa influência, e a refletiria em alguns dos seus escritos. Foi no Texas que Freyre sentiu a experiência dolorosa de ser um estrangeiro, de características latinas, num Estado norte-americano que se encontrava no meio de uma campanha para manter a “América para os americanos”, ou seja, para os WASPs (White Anglo-Saxon Protestantes ou, na tradução livre, anglo-saxão protestante branco). Ele era visto como um “*dago*” (termo pejorativo utilizado para se referir a pessoas de origem latina) ou *damn foreigner* (maldito estrangeiro).

³⁰ *Eugenia* pode ser definida como um movimento científico e social que foi iniciado por Francis Galton no final do século XIX. Como ciência, seu foco era o estudo da herança biológica de características físicas e não físicas dos seres humanos. Nos Estados Unidos, por exemplo, o movimento eugênico foi muito proeminente. Marcado por leis de segregação racial, esterilização dos doentes mentais e restrições à imigração. O objetivo era “proteger” a população americana (das classes mais altas e da “raça branca”) da miscigenação com imigrantes não nórdicos que eram vistos como de qualidade inferior. Outra característica marcante do movimento eugênico norte-americano foi o racismo. Os eugenistas pregavam a ideia da superioridade racial dos brancos, o que causava uma “antipatia natural” contra todos aqueles que não eram desta “raça”. TEIXEIRA; Isabel; SILVA, Edson. Revista - *História da ciência e ensino* – PUC-SP, p. 70. Disponível em < <https://revistas.pucsp.br/index.php/hcensino/article/viewFile/28063/22596>> Acesso em: 02 fev. 2019.

Para Maria Lúcia Pallares-Burke (2005, p. 155), um correr de olhos pelos jornais e periódicos da época é suficiente para ter uma ideia de quão prevalente era a ideia de que da preservação da pureza da raça nórdica dependia o futuro dos Estados Unidos e quanto os representantes dessa raça se viam ameaçados pelo “influxo das hordas alienígenas” que estava inundando a nação. Referências à necessidade de restringir a entrada de povos inferiores são feitas franca e abertamente, como se fossem medidas de inquestionável valor patriótico e científico.

Gilberto Freyre não conseguiu evitar certo desapontamento com um país que em outros aspectos tinha muitos benefícios culturais a lhe oferecer. Ainda conforme Burke e Pallares Burke (2009, p. 37), Baylor e Waco foram um desapontamento para Freyre que as achou “terrivelmente provincianas” – uma ironia para quem tentava escapar da estreiteza de Recife. Enojou-se com o tratamento cruel dado a muitos afro-americanos, reviu conceitos, abandonou arroubos protestantes – resquícios da influência do Colégio Americano. Dessa época em diante estava determinado a continuar seus estudos numa universidade situada no local mais cosmopolita da América, ou seja, em Nova York.

Contudo, até se graduar, procurou se ambientar em Baylor. Em 1919 escrevia: “[...] é terrivelmente provinciana. Mas é universidade [...]. Não lhe faltam alguns toques cosmopolitas. Basta ter entre os seus professores um Armstrong [...] dando equilíbrio ao conjunto.” (FREYRE, 2006, p. 63-64). Sobre o professor, Joseph Armstrong, ao qual Freyre admirou e se fez amigo, Fonseca (2002, p. 28) nos traz um ligeiro perfil: “Especializado em literatura inglesa da época vitoriana e, especialmente, nos poetas Elizabeth Barrett Browning e Robert Browning, tendo organizado, no campus da Baylor, a monumental Armstrong Browning Library.”.

Maria Lúcia Pallares-Burke (2005, p.60-67) aponta ser bem provável que Ulisses Freyre – irmão de Gilberto Freyre – tenha insistido para que “o caçula” fosse para Baylor, visto que Ulisses tinha feito esse percurso e considerava o dinâmico professor uma figura ideal para guiar o irmão talentoso. Não é exagero afirmar que muito do que em Baylor entusiasmou Gilberto Freyre fora fruto incansável do professor Armstrong - o dinamismo com que esse professor conseguia movimentar a vida da cidade é algo digno de nota.

A despeito das limitações do local, A. J. Armstrong conseguia promover concertos, representações teatrais e visitas de personalidades nacionais e internacionais ao campus de Baylor. Amante dos livros e anglófilo, pelo menos no que diz respeito à literatura, Armstrong foi grandemente responsável por acentuar o amor de Freyre pelos livros e pela literatura inglesa. Além da amplitude de interesses que Armstrong trazia para a sala de aula, seu modo de abordar a literatura também era pouco convencional. Ensinava literatura como uma espécie de história cultural. Armstrong se afeiçoou ao promissor Freyre a ponto de tornarem-se íntimos.

Afora os compromissos com o curso universitário, Freyre dava continuidade a atividades de sociabilização que exercia no colegial. Segundo Meneses (1991, p. 10), o jovem acadêmico ensinou francês a estudantes convocados para o serviço militar na Europa e a

oficiais do Exército norte-americano, naquele momento ainda em guerra. Também auxiliou o renomado geólogo Branner no preparo do texto em português do livro *Geologia do Brasil*. Destaquemos que Freyre continuou a se socializar via seu trabalho com o Recife, conforme nos aponta Hélio (2000, p. 50): dessa juventude em terras estranhas é que passa a colaborar regularmente com o *Diario de Pernambuco*, assinando artigos numerados sob o título geral de *Da Outra América*.

Concluída a graduação, para dar prosseguimento aos estudos, Freyre escolheu a Faculdade de Ciências Políticas da Universidade de Columbia. No ano de 1920, o escritor registra em seu diário, trechos do contentamento com a nova instituição: “A Universidade de Colúmbia talvez tenha, atualmente, a maior constelação de mestres nessas ciências sociais: um Boas, um Giddings [...] um Hayes (História Social) [...]” (FREYRE, 2006, p. 81-82). Em 1921, Freyre (2006, p. 87-88) é ainda mais enfático: a grandeza de uma universidade como a de Columbia, sua superioridade sobre as de Harvard e Yale, e suponho também sobre as Bonn e as Sorbonne, as Heidelberg e as Oxford de hoje, está na complexidade que lhe dá condição de cosmopolita.

Em Columbia, Freyre se dedicou à História, Sociologia e Antropologia. Burke e Pallares-Burke (2009, p. 40) destacam a influência das ideias de Boas e Hayes. Este estava associado ao movimento do início do século XX conhecido como “Nova História”, que usava as Ciências Sociais para analisar aspectos econômicos, sociais e culturais, assim como políticos, do passado. Com relação a Boas, um antropólogo judeu de nacionalidade alemã, Hélio (2000, p. 51) destaca sua influência sobre Freyre: Franz Boas ensinou-o³¹ a distinguir raça e cultura, ideia fundamental para as futuras considerações sobre as relações entre as pessoas no Brasil.

Guardadas as devidas proporções, mais uma vez, Gilberto Freyre reforçou a maneira de se sociabilizar trazida do Colégio Americano: se torna “redator da revista *El Estudiante Latinoamericano* ao lado de seu colega chileno Oscar Gacitua, hoje político no seu país.” (MENESES, 1991, p. 13). Segundo Burke e Pallares-Burke (2009, p. 42), junto com

³¹ É importante destacarmos algumas observações de Maria Lúcia Pallares-Burke (2005, p. 297-397): a partir de 1921, Freyre começou a se inteirar das ideias de Franz Boas (1858-1942), eminente antropólogo que combatia, desde o início do século XX, as ideias de superioridade racial – contradizendo o racismo científico da época. O contato com o novo paradigma proposto por Boas não surtiu efeito imediato em Freyre. Para que absorvesse em profundidade os ensinamentos de Boas e desenvolvesse suas próprias ideias, Freyre precisaria do auxílio de ensaístas britânicos e de alguns anos pela frente para ter na “mestiçagem” uma marca nos seus escritos.

Armstrong e [...] Manoel Oliveira Lima [...], Simkins e Bilden, dois estudantes de História que ele conheceu em 1920, tornaram-se seus interlocutores importantes por muitos anos.

Percebe-se que Freyre selecionava e mantinha um contato mais estreito com alguns amigos durante sua trajetória Recife / Waco / Nova Iorque. Em 1922, Freyre defende sua dissertação de mestrado – *Social Life in Brazil in the middle of nineteenth century*, não apenas elogiada na Universidade de Columbia, como “imediatamente publicada pela *Hispanic American Historical Review*” (FONSECA, 2002, p. 49). Ainda Segundo Burke e Pallares-Burke (2009, p. 37), findado o vínculo de estudante em terras americanas, sem recursos suficientes para complementar um doutorado, a família de Freyre eventualmente conseguiu dinheiro suficiente para que ele visitasse a Europa por alguns meses antes de voltar para o Brasil.

1.4 – Replantando raízes

O regresso de Freyre ao Recife veio a lume no *Diario de Pernambuco*, num caloroso e relativamente longo artigo intitulado *Gilberto Freyre*, datado de 8 de março de 1923, em letras garrafais e assinado pelo jornalista Aníbal Fernandes:

Gilberto Freyre deve chegar hoje da Europa. [...] Levou-o ao velho mundo a sua curiosidade investigadora, depois de sólidos e brilhantes estudos realizados nas Universidades Americanas [...] Hoje Gilberto volta forrado de uma cultura invulgar, para sua idade, pensando como um homem, em plena posse de suas faculdades [...] O regresso, hoje, a terra de seu nascimento, desse espírito moço e fulgurante, enche a todos nós, seus amigos e admiradores, de uma comovida alegria. Não podia resistir de manifestá-la eu, que tenho acompanhado a evolução rápida de uma inteligência tão vigorosa. (*Diario de Pernambuco*, Recife, 08 mar. 1923, p. 8).³²

Nilo Pereira (1979, p. 19), em prefácio ao livro *Tempo de Aprendiz* (optaremos por utilizar também a abreviatura TA) – que consiste em uma reunião de artigos de Gilberto Freyre publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor, entre os anos de 1918 a 1926 – informa-nos da homenagem em formato de boas-vindas que o Colégio Americano Batista destinou a Freyre, bem como da alegria deste pelo acolhimento no local onde iniciou sua formação. Vemos a seguir uma notícia publicada pelo DP sobre essas boas-vindas:

³² Nesta dissertação atualizaremos a ortografia na transcrição de todos os documentos de época.

Em homenagem ao jovem e distinto escritor pernambucano Sr. Gilberto Freyre, seu antigo aluno e professor, ora entre nós, após uma demorada ausência nos Estados Unidos e na Europa, o Colégio Americano Batista, realizou sexta-feira última uma festa encantadora, que teve uma avultada e muito escolhida assistência [...] O conhecido homem de letras Sr. Dr. França Pereira, num primoroso discurso, saudou o homenageado. Princiou apresentando-o ao auditório como uma das mais fortes organizações intelectuais da nova geração. Depois, referiu-se aos triunfos que Gilberto Freyre vem alcançando através de cinco anos de estudos no estrangeiro e findou dizendo que se sentia muito orgulhoso de ter sido um dos seus preceptores (*Diário de Pernambuco*, Recife, 28 mar. 1923).

Manuel Correia de Andrade também registra em tom memorialístico esse retorno:

No começo da década de vinte, chegava ao Recife Gilberto Freyre, após uma longa temporada nos Estados Unidos, trazendo com ele uma forte formação teórica em Ciências Sociais, sobretudo em Antropologia, e demonstrando um grande conhecimento do passado brasileiro. Mestre pela Universidade de Columbia (New York) tinha uma formação acadêmica tipicamente anglo-saxônica. Iniciara-se no jornalismo escrevendo, do exterior, artigos para o *Diário de Pernambuco*, artigos que depois foram reunidos no livro *Aprendiz de Escritor*, em que dava impressões da América e comentava fatos e livros da terra. Procurava conciliar o mundo em que estava vivendo com as suas origens, evitando ser atingido pelo processo de alienação tão comum entre os brasileiros que recebiam formação universitária no exterior. (ANDRADE, 1997, p. 324-325).

Mário Hélio (2000, p.63-65) esclarece que nem tudo foi boas-vindas: saem alguns artigos nos jornais contra Freyre. “A revista *O Fiau*, por exemplo, em fevereiro de 1923, traz esta manchete: *Gilberto Freyre, fruto bichado da literatura Brasília - ianque*”. Mais adiante, Hélio, revela que sua adaptação à terra natal não aconteceu de pronto: a adaptação não é imediata. A sua atitude no início, é de puro esnobismo afetado. Passeia pelas ruas do Recife usando um monóculo, roupas meio inglesas ou americanas. Também não consegue logo um bom emprego.

Nessa meia década de ausência de Freyre, muita coisa havia ocorrido, a fisionomia da urbe tinha se modificado, alguns costumes alterados, e o próprio interior do “anglófilo” rapaz também: “Deixei o Brasil ainda menino, e venho revê-lo homem-feito. Venho revê-lo com outros olhos: os de adulto. Adulto [...], como se diz em inglês, sofisticado.” (FREYRE, 2006, p. 183). Talvez, isso tenha corroborado para uma insatisfação inicial não apenas com a cidade mas também com os habitantes que aqui tinham ficado. Afinal, como destaca Rezende (1997, p. 137): os homens constroem a cidade, também, com as arquiteturas interiores das suas ansiedades e das suas frustrações, das ilusões e do que eles imaginam que sejam culpas e seus pecados.

Tal reflexão pode nos indicar um caminho para refletirmos sobre certo desânimo que tomou conta de Freyre no período de readaptação: “O que sinto é que sou repellido pelo Brasil

[...]. É incrível o número de artigos e artiguetes nestes poucos meses contra mim; e a insistência de quase todos eles é neste ponto: a de ser eu um estranho, um exótico [...]" (FREYRE, 2006, p. 183). Contudo, amigos o auxiliaram nessa travessia, conforme apontam Burke e Pallares-Burke:

No início, Freyre sofreu do que chamava de ‘acídia’, um estado de depressão do qual foi resgatado por alguns novos amigos que, por um lado, aceitavam seu papel como repórter e intérprete de práticas e ideias estrangeiras e, por outro, estavam preparados para ajudá-lo na descoberta do ‘valor e beleza’ de sua própria região. Graças a esses amigos, Freyre foi capaz de **replantar suas raízes** no solo do Nordeste, apesar da recepção hostil que recebeu de alguns intelectuais locais que o consideravam um jovem presunçoso, cheio de esnobismo e empáfia. Para seus amigos [...], ele representava um sopro de ar fresco, sendo capaz de articular as vagas ideias deles sobre a inautenticidade da cultura brasileira e a necessidade de procurar algo mais genuíno. (BURKE; PALLARES-BURKE, 2009, p. 66, grifo nosso)

Hélio (2000, p. 65) esclarece que depois dos choques iniciais, o retorno a Pernambuco parece ter sido feliz. Os caminhos se aclararam, em 1924 o presidente do *Diário de Pernambuco* o convida para organizar um livro em comemoração ao seu centenário, que se passaria no ano seguinte: *O Livro do Nordeste*. Com uma plêiade de amigos revigorada, juntou forças para divulgar o regionalismo aos moldes dos novos tempos e, em contraponto ao Modernismo paulista, liderado em Pernambuco pelo jornalista Joaquim Inojosa, que chamaria a sua revista de *Mauricéia*, uma paródia do *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade.

Interessante se faz observarmos as pontuações do sociólogo Hermano Vianna (1995, p. 80-81), quando diz que na década de 1920, Gilberto Freyre valorizava o popular sem, contudo, condenar o cosmopolitismo. Pelo contrário: em seus escritos aparece, ao lado do elogio do “Brasil básico”, uma profunda admiração por escritores como James Joyce, Ezra Pound e Marcel Proust. Todavia, quando o Modernismo chega ao Brasil, Freyre radicaliza sua posição, querendo abrasileirá-lo, a qualquer custo, valorizando artistas que procuravam alguma identidade com o popular e a situação brasileira.

1.4.1 – Intelectuais nordestinos, uni-vos!

O Recife, desde seus primórdios, teve como centro nevrálgico o porto e seus arredores. No período correspondente ao fim do século XIX até as duas primeiras décadas do XX, essa região foi profundamente modificada. Segundo a urbanista Cátia Wanderley Lubambo (1991, p.143), nessa época, emergiu de escombros, do possível lamento popular e com sérias contradições o então “novo” Bairro do Recife. Para tanto, o Estado, com discursos

“modernizantes” e “sanitaristas”, viabilizou financeira e juridicamente uma transformação social aliada a uma descaracterização urbanística dessa parte histórica da cidade que passou a exibir uma paisagem decalcada do estilo moderno europeu.

Esse impulso modernizante tomava conta do país. Conforme Andrade (1997, p. 277), o Governo Federal tentou aproximar o Brasil da Europa, visando deixar o país mais atraente ao estrangeiro. Procurou-se dotar as principais cidades, sobretudo as capitais de Estado, de serviços de abastecimento d’água e de saneamento, melhorar o sistema portuário, ampliar a rede ferroviária, abrir avenidas e ruas largas e calçadas, destruir os velhos bairros coloniais com seus arcos, suas ruas estreitas e seus becos.

Para o bem e para o mal, o Recife se enquadraria nesse sistema. A modernização do porto provocou um grande impacto sobre a fisionomia urbana do bairro central. A imprensa fazia elogios aos novos edifícios, quase sempre no estilo *belle époque*. As massas pareciam ser um mero detalhe:

O governo coloca-se claramente como criador da infraestrutura básica necessária da modernização. Saneamento, saúde, higiene, instrução, aparecem como tarefas fundamentais da administração pública, como investimentos urgentes a serem feitos, para não perderem os caminhos da modernização. O importante é que esses projetos se concretizem, embora eles não indiquem que haveria também uma modernização nas relações políticas. As elites encarregaram-se, portanto, de determinar qual o significado e a utilidade da modernização. Comportam-se como vanguardas iluminadas, diante das trevas que, para elas, tomam conta da maioria da população. Sentem-se no direito de ousar ou de dar aquilo que era moderno como salvação para tantos problemas que cercavam a sociedade brasileira. (REZENDE, 1997, p. 56)

A infraestrutura que vinha se desenvolvendo no Recife beneficiou muito os usineiros. Segundo Andrade (1997, p.307), eles viveram momentos de euforia entre o fim da Primeira Grande Guerra e a crise de 1929, com o crescimento da demanda do açúcar no mercado internacional e a alta do preço do produto. Não à toa, a associação entre o açúcar e o poder se tornaria mais íntima com a sucessão de dois usineiros à frente do Governo de Pernambuco³³.

Freyre regressou ao Recife no momento em que essa oligarquia se combinava no poder, tanto na esfera estadual, com Sérgio Loreto como governador, quanto na esfera federal, com Estácio Coimbra como o vice-presidente da República. Interessante ressaltar que apesar de ter convivido no Recife com muitas das chamadas invenções, como a instalação da luz elétrica nas ruas, os bondes e os automóveis, a década de 1920, com suas urgências, parece desapontar o jovem Freyre, sobretudo, pelo esmaecimento nas tradições da terra natal.

³³ Estácio de Albuquerque Coimbra. Mandato: 1926-1930; Carlos de Lima Cavalcanti. Mandato: 1930-1935.

Sobre as percepções de Freyre, Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011) elucida que, naquele início da década de vinte, a percepção do intelectual que desembarcava no Recife era de que a própria paisagem alterara-se profundamente. Seria outra a sua crosta, outra a sua fisionomia. Seu olhar, que entrara em contato com o mundo moderno, foi obrigado a admitir que a paisagem perdera o ar ingênuo dos flagrantes de Koster e de Henderson para adquirir os das modernas fotografias de usinas e avenidas novas.

Rezende (1997, p. 26) nos descreve um Recife moderno na célere década de vinte. Com um crescimento populacional que causa estranhamento a Freyre. Parecia que suas distâncias, os seus ruídos, os seus ritmos, as suas trilhas, as suas cores, os seus esquecimentos, as suas lembranças, mudavam com mais velocidade. Em meio a tudo isso, acrescenta que Freyre se apresenta como uma das figuras centrais na tensão sobre o moderno e o tradicional na cidade. Tensões que se expressavam nos debates dos seus intelectuais, nas notícias e opiniões registradas na imprensa, no cotidiano invadido por certas invenções e hábitos modernos. Recife era palco de muitos desejos de mudança, de muitas tentativas de redefinição.

Ainda segundo Rezende (1997, p.128), existia na cidade uma espécie de nostalgia entre os intelectuais pela primazia de poderio perdido pela outrora poderosa província. Notemos que emergia em São Paulo o grupo dos modernistas, e a *Semana de Arte Moderna de 1922* foi bastante comentada entre os círculos sociais da elite do país. Importante observar os lugares que esses pensadores de norte a sul ocupavam na sociedade e o contexto histórico em que viveram para compreender como se relacionaram com a modernidade.

Freyre, dos Estados Unidos - “a outra América” - consolidou suas ideias de criar um movimento intelectual com raízes regionais. O passado histórico pernambucano, de que tanto se orgulhava - com certo tom de saudosismo - estava na iminência de ser sufocado pela modernidade. Para esse movimento eram indispensáveis os auxílios e alianças com outros intelectuais, quer fossem consolidados ou em processo de maturação, principalmente dos que viviam no Recife. O misto de modernidade e tradição, isto é, acompanhar os rumos dos tempos, mas sem olvidar do passado histórico, passaria a ser a tônica de Freyre nos anos 1920.

Em resposta ao circuito sulista, e de alguma maneira dialogando com ele, sob a liderança de Freyre, foi se delineando outro formato para o regionalismo: “[...] regionalismo de novo tipo, fruto da reorganização dos saberes, operada pela emergência da formação discursiva nacional-popular. [...] uma nova forma de ver, de conhecer e de dizer a realidade,

só possível com a emergência da nação [...]” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 101). Notemos que alguns dos membros do modernismo, como Carlos Drummond Andrade e Manuel Bandeira, ambos radicados no Rio de Janeiro, mas ativos no cenário modernista, interessavam-se por esse “novo regionalismo”, chegando a colaborar com Freyre.

O regionalismo recifense foi muito influente na consolidação da ideia de “Nordeste”. É fato que o IBGE, desde os anos 1960, oficialmente dividiu o Brasil em cinco grandes regiões, de acordo com critérios político-administrativos e constância de alguns elementos físicos, humanos e econômicos - nessa divisão se insere a região Nordeste. Contudo, antes de 1920, a realidade não era bem essa. Conforme Albuquerque Júnior (2011, p. 51): “O Nordeste é filho da ruína da antiga geografia do país, segmentada entre Norte e Sul”. O referido autor afirma que a região é uma invenção imagético-discursiva gestada ao longo de décadas³⁴.

No campo intelectual, Freyre e alguns aliados corroboraram com esse início de fixação vocabular - destaquemos aqui a criação do *Centro Regionalista do Nordeste*, em 1924. Segundo Fonseca (2002, p. 46), o centro funcionava, no Recife, na Rua do Paissandu, na casa de seu presidente, o poeta e ensaísta paraibano Odilon Nestor. Local que consideramos ser outro marco de sociabilidade na vida de Gilberto Freyre. Entre os membros intelectuais ligados a diversas áreas de conhecimento, como literatura, política, medicina, jornalismo, teatro, artes plásticas.

Complementando esse raciocínio, Burke e Pallares-Burke (2009, p. 67) observam que os intelectuais amigos de Freyre no Recife pertenciam quase todos à mesma geração, nascidos na virada do século, e partilhavam seus interesses regionais e regionalistas. Para eles, a rejeição do passado não era um passo necessário no caminho da modernização – processo este que poderia perfeitamente admitir tradições brasileiras ou locais em arquitetura, culinária, valores patriarcais e assim por diante.

Contando com o apoio desses amigos e colaboradores, Freyre lideraria uma espécie de *segundo clã* – o primeiro, como já exposto, teria sido o familiar ao qual foi inserido em 1900, liderado pelo pai Alfredo Freyre. Esse segundo clã³⁵ contava, entre outros, com nomes como

³⁴ Percebemos que as palavras “Nordeste” e “nordestino” foram se tornando mais usuais a partir da década de 1920.

³⁵ Para Maria Lúcia Pallares-Burke (2005, p. 170), é compreensível que a autoridade e liderança de Gilberto Freyre tenham sido aceitas de imediato como legítimas. Usando-se de conhecidos conceitos de Bourdieu (1991), pode-se dizer que ao longo de cinco anos em centros educacionais internacionais, Freyre adquirira um “capital cultural” respeitável e que suas palavras tinham o peso dos “discursos de autoridade”, a despeito de sua pouca idade. A colaboração que enviara ao *Diário de Pernambuco*, sem dúvida, consolidara sua reputação precoce,

Ulisses Pernambucano, Cícero Dias, Lula Cardoso Ayres, o pintor Manoel Bandeira, Mauro Mota, Joaquim Cardozo. Em apoio ao clã, nomes consagrados como o de Aníbal Fernandes, Carlos Lyra, Odilon Nestor e o poeta pernambucano Manuel Bandeira. Tais nomes de maneira direta ou indireta auxiliam Freyre a elaborar, em 1925, o *Livro do Nordeste*, em comemoração aos 100 anos do *Diário de Pernambuco*.

O clã de Freyre no Recife pode ser comparado com o grupo reunido em torno de outro mestre, o escritor Mário de Andrade, em São Paulo, também nos anos 20. [...] O grupo de Mário de Andrade é associado ao modernismo, e especialmente à famosa semana de Arte Moderna de São Paulo, em 1922. Os participantes incluíam as pintoras Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, o escritor Oswald de Andrade e o poeta e jornalista Menotti Del Piccia. [...] Eles hoje são associados a uma quebra com o passado, a um desejo de tornar o Brasil parte do movimento modernista internacional, tornando principalmente Paris como modelo, enquanto Freyre e seu clã são associados com as ideias de “região e tradição” (BURKE; PALLARES-BURKE, 2009, p.69, grifo nosso).

Rezende (1997, p. 150) nos mostra que a defesa das tradições faz de Freyre, realmente, um intelectual com certa singularidade. Ele não atacava a modernidade em todas as suas dimensões. Simpatizava com as renovações acontecidas na produção cultural, com manifestações de vanguardas artísticas europeias, o que foi o mote para, com o aval do Centro Regionalista, organizar em 1926 o *Congresso Regionalista*. “Realizado [...] de 7 a 11 de fevereiro [...], a sessão inaugural realizou-se no salão nobre da Faculdade de Direito do Recife sob a presidência do professor Odilon Nestor [...], encerrou-se com uma conferência do médico Amaury de Medeiros” (FONSECA, 2002, p. 51).

Em janeiro de 1926, o Centro Regionalista do Nordeste já emitia à imprensa notas sobre o potencial do Congresso Regionalista, visto a correspondente simpatia que o evento estava alcançando entre setores da elite intelectual de diversos estados do país:

Centro Regionalista do Nordeste

Sob a presidência do doutor Odilon Nestor reuniu-se anteontem a hora de costume o centro Regionalista do Nordeste [...] foi discutido o regulamento interno do congresso regionalista que se realizará no Recife de 7 a 11 de fevereiro próximo.

O Congresso Regionalista de novo em foco continua atrair a mais simpática atenção sendo para salientar o interesse que vem manifestando por esse esforço de inteligente concentração um Instituto Nacional de arquitetos do Rio de Janeiro os conhecidos escritores Oliveira Viana, Manoel Bonfim e outros que prometem comparecer ou enviar teses [...] O programa geral do congresso de fevereiro é o seguinte: 1 - problemas econômicos e sociais [...] 2 - Vida artística e intelectual [...] (*Diário de Pernambuco*, Recife, 5 jan. 1926).

culto, sofisticado e de vistas largas. Ao voltar ao Recife em março de 1923, os benefícios desse capital cultural acumulado, logo se fizeram sentir no prestígio das ideias que continuou a veicular na imprensa e entre seus velhos e novos amigos.

Ainda em janeiro, as informações passaram a ser mais assertivas, a exemplo da definição do programa geral que incluía algumas visitas de campo:

1º Congresso Regionalista do Nordeste

A comissão organizadora do [...] programa definitivo do congresso. Este constará de uma sessão na Faculdade de Direito do Recife, na qual o Dr. Moraes Coutinho fará o discurso de abertura; almoço aos congressistas no salão de conferências do departamento de saúde e assistência, falando o doutor Amaury de Medeiros; visitas a sítios igrejas etc., de interesse artístico ou histórico, edifícios públicos, etc.; visita a Olinda e outros subúrbios do Recife; encerramento com um jantar que, por sugestão do doutor Plácido Barbosa será rigorosamente regionalista [...] (*Diario de Pernambuco*, Recife, 31 jan.1926).

Na data do início do evento, uma chamativa para o congresso (ausência de trajes a rigor, gratuidade). Destaquemos a promoção também para o segundo dia, ao qual teria Freyre como conferencista:

1º Congresso Regionalista do Nordeste

Sua inauguração, hoje às 20 horas, na Faculdade de Direito [...] Para a sessão de hoje não se exige traje a rigor. A entrada é franca, como para todas as reuniões do congresso [...] A segunda reunião do Congresso Regionalista, será amanhã às 20 horas, no salão do departamento de saúde e assistência para discussões de teses. Nessa reunião, o senhor Gilberto Freyre apresentará o seu trabalho sobre a estética e as tradições da cozinha nordestina. Ilustrará esse trabalho uma pequena exposição de fotografias de velhos pratos da Índia e da China, bules de chá e café, travessas de bolo, etc. - reminiscências da antiga mesa afidalgada do Nordeste. (*Diario de Pernambuco*, Recife, 07 fev. 1926).

No âmbito estadual, o êxito do congresso foi ressaltado:

Instituto arqueológico

Reuniu-se ontem, em Assembleia geral [...], o doutor Samuel Campelo refere-se à reunião do 1º Congresso Regionalista do Nordeste e propõe [...] pelo êxito alcançado e que lhe preste o seu apoio, especialmente sobre as conclusões relativas a conservação dos monumentos. O que é aprovado. (*Diario de Pernambuco*, Recife, 19 fev.1926).

No âmbito nacional, Assis Chateaubriand, *d'O Jornal*³⁶, do Rio de Janeiro, dedicou um extenso artigo em defesa do congresso, visto o burburinho em torno desse:

³⁶ *O Jornal* - Lançado em 17 de junho de 1919, no Rio de Janeiro (RJ), *O Jornal* foi um diário matutino de grande circulação. Anteriormente vinculado à política, seu diretor inicial, Renato de Toledo Lopes, era editor da versão vespertina do *Jornal do Commercio carioca* – por conta de um atrito com a direção-geral deste periódico, demitiu-se para fundar a sua própria folha; sem abrir mão de uma provocação, já que “o jornal” era como o *Jornal do Commercio* era informalmente chamado. Todavia, quando já completava cinco anos de publicação, *O Jornal* foi comprado por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-jornal/>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

Congresso Regionalista

Os telegramas de Pernambuco falaram durante dias do Congresso Regionalista do Nordeste, o qual quinta-feira se encerrou no Recife. Que objetivos procurava a conferência nordestina? Que vínculos de aproximação política, moral e espiritual tinha ele em vista entre os filhos do Nordeste? Como diz atuar de forma a manter íntegras as tradições daquela interessante zona do país? [...] Descansem, porém, os patriotas, porque os nordestinos, que se reuniram há pouco em Pernambuco são brasileiros do melhor quilate e cada qual mais interessado na grandeza da pátria unida. [...] O congresso regionalista do Nordeste não teve nenhum objetivo político. [...] O que tinha em mente era baluartar a defesa do espírito nordestino, de modo a salvá-lo da destruição lenta, mas inevitável que ameaça hoje no Rio e em São Paulo o antigo espírito Luso-Brasileiro, formador das bases da nacionalidade. [...] No congresso regionalista do Nordeste, agruparam-se em torno de um poeta de fino gosto e de um sertanejo de brava estirpe, como Odilon Nestor, cearenses e rio-grandenses do norte, paraibanos e pernambucanos, alagoanos e sergipanos, todos decididos a estimular esse patriotismo regional, esse amor do torrão natal, de cujo quente ardor se faz a estrutura das grandes pátrias. [...] (*Diário de Pernambuco*, Recife, 24 fev. 1926).

Em 1951, em comemoração aos 25 anos do Congresso Regionalista, Gilberto Freyre traz à tona uma publicação sua atribuída ao seu discurso naquele evento, ao qual denominou *Manifesto Regionalista*³⁷. Separamos algumas partes que julgamos merecer destaque:

O manifesto que se segue foi lido no Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo [...] foi o primeiro do gênero, não só no Brasil como na América [...] I – Regionalismo do Recife: o que é? Assim tem sido o Movimento Regionalista que hoje se firma neste Congresso: não acadêmico, mas constante. Animado por homens práticos como Samuel Hardman e não apenas por poetas como Odilon Nestor; por homens politicamente ‘da esquerda’ como Alfredo de Moraes Coutinho e da extrema ‘direita’ como Carlos Lyra Filho. II - Nem separatismo nem bairrismo [...] articule o que é nordestino em conjunto com o que é geral e difusamente brasileiro ou vagamente americano. III – Precisamos de uma articulação inter-regional Regionalmente é que deve o Brasil ser administrado. É claro que administrado sob uma só bandeira e um só governo, pois regionalismo não quer dizer separatismo [...]. (FREYRE, 2016, p. 35-41)

Concordamos com Rezende (1997, p. 187) quando expõe que o Recife, nos anos 1920, foi palco de encantos e também de desencantos com a modernidade. Percebemos isso mais fortemente ao analisarmos o novo regionalismo, imbuído de uma preocupação com a rapidez das mudanças que poderiam levar a um vazio cultural, uma fragmentação da memória que para além de seu mentor, necessitou do pensamento e da produção de um grupo de intelectuais significativos.

Esse grupo ressaltou a ameaça das ideias vindas de fora, o perigo que elas representariam sem passar pelo crivo dos valores locais. Como consequência, seus integrantes

³⁷ Para Maria Lúcia Pallares-Burke (2005, p. 24), o texto do *Manifesto Regionalista* publicado na década de 1950, não corresponde integralmente ao que Freyre afirma ter apresentado em 1926, quando o congresso ocorreu, traquinagem que já mereceu a atenção dos estudiosos. (Dimas, 1996; Teles, 1977, p. 218- 2199, 283)

foram vinculados a uma exaltação das tradições, a uma saudade de um tempo sem pressa e sem a técnica trazida pelas invenções modernas. Mas é preciso estarmos atentos aos liames entre modernistas e os regionalistas, como enfatizam Burke e Pallares-Burke (2009, p. 71): os defensores do Modernismo eram frequentemente as mesmas pessoas que defendiam as tradições locais. Eles queriam que seus *designs* modernos tivessem cor nacional ou regional.

1.5 - Freyre cooperando com Estácio

A disputada eleição para presidência do país e governos estaduais teve seus desdobramentos locais. No Recife, em 1926, o governo passaria das mãos de Sérgio Loreto para Estácio Coimbra, como nos mostra a reportagem d'*A Província*:

Governo do Estado

Dr. Estácio Coimbra, governador eleito para o quadriênio de 1926-1930

O eminente estadista

Só mesmo o Sr. Estácio Coimbra, possuidor de uma carreira política das mais invejáveis, poderá sentir a confortadora emoção do ato, que se tornará efetivo hoje, às 14 horas, quando s. exe. Empossará no governo do Estado [...] eleito pelo voto unânime das correntes atuantes no Estado, congregadas em torno da sua candidatura numa coesão admirável e honrosa para a vida partidária estadual no momento mesmo em que efervescente estava o problema da sucessão governamental [...] hoje é [...] elite na política brasileira, já tendo exercido postos que são o expoente lidimo de um prestígio que é real, que é valioso e que é necessário a nossa pátria. (*A Província*, Recife, 12 dez. 1926, p. 1).

Com um forte discurso pautado num “regionalismo moderno”, onde demonstra ser a tradição produto do passado, mas não o próprio passado, uma vez que este traz em si as sementes do futuro, em pouco tempo Freyre se consolidou em sua terra natal. Dada a visibilidade alcançada por Freyre, aliada a seus vínculos sociais e familiares – conforme o sociólogo Vamireh Chacon (1993, p. 199): a esposa de Estácio, Dondon, Joana Castelo Branco de Albuquerque Coimbra, era prima do velho Alfredo -, ele foi nomeado secretário de gabinete do governador de Pernambuco, Estácio Coimbra:

Os secretários do novo governo

[...]

Oficial de gabinete:

Dr. Gilberto Freyre, nosso inteligente confrade do *Diario de Pernambuco* (*A Província*, Recife, 14 dez. 1926, p. 3)

O Brasil dos anos 1920 é “submetido a pulsões contraditórias produzida pelo conflito de forças tradicionais agrárias e forças modernizadoras urbanas.” (MARTINS, 1992, p. 238 apud REZENDE, 1997, p. 128-129). Os caminhos da modernidade eram admirados por uma parcela significativa da crescente burguesia industrial. O Recife, ainda que não tivesse as estruturas sociais modificadas, ia se adequando e diversificando suas atividades econômicas e abrindo espaço para novas atividades profissionais.

No país, já havia sinais de dissidências oligárquicas, de levantes militares, e de movimentos do operariado. Essas mudanças e agitações urgiam por “transformações de ordem política e impediram que políticos hábeis, como Manoel Borba, Sérgio Loreto ou Estácio Coimbra, implantassem um sistema oligárquico rígido como o que fora controlado por Rosa e Silva” (ANDRADE, 1997, p. 310).

Quando Washington Luís chega à presidência, também em 1926, Pernambuco já era noticiado como terra do cangaço, como citou Sérgio Loreto, na transição de seu mandato, em mensagem apresentada ao congresso legislativo, em 7 de setembro de 1926, 3ª sessão da 12:

Mensagem apresentada ao congresso legislativo, em 7 de setembro de 1926, 3ª sessão da 12. A legislatura, pelo Dr. Sérgio Loreto, Governador do Estado de Pernambuco:

Venho dar-vos conta, pela quinta e última vez, da situação dos negócios do Estado, de acordo constitucional. Mais um mês e alguns dias e terei completado a minha jornada de quatro anos [...] Durante a minha administração, os grupos de malfeitores não tiveram tréguas. Mas eles fogem a qualquer contato com as patrulhas volantes que lhes andam ao encalço. Abandonam as estradas, penetram nos cerradões, alojam-se nas grotas favorecidos pelo conhecimento do habitat e pelas condições propícias da zona em que se movimentam Para os que conhecem a região sertaneja de Pernambuco, é fácil compreender os óbices que se apresentam ao combate contra o cangaceirismo, não só pelo desabitado da região, como ainda pela existência abundante de esconderijos constituídos em grotas profundas e impenetráveis... Eis aí, em traços ligeiros, as dificuldades com que lutam os governos para extinguir o cangaço (LORETO, 1926, p. 1-3 e 117. In: *Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros / PE, 1890 a 1930*)

Logo, o Governo Federal foi cobrado a repelir o movimento com métodos e violências similares aos utilizados pelos cangaceiros. No âmbito estadual, Estácio Coimbra conciliava suas atividades de político e de empresário, “[...] Como usineiro, governou com os usineiros e defendeu uma política de proteção à agroindústria” (ANDRADE, 1997, p. 297). No Recife, procurou se acercar de homens que o assessorassem em reformulações nas áreas de educação e saúde. Nomes como o do educador Antônio Carneiro Leão – que deu grande apoio à Escola Normal – e do médico Ulysses Pernambucano – renovador da psiquiatria no Recife - colaboraram com Estácio.

Do gabinete do governador, Freyre entrava nesse circuito de sociabilização: era primo do psiquiatra Ulysses Pernambucano e junto a Carneiro Leão fundou, em 1928, a cátedra de Sociologia da Escola Normal do Estado. Freyre acreditava que lecionaria de maneira inovadora no Brasil, como relatou em seu diário: “O que farei será tentar fundar uma cátedra de Sociologia [...] com orientação científica, base antropológica e acompanhada de pesquisa de campo. [...] Mas tendo cuidado com o cientificismo [...] um mal a ser evitado em nossa cultura” (FREYRE, 2006, p. 301).

Os laços entre Coimbra e Freyre foram se estreitando em pouco tempo. Em 1928, escreve: “Estácio Coimbra e Dondon nos recebem, a todos os Freyres, para um jantar em Palácio que não sei se devo dizer que foi do governador e primeira-dama ou de senhores de engenho.” (FREYRE, 2006, p. 299). Nesse referido ano, novamente o lado negociante de Estácio se une ao político em uma empreitada: a compra o Jornal *A Província*³⁸. Ele, então, contrata Freyre como diretor. Segundo Hélio (2000, p. 70), reorganizar esse jornal oficioso do governo, dentre as atribuições oportunizadas por Estácio, era a que lhe causou maior entusiasmo.

O tempo que Freyre passou frente *A Província* é de suma importância para nosso trabalho, para tanto o abordaremos com uma maior cautela no capítulo seguinte.



Figura 1 - Manchete. Fonte: *A Província*, Recife, 03 ago. 1926, p. 1

Não podemos desconsiderar as relações de clientelismo que envolvia setores da política com as famílias patriarcais em Pernambuco. Mas é prudente a observação de Rezende (1997, p. 140), para quem: “[...] apesar de ligado por parentesco às famílias tradicionais pernambucanas, Freyre procura profissionalizar-se como intelectual, atuando na imprensa e tendo uma experiência política como assessor do governador Estácio Coimbra.

³⁸ *A Província*: jornal pernambucano. Começou a circular no dia 6 de setembro de 1872. Fundado por José Mariano, tinha cunho abolicionista. Disponível em: <<https://observatoriodaimpressalocal.wordpress.com/tag/jornal-a-provincia>>. Acesso: 02 mar. 2018.

No ano do crack da Bolsa de Nova Iorque, 1929, o Brasil, cuja economia continuava agroexportadora, foi fortemente abalado e o clima de instabilidades na economia se refletiu na política. A campanha para a sucessão do presidente Washington Luís foi marcada por uma grande tensão, quando o chefe de estado decidiu não se valer do ritual de passagem do poder equilibrado entre as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais, comumente recomposto a cada quatro anos. Pelo apoio recebido, era de se aguardar um representante mineiro no Catete. Em vez disso, foi oficializada a candidatura do paulista Júlio Prestes como sucessor de Washington Luís à presidência da República.

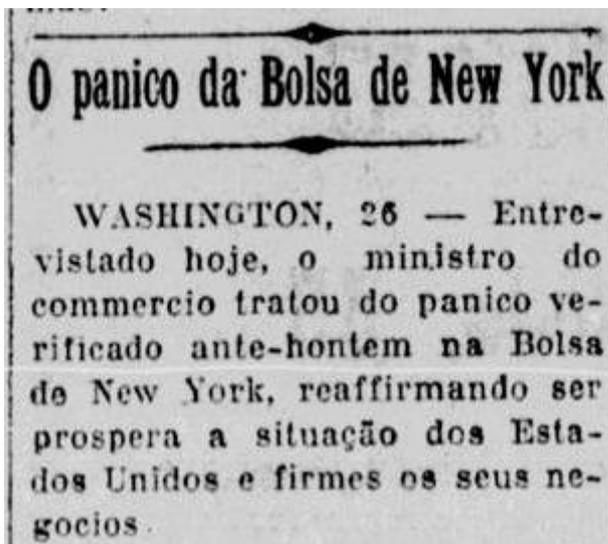


Figura 2 - “O pânico da Bolsa de New York”

No Recife, ecos do crack em terras norte-americanas, a notícia “O pânico da Bolsa de New York”, tratava de uma tentativa estadunidense de acalmar os ânimos dos países com quem mantinha atividades comerciais. (*Diario de Pernambuco*, Recife, 27 out. 1929, p. 4)

Segundo Schwarcz e Starling (2015, p. 352), até hoje, historiadores discutem os motivos que levaram Washington Luís a apostar pesado na ruptura com Minas. O presidente provaria ser um típico produto do sistema que ajudou a destruir: avesso a negociações, convencido de que a política era assunto exclusivo de uma reduzida elite que controlava o processo eleitoral e a administração do país. Era vaidoso e muito autoritário.

Ainda segundo as autoras, a arrogância desse político conseguiu desequilibrar um cenário oligárquico amistoso. Seria o início de uma união entre Minas, Rio Grande do Sul e Paraíba para concorrer à presidência da República: formou-se a Aliança Liberal, sendo indicados Getúlio Vargas (RS) para presidente e João Pessoa (PB) para vice-presidente.

A imposição de Washington Luís foi recebida com bons olhos pelo governador de Pernambuco. Andrade (1997) aborda algumas particularidades do fato:

Washington Luís impôs a candidatura de Júlio Prestes, governador de São Paulo, à sua sucessão, preterindo o presidente de Minas, Antônio Carlos. Este, sentindo-se prejudicado, cooptou Getúlio Vargas, governador do Rio Grande do Sul, para se candidatar à suprema magistratura, e passou a procurar um candidato à vice-presidência para compor a chapa. Tendo o apoio de Minas e do Rio Grande, voltaram-se os liberais – os partidários de Getúlio Vargas se aglutinaram na chamada Aliança Liberal – à procura de um candidato de um estado de expressão eleitoral. Convidado, Estácio Coimbra não aceitou a sua indicação e apoiou Washington Luís. Foi então convidado e aceitou disputar o cargo o presidente da Paraíba, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, sobrinho e protegido de Epitácio Pessoa. (ANDRADE, 1997, p. 299)

Júlio Prestes venceu as eleições, mas foi muito contestado. No Recife, Estácio pareceu regozijar-se. Contudo ocorreu o assassinato de João Pessoa, em pleno centro da capital pernambucana, no dia 26 de julho de 1930:

O governador da Paraíba, João Pessoa, assassinado numa confeitaria da Rua Nova. Autor, um Dantas conhecido pela bravura. Péssimo para Estácio. Vai se dizer nos jornais do Rio que foi crime político. A verdade é que foi crime por motivo personalíssimo (FREYRE, 2006, p. 335).

O luto veio acompanhado de muita revolta. Hélio (2000, p.71) destaca que no dia 5 de outubro de 1930 as tropas da Revolução de 1930, tomaram conta do Recife.

Narra Chacon (1993, p. 204): “[...] Quando a Revolução de 1930 alcançou o Recife [...] Estácio [...] jantava debaixo do tiroteio como se fosse normal, só saiu do palácio por imposição dos militares que diziam defendê-lo, mas que já se entendiam revoltosos.” Meneses (1991, p. 67) informa que Estácio Coimbra, com efeito, pediu para que Gilberto o acompanhasse à Europa. A fuga de Estácio e seus secretários à época, Gilberto Freyre e Antiógenes Chaves, foi motivo para chacota de seus opositores.

Segundo Hélio (2000, p. 72), circulava uma versão de que o governador, por medo, fugiu disfarçado de freira. Interessante é a colocação de Burke; Pallares-Burke, (2009, p. 75) destacando que, com a Revolução, Freyre perdeu seu emprego junto com seu chefe, Estácio Coimbra, e o seguiu ao exílio em Portugal. Vivendo na pobreza em Lisboa, voltou em tempo integral ao mundo dos estudos.

1.6 – Transição freyriana: a escrita toma fôlego

Derrubada a Primeira República, com ajuda de generais, Vargas assume provisoriamente o poder entre 1930 e 1934:

[...] Com sua posse, o executivo assumia plenos poderes e passava a ter condições de promover uma radical intervenção no sistema político. O Congresso Nacional, as Assembleias Legislativas Estaduais e as Municipais foram dissolvidas, os políticos

eleitos durante a Primeira República perderam seus cargos, os presidentes dos estados foram substituídos por interventores, a imprensa de oposição foi censurada [...]. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 361).

Em pouco tempo, os representantes das oligarquias regionais tomariam conhecimento dos seus interventores. No Nordeste, mais especificamente - apesar do aval de Vargas -, por intermédio do “tenente”, “supervisor do Norte” e ironicamente chamado de “vice-rei do Norte-Nordeste”, Juarez Távora. Ele assegurou que a forma de governo que o Brasil teria pela frente não seria nem democrática nem liberal: “[...] Ditadura sem limite fixado, até que todos verifiquem por atos, não por palavras, a regeneração e a reabilitação dos costumes políticos e administrativos.” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 361).

Em Pernambuco, contrariando a lógica da indicação de jovens oficiais desvinculados dos grupos políticos dominantes, o açúcar continuou no poder, mesmo com a Revolução de 1930. Andrade (1997, p. 334) elucida que Juarez Távora indicou Carlos de Lima Cavalcanti, coproprietário da usina Pedrosa e do jornal *Diário da Manhã*³⁹, em que fizera campanha da Aliança Liberal. O interventor Carlos de Lima Cavalcanti, ligado à velha oligarquia açucareira, tinha se transformado em desafeto de Sérgio Loreto e Estácio Coimbra.

Durante o governo provisório, conforme explicam Schwarcz e Starling (2015, p.362), Getúlio não conversava sobre dois assuntos: a convocação de uma Assembleia Constituinte e a data para uma nova eleição presidencial. Lideranças intrarregime juntaram forças para insistir na realização de eleições imediatas, visto que desconfiavam das intenções de Vargas de transformar um governo provisório em permanente. Dentre os descontentes, conspiraram contra Vargas o grupo exaltado de São Paulo – que durante três meses lutou contra as forças do Governo Federal até se renderem. Contribuiu para a vitória de Vargas, o interventor de Pernambuco, Carlos de Lima, enviando contingentes de combatentes para lutarem no vale do Paraíba.

Apesar de a derrota militar, o esforço oposicionista, de certa maneira, teve seus objetivos atingidos: foi confirmada uma assembleia constituinte com representantes de todos os estados da Federação a ser realizada em 1933. Para contentamento do interventor, Carlos de Lima, como representantes de Pernambuco foi eleita “uma bancada da qual faziam parte Solano Carneiro da Cunha, Agamenon Magalhães, Tomás Lobo e outras figuras de proa da

³⁹ *O Diário da Manhã (PE)* foi fundado em 16 de Abril de 1927 pelos irmãos Carlos e Caio de Lima Cavalcanti. Vinha o Diário da Manhã contribuir com o movimento que redundaria da Revolução de 30, chefiada por Getúlio Vargas, de quem os Lima Cavalcanti eram correligionários. Disponível em: < <https://www.diariodamanha-pe.com.br/historico>>. > Acesso: 11 mar. 2019.

vida política pernambucana que lhe eram fiéis” (ANDRADE, 1997, p. 341). Depois de alguns meses de trabalhos e disputas, em 16 de julho de 1934 foi promulgada a nova Constituição. No dia seguinte, a Assembleia Constituinte, de forma indireta, elegeu Getúlio Vargas para governar o país até 1938.

Na década de 1930, não só a Revolução e o seu líder triunfaram. Freyre se configuraria como escritor de fôlego e um dos principais intelectuais brasileiros do século XX. Ainda no princípio da era Vargas, Gilberto Freyre parte para Portugal entre fins de 1930 e início de 1931, em seguida para os EUA, onde foi convidado como professor visitante. Ainda em 1931, iniciou a escrita de *Casa-grande & senzala* (optaremos por utilizar também a abreviatura CG&S) e finalizou-o no Recife, em 1933, marcando o início de uma trilogia seguida de *Sobrados e Mucambos*, em 1936 (optaremos por utilizar também a abreviatura SM), e findada mais tarde *Com Ordem e Progresso* (1959).

Dessa década, outros escritos significativos de Freyre vêm à tona, como *Nordeste* (1937), onde reflete sobre aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. Destaquemos, para fins de nosso trabalho, o *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife* (1934), visto que a referida obra também aborda de maneira pitoresca o tema das assombrações. A historiadora Sandra Pesavento, refletindo sobre essa década, ressalta:

O que se pode afirmar é que, sem sombra de dúvida, sua obra foi ao encontro de uma série de demandas que se encontravam presentes naquele Brasil dos anos 30, correspondendo a um certo horizonte de expectativas. Tais demandas e expectativas poderiam ser resumidas como a busca de uma comunidade simbólica e imaginária de sentido pela reconstrução e ou invenção de uma identidade nacional nova. (PESAVENTO, 2006, p. 41)

Para Schwarcz e Starling (2015, p. 341), a publicação de *Casa-grande & senzala* é emblemática, sinalizando para esse movimento de longo curso, que conformava novos ícones da modernidade. Assim, o início de um projeto ousado, ou seja, interpretar a formação daquilo que definiria o Brasil com suas contradições e singularidades, teve um êxito enorme. Os principais críticos do país escreveram resenhas:

Poucos dias depois da saída às livrarias *Casa-grande & senzala*, o poeta Manuel Bandeira comentou em carta ao seu autor a repercussão do livro no Rio. O escritor Gastão Cruls esperava que fosse ‘mais literário’. Murilo Mendes definia-o como um novo *Ulisses* (referência ao romance de Joyce sobre quem o pernambucano foi o primeiro a escrever no país. Roquette Pinto elogiou a linguagem. (HÉLIO, 2003, p. 62).

Informa-nos Burke e Pallares-Burke (2009, p. 134) que o jornalista Assis Chateaubriand elogiou CG&S como “uma obra literária”. O poeta Manuel Bandeira chamou

atenção para as qualidades poéticas: “Livro que a ciência alia à profunda poesia.” O sucesso de *Casa-grande & senzala* ultrapassou a fronteira dos literatos e do mundo acadêmico: os livreiros pareciam surpresos com o sucesso estrondoso quantificado pelo alto número de vendas da obra. No Recife, pelas mãos do jornalista Aníbal Fernandes, o livro veio a lume em princípios de 1934:

É um livro esse que o doutor Goebbels mandaria, certamente, queimar no meio da rua, de cambulhada com as obras de Ludwig, de Thomas Mann, de Remarque e de todos os grandes heresiarcas do nacional-socialismo. Foi assim, de modo provocativo, que Zeno, pseudônimo de Aníbal Fernandes, saudou, em 6 de fevereiro de 1934, o lançamento de *Casa-grande & senzala*, no jornal *O Estado* (Recife). A obra de Freyre saíra em dezembro de 1933 e a noite das fogueiras, aludida pelo jornalista, acontecera em 10 de maio daquele mesmo ano. Fora promovida pelo ministro da Propaganda Nazista, Joseph Goebbels, quatro meses depois que Hitler chegara ao poder. (VIEIRA, 2013. In: *Suplemento Pernambuco*, Recife, n. 90, ago. 2013, p. 14).

Ainda nessa atmosfera do Recife de 1934, Freyre organizou o *Congresso Afro-brasileiro*, o primeiro do gênero: “[...] numa época em que a cultura africana como um todo era discriminada, quando não atacada indiscriminadamente, imagina-se o impacto da iniciativa” (HÉLIO, 200, p.83). Segundo Chacon (1993, p. 255), tal congresso era uma iniciativa corajosa, visto que pela primeira vez analistas renomados vinham conjuntamente a público falar sobre a contribuição africana à cultura brasileira. Dentre os congressistas, ressaltamos as participações de Herskovits (*Procedência dos negros no novo mundo*), Artur Ramos (*Os Mitos de Xangô e sua Degradação no Brasil*), Édison Carneiro (*Xangô*), Rodolfo Garcia (*Vocabulário Nagô*), Mário de Andrade (*A Calunga dos Maracatus*), Jorge Amado (*Sobre publicações de cordel*).

O Congresso Afro-brasileiro ecoaria do Teatro de Santa Isabel, onde foi realizado, aos ouvidos do regime de Vargas:

Gilberto Freyre e seus colaboradores foram rotulados oficialmente como subversivos; muitos foram demitidos dos seus empregos, alguns foram presos, outros expulsos do Estado. Grupos que tinham apoiado o Congresso, foram perseguidos ou desmantelados, em novembro de 1937, às vésperas da implantação por Vargas do autoritário Estado Novo, o *Diário do Nordeste* do Recife associava o Congresso aos esforços do Komintern para instalar nos pretos o ódio aos brancos, e atacava o interesse dos intelectuais pela vida afro-brasileira como um produto de poltrões, judeus, bolchevistas e outros grupos dedicados à destruição da cultura cristã. (LEVINE 1980, p. 115 apud CHACON 1993, p.257).

1.7 – Velhas contendidas, “Estado Novo”

Andrade (1997, p. 344) nos elucida que na década de 1930 e nos primeiros idos da de 1940, o Recife ainda era o centro do Nordeste e dessa cidade se tomavam decisões

importantes para o cenário nacional. Pernambuco era palco de reuniões tanto da Aliança Nacional Libertadora (ANL) quanto da Ação Integralista Brasileira (AIB), cujas ações não se limitavam ao Recife, ramificando-se por Olinda e outras cidades do interior. Para alguns dirigentes do regime de Vargas, aquela “gente do Norte”, liderada por Freyre, era de extrema-esquerda, e a delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) ⁴⁰ não perdeu tempo e, em 1935, fichou Freyre como:

Agitador, organizador da Frente Única, orientadora das greves preparatórias do movimento comunista de 1935, em companhia dos pintores Emiliano di Cavalcanti, então no Recife, e de Cícero Dias, antes de rumar a Paris em parte por isso; do jornalista Eugênio Coimbra Júnior; do arquiteto Heitor Maia Filho e dos operários Amaro Veloso da Silva, panificador, e João Bezerra da Silva, gráfico (CHACON, 1993, p. 259).

A vida curta da democracia é expressa por Schwarcz e Starling (2015, p. 374): Getúlio articulou projetos de lei que estabeleceram estado de sítio, guerra, suspensão de garantias. A repressão se dava a grupos diversos e até mesmo aos cidadãos comuns, sem vínculos associativos, que não se aclimatavam às diretrizes do Governo. Mas, sob uma alegação de um perigo de instalação de um regime comunista, deu-se uma combinação entre censura, repressão e propaganda sobre o qual o regime Vargas forjou suas bases autoritárias.

O pretexto para um Golpe de Estado foi um suposto plano de insurreição nos moldes soviéticos, conhecido como plano Cohen. Andrade (1997, p. 354-355) afirma que Vargas, sem conseguir fazer uma mudança constitucional que permitisse sua reeleição, jogou com políticos e militares e em 10 de novembro de 1937, às vésperas de eleição presidencial, perpetrou o golpe, fechando a Câmara dos Deputados e o Senado.

Em seguida, outorgou uma Constituição - “Polaca”- que pretendia riscar do mapa do Brasil qualquer tradição regionalista, visando um Estado cada vez mais centralizado, coeso e sob seus cuidados. Com orientações refletidas em Pernambuco, o governador Carlos de Lima foi deposto e recebeu como prêmio de consolação o lugar de embaixador em Cuba, naquela década sob o comando do coronel Fulgêncio Batista.

Para ocupar o lugar de Carlos de Lima, um político que ocupava o cargo de ministro da Justiça e do Trabalho: Agamenon Magalhães. Homem de confiança do ditador, procurou representar em Pernambuco uma política centralizadora, controlando o Estado nos seus mais diversos sentidos. Agamenon, além de político, era professor do Ginásio Pernambucano e da Faculdade de Direito do Recife. Rezende (2000, p. 62) nos informa que o interventor

⁴⁰ Uma cópia Xerox do arquivo do DOPS referente a Gilberto Freyre se encontra na Fundação Gilberto Freyre (PALLARES-BURKE, 2005, p. 17).

construiu um secretariado de jovens formados em Direito e membros da Congregação Mariana. Asseguraria o controle de seus governados com infiltrações no movimento sindical, usou da persuasão dos meios de comunicação e de mecanismos de produção cultural.

Segundo a historiadora Dulce Chaves Pandolfi (2015, p. 60-65), o Estado Novo, através de reformas jurídico-constitucionais, consolidou um processo de centralização e o fortalecimento do aparato burocrático estatal, com maior intervenção nas esferas econômicas, políticas e sociais no país. Em Pernambuco, ocorreu o remanejamento da elite política: a antiga elite, liderada por Carlos de Lima Cavalcanti, é totalmente alijada do poder. O interventor Agamenon Magalhães preocupou-se em colocar pessoas, a seu ver, comprometidas politicamente com a nova ordem.

Prestigiado por Vargas por ter sido um dos principais artífices do Estado Novo, Agamenon tinha poder para pressionar a indicação ou a dispensa nos mais diversos órgãos administrativos. Caso típico foi a indicação de Gilberto Freyre, feita pelo ministro da Educação, para ocupar o cargo de delegado do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Agamenon não aceitaria a indicação e contrapõe o nome de Vicente do Rego Monteiro, este foi nomeado pelo Governo Federal.

Nesse contexto, importantes intelectuais do clã de Gilberto Freyre decidiram se afastar do Governo, alguns até mesmo de Pernambuco. O *elogio ao mucambo* (sic), como aspecto da paisagem tipicamente tropical recifense, feito por Freyre no Congresso Regionalista de 1926 foi combalido com a *Liga social contra o mocambo*, criada em 1939, com o mote de tentar atenuar os graves problemas de moradia na cidade. Outro ponto dissonante em relação a Freyre foi a exaltação da contribuição dos africanos na cultura brasileira, enfatizado no Congresso Afro-brasileiro de 1934: Agamenon perseguiu os cultos afro-brasileiros.

Conforme Chacon (1993 p. 257-258), a ditadura estado-novista perseguia as manifestações religiosas de cunho afro-brasileiro. A dita campanha de investigação contra a exploração do “baixo-espiritismo”, foi exemplificada em notícias de jornal. A seguir, reproduziremos uma destas: “Cercamos uma sessão de catimbó nos Remédios – à disposição do Comissário de Costumes, o investigador nº 161 prendeu, ontem, a catimbozeira Joana Francisca dos Santos [...] O policial apreendeu todo o material empregado na bruxaria” (*Diario de Pernambuco*, Recife, 08 out. 1938).

Para prefeito do Recife, Agamenon nomeou Antônio Novaes Filho, líder dos fornecedores de cana. Com Agamenon e Novaes Filho, a fisionomia da urbe recifense notoriamente se alterou:

No seu governo, iniciou a construção da Avenida Dantas Barreto, demolindo igrejas históricas [...]. Pavimentou importantes vias como a Estrada de Beberibe, a Estrada de Belém, a Estrada dos Remédios e a Avenida Caxangá. [...] efetivou a substituição a gás por elétrica, executada pela Pernambuco *Tramways and Power Company Ltda.* Houve preocupação com a paisagem, com os jardins das praças principais. (REZENDE, 2000, p. 63)

O jornalista José Adalberto Ribeiro (2012, p. 74) esclarece que o Recife, num misto do poderio eclesiástico e político, ganhou um contorno distinto em parte de sua área central: o Parque 13 de Maio, espaço bucólico defronte a Faculdade de Direito do Recife. O parque serviu para a realização de um congresso eucarístico.

Agamenon Magalhães, de confissão católica, era adepto da doutrina social da Igreja e devoto de Nossa Senhora do Carmo, além de amigo do arcebispo de Olinda e Recife, Dom Miguel de Lima Valverde. Motivos mais que suficientes para que o interventor de Pernambuco acionasse, com entusiasmo, o prefeito de Recife para auxiliar na realização do *III Congresso Eucarístico Nacional* (1938), evento que contou com a presença de cardeais e bispos de todo o país e de representante do Vaticano.

1.7.1 – Segunda Guerra: o “fascismo caboclo” se aliando

Na esfera externa, o clamor por revanchismos, resquícios da Primeira Grande Guerra, além de disseminações de sentimentos nacionalistas, impregnados de eugenia e belicismo, aproximaram a Alemanha nazista de Hitler, a Itália fascista de Mussolini e o Japão de Hirohito. Potências como Inglaterra e França, que posteriormente teriam por aliados os Estados Unidos, acuadas, declararam guerra a este “Eixo” em 1939. Como se sabe, a Segunda Guerra Mundial modificou relações internacionais e o governo Vargas e seus representantes não ficaram alheios.

Vargas tinha muitos ministros simpáticos ao fascismo. Schwarcz e Starling (2015, p. 374-375) enfatizam que apesar de ter nome de ditadura fascista (idêntica a Salazar em Portugal, iniciada em 1932), e ser corporificado funcional e pessoalmente na figura de Vargas, o Estado Novo brasileiro não era uma reprodução de um modelo fascista europeu. Conforme Andrade (1997, p. 362), “o Estado Novo seria um tipo de fascismo caboclo⁴¹ [...]”,

⁴¹ Acreditamos que o termo “fascismo caboclo” é utilizado sarcasticamente por Andrade à guisa da narrativa de *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos (2007, p. 34) apud Schwarcz e Starling (2015, p. 375): “Nosso pequenino fascismo tupinambá”.

isto é, uma ditadura política extremamente centralizadora, mas que oscilava entre tendências antidemocráticas e a necessidade de atender aos pedidos da América do Norte, visto a dependência do Brasil, em diversos aspectos, com os ianques.

A pressão externa fez com que Vargas optasse por colocar o país ao lado dos Aliados. Pernambuco não passou incólume:

O Estado Novo começou a recuar na posição favorável ao Eixo, e o governo pernambucano também. De forma tímida e lenta (...) os estudantes, sobretudo os de Direito e Engenharia, passaram a se articular politicamente, aproximando-se de líderes antigetulistas, como Juraci Magalhães; de professores liberais, como Geraldo de Andrade, Simões Barbosa, Pinto Ferreira; e do sociólogo Gilberto Freyre, que, mantendo contato permanente com os jovens, sobretudo após a solenidade de comemoração da libertação de Paris, na Faculdade de Direito, passou a exercer uma verdadeira liderança sobre os mesmos. (ANDRADE, 1997, p. 365).

Recife, por ser uma cidade situada às margens do Atlântico, estrategicamente acolheu muitos soldados estadunidenses e foi submetida a uma maior vigilância, racionamento de energia e *blackouts* eram comuns. Conforme Rezende (2000, p. 66): “O conflito influenciou no cotidiano, estimulou preconceitos, adesões, houve choques nas ruas [...]. Os estudantes da Faculdade de Direito tiveram grande atuação [...], comemorando as vitórias dos aliados, reivindicando mudanças políticas.”

Tal grupo de estudantes “que se levantou contra o nazifascismo de alguns e o indiferentismo de muitos, ficou conhecido como ‘Geração de 45’ porque, neste ano, seria assassinado o seu principal líder, Demócrito de Souza Filho, bacharelado em Direito.” (ANDRADE, 1997, p. 366).

Para Schwarcz e Starling (2015, p. 383), a Segunda Guerra Mundial foi o divisor de águas nos rumos do Estado Novo, pois garantiu o protagonismo do projeto de modernização proposto pelo regime, ao mesmo tempo em que revelou o esgotamento de sua natureza autoritária. Conforme o historiador Thomas Skidmore (1982, p. 77-78), Vargas percebeu que sua ditadura não poderia sobreviver à guerra.

Seu arremedo de fascismo estava a ser sacudido pela derrocada próxima do fascismo na Europa – derrocada essa que o Exército Brasileiro estava contribuindo com uma Força Expedicionária. Vargas, mesmo se preparando para uma atmosfera que seria criada por uma vitória aliada, não obteve o sucesso esperado. A vitória dos aliados revelavam uma incoerência: o Brasil entrou na guerra para combater o autoritarismo, mas vivia numa ditadura, sendo Vargas forçado a deixar o Governo.

Segundo Pandolfi (2015, p. 43), quando da queda do Estado Novo, Agamenon recebeu ironicamente o apelido de “China Gordo”, em poema de Manuel Bandeira. O poeta revidava todas as perseguições sofridas pelos intelectuais do estado, incluindo Gilberto Freyre. Fonseca (1987, p. 243 apud Silvia Cortez, 2010, p. 8), nos informa que entre os anos de 1937 e 1945, Gilberto Freyre viveu tempos mais que sombrios, pois Agamenon moveu insidiosa campanha difamatória contra o escritor na esperança de tornar seu ar no Recife irrespirável. Não satisfeito chegou a prender, em 1942, Freyre e seu pai, em represália a um artigo publicado no Rio de Janeiro, no qual Gilberto denunciava atividades nazistas e racistas no Brasil.

O jornalista Andrade Lima Filho (1976, p.31-32) discorre sobre essas questões, informando que intelectuais, professores, cientistas, poetas, não escaparam às suas garras de Agamenon. O apelido “China Gordo”, posto por Manuel Bandeira, num poema de circunstância, “Balordo, China Gordo”, era irônico. Mas balordo? O que é balordo? Homem bronco, imbecil. E isso Agamenon estava longe de ser. Mas Bandeira vingava. Vingava Ulisses Pernambucano, Aníbal Fernandes, Samuel Campelo. Vingava, enfim, toda uma *intelligentsia* oprimida durante a longa noite estado-novista. Com prisão. Com exílio. Com recessão de atividade.

Antes mesmo da derrocada do Estado Novo, a pressão popular já resultava em efeitos concretos: o Partido Comunista Brasileiro (PCB) saiu da clandestinidade. Além da atuação deste, outros partidos foram criados: o Partido Social Democrata (PDS), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e a União Democrática Nacional (UDN). Andrade (1997, p. 367) afirma que, em grande parte devido aos estudantes e amigos, Freyre foi encorajado a entrar na política, já em 1944.

Num de seus espaços de sociabilidade, o *Bar Savoy*, Freyre foi recebido num clima semiclandestino para um almoço de incentivo a sua candidatura de deputado federal, o que, aliado a suas convicções, surtiu efeito conforme apontam Burke; Pallares-Burke (2009, p. 177): Freyre, em 1945, fez campanha para a Câmara dos Deputados da Assembleia Constituinte como membro da União Democrática Nacional .

1.8 – Da Câmara de deputados ao Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais

Em dezembro de 1945, novas eleições foram realizadas no Brasil. No âmbito Federal, venceu um político indicado por Vargas, o general Eurico Gaspar Dutra. Pernambuco elegeu para governador do estado Barbosa Lima Sobrinho e um grupo de deputados que, em 1946, se

transformaria numa Assembleia Constituinte. Dentre eles, Gilberto Freyre. O furor causado na campanha não acompanhou o deputado Gilberto Freyre no seu mandato:

Apesar de os opositores de Freyre referirem-se a ele como um Antônio Conselheiro ou um bolchevista, seus discursos no Congresso não foram nada incendiários, não obstante ter falado de redemocratização do Brasil, de reforma agrária, de preconceitos de raça, de museus, de livros de crianças e outros tópicos. Ele não pode ser considerado nem mesmo um bom membro de partido [...]. Freyre certamente estava correto ao descrever a si mesmo como apartidário, ao contrário de contemporâneos de esquerda como Caio Prado Jr., Sérgio Buarque e, na geração seguinte, Antônio Cândido. (BURKE; PALLARES-BURKE, 2009, p. 179).

Para Hélio (2000, p. 89), o discurso freyriano, no início, passa do literário para científico, e do científico para o político. A partir da década de quarenta, apesar do recrudescimento do discurso político, sua atuação direta no campo partidário arrefeceu. Da atuação de Gilberto Freyre como deputado, o seu fruto mais importante foi à criação do *Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais* – atual Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).

Nas eleições de 1950, ele não conseguiria se reeleger. Freyre saiu da cena política oficial, não mais voltando a candidatar-se. Nos anos seguintes, priorizou afazeres intelectuais, e, em especial, suas atribuições para o desenvolvimento da FUNDAJ. Nos bastidores continuou como uma voz do conservadorismo, seja ele brasileiro ou estrangeiro – como no caso da cooperação ao regime Salazarista. Ainda segundo Hélio (2000, p. 91), “conservadorismo, às vezes, convenientemente anárquico.”⁴².

Para Freyre, as eleições de 1950 simbolizaram sua despedida da Câmara dos Deputados. Contudo, na esfera Federal há o retorno de Vargas e seus aliados. Conforme Skidmore (1982, p. 110), o ex-ditador correspondera ao apelo político como democrata, vingando-se com uma eleição livre para a presidência. Em Pernambuco, Agamenon Magalhães volta para o governo.

Conforme Pandolfi (2015, p. 44), Agamenon volta ao poder pelo voto, sendo eleito governador de Pernambuco, filiado ao PSD, vencendo o candidato udenista e usineiro João Cleofas. Durante a campanha, Agamenon rompeu politicamente com Getúlio Vargas, então candidato à presidência da República na legenda PSP-PTB. Agamenon, permanecendo fiel ao

⁴² Segundo Burke e Pallares Burke (2008), que Freyre ficou mais conservador ao envelhecer parece claro, difícil negar. Mas convém lembrar que as atitudes políticas de Freyre nunca foram simples. Ele algumas vezes descrevia a si mesmo como “anarquista”. Em entrevista concedida ao repórter Ricardo Noblat, para a revista *Playboy*, quando interrogado sobre se considerar reacionário, Freyre responde: “Eu me considero um anarquista construtivo” (FREYRE, 1980, apud COUTINHO, 1994, P. 100).

PSD, apoiou nessa eleição Cristiano Machado. Em contrapartida, Vargas, em Pernambuco, deu seu apoio ao candidato João Cleofas de Oliveira, da UDN.

Levando em consideração a capital pernambucana, podemos dizer que Vargas sobressaiu-se a Agamenon: a diferença de votos obtidos por Getúlio Vargas (57.451 votos – primeiro lugar no Recife) para Cristiano Machado (3.645 votos – terceiro lugar no Recife) foi imensa. Já Agamenon (39.467 votos – segundo lugar no Recife) teve uma votação inferior ao adversário João Cleofas (42.567 votos – primeiro lugar no Recife)⁴³.

No plano internacional, os Estados Unidos e a União Soviética, superpotências arautos do capitalismo e do socialismo, respectivamente, disputavam áreas de influência no mundo, objetivando a conquista de uma supremacia, militar, econômica, política e cultural. Era o início da “Guerra Fria”⁴⁴.

Como visto anteriormente, durante seu período como deputado, Freyre aprovou um projeto para a fundação de um instituto para estudar problemas relativos ao Nordeste, o Instituto Joaquim Nabuco. Conforme Burke e Pallares-Burke (2009, p. 182), o instituto foi planejado como organização interdisciplinar, independente das universidades, voltado para a antropologia, para o folclore e para a sociologia da região, incluindo um museu da cultura cotidiana do Nordeste. A socióloga Simone Meucci (2010, p. 316) nos informa que, por meio da fundação do Instituto, Freyre garantiu recursos para o desenvolvimento de seus projetos intelectuais com maior autonomia que no meio universitário.

No âmbito nacional, a popularidade de Vargas esbarrava em diversos problemas. Um dos mais sérios era a inflação galopante, força motriz para um alto custo de vida e que teve por consequência uma reação do operariado (promoção de greves e paralisações pelo país). No âmbito estadual, visto o aumento do açúcar no pós-guerra, a área produtora de cana-de-açúcar se expandira por porções marginais à região da Mata, provocando expulsão de produtores rendeiros e parceiros de seus sítios.

As reações desse cerco ao pequeno trabalhador rural dão origem à formação das Ligas Camponesas, lideradas por Francisco Julião, advogado, literato e posteriormente deputado

⁴³ Os dados das eleições presidenciais e estaduais na capital pernambucana de 1950, são citados por Pandolfi (2015, p. 170 -1973 apud TRE).

⁴⁴ A expressão “Guerra Fria”, se baseia numa premissa básica: a partir do fim da II Guerra Mundial e particularmente a partir de 1949, tamanho era o poderio militar (nuclear) dos EUA e da União Soviética, que evitavam se destruir, passando a se chocar diplomaticamente e em locais onde não haveria risco de confronto nuclear. Esta seria a equação básica para as relações internacionais e na medida em que o conflito EUA x URSS é ideológico e de aniquilação mútua, o mundo teria que se posicionar entre u e outro, formando áreas de influência e blocos diplomáticos. (RODRIGUES, 1986, p.5)

federal. O brasilianista Joseph Page (1972, p. 63) enfoca que as Ligas podem ter se beneficiado pelo despertar dos intelectuais e dos elementos da classe média, possuidores de consciência social, para a situação desesperadora do interior nordestino e para a necessidade urgente de uma reforma agrária.

Entre agosto e setembro de 1955, os intelectuais da ala de esquerda patrocinaram um “congresso para a salvação do Nordeste”, no Recife, e também o *I Congresso Camponês de Pernambuco*. Conforme o historiador Pablo Porfírio (2016, p. 56), este congresso foi presidido pelo então deputado federal Josué de Castro e contou com a presença de três mil camponeses. Deste resultou a eleição de José Ayres dos Prazeres, como presidente das Ligas, e uma marcha pelas principais ruas do Recife.

A fome, tema tão bem abordado por Josué de Castro, a proximidade com vanguardas comunistas de outros países, de Francisco Julião, interlocutor do estado de infortúnio que vivia boa parte dos pequenos camponeses nordestinos, chegou a ter repercussões tanto nacionais quanto internacionais – inclusive, entre os países envolvidos com a Guerra Fria, causando preocupações, sobretudo, nos Estados Unidos.

Freyre, após ficar sem cargo político, foi financiado pela ditadura Salazarista para refletir sobre a legitimação da ação colonizadora portuguesa, a partir do “lusotropicalismo”, que, segundo Meucci (2010, p. 335), funcionaria como uma *terceira via*, ou seja, para a autora, Freyre apresentou aguda consciência de mundo e em certa medida diz que a ideia de civilização lusotropical aparece como uma expressão conservadora alternativa à bipolaridade da Guerra Fria.

Meucci, ainda nos aponta que:

O principal argumento do lusotropicalismo é a afirmação da existência de um complexo *social, ecológico e de cultura* que compreende Portugal, seus territórios ultramarinos e suas ex-colônias, inclusive o Brasil. Para Freyre, nas áreas de influência do Império português – tanto na Europa, América, África e Ásia – há enorme diversidade nas formas de vida, economia e geografia. Essa Diversidade é, não obstante, unificada pelo clima tropical e pela prática de um modo de dominação que é radicalmente distinto do domínio militar exercido pelas principais potências europeias. A eficácia dessa forma de dominação é que permitiu a constituição de uma *civilização lusotropical* durante a ação colonizadora portuguesa. (MEUCI, 2010, p. 320).

Burke e Pallares Burke (2008, p. 255) afirmam que Freyre não foi um grande inventor de novos conceitos. Para tais autores, esse paradigma é quebrado com a infeliz exceção do lusotropicalismo, em outras palavras, a ideia de que os portugueses eram mais adaptáveis e, por isso, colonizadores mais bem-sucedidos que seus rivais europeus. Sobre o luso-

tropicalismo os autores ainda reiteram que dessa “quase-teoria” de Freyre, se retirado o termo “lusu”, utilizado para legitimar as pretensões de Salazar, o “tropicalismo” ainda merece ser levado a sério.

Rezende (2000, p. 67-71) reflete que o Recife de meados dos anos 1950 parecia atrativo. Muita gente abandonou o campo e mudou-se para a capital esperando usufruir de alguma prosperidade. Nesse período, a população chegava a meio milhão de habitantes. A cidade passara, desde os tempos do Estado Novo, a contar com edifícios ligados à máquina governamental e com a Avenida Guararapes como cartão postal.

Isso representou, num só tempo, a consolidação de uma nova expressão arquitetônica e a inovação de uma proposta urbanística que, através de legislação, modelou a arquitetura – criando passeios públicos cobertos e um gabarito uniforme – e se constituiu num conjunto de forte apelo monumental. É um precioso registro impresso na paisagem, sintetizando uma imagem idealizada de cidade.

Afora idealizações, num clima de tensão, assombrada pela morte do Governador Agamenon Magalhães e pelos ecos do suicídio do presidente Vargas, a cidade não comportava tantos sonhos. A economia não absorvia tanta mão de obra e, conseqüentemente, crescia o contingente de excluídos. Quem não tinha onde morar construía um barraco no subúrbio, nos morros, nos alagados. Em meio à tamanha fartura de acontecimentos, em 1955, Freyre publicou o livro *Assombrações do Recife Velho*.

Capítulo 2 - Nos domínios d'Assombrações do Recife Velho

[...] Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a casa de meu avô. (BANDEIRA, 1986, p. 107)

2.1 - A propósito da imprensa na década de 1920

No início do Brasil republicano, a imprensa era alvo de muitas atenções. No âmbito da vigilância, sobretudo, a governamental, em princípio os jornais mais cerceados eram os que se mantinham fiéis ao ideário monarquista. Consolidada a República, esse cerceamento se vinculou a outras querelas, como, por exemplo, o combate à divulgação dos movimentos do operariado.

Em relação à parte técnica, conforme a *Associação Nacional de Jornais* (2018, p. 1) foi na década de 1920, talvez pela iminente concorrência do rádio⁴⁵, que os principais periódicos brasileiros deram um salto qualitativo. Data dessa época a introdução de máquinas de escrever na redação e na área administrativa, de linotipos para acelerar a composição, e de rotativas que permitiram aumentar as tiragens e melhorar a qualidade da impressão.

Apesar dos avanços técnicos, no campo das ideias o progresso parecia ser refreado com vigor inversamente proporcional: a manutenção dos privilégios oligárquicos tinha nesses principais jornais predominância, ecos, tentativas de manipulação. Mesmo surgindo periódicos que eram porta-vozes das lutas políticas em prol dos trabalhadores, os grupos dominantes encontravam maneiras de se resguardar e, como de costume, com o aval dos representantes do governo.

O Recife também foi palco de algumas dessas lutas nas quais autoridades e imprensa, comumente, entraram em contenda. O historiador Nelson Werneck Sodré (1999, p. 351) nos informa que no ano de 1921, quando o país vivia a tensão de uma conturbada sucessão presidencial⁴⁶ foi fundado o *Diário do Povo* (PE)⁴⁷. Em maio do ano seguinte, militares que

⁴⁵ Segundo Lia Calabre de Azevedo (2002), o rádio surgiu oficialmente no Brasil na década de 1920 - mais precisamente em 1922, na Exposição Nacional, preparada para os festejos do Centenário de Independência Brasileira. A autora enfatiza que só no ano seguinte, isto é, em 1923, a primeira estação de rádio iniciou suas atividades.

⁴⁶ Em fins do governo do presidente Epitácio Pessoa, as oligarquias de alguns estados, incluindo Pernambuco, discordaram da indicação de Artur Bernardes à presidência e lançaram como candidato Nilo Peçanha. Bernardes saiu vencedor do pleito.

cercaram a capital pernambucana com o intuito de intervir em movimentações populares, atacaram a redação desse novo órgão à bala, em retaliação às suas tomadas de posição política, incluindo polêmicas com jornais alinhados ao governo. Retaliados também foram o *Diario de Pernambuco* e o *Jornal do Recife*⁴⁸, cujas circulações foram suspensas. Por sua vez, os órgãos governistas *A Província* e o *Jornal do Commercio*⁴⁹ receberam garantias militares para circular.

Na década de 1920, no Recife, formava-se uma camada média importante na discussão intelectual e com participação na imprensa. Para Sodré (1999, p. 356), era a pequena burguesia urbana que constituía a vanguarda política e essa mesma camada social compunha a maioria do público dos jornais e revistas. Na capital pernambucana, como aponta Rezende (2000, p. 52-53), era significativa a quantidade de jornais que circularam nessa época, com destaque para *A Província*, *Diario de Pernambuco*, *Jornal do Commercio*, *Jornal do Recife* e *Jornal Pequeno*. O mesmo ocorre com relação às revistas: *Mauricéia*, *A pilhéria*, *Revista do Norte*, *Revista Raça* e *Revista de Pernambuco*.

Ainda segundo Rezende (2000, p. 50-51), na década de 1920, o Recife acomodava uma variedade de invenções modernas. Os periódicos divulgavam em suas páginas algumas dessas sofisticções, além de preocupações típicas de propagandas governamentais, como a urbanização e os serviços de higienização e a reforma educacional. A elite intelectual, costumeiramente situada na burguesia de origem agrária, numa via de mão dupla, influía nos jornais e era por eles influenciada. Nesse liame, os principais colaboradores dos jornais vinham da burguesia.

É importante frisar que na primeira metade do século XX, afirma a historiadora Angela de Castro Gomes (1999, p. 46), os jornais e revistas constituíam os novos “salões” que tornavam os homens de letras que neles escreviam conhecidos para um público mais amplo, além de funcionarem como uma fonte de renda. Os jornais ofereciam uma porta de entrada

⁴⁷ *Diário do Povo (PE)* – Periódico que começou a circular nas ruas do Recife a 13 de setembro de 1921, fundado e dirigido por Raul Azevedo e Joaquim Pimenta. Sodré (1999, p. 356)

⁴⁸ *Jornal do Recife*: iniciado em 1859 sob a direção de José de Vasconcelos como revista semanal de Ciências letras e artes em 1859, passa a veicular duas edições diárias – diurna e vespertina – em 1916. Nascimento (1966, p. 94-144)

⁴⁹ *Jornal do Commercio (PE)* – Diário da manhã, dedicado aos interesses das classes conservadoras e do Estado em geral, começou a circular no dia 3 de abril de 1919. Apareceu com doze páginas grandes. Propriedade de João Pessoa de Queiroz; diretor – Salomão Filgueira; redator–chefe - Odilon Nestor. Redação e Oficina na rua 15 de Novembro (atual do Imperador Pedro II – Recife/PE) nº 295. Nascimento (1967, p. 143)

para o mercado do trabalho intelectual, uma profissionalização que ampliava os contatos e, com frequência, a possibilidade de alcançar posições mais elevadas na escala política e social.

Para aqueles que dispunham de uma posição social privilegiada, os jornais serviam como empreendimento e veículo de difusão de ideias de prestígio. Mesmo os intelectuais menos abastados faziam grandes esforços para comprar ou mesmo criar seus próprios jornais, pois estes eram ao mesmo tempo uma fonte de renda e uma tribuna, o lugar onde se iniciava uma carreira, mas também um lugar de consagração e de difusão sistemática da produção intelectual.

É importante salientar que é somente após a década de 1930 que o número de editoras aumentou sensivelmente. Antes desse período, publicar um livro no Brasil não era fácil. Frequentemente, os autores financiavam suas publicações em editoras europeias, os menos abastados utilizavam sua influência na burocracia estatal, e outros, ainda, partiam em busca de mecenas para obter financiamento.

Esperava-se que o jornalismo exercesse um papel fundamental na formação da opinião pública. Consequentemente era uma atividade considerada essencial e paralela à política propriamente dita. A ausência de opinião pública no Brasil seria, segundo as críticas feitas desde o final do século XIX, culpa dos jornalistas, considerados oportunistas e acusados de não cumprirem seus papéis.

Eram numerosos os intelectuais que pensavam que era a existência de uma opinião pública que tornava possível o bom funcionamento do sistema representativo, por causa do peso que ela exercia nas tomadas de decisões. Enfim, a participação nos jornais e revistas não era apenas uma estratégia de ascensão social e intelectual. Na ausência de rádio ou televisão, a imprensa escrita era o único lugar por onde as ideias circulavam. Esses órgãos alavancavam socialmente alguns escritores e hierarquizavam certos temas, o que fazia com que, para um intelectual, a participação em um jornal fosse vital.

Gilberto Freyre começou a escrever em jornais ainda muito jovem. Dos Estados Unidos, onde fora estudar aos 18 anos e de onde voltaria quatro anos depois, ele assinava a coluna *Outra América*, no *Diário de Pernambuco*. Com o seu retorno ao Brasil, essa colaboração se intensificou. Para Meneses (1991, p. 47-48), o biênio 1925-1926 foi crucial para a consolidação de Freyre como jornalista de grande porte: após ficar encarregado pela direção do *Diário de Pernambuco* e de organizar o livro comemorativo do 1º centenário do

periódico, *O Livro do Nordeste*⁵⁰ (1925), retornou aos Estados Unidos, dessa vez como delegado do DP no congresso Pan-Americano de Imprensa:

Pé no estribo: sigo para os Estados Unidos a fim de representar o *Diario de Pernambuco* no grande Congresso Pan-Americano de Imprensa. Seguem do Brasil: Medeiros e Albuquerque, Cícero Peregrino, Carlos Dias Fernandes, Rangel Pestana, Paulo Hasslocher. [...] Notícia no *Diario de Pernambuco* em destaque, terceira página bem no alto. Excepcionalmente elogiosa. Põe nas nuvens “o Dr. Gilberto Freyre”. Identifico o autor: Carlos Lyra Filho. Pois dos redatores, eu conseguiria que não me chamassem de doutor. C.L.F. é intransigente nesse ponto (FREYRE, 2006, p. 269-270).

Pouco após a estada nesse congresso pan-americano, Freyre, aos 26 anos de idade, recebe a chefia da redação do *Diario de Pernambuco*, “naquela fase de propriedade de [...] Carlos de Lyra Filho, Carlito, filho do todo-poderoso senhor de Serra Grande, das primeiras e maiores usinas de açúcar nordestinas [...]” (CHACON, 1993, p. 199). Ainda em 1926, assume o cargo de oficial de gabinete do governador Estácio Coimbra.

2.1.2– Freyre n’A *Província*

No ano de 1928, a pedido do governador Estácio Coimbra, então proprietário d’A *Província*, Freyre se tornou diretor desse jornal. Conforme Meneses (1991, p. 67), o escritor, ao assumir o posto, imediatamente contratou colaboradores que marcariam história na cultura brasileira. Hélio (2000, p. 70) nos informa que, nessa época, o autor pernambucano pretendeu inovar no jornalismo: determinou que n’A *Província* se usasse uma linguagem objetiva e clara, em conformidade com regras de sua autoria. Assim, Freyre, indiretamente redigiu o “primeiro” manual de redação do país.

Sobre sua a redação e estilo em A *Província*, Freyre diria:

Todo meu empenho é fazer d’A *Província* um jornal diferente dos outros e fiel à sua condição de jornal de província. Autêntico. Honesto. Com a colaboração de alguns dos melhores talentos modernos do Rio de Janeiro e de São Paulo. [...] Já tenho assegurada a colaboração de Manuel Bandeira e de Prudente de Moraes Neto: os dois ‘modernistas’ da minha mais pura admiração. Também a de José Américo de Almeida, a de Pontes de Miranda, a de Jorge de Lima, a de Barbosa Lima Sobrinho [...] Um dos meus empenhos é dar ao noticiário e às reportagens um novo sabor, um novo estilo: muita simplicidade de palavra; muita exatidão, algum pitoresco. Isto é que é importante num jornal. E nada de bizantinismo. Nada de dizer “progenitor” em vez de pai, nem “genitora” em vez de mãe. Já preguei no *placard* um papel em que se proíbe que se empreguem no noticiário não só essas palavras pedantes em vez das genuínas, como “estimável”, “abastado”, “onomástico”, “deflui”, “transflui”, etc. (FREYRE, 2006, p. 319).

⁵⁰ *O livro do Nordeste* aparece com interessante colaboração e *ilustrações* do pintor M. Bandeira, além do poema *Evocação do Recife* do poeta Manuel Bandeira– de onde os versos da epígrafe inicial deste capítulo são transcritos.

O jornalista Júlio Belo (1928 apud NASCIMENTO, 1966, p. 232) afirmou que:

Gilberto Freyre teve que pregar na parede da sala de trabalho uma espécie de dicionário de sinônimos ao inverso, isto é, do termo difícil para o fácil. *Pai é pai*, não progenitor; *morrer é morrer* e não *desaparecer objetivamente*; *estar doente é estar doente* e não *acamar*. Incêndio excusa o *pavoroso*, industrial o *empreendedor*, negociante o *honrado* e advogado o *ilustre causídico do nosso foro e que tais...*

A *Província*, sem dúvidas, não foi um mero jornal pernambucano. Fundado pelo abolicionista José Mariano, sua história está vinculada às articulações políticas presentes no final do período imperial brasileiro. O historiador Tadeu Sales (2013, p. 36-37) evidencia que o capital inicial para a circulação do periódico provinha da fortuna acumulada dos espólios da família do fundador. Esse jornal, que prezava por princípios liberais, teve o seu primeiro número saído em 6 de setembro de 1872. Percebemos uma riqueza de detalhes sobre a gênese d'A *Província* no livro *História da Imprensa de Pernambuco (1966)*, do jornalista Luiz do Nascimento:

A PROVÍNCIA – Órgão do Partido Liberal - começou a publicar-se no dia 6 de setembro de 1872, em formato de 45 x29, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor - José Mariano Carneiro da Cunha; redatores – Antônio José da Costa Ribeiro [...]; gerente – Minervino Augusto de Sousa Leão. [...] Impresso na Tipografia do Comércio, à Rua do Queimado (atual Duque de Caxias), nº 50, tinha escritório e redação na Rua Larga do Rosário. Preço do número avulso: nas mãos do distribuidor – 160 réis; na tipografia – 120 réis. Aceitava-se colaboração e agradecia-a. [...] Constava no artigo-programa: Esta folha será quanto possível doutrinária [...] Ajudem-nos [...] e A *Província* achará um lugar na história do Partido Liberal em Pernambuco. [...] Sem anúncio de espécie alguma, seguiu-se a publicação, trazendo suas quatro páginas repletas de artigos e notas políticas, alguma literatura, noticiário local, de outros Estados e do Exterior [...] Em seu último número do ano, que saiu a 24 de dezembro, com seis páginas, lia-se que A *Província* tinha uma tiragem de 1.200 exemplares, contando com mais de 1.100 assinantes, o que se achava “singular na história do jornalismo de Pernambuco”, esperando ainda ampliá-la (NASCIMENTO, 1966, p. 174-175).

Sobre o início do século XX, aponta Sodré (1999, p. 324-325) que A *Província*, agora sob o comando de Manuel Caetano, Baltazar Pereira e Gonçalves Maia, era órgão de oposição à oligarquia Rosa e Silva. Essa influente oligarquia estava à frente do *Diário de Pernambuco* - Rosa e Silva Júnior era o diretor do jornal. O jornalista Mário Melo (1918 apud Nascimento 1966) pontuou que A *Província*, durante muito tempo, foi o jornal mais bem redigido de Pernambuco e o que mais bem orientava a opinião pública, tendo entre seus redatores e colaboradores as mais hábeis penas.

Com o passar dos anos, além da modernização da tipografia, o jornal começou, de quando em quando, amenizar a aridez política, e publicar sonetos célebres ou de poetas locais e a seção dominical *Contos d'A Província*. Nascimento (1966, p. 230) destaca que em meados dos anos 1920, com certa afabilidade, A *Província* dedicou quatro páginas ao noticiário de um

banquete oferecido a Estácio Coimbra, então candidato ao governo de Pernambuco. Coimbra ganhou as eleições e durante seu mandato se tornou dono do Jornal.

Sem interromper-se a circulação, a nova e importante fase d'A *Província* foi iniciada em 1928, assumindo a direção os jornalistas Gilberto Freyre e José Maria Belo, tendo como redator-secretário Olívio Montenegro. Ainda segundo Nascimento (1966, p. 231), lia-se na definição dos novos dirigentes que *A Província* seria tanto órgão de informação quanto de crítica, ligado pela mais consciente simpatia ao Partido Republicano de Pernambuco.



Figura 3 - Nova diretoria: Freyre e Belo (*A Província*, Recife, 12 jan. 1929).

Em *A Província*, Freyre não só geria como também atuava como redator e caricaturista, muitas das vezes com pseudônimos: *J. J. Gomes Sampaio*, *Esmeraldino Olímpio*, *Antônio Ricardo*, *Le Moine*, *J. Rialto*, dentre outros, enumerados no catálogo da exposição *Gil: Gilberto Freyre - vida forma e cor*⁵¹ (CEF, 2016, p. 71). Conforme Burke e Pallares Burke (2009, p.157): “Durante seu período como editor de *A Província*, ele escreveu vários artigos para aquele jornal (o número é impossível de calcular, pois ele não somente usava pseudônimos como os dividia com outros escritores).”

⁵¹ CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. Gil: Gilberto Freyre, Vida Forma e Cor. Catálogo. Recife: CFE, 2016. A exposição ocorreu entre 22 março a 8 de maio de 2016 na Caixa Cultural, Recife- PE

O Próprio Freyre (2006, p. 323) comenta essas iniciativas em seu diário particular datado de 1929: “Já fiz n’A *Província* algumas das coisas que desejava fazer. Seu noticiário é hoje o mais exato, o melhor da imprensa do Recife, e talvez, do Brasil. Inclusive reportagens. Eu próprio tenho feito, sem nunca assinar.” Freyre (2006, p.323) ainda pontuou que, no Brasil, o jornal tinha que ser um misto de diário, semanário e até magazine. Segundo Nascimento (1966, p. 232-23), em *A Província* se alternavam as seções *Pernambuco Econômico*, *O Momento internacional*, *Os contos d’A Província*, *Vida Acadêmica*, *Musical*, *A moda feminina*, *Cinema e Nos outros jornais*.

Em continuidade, Nascimento enfoca a relação d’A *Província* com as *Assombrações*, ao mencionar as crônicas fantasiosas, sobre um tal *Macobeba*, um bicho horroroso, que estava aparecendo nas praias do sul de Pernambuco, ilustradas com desenho caricatural por M. Bandeira e assinadas por Zé Matias (pseudônimo de Júlio Belo). Além disso, o mesmo Nascimento destaca que, sob a batuta de Freyre, inicia-se uma série de reportagens envolvendo o sobrenatural recifense, assinada por Oscar Melo.

Procuraremos analisar essa série histórica sobre *Assombrações*, publicada em *A Província*, visto que a consideramos como o embrião do livro. Freyre indica essa gênese no prefácio à primeira edição de *Assombrações do Recife Velho*, datado em 1951:

Não é de hoje que o assunto interessa ao autor. Em 1929, dirigia ele o velho jornal *A Província*, do Recife – o antigo, bravo e bom jornal de José Mariano e José Maria, de Joaquim Nabuco e Carneiro Vilela -, quando fui uma noite procurado por sisudo morador de sobrado de São José: homem que há meio século era assinante daquele diário liberal. Que conhecera Nabuco. Que fora companheiro de luta de José Mariano e de Maciel Pinheiro. Que seguira devotamente todos os folhetins de Carneiro Vilela. Que continuava amigo de Manuel Caetano: sobrevivente dos dias mais combativos do Jornal. O que o bom homem desejava do novo diretor do jornal era simplesmente que este insignificante mortal conseguisse do então chefe de polícia que acabasse com as assombrações na casa de São José [...]. O diretor d’A *Província* tinha diante de si, naquela noite de 1929, um cidadão igualmente honrado que, acreditando em espíritos maus e zombeteiros, acreditava ao mesmo tempo em solução policial para assombrações da sua casa. [...] O Diretor d’A *Província* teve a ideia de encarregar o repórter policial do jornal que era Oscar Melo, de vasculhar nos arquivos e nas tradições policiais da cidade o que houvesse de mais interessante sobre o assunto: casas mal-assombradas e casos de assombração. [...] Aquelas reportagens, *A Província* organizou-as [...] como pequena contribuição à história íntima da cidade e da *Província*. (FREYRE, 2008, p. 28-29).

Algumas ideias desenvolvidas por Freyre durante a década de 1920 anteciparam ao que consideramos como embrião de *Assombrações do Recife Velho*, isto é, uma série dominical denominada *Nos domínios do sobrenatural*, publicada no jornal *A Província*, no ano de 1929. Conforme Freyre (2016), no congresso Regionalista de 1926, o assunto já tinha

sido alvo de suas sugestões para a solidificação de uma identidade recifense, com uma *casa de horrores* local, como aparece na 17ª seção do Manifesto Regionalista:

XVII - MAS NEM TUDO ESTÁ PERDIDO APENAS AMEAÇADO

[...] O ideal seria que o Recife tivesse seu restaurante regional, onde se cultivassem a doçaria e a culinária antiga, no meio de mata também antiga e regional como a de Dois Irmãos [...]. E perto do restaurante não haveria mal nenhum em se instalar além de uma botica onde só se vendesse remédio da flora regional ou brasileira [...], uma loja de brinquedos e objetos de arte regional e popular [...]. Nem mal nenhum haveria em que funcionasse perto do restaurante um mamulengo e, nos dias de festa, um bumba-meu-boi ou um pastoril. Nem mesmo em que houvesse “casa de horrores”, onde os horrores em vez de ser europeus, como nos parques de diversão comum, fossem o Cabeleira, a Cabra Cabriola, o Bicho Carrapatu apresentados de tal modo que não perturbassem a digestão de ninguém, mas divertissem grandes e pequenos. (FREYRE, 2016, p. 68 – 69).

Até mesmo antes do referido congresso, os mal-assombrados eram inseridos no contexto de ensaios jornalísticos, quando o jovem Freyre refletia sobre a necessidade da convivência entre modernidade e tradição. Em um artigo publicado no *Diário de Pernambuco*, em 1924, o autor sugere à Prefeitura do Recife que parassem de modificar, sem justificativas plausíveis, nomes emblemáticos de ruas:

Os velhos nomes têm o que os novos e improvisados não podem ter: raízes. Raízes que às vezes os prendem a tradições e história de mal-assombrado, como a da rua que se chamou de Encantamento; e o Chora Menino [...]. A Rua do Encantamento ficou assim chamada por causa da aventura extraordinária dum frade em certo sobrado antigo e mal-assombrado. Uma noite, entrando o frade no sobrado, atrás de uma mulher bonita, “quando ambos estavam assentados e juntos – são palavras dum cronista – aquela desaparece, e no centro da sala vê ele um esquife em que reconhece a beleza que viva estivera pouco antes ao seu lado”. Parece um conto de Hoffman. O nome Chora Menino está ligado à “Setembrizada” (1831). Durante o saque da cidade pelos soldados, referem os cronistas que muito foi o sangue que correu. Não havia a menor cerimônia em matar e roubar. E grande número de vítimas foram sepultadas naquela campina perto dum sítio do português chamado poeticamente “o Modego”. E os que a alta noite passavam pela campina ouviam sempre choro de menino – que era, por certo, o choro dos inocentes ali sepultados. (*Diário de Pernambuco*, Recife 21 set. 1924).

Como visto acima, Freyre recorreu à leitura de escritos de alguns cronistas do Império para aprofundar seu conhecimento sobre determinadas assombrações recifenses. Posteriormente, os utilizou como fontes diretas e discorreu livremente sobre o assunto. Em 1929, no seu diário particular, Freyre (2006, p. 323) aponta que as queixas contra espíritos desordeiros, denúncias contra ruídos de alma penada e demais pedidos realizados à polícia para se resolver questões do insólito foi material que mandou Oscar Melo colher nos arquivos da polícia, para o que obteve todas as facilidades de Eurico Sousa Leão.

No prefácio à primeira edição de *Assombrações do Recife Velho*, Freyre (2008, p.29) ainda ressalta que antes mesmo do repórter policial Oscar Melo trazer as primeiras notas às

suas mãos, ele mesmo, então diretor do jornal, tratou de “reduzi-las de sabor o mais possível popular”, isto é, editar o material de forma a compor a histórias que seduzissem o leitor. Freyre também começou a escrever uma série de artigos para *A Província*, a respeito do assunto, que chegaram a causar certo furor provinciano, sendo a primeira sobre a Cruz do Patrão. Apesar dos meandros, da divisão das reportagens entre Freyre e seus colaboradores (reais ou fictícios), destacamos que a série *Nos domínios do sobrenatural*, que teve texto assinado por Oscar Melo e ilustrações de M. Bandeira.

Sobre Oscar Melo, “a quem o poeta Manuel Bandeira batizara como ‘evocador dos crimes e assombrações’” (NASCIMENTO, 1966, p. 233), o Dr. Octavio Hamilton Tavares Barreto, lente da Faculdade de Direito do Recife e presidente da Câmara dos Deputados, ao prefaciar o primeiro livro de Melo, *Verdades – Impressões de um repórter* (1924) nos aponta que, em princípios da década de 1920, o referido repórter já possuía um trabalho significativo na imprensa. Era visto como um profissional traquejado e moderno, com salvos-condutos em diferentes círculos sociais:

A paixão que tão ardentemente o prende a vida de imprensa, o seu amor à profissão de repórter que com tanta vantagem utiliza os modernos processos adaptados no mundo do jornalismo, a sua operosidade inteligente reunida no trato insinuante que o faz bem recebido em todos os círculos, tudo isso junto é que lhe há de valer e preparar o sucesso que antevejo auspicioso, do seu primeiro livro. [...] São informes despreziosos a respeito dos costumes e peculiaridades da vida da nossa capital. [...] Mas o estilo leve desses escritos, a habilidade com que você, traquejado repórter que é, sabe levar o público a ver e a sentir tudo aquilo que você deseja que ele veja e sinta, são recursos bem seguros de que você soube dispor para empregar e ir enleando os leitores [...]. Quero acreditar que o seu *Verdades* vai constituir um estímulo a novos trabalhadores da imprensa, para que continue a explorar o gênero. E será ainda um forte subsídio a ser aproveitado por quem tiver, daqui por diante, de se entregar a escavações mais aprofundadas sobre as coisas e a gente da nossa linda cidade (BARRETO, 1924. In: MELO, 1924 p. 5).

A habilidade em registrar costumes de forma memorialística e a despreensão acadêmica, marcas da escrita Oscar Melo, era mais uma vez reafirmada na década de 1950, em outro prefácio, elaborado pelo criminologista Dr. Brito Alves, para a 4ª edição do livro *Recife Sangrento* (1936):

Repórter policial dos mais argutos [...], Oscar Melo, que não alimenta preocupações de criminólogo nem disserta a respeito da análise, *in loco*, do fenômeno criminal, teve em mira, somente recordar aos esquecidos e narrar coisas, aspectos, e incidentes de delitos cometidos na capital pernambucana [...], plasmados sem a tortura de estilo literário que o autor não demonstra sofrer [...]. Com essas credenciais está Oscar Melo - velho e moço repórter conhecedor do Recife noturno e das madrugadas sanguinolentas - no caso de ser acreditado nas páginas que o leitor terá ante os olhos (ALVES 1956. In: MELO, 1956. p. 5-6).

Oscar Melo funcionou como uma espécie de interlocutor de Freyre, um repórter de credibilidade para investigar os casos de assombração que causavam certo furor na cidade.

O autor das ilustrações de “Nos domínios do sobrenatural” é o pintor Manoel Bandeira (1900–1964). Segundo o também pintor pernambucano José Cláudio da Silva (1983, p.8), Manoel Bandeira assinava “M. Bandeira” para diferenciá-lo do poeta, seu homônimo. O antropólogo Waldemar Valente (1984, p. 12), além de afirmar que o pintor era especialista em desenho a bico de pena, corroborou com a informação inicial de José Cláudio, ao transcrever um trecho do livro *Crônicas da Província do Brasil* (1937), onde o poeta Manoel Bandeira (1937 apud VALENTE, 1984, p. 20) faz uma colocação elogiosa ao xará: há muita gente que toma como meus os desenhos do meu xará. Quem me dera fossem! Eu não hesitaria um minuto em trocar por meia dúzia de desenhos do meu xará toda a versalhada sentimentalona que fiz.

É no artigo intitulado *O recifense Manoel Bandeira*, publicado no *Diário de Pernambuco*, em 8 de março de 1964, que encontramos comentários de Freyre sobre seu amigo pintor que, apesar de ter nascido em Escada, município localizado na Zona da Mata de Pernambuco, era considerado pelo autor como recifense - talvez porque, nas palavras de Freyre, tudo que fosse recifense era assunto do seu interesse de homem bom e de bom brasileiro. E como desenhista, como pintor, como artista, a maior parte da sua obra admirável teve por tema o Recife.

No mesmo artigo, Freyre aponta a consagração nacional de M. Bandeira e também aponta o fato da coincidência de nomes dos “Bandeira”: foi ilustrando o livro comemorativo do primeiro centenário do *Diário de Pernambuco* que Manoel Bandeira, o pintor, tornou-se de repente o nome nacional. Manuel Bandeira, o poeta, admirado com as excelentes ilustrações do pintor, escreveu em artigo para *A Província* as memoráveis palavras consagradoras: “Xará, o batuta é você!”.

A seguir, exemplos de ilustrações de M. Bandeira para a série *Nos domínios do Sobrenatural*, d’*A Província*:

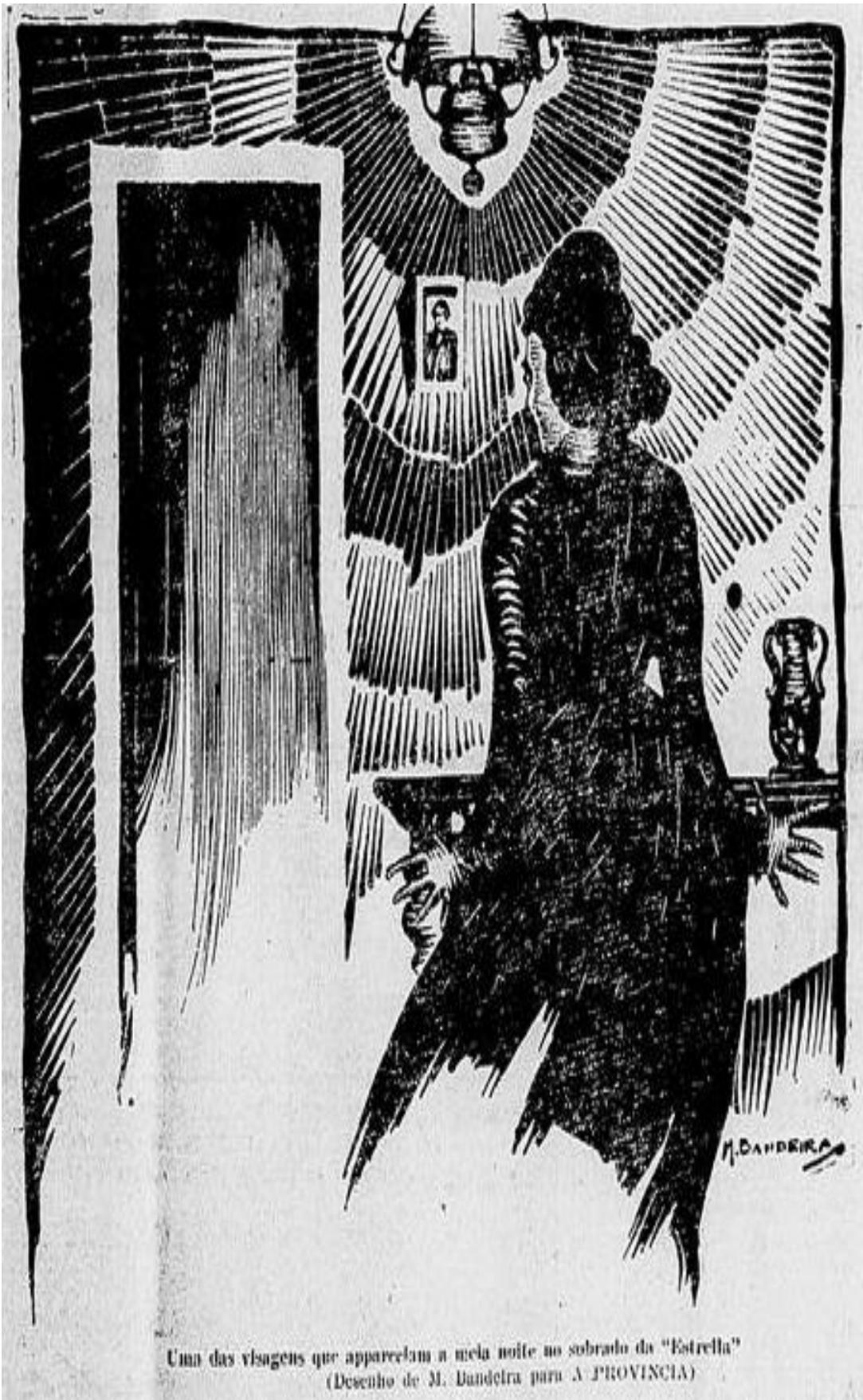


Figura 4 - Uma das visagens do Sobrado da Estrela (*A Província*, Recife, 19 mai. 1929).



Figura 5 - O Sobrado Mal-assombrado da Rua Augusta (*A Província*, Recife, 02. Jun de 1929).

Na referida série, comumente, via-se uma chamada em negrito resumindo o episódio que se contaria naquela seção. O título da história poderia ser inferido a partir da leitura da manchete⁵². As figuras 6 e 7 dialogam, respectivamente, com as figuras 4 e 5:

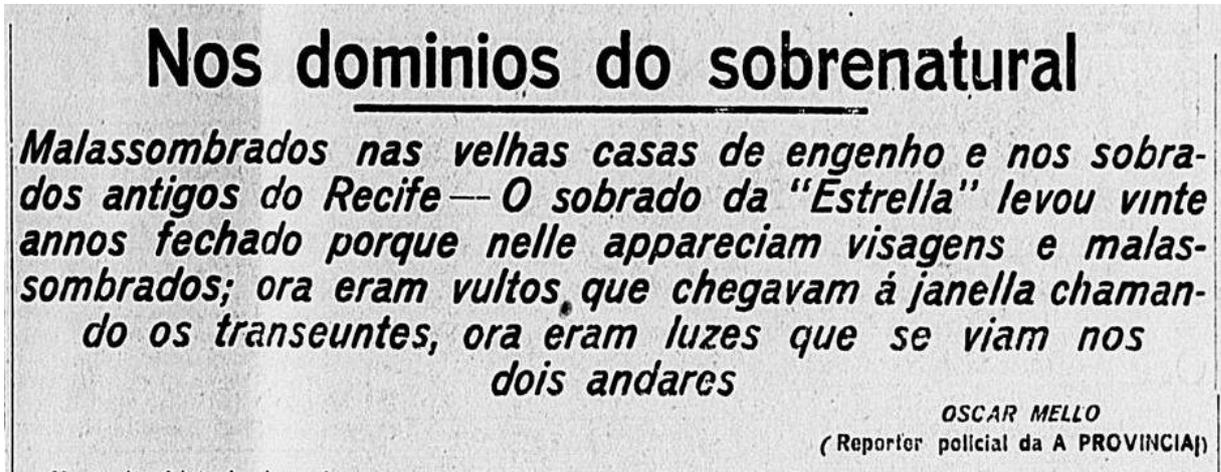


Figura 6 - Manchete da história O Sobrado da Estrela (*A Província*, Recife, 19 mai. 1929).

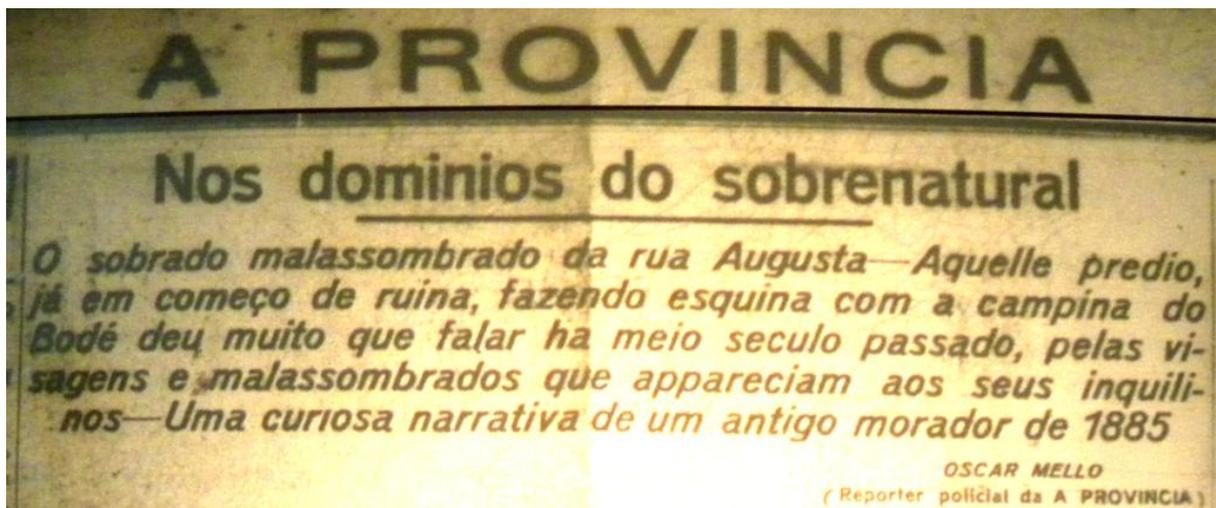


Figura 7 - Manchete da história O Sobrado Mal-assombrado da Rua Augusta (*A Província*, Recife, 19 mai. 1929, p. 11).

Para nossa pesquisa, selecionamos entre alguns exemplares ainda existentes do jornal *A Província*, microfilmados, que localizamos nas sedes da Fundação Joaquim Nabuco⁵³, no Recife. Acreditando tanto que a leitura desse material durante o texto facilitaria à compreensão do trabalho, quanto na relevância das transcrições dessas fontes primárias para

⁵² Dava-se destaque ao título da série *Nos domínios do sobrenatural*, contudo, pelo conteúdo da manchete, podia-se inferir o título do episódio, como nos mostra a fig. 6, fica patente que o título é *O Sobrado da Estrela*.

⁵³ Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). Setor de *microfilmagens*: Centro e Documentação e Estudos da História Brasileira – (Cehibra). Endereço: Rua Dois Irmãos, 92, Apipucos, Recife, PE.

futuras pesquisas, resolvemos apresentar cinco “episódios” de maneira integral durante o texto, como contribuição à história íntima de *Assombrações do Recife Velho* e também, por consequência, do Recife⁵⁴.

Esclarecemos que a *Nos domínios do sobrenatural* trata-se de uma série de reportagens, divididas em histórias com começo meio e fim, nos moldes de um episódio. Pelo que conseguimos apurar, ao todo foram dez episódios, com um período de no mínimo uma semana de distância entre a publicação anterior e a posterior. Outro fato importante é que se tratava de uma série majoritariamente dominical.

A atmosfera da série foi evidenciada pelo repórter d’*A Província*, Oscar Melo (1929, p. 11): relatando haver muita história de mal-assombrado ligado a Pernambuco; velhas casas de engenho onde se diz que em noites de escuro se ouve ruge-ruge de sedas ou passos de danças antigas; igrejinhas de mais de cem anos, como a do sítio da Capela, de onde muita gente tem visto sair à meia-noite uma moça branca montada num burrico tristonho; e antigos sobrados do Recife, onde se acreditava haver dinheiro enterrado e até esqueletos de gente emparedada e, por isso, povoados de visagens e cheios de ruídos estranhos.

Afirmou ainda o repórter que o Recife de velhas igrejas e velhos sobrados, e casinhas de ar mourisco, com janelas em xadrez e velhos telhados por onde em noites de lua se esboças silhuetas de gatos de bruxedo, ainda não perdera de todo o seu ambiente do século passado, quando o feitiço, o sobrenatural, a magia africana misturada à cabala enchiam-no de grandes sombras de romance.

Na culminância da introdução à série, Oscar Melo enfatizara que *Nos domínios do sobrenatural*, apresentaria ao leitor reportagens sobre o Recife atual (1929), reiterando que nem a qual a luz elétrica nem progresso teriam conseguido expulsar de todo as sombras e as visagens e as artes outro mundo:

EPISÓDIO I:

Nos domínios do sobrenatural

No velho prédio mal-assombrado da Rua Augusta, na esquina do Beco do Marisco, à noite, depois que todos dormiam, ouviam-se quedas de móveis, correntes arrastadas pelo soalho, portas se abrindo, só desaparecendo as visagens com a reconstrução do prédio.

⁵⁴ No decorrer da pesquisa, felizmente, houve a digitalização do jornal *A Província*, que se encontra na Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Logo, disponibilizaremos trechos de outros episódios ao longo da dissertação.

OSCAR MELO (Repórter policial de *A Província*)

Existia em São José um prédio que era conhecido como mal-assombrado.

Ficava situado à Rua Coronel Suassuna, antiga Augusta, na esquina do Beco do Marisco. Era de dois andares e sua construção datava de 1865. Tinha de frente ela 6 janelas e no oitão, 8. Conservava-se sempre desocupada em virtude do povo dizer que ali vagavam espíritos. Entretanto, era uma excelente moradia.

O prédio é alugado

Depois de muitos anos do prédio estar fechado, apareceu um pretendente às chaves. Foi o português Belarmino, conhecido por “Berlamino Mouco”. Homem trabalhador e de iniciativa, estabeleceu-se no pavimento térreo, fez sua residência no 2º andar e o 1º procurou sublocar. Os Inquilinos, porém, não apareceram.

As visagens começam a aparecer

Na noite do dia em que Belarmino Mouco foi ocupar o 2º andar do prédio, as pessoas da casa começaram a ver visagens. Durante o dia, segundo diziam, viam vultos entrando e saindo dos quartos. À noite, depois que todos dormiam, ouviam-se quedas de móveis na sala de visitas, correntes arrastadas pelo soalho, portas se abrindo etc. O barulho era de tal maneira que por diversas vezes Belarmino Mouco levantou-se para ver o que havia ocorrido de anormal na casa, encontrando tudo em ordem. Voltava para o seu quarto e quando queria adormecer, o barulho recomeçava.

Um suicídio no prédio

Um dia apareceu morto no 2º andar do prédio um dos empregados de Belarmino Mouco. Foi encontrado enforcado. Tratava-se de um suicídio. A vítima era um rapaz de seus 24 anos de idade, de nome João Teixeira. Não deixou declarações a respeito desse seu ato impensado. Em torno desse caso, fez-se uma grande celeuma. O empregado de Belarmino Mouco era citado pelo povo como uma vítima dos espíritos que vagavam no sobrado.

Belarmino Mouco deixou o sobrado

Alguns dias após esse fato, Belarmino Mouco desocupou o prédio. Dessa data em diante, a vizinhança começou a ver vultos nas janelas do 2º andar. Quando anoitecia, o povo estacionava à frente do prédio. A cada instante, a massa popular promovia gritos dizendo ver um vulto na janela. “É de homem”, afirmavam uns; “É de mulher!”, declaravam outros. E no meio desse alvoroço era jogada areia sobre os curiosos, que diziam ter partido do sobrado mal-assombrado. Davam-se correrias, gritos, etc.

A polícia intervém no caso

Por último, a polícia do 1º Distrito de São José interveio no caso. Era subdelegado local o Sr. Heliodoro Rabelo e ex-despachante Federal.

Numa das noites em que o povo estava aglomerado à frente do prédio, a polícia fez-se presente diante do que afirmavam as numerosas pessoas que ali se achavam. E resolveu violar a porta da escada do prédio e penetrar nele. No 2º lance da escada, jogaram areia sobre os soldados, que desceram precipitadamente, abandonando o sobrado, uns ainda se limpando da areia que receberam, outros pálidos nervosos. O povo, vendo o insucesso da polícia, ficou acreditando ainda mais na existência de visagens no prédio.

As visagens desapareceram com a reconstrução do prédio

Não podendo ter o seu prédio fechado eternamente, o proprietário vendeu-o, sendo ele adaptado a um cinema. Atualmente, porém é uma Igreja Presbiteriana. Com a reconstrução desse antigo sobrado da Rua Coronel Suassuna, as visagens desapareceram. (*A Província*, Recife, 26 mai.1929).

No *episódio I*, temos um possível diálogo entre parte da história e um anunciante. Percebemos que se fala de fases na “metamorfose” do sobrado. Numa dessas fases, o sobrado foi modernizado e transformado em sala de exibição de cinema. Segundo Rezende (1997, p. 81), o cinema era uma atração que mobilizava um público significativo nos anos 1920. A própria indústria pernambucana teve um dito “esplendor” e o Recife chegou a ter a alcunha de Hollywood Brasileira⁵⁵.

Ainda conforme esse autor, houve uma sensível mudança nos hábitos, pois o cinema fascinava e a disputa entre as salas exibidoras era grande. O cinema exercia um fascínio especial e atraía grandes públicos para a época. Tornou-se diversão que concorria com as regatas no Capibaribe, os disputados jogos de futebol da Liga, e com as temporadas teatrais.

Segundo o jornalista Alexandre Figuerôa (2000, p. 11-18), na década de 1920, surgiu o *Ciclo do Recife*, o mais marcante dos ciclos regionais dessa década. Tal ciclo foi resultado de um movimento envolvendo cerca de trinta jovens, que, de 1923 a 1931, realizaram nada menos que treze longas-metragens. Apaixonados pela arte cinematográfica, eles dividiam suas atividades profissionais – jornalismo, comércio, serviço público, música, teatro – com a empolgante aventura de realizar filmes. Destaquemos a importância da *Aurora Filmes*, produtora do filme *A filha do advogado* (1927).

A *Província* trazia logo em seguida ao *episódio I* o anúncio do cine *Helvética*, com o filme *D. Juan*. Na chamada, um apelo sedutor: “Seus beijos sensuais voavam como abelhas, dos colos mais gentis às bocas mais vermelhas.” (*A Província*, Recife, 26 mai. 1929).

⁵⁵ Fazer cinema era [...], um grande desafio, ia de encontro a muitos preconceitos e não havia meios de se pensar uma estrutura, efetivamente profissional com as dificuldades que cercavam a produção. O Recife tornou-se a capital do cinema brasileiro, como se dizia, na época, a sua Hollywood, apesar de tudo. E o público não deixou de admirar e assistir às fitas locais, mesmo a que sedução avassaladora dos ídolos estrangeiros e os filmes da indústria estrangeira dominassem o contexto. (REZENDE, 1997, p. 88-89)



Figura 8 -Propaganda Cine Helvética (A *Província*, Recife, 26 mai. 1929).

Verificamos que no período em que a série *Nos domínios do sobrenatural* foi veiculada, o cinema mostrava força no rol das propagandas d'*A Província*. Chamou-nos bastante atenção o anúncio da empresa *William Fox*, para o filme "Mulher Enigma", a época, em cartaz no cinema *Moderno*:

William Fox
apresenta
LIA TORÁ'
EM
Mulher Enigma



PARIS !

¶ Não a cidade do "touriste", mas o Paris do verdadeiro parisiense, do "gigolô", dos "boulevardiers", das patites amies.

O Paris dos "boulevards" e dos beccos !
O Paris dos salões aristocraticos e dos albergues !

Musica original e adaptada pelo maestro

Nestes dias, no
MODERNO

©2062

Figura 9 -Propaganda - William Fox (A Província, Recife, 21 jul 1929).

Com *Mulher Enigma*, o grupo norte-americano Fox trazia a público Lia Torá⁵⁶, uma das primeiras atrizes brasileiras, quiçá a primeira, a estrelar um filme em Hollywood.

⁵⁶ Lia Torá (Rio de Janeiro:1907 – 1972). Venceu aos 18 anos de idade um concurso promovido pela Fox Film (EUA), em alguns países, dentre eles o Brasil. Em 1929, estrelou *Mulher Enigma* (The Veiled Woman). O argumento do filme é da própria Lia Torá em parceria com seu marido, Júlio Moraes. A direção é de Emmett Flynn. Disponível em: < <http://www.mulheresdocinemabrasileiro.com.br/site/mulheres/visualiza/564/Lia-Tora/3>>. Acesso em: 02 jul. 2018.

Conforme a jornalista Isabella Goulart (2013, p. 98-129), a iniciativa da Fox em contratar Lia Torá emerge para os brasileiros como algo instigante. A autora esclarece que, na década de 1920, a imprensa estimulava o sonho dourado de atores latinos e defendia o desenvolvimento de uma indústria de cinema nacional que desse ao Brasil a imagem de modernidade e civilidade que Hollywood exportava para o mundo.

EPISÓDIO II:

Nos domínios do sobrenatural

O Sobrado Mal-assombrado da Rua Augusta - Aquele prédio já em começo de ruína fazendo esquina com a Campina do Bode deu muito o que falar a meio século passado pelas visagens e mal-assombrados que apareciam aos seus Inquilinos - Uma curiosa narrativa de um antigo morador de 1885

OSCAR MELO (Repórter policial de *A Província*)

Aquele prédio de um andar fechado e já em começo de ruína é que se vê a Rua Coronel Suassuna, antiga Augusta, fazendo esquina com a Campina do Bode, deu muito o que falar ao povo há meio século passado. Nele, dizem os moradores ver almas de outro mundo. Entre as diversas famílias que residiram no prédio ao tempo em que apareciam ali mal-assombrados podemos citar a do Sr. Manoel Silvano de Souza, cujo chefe ainda existe residindo atualmente no Cordeiro, na Vila Maria, que é de sua propriedade. Apesar da sua idade avançada, pois conta 75 anos, o Sr. Manoel Silvano tem uma memória muito lúcida e ainda trabalha, sendo a sua predileção os serviços do campo.

Uma Palestra com o Sr. Manoel Silvano

Ouvimos o senhor Manoel Silvano a respeito dos mal-assombrados que afirmavam aparecer no prédio quando era pelo mesmo ocupado. Disse-nos ele ter morado no referido sobrado em 1885. A sua família compunha-se de sua esposa, dois sobrinhos rapazes, uma irmã viúva e um empregado maior de 30 anos. Nessa época era comerciante no Bairro de Santo Antônio.

As visagens no prédio

No dia em que se mudou para o prédio o senhor Manoel Silvano, contou-nos - a sua esposa declarou ter visto um vulto à noite sentado na sala de jantar por ocasião da ceia. Dois dias depois, a sua irmã também dizia ter observado um vulto entrando no seu quarto. Não acreditando em visagens, levou tudo na brincadeira. Entretanto, um mês após estar residindo no sobrado, ficou bastante impressionado com um caso que lhe sucedeu. Eram 7 horas quando, deixando o leito, encaminhou-se para o quarto do banheiro. Nas proximidades deste viu um vulto de homem na sua frente que lhe pareceu ser o do seu irmão João Silvano, que residia na Paraíba. Sentiu nessa ocasião um calafrio por todo o corpo. Passada a impressão, voltou ao leito e encontrando já de pé a sua mulher, contou-lhe o que vinha de observar. A esposa riu-se e em seguida teve esta frase: “galhofe agora do que lhe dizia.”

Um aviso que se tornou em realidade

Mais tarde, às 13 horas, chegava um telegrama da família do meu irmão dando-me a notícia do falecimento do mesmo as 6 e ½ horas da manhã. Estava confirmado o aviso. Desta data em diante, apresentou-nos o Sr. Manoel Silvano já não me assistia o direito de continuar incrédulo a esses fatos. A realidade tive comigo próprio.

Outros casos ocorrem no prédio

‘Tratei então de me mudar. E enquanto procurava uma casa que me servisse, passaram-se outros casos no sobrado que me obrigaram a deixá-lo quase pela madrugada e às carreiras. Numa noite do mês de abril do referido ano, lembro-me bem, numa quinta-feira, por volta de 2 horas da madrugada, ouvimos um grande

baque na sala de jantar e, logo após, um grito como quem pede socorro. Era meu empregado que dizia ter sido jogado da cama embaixo adiantado ainda ter visto um vulto se afastando da sua cama. O homem não se mostrava receoso, ao contrário, estava furioso e blasfemava sendo preciso um pouco de energia da minha parte para acalmá-lo. Nessa mesma noite, minha irmã acordou dizendo que lhe estavam puxando os pés e que era um preto. Veio para o meu quarto. Já se vê, não pude mais dormir. Fui para sala de visitas e comecei a cochilar na cadeira de balanço. O relógio batia 3 horas. Quando entrava naquela sonolência deram um grande baque junto da cadeira em que me achava que acordou todas as pessoas da família. Todos levantaram e ninguém quis mais permanecer no sobrado por mais um minuto. Às 5 horas, com o dia clareando, tive que sair como retirante com a família para casa de um compadre na Madalena, realizando no dia seguinte a mudança. Soube depois de ter-me retirado do prédio que ali havia falecido um preto da Costa, que tinha dinheiro. Naturalmente, esse dinheiro ele deixou enterrado no sobrado. Eu, porém, não retirei. Com o dinheiro das almas não quero brinco.

Concluiu assim o senhor Manoel Silvano, as informações que lhe pedimos a respeito do antigo sobrado mal-assombrado da Rua Coronel Suassuna. (*A Província*, Recife, 02 jun. 1929).

O texto do *segundo episódio* complementa as figuras 1 e 2, já apresentadas. A figura 1, com a ilustração de M. Bandeira, reflete a hora em que o Sr. Manoel Silvano, indo tomar banho, avista o vulto de seu irmão. A figura 2 é emblemática por si só, visto que traz a “manchete” do episódio. É importante observar que nessa reportagem é atribuída a técnica de entrevista, tomando o depoimento de um antigo morador da cidade como fonte memorialística oral, isto é, a palestra com o Sr. Manoel Silvano.

No *episódio II*, percebemos pelo texto e pelo desenho de Manoel Bandeira (figura 5) que o senhor Manoel Silvano estava indo ao banheiro, higienizar-se. Talvez *A Província* tenha colocado estrategicamente o anúncio do “Líquido de Dakin” (figura 10) para demonstrar ao leitor que seria possível associar o banho a uma assepsia completa: visto que o líquido era antisséptico, desodorizante e cicatrizante.



Figura 10 - Propaganda – Líquido de Dakin (*A Província*, Recife, 02 jun. de 1929).

EPISÓDIO III:

Nos domínios do sobrenatural

No Sobrado Mal-assombrado da Rua de Santa Rita Velha, as visagens só apareciam à noite; e depois das 7 horas era um horror, as portas batiam, ouviam-se assovios, quedas de louça. Até que o sapateiro “Juca Corage”, indo morar no prédio, acabou com os mal-assombrados

OSCAR MELO (Repórter policial de *A Província*)

Outro sobrado mal-assombrado que preocupou há anos os moradores de São José foi o que fica situado à Rua de Santa Rita Velha, antigo n. 3, atualmente n. 119. Prédio de um andar com muitos cômodos e de propriedade do Sr. Fernando Primo, que por muito tempo foi estabelecido como loja de calçados nesta cidade, à Rua do Livramento, passou, entretanto, longa temporada fechado. Nenhuma família queria nele residir. Os boatos a respeito dos mal-assombrados que diziam aparecer no prédio eram tão aterrorizadores que diversos moradores da rua deixaram de transitar pela calçada do mesmo. Passavam ao largo e ainda de sobressaltos.

A hora em que apareciam as visagens

Conta um dos ex-moradores da Rua de Santa Rita Velha, o Sr. Manoel Barbosa, homem de 72 anos de idade, que as visagens no prédio em questão apareciam sempre à noite, de 7 horas em diante. Disse-nos ele, poder fazer essa afirmativa porque teve uma prima casada que morou no sobrado acima referido por algum tempo. Durante o dia, adiantou-nos o Sr. Manoel Barbosa, às pessoas da família nenhuma anormalidade observavam na casa. Ao anoitecer, porém, era um horror. As portas batiam continuamente, ouviam-se assovios, quedas de louça, etc. Não se podia dormir.

“Minha prima resolveu deixar o prédio. Na noite anterior, ela viu em sonho um homem vestido de preto, muito pálido, pedindo para retirar um dinheiro que dizia ter enterrado no sótão do sobrado. Esse sonho concorreu para apressar a sua retirada do prédio. A mudança estava marcada para o dia seguinte, à tarde. Entretanto, às primeiras horas da manhã era o prédio desocupado.”

Um sapateiro foi residir no prédio mal-assombrado

Na Rua de Santa Rita Velha, próximo ao prédio mal-assombrado, reside um sapateiro. Homem conhecido como possuidor de grande coragem, sabendo do sonho que a referida senhora havia tido, procurou o proprietário do prédio, alugando-o. “Juca Corage”, como era conhecido o sapateiro, só fazia dormir no sobrado. Durante o dia ficava na oficina de trabalho que era na sua ex-casa de residência, que alugaram a um amigo. Quando algum vizinho o interpelava a respeito do que tinha visto no sobrado, “Juca Corage” respondia ainda nada ter observado. Acrescentava: “É que até as almas me respeitam.”

“Juca Corage” acabou com os mal-assombrados do prédio

Depois de alguns dias de estar residindo no prédio, “Juca Corage” mudou-se às carreiras da Rua de Santa Rita velha. Começaram a comentar essa sua retirada repentina, principalmente porque ele tinha declarado publicamente que do sobrado não havia de sair tão cedo. O sapateiro vivia modestamente na sua oficina passando às vezes até privações, conforme ele próprio declarava. Depois que deixou de morar no prédio mal-assombrado, começou a melhorar de sorte. Mandou fazer algumas roupas de casemira, mudou de residência e passava do bom e melhor. Dizia o povo ter sido o dinheiro das almas que aquele artista havia retirado do sobrado.

Do prédio foi retirado dinheiro

“Juca Corage” entregando a chave do prédio ao seu proprietário, deixou dois grandes buracos no sobrado, sendo um na parede do sótão e outro na cozinha que era ali localizada. Ficou então confirmado o boato de que o referido artista tinha retirado dinheiro do prédio em questão. Depois desse fato, “Juca Corage” tornou-se alvo de curiosidade pública. Por onde passava, aqueles que eram da sua amizade e sabiam

do caso procuravam apontá-lo às pessoas que não o conheciam. E, em pouco tempo, o humilde sapateiro tornou-se um homem em evidência nesta cidade. (*A Província*, Recife, 09 jun. 1929).

No episódio III, mais uma vez, podemos perceber de forma ainda que sutil o teor contido na história e um anunciante:



Figura 11 - Propaganda - A Garantida (*A Província*, Recife, 09 jun. 1929).

Nos anos 1920, o Recife já contava com bancos, casa de penhores, e outros locais para lidar com valores. As pessoas que continuavam com o hábito de enterrar dinheiro, jóias ou qualquer outra espécie de “tesouro”, em paredes ou soalhos, possivelmente representavam um nicho de mercado a ser desbravado. Acreditamos que o anúncio veiculado por *A Província* para a utilização dos serviços da casa *A Garantida* trazia esse enfoque modernizante, seja para motivar novos hábitos de poupança ou empréstimos de valores.

EPISÓDIO IV:

Nos domínios do sobrenatural

As visagens do Sobrado das Três Mortes do bairro de São José - Depois de se terem dado três homicídios no velho sobrado começaram a aparecer visagens que não deixavam sossegar os seus moradores

OSCAR MELO (Repórter policial de *A Província*)

Nesta cidade é muito conhecido o Sobrado das Três Mortes. Na época em que ocorreram ali esses crimes, tinha o prédio o n. 195, na Rua da Concorórdia, em S. José. Era apenas de um andar. Atualmente, foi remodelado, sendo dotado de mais um pavimento. O velho sobrado do bairro de São José não era tido como mal-assombrado. Depois dos casos dos três homicídios, o povo o apontava como tal. Dizia-se que ali vagavam os espíritos das vítimas da horrível tragédia, razão por que o sobrado passou alguns anos fechado.

As visagens no Sobrado das Três Mortes

A primeira família que foi ocupar o sobrado acima referido, depois que se desenrolou essa cena de sangue, foi a do Sr. José Lima, que residiu nele por alguns dias. Mudou-se às pressas. As visagens não deixaram sossegar as pessoas da família: ora eram uns vultos que apareciam, ora eram grandes baques que se ouviam na casa. Tempos depois foi morar no sobrado fantasma, como o povo chamava, a família do atual comandante da Companhia de Bombeiros, o capitão Manoel Alfredo. Este oficial, conforme nos contou, ainda se lembra das visagens que apareciam no célebre sobrado. “De uma vez, descemos o Capitão Manoel Alfredo e eu, ainda muito jovem, e achava-me brincando na sala de jantar do sobrado quando surgiu na minha frente um vulto de um homem. O susto foi tão grande que fiquei sem fala. Depois desse caso, os meus pais desocuparam o prédio. Daí por diante, nada mais sei dizer a respeito.”

Soubemos ainda que, com a retirada da família, Manoel Alfredo foi residir no sobrado do Sr. João Barbosa em companhia da sua esposa e de alguns filhos, entre os quais o Sr. Djalma Barbosa, do comércio desta praça. Disse ele que, ao tempo em que sua família residia no sobrado, tinha 14 anos de idade. Lembrava-se perfeitamente do que viviam na casa.

Um vulto embuçado apareceu ao chefe da família

“Certa manhã, meu pai, entrando no quarto do banheiro para tomar banho, não conseguiu abrir a torneira, tal a quantidade de areia que jogaram. Procurando ver quem era o autor da brincadeira, dizia meu pai ter visto um vulto embuçado na porta (...). Não resistiu e deu um grande grito. Corremos em seu auxílio e fomos encontrá-lo caído na varanda do quarto do banheiro, acometido de uma síncope. Uma das minhas irmãs, deparando com aquele quadro, julgando o meu pai morto, teve uma forte crise de nervos. Em conclusão, deixamos o prédio dois dias após”. No sobrado, ainda morou o negociante Sr. Antônio Pereira com sua família, que era constituída de sua esposa, 6 filhos, 2 irmãs e uma tia. Aquele negociante demorou-se também poucos dias no prédio. Deixou em virtude das constantes visagens que a sua família via ali.

As sessões espíritas no prédio mal-assombrado

Mudando-se do sobrado mal-assombrado a família do Sr. Antônio Pereira, alugou-o um oficial do exército já falecido, que era espírita. Tinha uma família numerosa. Todas as semanas, o ex-oficial reformado fazia sessões espíritas na sua residência. A concorrência era grande. Vinha gente até do interior para assistir às sessões. A qual até dizem com que sessões espíritas os mal-assombrados desapareceram do prédio, que é hoje residência de um bacharel e comerciante de nossa praça, que é seu proprietário. (*A Província*, Recife, 16 jun.1929).

O episódio IV nos traz que, devido a um susto provocado pelas almas do outro mundo, uma das pessoas da casa foi acometida de uma síncope, a outra teve uma forte crise de nervos. Na publicidade que se seguia, tínhamos o aval para um tônico específico ao tratamento do sistema nervoso:



Figura 12 - Propaganda – Phosphovitamina (*A Província*, Recife, 16 jun. 1929).

Acreditamos que a sugestão do produto “Phosphovitamina” tenha sido estratégica. Talvez, até a própria história tenha sido acrescida de alguns detalhes para que o patrocinador ficasse em evidência.

EPISÓDIO V:

Nos domínios do sobrenatural

Um outro prédio mal-assombrado em São José - No jardim do prédio, junto a uma mangueira, apareciam diariamente, entre 5 e 6 horas, visagens apontando para o chão como indicando a existência no local de algum objeto enterrado

OSCAR MELO (Repórter policial de *A Província*)

Existe um outro prédio na Avenida Lima Castro, em São José, que foi mal-assombrado. Trata-se do prédio n. 74, antigo, onde se acha localizada uma fábrica de bebidas. De construção antiga, dispõe o prédio de um pavimento térreo e de um 1º andar. Tinha um grande jardim ao lado, que desapareceu com as novas instalações para adaptação da referida fábrica. Nesse prédio, residiu por algum tempo o general Travassos, já falecido, e que foi comandante desta região.

Esse militar, quando ele morou, já os mal-assombrados tinham desaparecido. Dizia o povo que a família do Sr. Manoel Bernardo, que anteriormente havia ocupado o prédio, tinha tirado um caixão contendo dinheiro que se achava enterrado junto a uma mangueira no jardim.

A hora do aparecimento das visagens

Da família que residiu no prédio que acima aludimos ainda existem vários membros. Um deles é o Sr. João Ferreira Bernardo, neto do Sr. Manoel Bernardo, que faleceu em abril de 1921, na Madalena, em casa de uma filha casada com um oficial reformado do exército. Conta o Sr. João Bernardo que, de fato, o prédio era mal-assombrado na época em que o seu avô ali morou. “Nunca, porém observei, disse-

nos o senhor João Bernardo, visagem de espécie alguma. Entretanto, em casa, comentava-se muito o aparecimento de visagens no jardim do prédio. Meu avô, segundo dizia, via sempre vultos ali junto a uma mangueira. Ora era um homem, ora era uma mulher. E apareciam, conforme ainda declarava o meu avô, apontando para o chão como quem indicava existir naquele local algum objeto enterrado. Ele, porém não tinha coragem de se aproximar da mangueira. Ao contrário, quando ele observava qualquer vulto junto a mangueira corria espavorido. Toda a família ficava alarmada. Essas visagens apareciam entre 5 e 6 horas da tarde. Apesar dos pesares ainda residiu alguns meses no prédio.”

Um caixão de dinheiro desenterrado

Ao Sr. João Bernardo, terminando as informações que lhes solicitamos, sem falar no caixão de dinheiro que o povo diz ter sido retirado pelo seu avô, achamos oportuno interpellá-lo a respeito. O rapaz não confirmou o boato espalhado quanto ao fato de ter sido o dinheiro retirado pelo Sr. Manoel Bernardo. Disse-nos, entretanto, que junto da Mangueira foi desenterrado dinheiro. E isto declarava baseado ainda na informação de seu avô que lhe disse, certa vez, ter sido o dinheiro retirado por um seu empregado dois dias após haver desocupado o prédio, quando as chaves estavam ainda em seu poder. O empregado a que se refere o Sr. João Bernardo chama-se Luiz Paiva de Souza, é solteiro e está residindo na Bahia de onde é natural. Há poucos dias, ele recebeu uma carta de Luiz de Souza que ele dava notícias de sua família e ao mesmo tempo convidavam para passar uma temporada na sua casa. O Sr. João Bernardo presume ter o ex-empregado de seu avô uns 58 anos de idade. (*A Província*, Recife, 23 jun. 1929).

Sonhos, visagens, a mística de tirar a sorte grande com a intervenção de uma ajuda do sobrenatural, eram comuns no Brasil dos anos 1920. Porque não aproveitar o conselho veiculado logo após o *episódio V* d’*A Província* e apostar na Loteria Federal, que além de proporcionar a mais de um milhar de pessoas em Pernambuco a felicidade de bens materiais, ainda gerava, legalmente, renda a mais de um milhão de conterrâneos com a venda de bilhetes?



Figura 13 - Propaganda – Loteria Federal (*A Província*, Recife, 23 jun. 1929).

Estaria o anúncio representado pela figura13 ali posicionado por mera coincidência? Podemos deduzir que não havia inocência nesse discurso e optamos por acreditar numa sincronia facilitadora para uma estratégia de persuasão.

2.2.1 – Prenúncio de Assombrações do Recife Velho

Em novembro de 1950, o *Diario de Pernambuco* trouxe a lume a notícia: “*Assombrações do Recife Velho*”, novo livro de Gilberto Freyre, em edição de Luxo do ‘*Jornal de Letras*’⁵⁷”:

⁵⁷ *Jornal de Letras*: Mensário de literatura e arte. Começou a circular em julho de 1949, no Rio de Janeiro, sob a responsabilidade das *Edições Condé*, com impressão feita nas oficinas gráficas da *Editora A Noite*, Avenida Rodrigues Alves, 435, Rio de Janeiro. Teve seu primeiro número publicado em julho de 1949. Direção: Elycio Condé, José Condé e João Condé. Disponível em

[...] Chegou ontem ao Recife o escritor João Condé, um dos diretores do *Jornal de Letras*, que edita no Rio, e organizador dos Arquivos Implacáveis, cuja divulgação, em vários jornais brasileiros, inclusive no *DIARIO DE PERNAMBUCO*, vem causando vivo interesse nos círculos culturais do país.

João Condé nasceu em Caruaru, há muitos anos fixou-se no Rio, onde vem desenvolvendo ação das mais benéficas à literatura brasileira.

Prende-se exatamente a esse objetivo a sua vinda agora ao Recife. Aqui, pretende tomar iniciativas que permitam maior divulgação do Nordeste do mensário que dirige e já considerado no gênero o mais completo aparecido entre nós.

Para isso manterá mais estreita ligação com escritores do Recife, de modo que estes tenham mais freqüentes oportunidades de divulgar os seus trabalhos no Rio. A começar de dezembro próximo, o *Jornal de Letras* manterá, em todas as suas edições, uma página exclusiva dedicada a Pernambuco e cuja organização foi confiada ao nosso companheiro Mauro Mota.

Continuando em seu programa editorial, iniciado com a biografia de Afrânio Peixoto, escrita pelo prof. Leonídio Ribeiro, *Jornal de Letras* lançará brevemente *Assombrações do Recife Velho*, com ilustrações de Lula Cardoso Ayres. Será um livro em edição de alto luxo, por todos os motivos destinado a grande sucesso. Também a recente instituição do Prêmio Manuel Bandeira para o melhor livro de poemas de cada ano e do prêmio Mauro Sette, para ficção, destinado exclusivamente a escritores das províncias, e a próxima ida do poeta Ascenso Ferreira ao Rio, onde realizará recitais, reafirmam as atenções do *Jornal de Letras* para a literatura do nosso Estado [...] (*Diario de Pernambuco*, Recife, 17 nov.1950).

Além do prenúncio da publicação de *Assombrações do Recife Velho*, ainda sem data definida, podemos extrair a latente divisão entre centro e províncias. O *Jornal de Letras*, visando expandir sua atuação em território nacional, voltava-se a Pernambuco para juntar forças e efetuar uma maior divulgação do Nordeste em território nacional. Contando com o vigor da literatura e da poesia nordestina, seja a partir de colaboradores diretos ou indiretos, desenvolveu mecanismos para a publicação de obras de autores das províncias,- desde que abordasse temáticas locais-, e fomentou premiações aos mesmos.

Importante ressaltar que, segundo o linguista Edson Tavares Costa (2013, p. 30-31), as *Edições Condé* eram de propriedade de uma família pernambucana, a família Condé, que possuía considerável destaque tanto em Caruaru quanto no Rio de Janeiro, para onde seguiram os três filhos do velho comerciante caruaruense João Condé: Elysio (1906 –1992), João Filho (1912 –1996) e José (1917 –1971); os irmãos Condé notabilizaram-se na então capital federal pela sua condição de animadores culturais e fomentadores das artes, notadamente a literária, na imprensa carioca:

Os irmãos Condé fundaram, no final da década de 1940, o *Jornal de Letras*, o mais longo órgão de divulgação literária a circular no Brasil e no exterior (mais de quatro décadas) [...]. Era coirmão de publicação homônima portuguesa, saía na

segunda terça-feira de cada mês, com uma tiragem aproximada de 30 mil exemplares [...]. Assim se constituía sua composição: a primeira página trazia as manchetes e resumos de matérias que seriam desenvolvidas naquele número, além de um breve sumário; nas páginas seguintes, alternavam-se matérias especiais e colunas, todas assinadas, além de contos, poemas e resenhas de livros; havia espaço também para as artes plásticas, cinema, teatro, televisão, música, agenda de acontecimentos culturais, além de pequenas notas sobre livros e autores; reflexões sobre a língua, matérias vindas de outros estados do país e do exterior – Portugal principalmente [...]. O primeiro número veio a lume em julho de 1949, e, já nessa época, o conselho editorial trazia nomes como Álvaro Lins, Carlos Drummond de Andrade [...]. No segundo número, encontramos colaborações de **Gilberto Freyre** [...]. (COSTA, 2013, p. 249-251, grifo nosso).

Coube a João Condé Filho, pois, em 1950, o aval para a confecção de *Assombrações do Recife Velho*. A partir de novembro de 1950, *O Jornal de Letras* começou a divulgar a publicação de *Assombrações do Recife Velho*: “As Edições Condé apresentarão, em 1951, o Livro *Assombrações do Recife Velho*, de Gilberto Freyre, com ilustrações de Lula Cardoso Ayres.” (*Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, nov. 1950, p. 8). Notamos que, em 1951, *Suplemento de A Manhã (RJ)*, replicava as notícias do *Jornal de Letras*:

Novo livro de Gilberto Freyre

‘Jornal de Letras’ vai lançar, em edição de luxo, novo e importante livro de Gilberto Freyre, *Assombrações do Recife Velho*. Os originais do novo estudo do grande sociólogo brasileiro já foram entregues aos irmãos Condé (*A Manhã*, Rio de Janeiro, 16 dez. 1951, p. 1. Suplemento).

No ano de 1954, o *Jornal de Letras* informava que *Assombrações do Recife Velho* estava no prelo. Ainda em 1954, a *Revista O Cruzeiro*⁵⁸ promoveu o livro de Freyre: na seção *Flash* saía uma foto de João Condé e Gilberto Freyre, além de um perfil deste no qual indiretamente se faz uma propaganda: “Seu próximo livro: *Assombrações do Recife Velho*” (*Revista O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 18 dez. 1954, p. 25).

⁵⁸ *Revista O Cruzeiro* - Lançada no Rio de Janeiro (RJ), em 10 de novembro de 1928 por Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, *O Cruzeiro* foi uma das mais proeminentes revistas ilustradas da história da imprensa brasileira. Circulando semanalmente em todo o território nacional, foi um dos primeiros órgãos a integrar os *Diários Associados*, a primeira rede de comunicação brasileira, que, em seu auge, contabilizaria 36 jornais, 18 revistas, 36 rádios e 18 emissoras de televisão, dentre as quais, a *TV Tupi*. Fundada num período de franca expansão da rede, quando Chateaubriand já mantinha a revista, foi um dos bastiões dos *Associados*, tendo revolucionado o mercado editorial brasileiro ao criar e ditar padrões, além de ter influenciado fortemente a opinião pública nacional de acordo com as predileções políticas de seu proprietário. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-cruzeiro>>. Acesso em: 15 out. 2018.



Figura 14 – Brevemente: “Assombrações do Recife Velho” (*Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, ed. 64, p. 13, out. 1954).



Figura 15 - Condé e Freyre (*Revista O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 18 dez. 1954, p. 25).

Entre o aparente aval do editor e a publicação do livro, passaram-se cerca de cinco anos – os motivos desse intervalo “recheado de divulgações” é algo minucioso e até certo ponto sigiloso, ao qual não conseguimos ter amplo acesso. Contudo, podemos perceber a intensa parceria entre Freyre e Lula Cardoso Ayres no processo de confecção da obra, que durou cerca de cinco anos.

2.2.2 – Lula Cardoso Ayres, “o amigo certo de sempre”

Luiz Cardoso Ayres (Recife, 1910 –1987), o Lula, trouxe a alcunha para seu nome artístico. Pintor, ilustrador, desenhista, caricaturista, cenógrafo, fotógrafo: multiartista. Para a historiadora Albertina Malta e o urbanista Antônio Montenegro (2017 p. 7-9), o conceito de multiartista pode ser empregado para o indivíduo que se utiliza de diversas formas de expressão artística, dominando-as a tal ponto que é capaz de imprimir sua marca pessoal, uma identidade que torna as obras reconhecíveis como sua em qualquer uma delas.

Esses autores afirmam que Lula transitou com naturalidade do desenho para a gravura, da pintura para o muralismo, da ilustração de textos literários para a cenografia: em todas essas técnicas, Lula Cardoso Ayres é claramente reconhecível. O equilíbrio, o desenho seguro, sem incertezas, as cores que se complementam e harmonizam estão sempre presentes.

Luiz Cardoso Ayres Filho (2017, p. 15), filho de Lula, e profundo conhecedor da obra deste, revela-nos algumas características familiares do pintor, nascido em berço aristocrático açucareiro (sua família era proprietária da Usina Cucaú, no município de Rio Formoso-PE). Filho do industrial João Cardoso Ayres Filho e da artista plástica Carolina Andrade Cardoso Ayres, Lula Cardoso Ayres conviveu, desde criança, com o que havia de destaque na cultura mundial.

Lula, além de amplas condições materiais, contou com o incentivo dos pais, principalmente de dona Carolina, para estudar artes. Ainda muito jovem, no Recife, teve por mestre Heinrich Moser⁵⁹. Segundo os curadores da exposição *Lula Cardoso Ayres – Arte tempo e região*, Jamile Barbosa, Eduardo Dimitrov e Clarissa Diniz (2017, p. 4-6), como costume aristocrático, aos 15 anos de idade prosseguiu seus estudos em Paris. Cerca de um ano mais tarde, retornou ao Brasil, chegando a fixar residência no Rio de Janeiro, onde passou a frequentar cursos livres na Escola Nacional de Belas Artes.

Durante a adolescência, Lula teve seus primeiros trabalhos como caricaturista e ilustrador publicados. Aos 18 anos foi contemplado com o primeiro texto crítico sobre o seu trabalho, na seção *Tintas e traços* do *Jornal Pequeno*⁶⁰, do Recife. Segue abaixo um trecho dessa matéria que tinha a assinatura do renomado intelectual Josué de Castro:

⁵⁹ Heinrich Moser (1886-1947), arquiteto, escultor, decorador, pintor e vitralista alemão, membro da Academia de Belas Artes de Munique, era radicado no Brasil e morava no Recife. Foi professor de Ayres entre os anos de 1922 e 1924.

⁶⁰ *Jornal Pequeno* - Vespertino, começou a circular a 24 de julho de 1899, em formato acima de médio (51x36), com quatro páginas de cinco colunas. Diretores - Hersílio de Sousa, Júlio Falcão e Paulo de Arruda. Impresso na

Em sua arte há dois característicos muito seus: a intensa mobilidade de seus traços e o equilíbrio exato dos seus relevos. Com um senso estético ainda propenso à literatura, o jovem artista se revela um justo ilustrador: ilustrando com a sapiência de quem superpõe sem retalhos uma fantasia pictórica de um poema. Eis o conteúdo artístico dum jovem de 18 anos, cara risonha e calças largas. (CASTRO, 1928. In: *Jornal Pequeno*, Recife, 02 mar. 1928).

No início dos anos 1930, como reflexo da crise econômica deflagrada com a quebra da Bolsa de Nova York, o artista retornou a Pernambuco, a fim de auxiliar a família a gerir a Usina Cucaú. Aos poucos, Lula foi se afastando das atividades administrativas da usina e se aproximando de seu novo ateliê montado na casa-grande, em Rio Formoso.

A partir de então, a arte de Lula Cardoso Ayres começou a assumir uma temática fortemente regionalista: “manteve contato com o bumba meu boi, que o fez despertar para a diversidade das manifestações culturais em Pernambuco. Trouxe para o seu imaginário as lendas de assombrações dos canaviais, a beleza das cores dos caboclos de lança [...]” (AYRES FILHO, 2017, p. 18).

Conforme o urbanista Luiz Amorim (2017, p. 151-157), Lula recorreu também à fotografia para exprimir um tempo que se acelerava, se modificava. A convivência entre engenhos e usinas, lenha e eletricidade, folguedo e rádio, *ruína de casas mal-assombradas* e novas edificações, pareciam demonstrar a toda hora o contato inusitado entre tempos.

Percebendo que associadas as mudanças estavam a perda, o descarte e o abandono, Lula, procurou registrar com sua câmera ruínas urbanas e rurais, suas distinções e similaridades arquitetônicas. Assim, entre “Cucaú, França e Recife”, descortinava-se, perante seus olhos, uma modernidade em construção:

Alguns detalhes do edificado – o portão, a escada e o balcão, são recorrentes, como se necessários fossem. Tais registros fotográficos da cidade que se altera, ressurgem em suas pinturas, particularmente nas séries *Assombrações do Recife Velho e Fantasmias do Recife*. Portões entreabertos e figuras sinistras dão forma e imagem aos mal-assombros que nos dizem respeito. Mas o objeto de interesse é a cidade do Recife em transformação. O seu retrato é o da velocidade que nos persegue. Aquela que, em um piscar de olhos, se intromete no agora segundo enquadramento de ontem (AMORIM, 2017, p. 156).

Sobre Lula Cardoso Ayres, e seu regionalismo ora bucólico, ora urbano, revelado em sua pintura, o poeta Oswald de Andrade expressa sua admiração em um depoimento:

Lula! Você traz o Brasil de presente ao Brasil. E em que época! Com que necessidade sua pintura se impôs. Por quê? Não é só porque você saiba pintar como poucos. É porque, como um poema meu você sabe [...] onde ficam as portas dos

quartos das assombrações (ANDRADE, 1946 apud BARBOSA, DIMITROV E DINIZ, 2017, p. 19).⁶¹

O poema ao qual Oswald de Andrade se referiu é o *Hino nacional do Paty do Alferes*, onde o autor, ícone do modernismo paulista, ademais do futurismo, pôde ver também num ambiente rural, como no caso do município de Paty do Alferes (interior do estado do Rio de Janeiro), uma amostra de país e a relevância das assombrações no imaginário de uma coletividade:

Hino nacional do Paty do Alferes

[...]

Meu quarto tem três portas
Que dão para outros quartos
Onde ficam as portas
Dos quartos das assombrações

[...]

As assombrações são
A inspiração e a saudade
E os falecidos das nossas relações

(ANDRADE, 2017, p. 135-137).

Percebemos aqui que existiam traços comuns entre o modernismo e o regionalismo, vistos que ambos os movimentos buscavam trazer contornos à formação da identidade de um país. Talvez por isso a admiração de Oswald de Andrade no referido depoimento a Lula Cardoso Ayres. Interessante acrescentar que este já havia participado, em 1934, do Congresso Afro-brasileiro, liderado por Gilberto Freyre, e que teve a participação de outro intelectual imprescindível para o modernismo, que foi Mário de Andrade, falando sobre o maracatu, tema que Lula retratava com maestria.

Uma exposição realizada por Lula Cardoso Ayres na Faculdade de Direito do Recife rende ao pintor, dentre outras coisas, comentários sobre sua obra. A jornalista Flora Machman (1946, s.p.), comenta sobre a exposição na revista *Contraponto*⁶² que sentiu a pintura de Lula como “uma pedrada nos olhos”. Uma pedrada na Alma. Quadros de um pintor nosso, da nossa

⁶¹ Esse trecho de depoimento de Oswald de Andrade a Lula Cardoso Ayres é mencionado no Catálogo da Exposição: *Lula Cardoso Ayres: Arte, região e tempo*. Promovido pela Caixa Econômica Federal, com curadoria de Clarissa Diniz, Eduardo Dimitrov e Jamille Barbosa. Ocorrida entre 15 de junho a 27 de agosto de 2017, na Galeria 1 da Caixa Cultural, Recife-PE. p. 9.

⁶² *Revista Contraponto* – Periódico pernambucano de arte e cultura. Na década de 1940 teve por diretor Valdemar de Oliveira e redator Gastão de Holanda. Tinha escritório situado à Rua Miguel Couto, nº 68, Recife-PE.

terra, da nossa gente, dos nossos folguedos e das nossas assombrações. Para a jornalista as superstições e crendices populares seriam de tendência geral e universal.

Descrevendo em tom memorialístico figuras como a “Cabra-cabriola”, o “Papa-ceia”, o “Papa-figo” e o “Lobisomem”, Flora Machman declarou ter encontrado uma parcela de infância perdida, feita de sonho e fantasia. Elogia contundentemente as telas “Jaraguá”, “Cabriolé mal-assombrado” e “Fugindo”: as duas primeiras de cores fortes e tons sombrios, como as mais poderosas manifestações de Lula Cardoso Ayres e a última notável pela translucidez e impalpabilidade.

Machman encerra o raciocínio enfatizando ser possível que pessoas de outras regiões não sintam a presença do Nordeste na obra de Lula Cardoso Ayres, por não conhecerem o gosto do mel de engenho, cheiro da rapadura, o perfume do caldo de cana. Mas que saberiam logo que estariam em face de um dos maiores pintores da América, tão grande como Portinari e Diego Rivera.

A exposição dos anos 1940 foi retratada na década de 1970, durante dez dias, quando o Recife assistiu uma mostra retrospectiva da obra de Lula Cardoso Ayres. O dramaturgo Hermilo Borba Filho (1973, p. 12-13) publicou um texto no caderno *Moinho Recife*⁶³: A retrospectiva veio a comprovar aquilo que sempre pensou de Lula Cardoso Ayres, um pintor de técnica extraordinária. Para o dramaturgo Lula não foi um improvisador nem pintou por acaso. Ao lado da sua inegável veia poética havia todo um mundo das tintas, dos óleos, dos ingredientes, dos vernizes, dos pincéis, dos pós, que ele manejou como pouca gente neste Brasil.

Hermilo frisou que foi um dos primeiros a escrever no Recife sobre a pintura de Lula, na década de 40. Sua arte na época atingiu-o de cheio: ele e o pintor tiveram em comum a zona da mata e eram familiares as *assombrações*, os bois de barro, as figuras do bumba-meu-boi [...]. Sendo um pintor desta região, Lula Cardoso Ayres produziu umas telas que, da mata, vararam a cidade e se fixaram no tempo.

A Revista *Contraponto* (1946, [s.p.]) lançou nota em alusão a capa que ilustrava a edição de nº 4 enfocando o compromisso com a arte que Lula Cardoso Ayres possuía:

Mais uma vez, *Contraponto* ilustra sua capa com um trabalho do grande artista pernambucano, que é Lula Cardoso Ayres. Intitulado “Maracatu”, constitui uma das

⁶³ Caderno *Moinho Recife* – Publicação do setor de assuntos legais e relações públicas e industriais de Grandes Moinhos S/A – Indústrias Gerais, Recife - PE. Editor: Carlos Leite Maia.

suas mais sérias concepções artísticas. Como Cícero Dias – escreveu Gilberto Freyre –, Lula Cardoso é hoje um trabalhador formidável. Não vence pela improvisação brilhante mas pelo rude trabalho. Nisto é parente próximo não só a Portinari, de Vila-Lobos, de Celso Antônio, de Luiz Jardim, de Santa Rosa, dos Rêgo Monteiro, de Ismallovitch – artistas, todos esses, que não improvisam nem vivem vida de boêmios pelos cafés nem de mundanos pelos salões mas trabalham duramente, pesquisam constantemente, estudam sempre. (Contraponto, Recife, nº 4 [s.p.], 1946).

Notemos que para se profissionalizar unicamente como artista nas décadas de 1930 e 1940, Lula Cardoso Ayres precisou ser versátil. Dentre as diversas atividades artísticas, destaquemos a publicidade pictórica, a exemplo de um cartaz que fez para a campanha de Gilberto Freyre para Deputado Federal, em 1945:



Figura 16 -Cartaz UDN - Fonte: Coleção Luiz Cardoso Ayres Filho.In: Catálogo CEF, Recife, 2017, p. 9.

Lula e Freyre eram muito próximos, tanto pessoal quanto profissionalmente. O pintor foi divulgado por Freyre, por meio de artigos de jornais e convite para trabalhos. A influência de Freyre sobre o amigo pintor advém da década de 1920, com o Movimento Regionalista. Contudo, é importante destacarmos, que já no início dos anos 1930, Lula amplia o tema da civilização do açúcar sugerida por Freyre, mostrando, conforme Barbosa, Dimitrov e Diniz (2017, p. 20), cenas urbanas, manifestações religiosas, festas populares. Essa ampliação do

repertório imagético é incorporada por Freyre em seus escritos. Nas palavras do próprio Freyre, podemos apreender facetas dessa ligação com Lula Cardoso Ayres:

Conheci-o desde os seus começos. Senti desde então no menino gordo, redondo e rico, em quem os aduladores do pai enxergavam um artista já indiscutível, se não um talento certo, uma vocação nítida para pintura. [...] Em 1930, frequentava ele o xangô da Baiana do Pina, no Recife, fazendo desenhos e croquis do natural. Em 1934, participou, com desenhos de xangô, da exposição promovida pelo Congresso de Estudos Afro-Brasileiros, no Teatro Santa Isabel. Diga-se desse Congresso que foi um escândalo para a época [...]. (*Diário de Pernambuco*, Recife, 19 jul.1987).

Conforme Angela de Castro Gomes (2000, p.18), “historiadores e arquivistas têm muito em comum [...], sua proximidade reside na centralidade que suas respectivas profissões atribuem aos documentos como elemento fundamental de trabalho”. Visto que a “nova história” incorpora o indivíduo e a subjetividade à história, os profissionais desse *métier* selecionam, classificam e organizam documentos, de maneira a atribuir-lhes sentidos. Dentre esses documentos, tem-se aderido à análise das correspondências para se inferir conteúdos, fatos, dados de realidade.

Como sugere Angela de Castro Gomes (200, p. 18), consideramos aqui as correspondências como um lugar de sociabilidade. Procuramos reconstituir as relações tecidas entre Freyre e Ayres a partir de suas correspondências, visto que tais missivas se mostraram como meio de nos conduzir a um melhor entendimento da construção de *Assombrações do Recife Velho* – nesta seção abordaremos duas dessas⁶⁴.

Ao mesmo tempo em que atentamos para algumas características desses objetos de estudo, como o suporte e o tipo das mensagens, percebemos alguns códigos epistolares, que ainda conforme Gomes (2000, p. 20), “presidem as relações entre remetente e destinatário”. Desses códigos epistolares, um deles nos chamou bastante a atenção: “*Abraços do amigo certo de sempre, Lula.*”. Essa maneira de finalizar está presente nas duas cartas e coroa o misto da relação profissional e de amizade, que eram a tônica das mensagens.

Em ambas as cartas, Lula Cardoso Ayres utiliza o pronome de tratamento “você”, referindo-se a “Gilberto” (quando utilizou o sobrenome Freyre era para se referir ao pai de Gilberto o “Dr. Freyre”). Também é comum Lula perguntar sobre a família de Freyre (esposa e filhos), bem como enviar informações sobre a sua própria, de maneira bem informal: “meninos”, Joãozinho (filho de Lula), Madalena e Lourdes (esposas de Lula e Gilberto, respectivamente).

⁶⁴ Obtivemos acesso ao conteúdo de algumas missivas enviadas por Lula Cardoso Ayres a Gilberto Freyre, gentilmente cedido pela Fundação Gilberto Freyre.

Afora o carinho, a cordialidade, a cursividade da letra, as abreviações, a formalidade vinha no timbre do papel: acima, na margem esquerda, apareciam nome completo e endereço de Lula. Na primeira carta (07/12/1950), uma demonstração de lealdade: “Depois de tantas desilusões políticas, venho lhe dar o meu abraço de eterna solidariedade [...]. Estarei sempre onde você estiver.” (AYRES, 1950, p. 1) – aqui, atentemos para o fato que Freyre não ter sido reeleito como deputado federal. Sobre a confecção de *Assombrações do Recife Velho*, tudo era muito recente, e Lula estava entusiasmado:

Gostei muito da oportunidade que você me deu de fazer desenhos de mal assombrados para um trabalho seu. Espero ser bem-sucedido.

Conversei com João Condé vários assuntos relativos às ilustrações. Lembrei-me de fazer os desenhos em papel todo preto e separados, soltos do texto. Partirei do fundo preto com sombras e manchas sugerindo assombrações.

A capa será também toda preta com a “noiva que morreu no dia do casamento” saindo do sobrado velho, que serviria de fundo. Condé conversará com você sobre todos os detalhes. (AYRES, 1950, p.1).

Na segunda carta (09/08/1951), passados mais de um semestre, Lula deixa claro que está à frente das questões para acertar com o editor João Condé o início do livro e demonstra impaciência:

Escrevi e mandei sua carta, logo que você embarcou, e até hoje não tive a menor notícia do Condé. Vamos aguardar. Estou impaciente, pois estou com muita vontade de iniciar o trabalho. Estou firme aguardando os detalhes que pedi ao Condé para iniciar o trabalho. (AYRES, 1951, p.1).

Conforme mencionado anteriormente, há uma lacuna sobre o que de fato ocorreu pela demora na resposta de João Condé com relação ao livro. Em 1951, *Assombrações do Recife Velho* parecia estar encaminhado, o prefácio de Gilberto Freyre para 1ª edição do livro estava pronto. Lula Cardoso Ayres confirmara, em correspondência a Freyre, ter em mente o trabalho a ser executado.

Ademais aos fatos internos contratuais que estão sob sigilo, provavelmente foi no ano de 1955 que os trabalhos para a confecção do livro foram acelerados. Uma dessas evidências está presente num caderno de estudos para *Assombrações do Recife Velho*⁶⁵: “Quero que fique com você, estas primeiras ‘materializações’ para o seu admirável *Assombrações do Recife Velho* – desenhos feitos em princípios de 1955.” (AYRES, p. 2, 1963). O que temos como fato é que desde o prenúncio houve um intervalo de aproximadamente meia década para a publicação da obra.

⁶⁵ O caderno de estudos trata-se de um bloco em espiral próprio para desenhos, utilizado por Lula Cardoso Ayres para esboçar as ilustrações de *Assombrações do Recife Velho*, gentilmente cedido para consulta interna pela Fundação Gilberto Freyre.

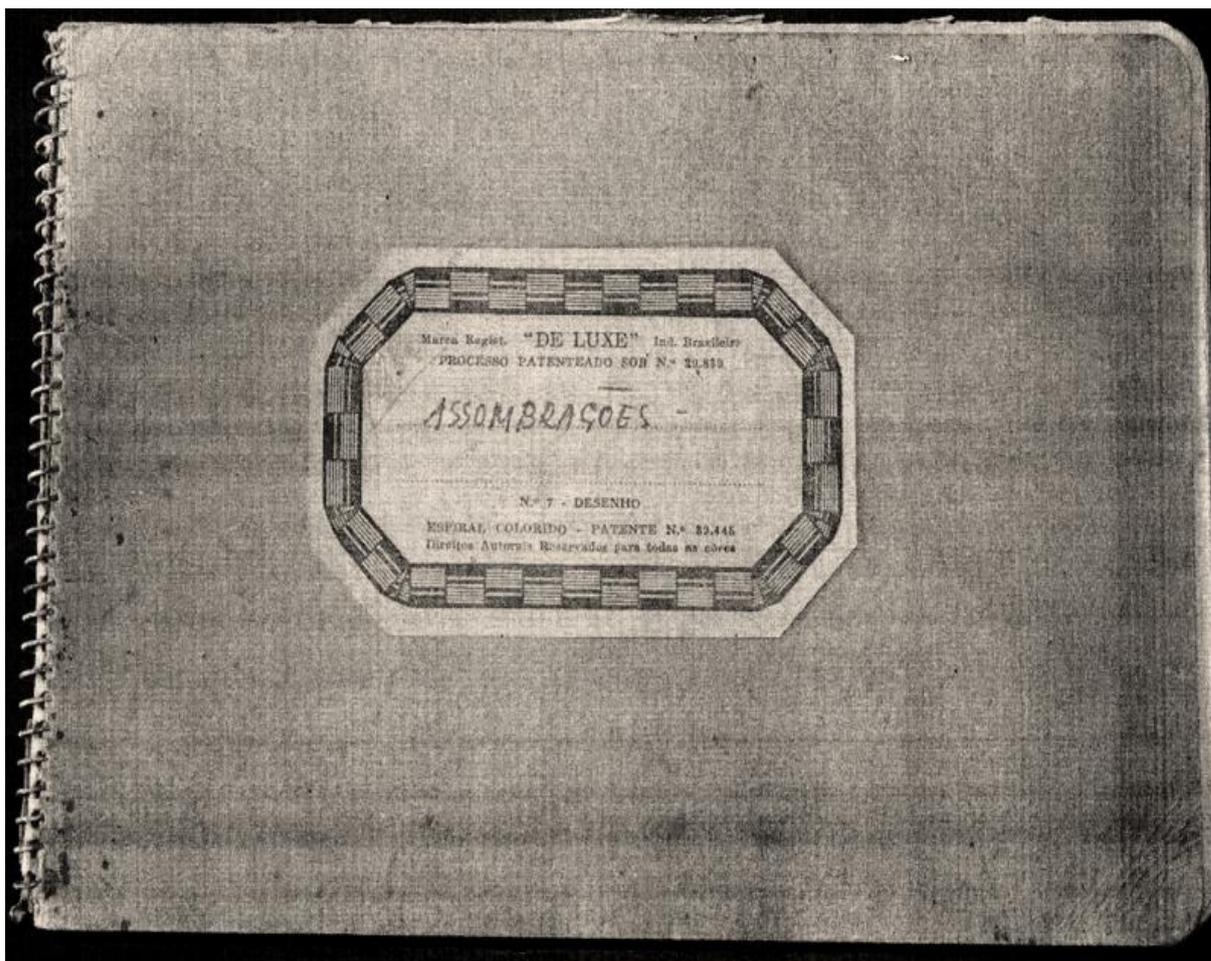


Figura 17 -Capa do caderno de estudos para ilustrações de *Assombrações do Recife Velho*. Fonte: Acervo da Fundação Gilberto Freyre.



Figura 18 - Interior do caderno; estudo par ilustração do personagem de ARV: “O Barão de Escada, Num Lençol Manchado de Sangue”. Fonte: Acervo da Fundação Gilberto Freyre

2.3.-Publicação de *Assombrações do Recife Velho* (1955)

Em *A cidade antiga*, Fustel de Coulanges mostra que desde os tempos mais remotos o homem convive com crenças e rituais em torno dos mortos e do sobrenatural: “Foi talvez diante da morte que o homem, pela primeira vez, teve a ideia do sobrenatural e quis abarcar mais do que seus olhos humanos podiam lhe mostrar.

A morte foi o seu primeiro mistério, colocando-o no caminho de outros mistérios [...]” (COULANGES, 2002, p 26). No território em que hoje se situa o estado de Pernambuco, desde os tempos pretéritos, alguns desses costumes eram bem valorizados, e acrescentados de superstições e crendices. Como aborda o historiador Pereira da Costa, em seu *Folk- Lore pernambucano*:

A essas superstições e crendices que o nosso povo herdou dos seus ancestrais, aliás, em geral, sem um certo cunho de originalidade, porquanto, em sua maior parte hauriram-nas de povos ainda mais remotos e de mais afastadas latitudes, por sua vez introduziu ele muitas outras concepções próprias, que reunidamente avultam, formando um conjunto complexo, de coloração e aspectos vários (COSTA, 2004, p. 27).

Para o Newton Moreno (2008. In: FREYRE, 2008, p. 13) “Gilberto inaugura o olhar sobre lendas urbanas recifenses [...], migra atencioso afeto às lendas da capital emergente.” Em dezembro de 1955, vem a lume *Assombrações do Recife Velho*, em edição de luxo, materializada nos estabelecimentos da *Bloch Editores S.A.* Sendo a composição e impressão dirigida por Valentin Bonder e a organização e direção-geral a cargo de João Condé – daí o livro trazer em seu bojo “Edições Condé”.

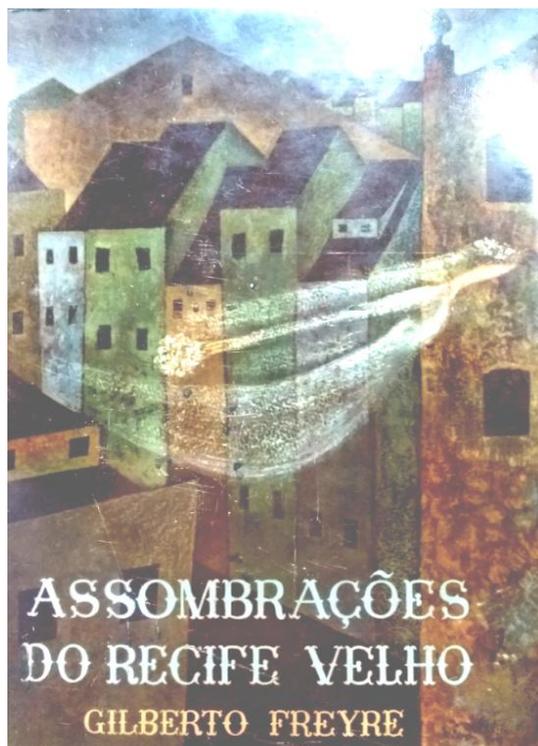


Figura 19 - Capa de ARV, 1955. Fonte: Acervo da Faculdade de Direito do Recife – UFPE

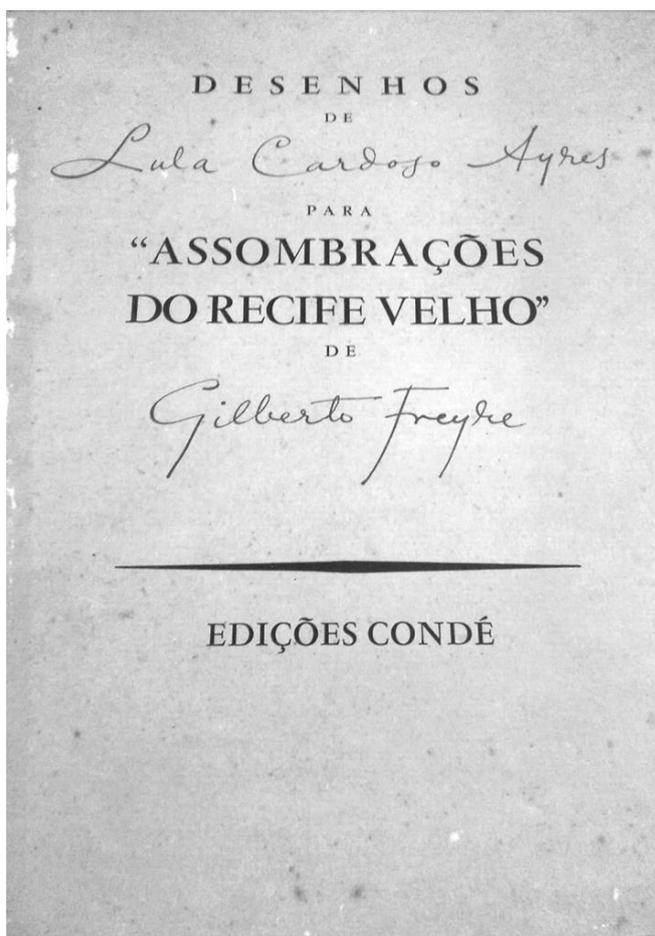


Figura 20 - Capa de portfólio que acompanhava o livro ARV, 1955. Fonte: Acervo da Biblioteca Pública do estado de Pernambuco.

Vale destacar que o portfólio contém os mesmos desenhos que estavam no interior do livro, contudo em um formato maior e sem encadernação, podendo inclusive servir para serem emoldurados. A primeira edição saiu com uma tiragem de 418 exemplares, sendo 18 deles numerados de I a XVIII, destinados aos seus organizadores, e 400 numerados de 1 a 400, ao público, todos em papel sulfite com as rubricas do autor, do ilustrador e do editor:

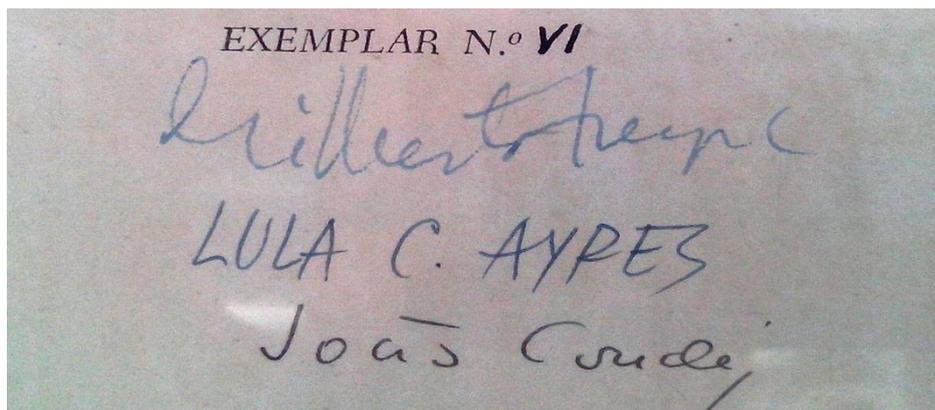


Figura 21 - Rubricas em exemplar de organizador. Fonte: Acervo da Fundação Gilberto Freyre

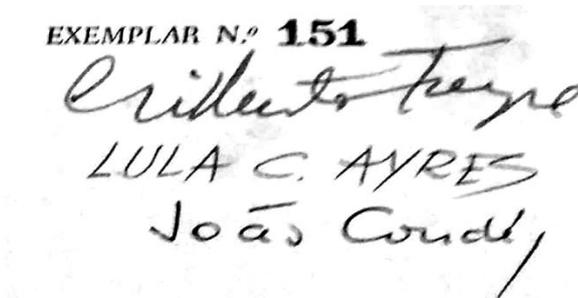


Figura 22 - Rubricas em exemplar destinado ao público. Fonte: Acervo da Faculdade de Direito do Recife – UFPE

A coletânea das narrativas de Freyre sobre as assombrações teve a capa, ilustrações e vinheta e capitulares de Lula Cardoso Ayres. É importante destacar que “Lula contribuiu para a elaboração dessas narrativas na medida em que as criava enquanto imagens” (BARBOSA; DIMITROV; DINIZ, 2017, p. 19). Tal contribuição é, por nós, vista como fundamental para que visualizemos o documento em seu conjunto: a parte textual e a imagética.

Capítulo 3 - Assombrações do Recife Velho: histórias, recepção e longevidade

Eu ando pelo Recife, noites sem fim /
 Percorro bairros distantes sempre a
 escutar / Luanda, Luanda, onde está?
 É alma de preto a penar / Recife, cidade
 lendária [...] (CAPIBA, 1984)

3.1 - Histórias: textos e imagens

Coube ao próprio Freyre assinar o prefácio e a introdução da obra. Em seguida, o autor nos apresenta as narrativas divididas em duas grandes partes: *I- Alguns casos e II - Algumas casas*. Freyre deixou as histórias de temática de casas mal-assombradas, já conhecida das páginas d' *A Província* para segunda parte. Talvez para que as inéditas, com seu frescor, capitaneassem o início da leitura.

No sentido inverso, encadeamos este capítulo, iniciando a análise pela segunda parte. Assim, para melhor visualização do paralelismo entre as reportagens d' *A Província* e os contos de *Assombrações do Recife Velho* elaboramos a tabela 1, – lembremos que cinco dessas reportagens foram apresentadas integralmente no Capítulo 2. A seguir, apresentaremos, no interior da tabela, a transcrição parcial de mais cinco episódios:

Tabela 1 – Lista de reportagens d' <i>A Província</i> e contos de ARV baseados nessas reportagens					
Série - Nos domínios do Sobrenatural, d' <i>A Província</i>			Livro - <i>Assombrações do Recife Velho</i>		
REPÓRTER	Nº EDIÇÃO/ PÁGINA / DATA	EPISÓDIO/ MANCHETE	AUTOR	EDIÇÃO/ANO	TÍTULO DO CONTO
Oscar Melo	Nº 114, p. 11 19 mai. 1929	I - Mal-assombrado nas velhas casas [...] <i>O Sobrado da Estrela</i> levou vinte anos fechado porque nele apareciam visagens [...]	Gilberto Freyre	1ª - 1955	<i>O Sobrado da Estrela</i>
Oscar Melo	Nº 120, p. 9 26 mai 1929	II - No velho prédio mal-assombrado da Rua Augusta, na esquina do Beco do Marisco, à noite	Gilberto Freyre	1ª - 1955	<i>A Casa da Esquina do Beco do Marisco</i>

		[...]			
Oscar Melo	Nº 126, p. 7 02 jun.1929	III- O Sobrado Mal-assombrado da Rua Augusta Aquele prédio, já em começo de ruína, fazendo esquina com a Campina do Bode [...]	Gilberto Freyre	1ª - 1955	<i>Outro Sobrado de São José</i>
Oscar Melo	Nº 132, p. 07 09 jun. 1929	IV - No Sobrado Mal-assombrado da Rua de Santa Rita Velha as visagens só apareciam á noite [...]	Gilberto Freyre	1ª - 1955	<i>O Sobrado da Rua de Santa Rita Velha</i>
Oscar Melo	Nº 138, p. 07 16 jun. 1929	V- As visagens do Sobrado das Três Mortes do bairro de São José – Depois de se terem dado três homicídios [...]	Gilberto Freyre	1ª - 1955	<i>O Sobrado das Três Mortes</i>
Oscar Melo	Nº 144, p. 17 23 jun. 1929	VI - Um outro prédio mal-assombrado em São José – No jardim do prédio, junto a uma mangueira, apareciam diariamente, entre 5 e 6 horas [...]	Gilberto Freyre	1ª - 1955	<i>Outra Casa da Rua Imperial</i>
Oscar Melo	Nº 154, p.7 07 jul.1929	VII - Na Rua de São Jorge, bairro do Recife, existe um prédio de dois andares, que até ha alguns anos era tido como mal-assombrado [...]	Gilberto Freyre	1ª - 1955	<i>O Sobrado da Rua de São José</i>
Oscar Melo	Nº 160, p.7 14 jul. 1929	VIII - A Casa Mal-assombrada da Imbiribeira – Mal cai à noite, no prédio mal-assombrado	Gilberto Freyre	1ª - 1955	<i>A Casa da Imbiribeira</i>

		começavam a aparecer às visagens [...]			
Oscar Melo	Nº 165, p. 7 21 jul. 1929	IX - Um sonho que faz desaparecer os mal-assombrados de um sobrado do Pátio do Terço, em São José [...]	Gilberto Freyre	1ª - 1955	O Sobrado do Pátio do Terço
Oscar Melo	Nº 171, p. 7 28 jul. 1929	X - Quase todas as noites, depois de 11 horas, aparecia um vulto embuçado na janela da casa da rua S. João [...]	Gilberto Freyre	1ª - 1955	A Casa da Rua de São João

Em relação à transposição do conteúdo presente nos episódios do jornal para as páginas do livro, podemos perceber que Freyre adequou as matérias a uma escrita mais fluida. As interrupções em blocos e a maneira mais objetiva, típicas do jornalismo, deram lugar à prosa. Um misto entre passado e presente, memória e crônica. Ao mesmo tempo em que aparava arestas do volume de alguns dados da reportagem policial, acrescentava personagens a sua conveniência e, sobretudo, informações, sejam elas de dimensão histórica, pitoresca ou poética.

Em *A Casa da Esquina do Beco do Marisco*, por exemplo, acrescentou um dito popular “Casa de esquina triste sina!” (FREYRE, 1955, p. 93). Situou o palco da história: “O bairro de São José é o refúgio daquelas assombrações do tempo dos reis velhos que outrora tornaram famoso o Recife propriamente dito: a quase ilha do Recife.” (FREYRE, 1955, p. 93). Além de descrever o bairro de São José, Freyre comparou a “casa de esquina” com os outros sobrados da região. Comenta em tom de denúncia sobre a demolição as quais tais edificações estavam sofrendo, incluindo arcos e a Igreja do Corpo Santo.

Por vezes, modificava os tempos verbais para identificar que os imóveis que em 1929, quando o repórter policial Oscar Melo redigiu os fatos, não mais existiam em 1955. Por outras vezes, também modificava o endereço em que as casas se situavam. Por exemplo, o sobrado que Oscar Melo dizia situar-se à Rua de São Jorge, que em época estava em ruína, e que ao que Freyre indica pelo tempo verbal, veio a sucumbir; assim, foi renomeado para *O Sobrado de São José* (FREYRE, 1955, p. 107); *O Sobrado Mal-assombrado da Rua Augusta* se

transformou em *Outro Sobrado de São José* (FREYRE, 1955, p. 97); *A Casa Mal-assombrada da Imbiribeira* se transformou em *A Casa da Imbiribeira* (FREYRE, 1955, p. 111); *Um outro prédio mal-assombrado de São José* se transformou em “*Outra Casa da Rua Imperial*”. (FREYRE, 1955, p. 105).

Freyre também fazia modificações nos endereços para acompanhar as mudanças ocorridas, seja nas demarcações dos bairros, seja nas numerações dos prédios, como, por exemplo, o que ocorreu no *Sobrado das Três Mortes* – a esse acrescenta a informação histórica “No Recife do tempo dos nossos avós foi célebre o sobrado chamado ‘três mortes’: uma espécie de miniatura das ‘sete mortes’, de Salvador.” (FREYRE, 1955, p. 103). Um artifício de resumo que Freyre se utilizava era o de mencionar os termos como “apuração”, “inquérito”, “organização” vinculados ao jornal *A Província*, dos quais ele se servia também para dar credibilidade ao seu texto.

Se n’ *A Província* existia um manual de redação onde se proibia terminologias mais sofisticadas, ou seja, as palavras precisavam ser objetivas. No livro houve o inverso: “floreamento” dos termos, enviesando para o lado literário. Na *Casa da Rua Imperial*, por exemplo, a palavra *dinheiro* transformou-se em *ourama*. Questões políticas foram acrescentadas por Freyre como a exemplo na *Casa da Imbiribeira*: “Pelo que incumbi, em 1929, o repórter [...], de ouvir dessa boa gente, moradora de lugar tão sinistro: lugar célebre por fuzilamento no tempo do *Marechal de Ferro*”⁶⁶. (FREYRE, 1955, p. 111). Outro vulto histórico acrescentado por Freyre pode ser visualizado em *O Sobrado do Pátio do Terço*: “Sobrado de três andares, talvez – quem sabe? – do tempo de *Frei Caneca*, que ali passou a caminho da forca.” (FREYRE, 1955, p. 113).

Percebemos então que, grosso modo, as histórias mantinham-se fiéis às publicadas n’ *A Província*. Freyre as ajustava dando contornos, ora de suavidade no montante de informações, ora acrescentando tons dramáticos como mencionar fuzilamentos e até o enforcamento de um revolucionário pernambucano. Talvez, mais interessasse a Freyre o terror do enforcamento em si, que o contexto revolucionário, como mencionaria mais tarde no prefácio da 2ª edição de *Assombrações do Recife Velho*: “As assombrações no Recife não têm tido menor repercussão folclórica do que as célebres ‘revoluções libertárias’: a de 17, a de 24, a Praieira. Ao contrário: o folclore recifense talvez fale mais de assombrações do que de revoluções” (FREYRE, 2008, p. 19-20).

⁶⁶ Marechal de Ferro era a alcunha de Floriano Peixoto (1839-1895), que governou o Brasil no período de 1891 a 1894.

Antes de apresentarmos as primeiras ilustrações das narrativas, gostaríamos de tecer mais alguns comentários sobre o êxito da parceria texto/imagem em *Assombrações do Recife Velho*:

Quando o livro ainda estava sendo levado ao prelo, em 1953, o *Diario de Pernambuco* publicou uma vasta matéria sobre o trabalho de Lula Cardoso Ayres, considerado um dos maiores pintores brasileiros, em uma época que estavam em atividade artistas como Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Portinari. A matéria, apesar de não assinada, foi concebida por profissional que tinha uma familiaridade com o pintor: o texto deixava claro que houve uma visita ao atelier de Lula para a realização da matéria e as palavras denotavam uma certa intimidade na via entrevistador-entrevistado.

Chamou-nos atenção o fato de a matéria trazer algumas alcunhas do pintor: “Bruxo”, por exemplo. Como complemento, a manchete trazia: O pintor “mal-assombrado” e as aparições noturnas do Recife Velho:

Com ou sem razão apelidaram Lula Ayres de pintor “Mal-assombrado” e o livro escrito pelo sociólogo Gilberto Freyre vem comprovar essa alcunha, uma vez que o ilustrador será o pintor “bruxo”. Histórias do sobrenatural, ligadas ao Recife, apresentadas de uma maneira nova pelo “Mestre de Apipucos” – estilo de narrar que foge às convenções desse gênero de literatura. [...] Muito de novo se apresentará Gilberto Freyre nessa obra destinada a alcançar um sucesso sem precedentes: o Recife com suas assombrações, com seus mistérios. Procissões que eram vistas à noite, na Rua da Cruz, no Pátio do Terço; enterros, vultos a subir as escadas dos sobrados magros, [...] os carregadores de açúcar que passavam pelas portas das casas e desapareciam na esquina próxima; mulheres nuas tomando banhos nos açudes, chamando os moços, afogando-os no rio. Lula nos apresenta essas assombrações – ele, um mal-assombrado autêntico que gosta de observar da janela do atelier, as ondas e o mistério do mar – em uma técnica revolucionária: o sobrenatural evidenciando-se na decomposição das figuras [...] (*Diario de Pernambuco*, Recife, 13 set. 1953, p. 1)

A matéria revelava também a presença do motivo folclórico que resistia na obra de Lula e ligeiramente traz um panorama de suas fases:

Três períodos marcam a evolução do “bruxo” e “mal-assombrado” Lula Cardoso Ayres: 1) O realismo que foi seu estudo de costumes e da vida do povo até 1941; 2) a cerâmica popular fornece-lhe nessa segunda evolução artística, aspecto da zona da mata norte e através das formas arredondadas, ele interpreta o humano. Até 44, Lula permanece nesse estágio; 3) de 45 em diante, a simplificação das formas sentidas tornam-se mais acentuadas. As formas simples e harmoniosas da cerâmica popular, os bichos fantásticos e as visões dos mal-assombrados [...] (*Diario de Pernambuco*, Recife, 13 set. 1953, p. 2).

Como, nesta dissertação, não é nossa intenção nos aprofundarmos na história da arte ou nos movimentos estéticos aos quais Lula se vinculou, por uma questão de honestidade intelectual, apenas comparamos os dados do *Diario de Pernambuco* com um perfil de Lula

Cardoso na coleção *Gênios da Pintura* (1968, p. 74), que não apenas confirmava tais fases como trazia o acréscimo de que as histórias de Freyre motivaram o pintor a voltar ao figurativismo em suas composições.

Aqui optamos por observar como os desenhos de Lula foram importantes para compor o ar de horror que envolvia o livro das assombrações. Conseguimos perceber alguns dados desse nosso propósito numa matéria redigida, em 1956, por Gilberto Freyre, na coluna *Pessoas Coisas e Animais*, da Revista *O Cruzeiro*, que revela um Lula além de triunfal nas ilustrações, um pesquisador e parceiro sensível ao que o escritor idealizou nas narrativas:

Essa sensibilidade em Lula Cardoso Ayres atinge, nas ilustrações para um livro, mas também ele, nem sempre, apenas estilizador de sugestões folclóricas, mas, em várias de suas páginas, esforço de busca ou de procura, através de ingênuas assombrações, de mistérios mais intimamente recifenses que os folclóricos [...]. É a afirmação do artista conscienciosamente integral. E como artista integral é que se consolida, com os seus desenhos para *Assombrações do Recife Velho*, em mestre da arte da ilustração. Da arte de ilustração, sob uma das suas formas mais difíceis. Pois quem concorda em ilustrar um livro do gênero de *Assombrações do Recife Velho* dispõe-se a acompanhar o autor numa aventura de interpretação ou, pelo menos, de apresentação, de assuntos extremamente delicados, em que qualquer atividade intelectual, por um lado, ou de igualmente ostensiva mais falsa ingenuidade, por outro, pode tornar autor ou ilustrador inimigo ou traidor dos desígnios mais sutis da obra projetada. Acontece que Lula Cardoso Ayres identificou-se de tal modo com o espírito de *Assombrações do Recife Velho* que a sua colaboração é a de quem não deixou uma só vez de ser fiel aos desígnios principais do livro (FREYRE, 1956. In: *Revista O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 1956, p. 2).

A simbiose texto/imagem aponta que houve uma liberdade criativa por parte de Lula em dispor tanto de vinhetas e capitulares como pranchas grandes em preto e branco no decorrer da obra. É significativo apontar que na edição de 1955, apenas as páginas que tinham conteúdo escrito eram numeradas, as histórias começavam com um desenho de letra capitular e podiam vir com uma ou mais vinhetas coloridas.

Vinhetas e capitulares também poderiam vir antecedidas e/ou sucedidas por desenhos em pranchas, anexados entre o caderno do livro. Tais desenhos vinham sem números de páginas e não interferiam na numeração do texto em curso. Poderia ficar a cargo do leitor, de repente, adequar as figuras maiores a seu gosto. Como poderia ainda associar a leitura com a apreciação dos desenhos contidos na pasta complementar - que trazia a ampliação das pranchas em P&B, com as assinaturas de Lula Cardoso Ayres mais legíveis.

A seguir, duas pranchas que permeavam as narrativas da segunda parte:

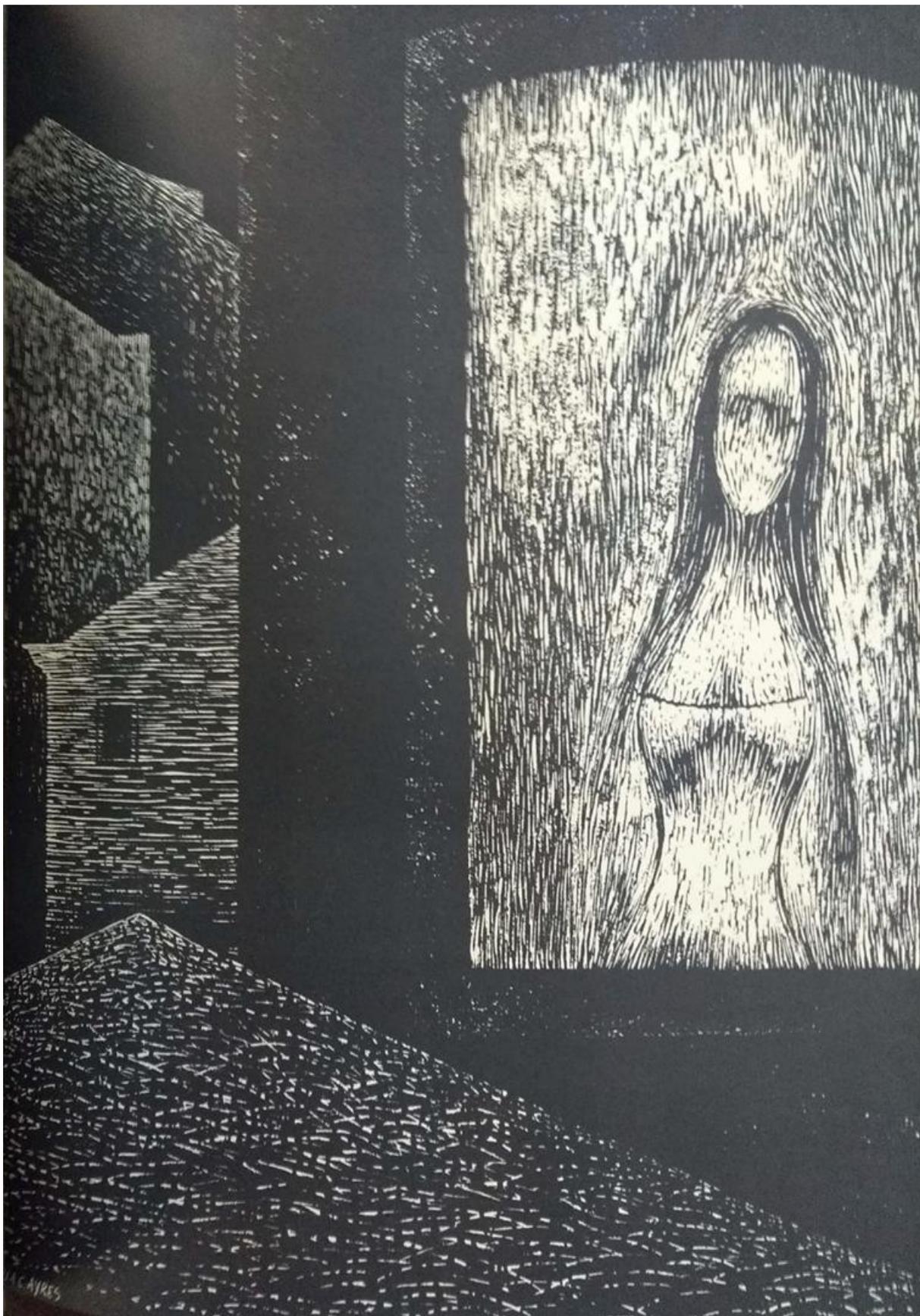


Figura 23 - Desenho de Lula Cardoso Ayres, 1955, Prancha P&B. In: “O Sobrado da Estrela”, FREYRE, 1955. Integrante do livro ARV, exemplar 151 - Acervo da Faculdade de Direito do Recife – UFPE

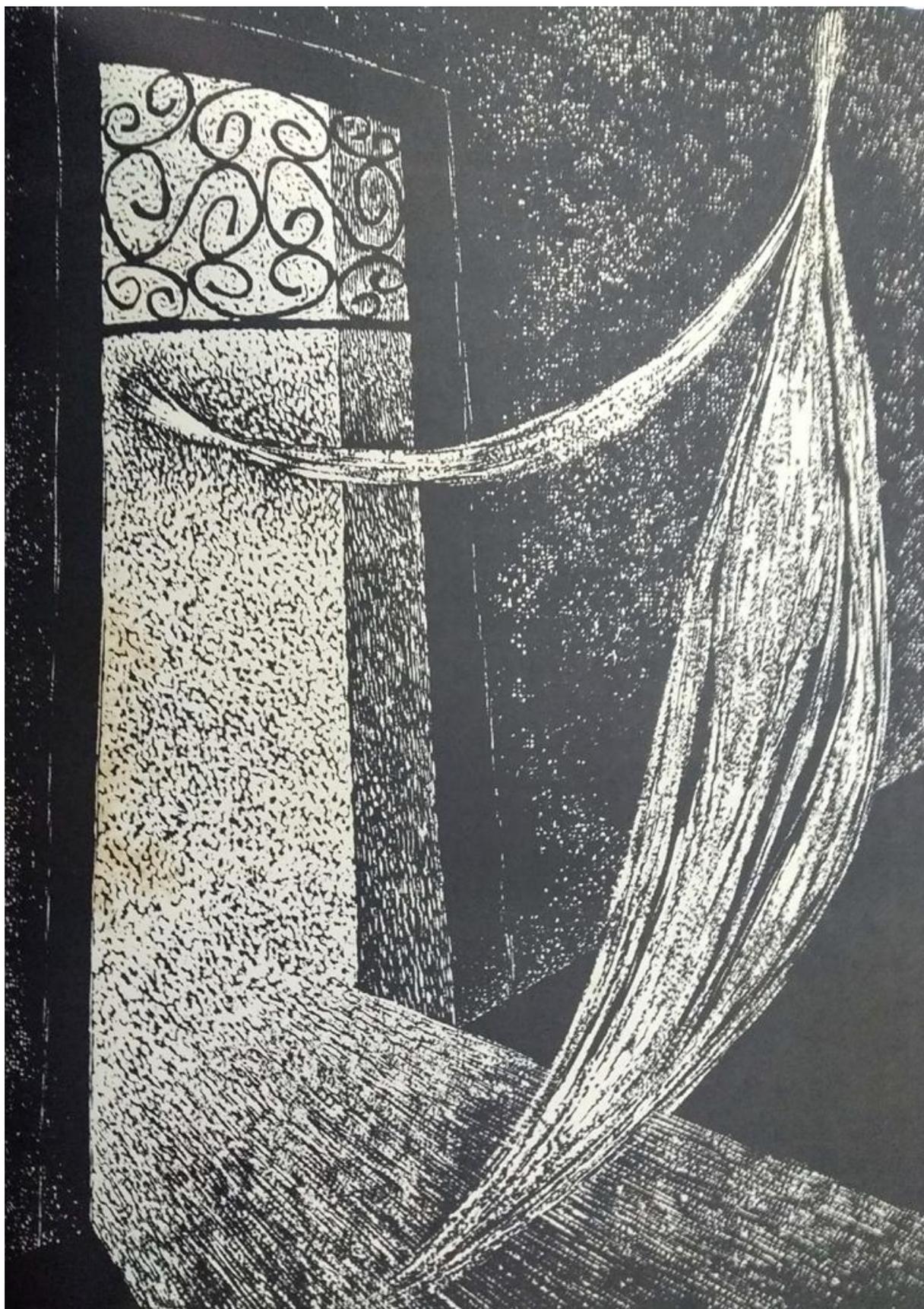


Figura 24 - Desenho de Lula Cardoso Ayres, 1955, Prancha P&B. In: “Outra Casa da Rua Imperial”, FREYRE, 1955. Integrante do livro ARV, exemplar 151, s.p. - Acervo da Faculdade de Direito do Recife – UFPE

Da primeira grande parte do livro, chamada de *Alguns casos*, selecionamos três histórias: I - *O Barão de Escada, num Lençol Manchado de Sangue*; II - *O Velho Suassuna, Pedindo Missa? e* III - *Uma Rua Inteira Mal-assombrada*. Abaixo algumas considerações:

I - O Barão de Escada, num Lençol Manchado de Sangue

Atualmente, Vitória de Santo Antão, município situado a pouco menos de 50 km da capital pernambucana, dispõe de um museu na sede do *Instituto Histórico e Geográfico da Vitória*. Na parte de arte sacra, chamam-nos a atenção algumas imagens de santos católicos cravadas não de ouro ou pedras preciosas, mas de chumbo. Chumbo de tiroteio ocorrido em fins do século XIX, na Igreja do Rosário dos Homens Pretos, local de origem dessas imagens. O tiroteio a que as imagens “testemunharam” foi o estopim de acontecimentos da discórdia entre grupos de políticos às vésperas da eleição para vereadores e juizes de paz.

A carnificina com mais de vinte cadáveres e outros tantos feridos que veio a lume no *Diario de Pernambuco*, de 30 de junho de 1890, foi batizada como *A Hecatombe da Vitória*. Dentre os mortos, o senhor de Engenho Belmino da Silveira Lins (Escada, 04/09/1927 – Vitória, 27/06/1880), o *Barão de Escada*. A chegada do corpo do Barão ao Recife foi relativamente rápida:

O cadáver do Barão de Escada tendo chegado a esta cidade as 3 e ½ horas da manhã de 28, conservou-se exposto na Matriz da Boa Vista. [...] Cada pessoa que ia a Matriz da Boa Vista e ali via o cadáver, crivado de balas, do Barão de Escada, dali saía sendo carregado, com o coração sangrando e pedindo Justiça. Toda a população, desde as mais baixas até as mais elevadas classes, artistas, industriais, literatos, magistrados, todos enfim sentiram, o enorme e irremediável mal [...] (*Diario de Pernambuco*, Recife, 30 jun. 1880, ed.147, p. 3).

Os funerais do Barão provocaram um ar de lamúria na capital Pernambucana:

O ato religioso foi tocante e sensibilizador, e todos os assistentes, conservadores e liberais dissidentes, fraternizando diante de tão grande dor [...]. Terminado o ofício religioso, saiu da igreja o ataúde [...], foi levado a pé até o cemitério público, acompanhado por todas as pessoas que assistiam as exéquias, desfilando o enorme préstito pelas ruas da Imperatriz, Aurora e Lima, até chegar à casa dos mortos. [...] (*Diario de Pernambuco*, Recife, 30 jun. 1880, ed.147, p. 3).

Identificado por “Jorge”, um leitor emite opinião sobre a morte do Barão de Escada ao *Jornal do Recife*:

Sou liberal, porém não posso abafar em meu respeito à indignação que o enche o assassinato do Barão de Escada. Que vilania, que exemplo e que conceito para nosso partido! Autorizemos com atos idênticos, a que se nos faça o mesmo, e teremos em lugar de dois partidos políticos, duas tribos canibais, tendo por fim o assassinato. (*Jornal do Recife*, Recife, 30 jun. 1880, ed. 146, p. 3).

Diferentemente do que ocorre hoje, no Império existiam oficialmente apenas dois partidos: o Liberal e o Conservador. Contudo, assim como ocorre na atualidade, existiam dissidências internas entre os partidos. Tudo indica que o Barão de Escada, integrante influente do partido Conservador, aliou-se a parte dos “Liberais de Vitória” em apoio à disputa eleitoral. Apesar de opiniões particulares já citadas, os dois veículos de comunicação, *Diario de Pernambuco* e *Jornal do Recife*, continuaram a disseminar polêmicas sobre ocorrido no dia 27 de junho de 1880. Contudo, nos interessa aqui o que ambos noticiavam em comum: a marcante e lastimosa morte do Barão de Escada.

Freyre, de forma leve, definia o costume da estada de uma senhora de ilustre família agrária no Recife, em casa de parentes. Em detalhes, ora sensuais, ora com outros tons de malícia, a comparava com sinhás de fins do século XIX e afirmava que, além de distinção, essa senhora estava em determinado grau de sobriedade. Sentada numa cadeira de balanço, no conforto do lar que a abrigava, deixou atônito os circundantes: rompia um grito após uma visagem do tio barão envolvido num lençol branco, manchado de sangue. Como se explicaria aquele fato? Premonição? Delírio? Preocupação?

No parágrafo final, arrebatada dando uma justificativa natural ao fato insólito: “Horas depois, chegavam ao Recife notícias de Vitória: tiroteio na igreja durante as eleições, conflito sangrento. O Barão de Escada fora assassinado.” (FREYRE, 2008, p. 75). A seguir uma amostra da materialização imagética de Lula Cardoso Ayres sobre o caso:



Figura 25 - Desenho de Lula Cardoso Ayres, 1955, Prancha P&B. In: “O Barão de Escada, num Lençol Manchado de Sangue”, FREYRE, 1955. Integrante do livro ARV, exemplar 151, s.p. - Acervo da Faculdade de Direito do Recife – UFPE

A figura do Barão e da cadeira de balanço misturam-se num contorno oval, similar aos retratos em porcelana que adornam túmulos. Com efeito, a nosso ver, beirando ao hipnótico, o traçado de Lula Cardoso põe como centro o volumoso sangue do lençol em frente ao local que possivelmente estariam os olhos esbugalhados da “sinhá”, evidenciando assim a morte do tio barão.

II - O Velho Suassuna Pedindo Missa?

Localizada na região central do Recife, no Bairro de Santo Amaro, a Avenida Visconde de Suassuna é ponto de retorno de coletivos no sentido subúrbio. Nessa avenida, pedestres precisam enfrentar alguns muros altos e calçadas de toda sorte, espremidas entre o asfalto e, a depender do horário, uma infinidade de veículos. É de chamar a atenção num desses muros, ora desbotado, ora coberto de fuligem, um belo painel de azulejos com o nome da avenida.

O painel, recém-colocado, é parte de um projeto chamado “A história nas paredes”, promovido pelo Instituto *Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambucano*. Além do nome da avenida, tem-se a inscrição de um verbete, com alguns dados do primeiro dono do palacete que o muro esconde: Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque (1793-1880), o Visconde de Suassuna: senhor de engenho, revolucionário de 1817, punido pela Coroa por tal insurgência, mas que desde os primeiros tempos do Império brasileiro, tornou-se um político de destaque, assumindo cargos importantes, como o de presidente da Província, Ministro e Senador do Império – este exercido até seu falecimento.

Defronte ao palacete, temos placa indicando o cruzamento da Avenida Visconde de Suassuna e a Rua do Pombal, onde se situa o Cemitério Público de Santo Amaro. Palacete do Pombal e Cemitério de Santo Amaro, respectivamente penúltima e última morada do Visconde, como esclarece o *Diário de Pernambuco* de 29 de janeiro de 1880:

O Visconde de Suassuna – após longos anos de sofrimentos físicos que, a pequenos intervalos, o traziam prostrado no leito, a lutar por assim dizer com a morte, sucumbiu ontem, cerca de duas horas da madrugada, em seu palácio do Pombal, Francisco de Paula Cavalcanti e Albuquerque, brigadeiro reformado [...], conselheiro dignitário da ordem do Cruzeiro, gentil homem da Imperial Câmara, 1º barão e 1º visconde de Suassuna e senador do Império por esta província [...]. Contava, pois o ilustre morto cerca de 87 anos ao dar o último suspiro, que é o sinal do aniquilamento do corpo e de uma nova vida que começa nesse momento cruciante [...]. O Cadáver do finado Visconde de Suassuna foi depositado na Igreja Matriz da Boa Vista [...], sendo depois levado a carro para o cemitério público, onde foi sepultado no túmulo de sua família [...]. Fizeram honras militares à que davam direito a sua patente de brigadeiro” (*Diário de Pernambuco*, Recife, 29 jan. 1880, ed. 23 p. 2).

O *Jornal do Recife*, em seu conciso obituário de 1º de fevereiro de 1880, nos traz a *causa mortis* do Visconde, de nome inusitado aos dias atuais: “amolecimento cerebral”. Nome que não combinava com a rigidez do Suassuna. Segundo Freyre (2008, p. 115), o Visconde era patriarca duramente ortodoxo que justificava ele próprio os escravos da casa do Pombal. Açoites, torturas que chegavam a findar com mortes.

Apesar de ainda possuir uma imponência na região, quando comparamos relatos dos oitocentos com o que verificamos na atualidade, percebemos que o solar do Visconde tem como anexo um terreno bem aquém ao que outrora foi o Sítio do Pombal. Um desses indícios quem nos dá é o jornal *A Epocha*⁶⁷, de 5 de setembro de 1889: “Terrenos baratos: retalha-se bons terrenos do grande sítio do Pombal que foi do finado Visconde de Suassuna. A tratar no mesmo”. Não sabemos até que ponto esses terrenos eram mesmos baratos, até porque, hoje, a localidade é bem valorizada, e mesmo os imóveis estando com um valor elevado, alguns corretores utilizam basicamente o mesmo chamariz para alcançar notoriedade.

Freyre conta que conheceu o sobrado na década de 1930, em começo de ruína e que na década de 1950, “embora desfigurado em fábrica com brasão, mas fábrica” (FREYRE, 2008, p. 114). Nos anos 1970, o historiador Rubem Franca descreve tal casarão situado à Avenida Visconde de Suassuna, nº 393, como escritório de uma tecelagem e nos dá uma descrição do prédio: “Grande solar oitocentista tem dois pavimentos largos e um terceiro de três janelas, no centro. No frontão, em cores nítidas, as armas dos Cavalcanti e Albuquerque e a data 1853” (FRANCA, 1977, p. 265). Atualmente, com o brasão nitidamente restaurado, abriga um escritório de usina de açúcar, coincidência ou não, o mesmo ramo de negócios do Velho Suassuna.

Ainda sobre o casarão, Freyre vai ao ponto fulcral do que teria a relatar:

Mas o que desejo lembrar a propósito do casarão do Pombal é que no ano já remoto que o conheci tinha fama de mal-assombrado. Dizia-se que pelos corredores da casa e pelos restos de jardim outrora opulento e, segundo inimigos do visconde, de terras fecundadas não só com suor como também sangue de negro, costumava a vagar um fantasma de velho alto e muito branco: a alma do próprio visconde a pedir perdão a escravos que maltratara. Também a pedir missas. (FREYRE, 2008, p. 115).

⁶⁷ *A Epocha* – Órgão do partido Conservador. Diário Matutino começou a circular no dia 8 de agosto de 1889. Redatores: João barbalho Uchoa Cavalcanti, Felício Buarque de Macedo. Apresentava formato pouco acima de médio (50 x 32), a cinco colunas de composição e quatro páginas. Redação e oficinas à rua Primeiro de Março – Recife /PE. Nascimento (1966, p. 307).

Como era de costume entre os católicos, a família do Visconde, desde os primeiros dias de seu falecimento, encomendara missas, como relata o *Jornal do Recife*, em 5 de fevereiro de 1880:

O Barão de Muribeca e seus sobrinhos agradecem cordialmente as pessoas que acompanharam o corpo do seu prezado irmão e tio, o Visconde de Suassuna, até a sua última morada, e convidam-nas a assistirem as missas que mandam celebrar no dia 8 de fevereiro, às 8 horas da manhã, na Igreja Matriz da Boa Vista. (*Jornal do Recife*, Recife, 5 fev. de 1880, ed. 28, p. 3)

No decorrer da narrativa de Freyre, temos a sensação que tais missas não foram suficientes, acercando-se de testemunhas, o autor relata que o velho aparecia indicando com precisão matemática o número de missas por sua alma:

Garantiu-me um médico ilustre e fleugmático, o Dr. R. C., que a pessoa de seu íntimo conhecimento, moradora no Pombal, o velho misterioso apareceu certo dia, com toda a sua brancura de neve, pedindo com os dedos, longos e finos, três missas. Três. Nem mais nem menos do que três. (FREYRE, 2008, p. 115).

Ainda no conto, Freyre aponta ser dito na região que, o antigo sítio do Pombal com a casa desfigurada dando lugar a fábrica e desaparecidos os restos do jardim, o fantasma do velho começou a vagar pela vizinhança como a pedir perdão a escravos que maltratara. Quem sabe na casa de Detenção do Recife? Quando o chefe de polícia mandou recolher Jovino e Policarpo, escravos que pertenceram ao Visconde, que agora eram alvos dos herdeiros, como relatou o *Jornal do Recife*, dos dias 28 de fevereiro de 1880 e de 6 de abril de 1881, respectivamente:

Repartição da Polícia^{2ª} Secção da Polícia de Pernambuco, 27 de fevereiro de 1880 N° 243 – Ilm. e Exm. Sr. – Participo a V. Exc. Que foram recolhidos à Casa de Detenção os seguintes indivíduos: À Minha ordem [...], Jovino, escravo do finado Visconde de Suassuna, a requerimento do inventariantes. (*Jornal do Recife*, Recife, 28 fev. 1880, ed. 48, p. 1.)

Repartição da Polícia 2ª Secção da Polícia de Pernambuco, 5 de abril de 1881 N° 243 – Ilm. e Exm. Sr. – Participo a V. Exc. Que foram recolhidos à Casa de Detenção os seguintes indivíduos: [...] Policarpo, escravo que foi do Visconde de Suassuna, por suspeita de andar fugido. (*Jornal do Recife*, Recife, 06 abr.1881, ed.78, p. 1)

A lenda trazida por Freyre, num misto de horror e sedução, conta que o velho costumava oferecer a jovens pastoras as mais belas rosas do Recife. Rosas vermelhas adubadas com carne preta, proveniente de escravos justicados pelo próprio Visconde. Segundo o historiador Paulo Cadena, o Visconde tinha fama de senhor ruim e, fazendo alusão as *Assombrações do Recife Velho*, afirma: “Se hoje se foge do fantasma, no passado, fugiu-se do real chicote do Visconde.” (CADENA, 2015, p. 22).

A seguir, o desenho de Lula Cardoso a lembrar o velho Visconde:



Figura 26 - Desenho de Lula Cardoso Ayres, 1955, Prancha P&B. In: “O Velho Suassuna pedindo missa?” FREYRE, 1955. Integrante do livro ARV, exemplar 151, s.p. - Acervo da Faculdade de Direito do Recife – UFPE

Lula Cardoso Ayres traça um Suassuna pálido, humilde, pedindo missas com os dedos. No caso, três missas, como sugerido numa parte do livro das assombrações. O fundo

preto sugere que o Visconde está numa região de trevas, enquanto os pretos escravos, num fundo branco, como que iluminado pela própria vida, a receber o pedido de perdão do antigo carrasco.

III - Uma Rua Inteira Mal-assombrada

A Avenida Doutor Malaquias, no bairro das Graças, quase não lembra a deserta rua de outrora: asfaltada, cheia de grandes edifícios residenciais, clubes, escolas. Da antiga via, restam poucos vestígios, duas ou três casas e algumas árvores que nos remetem a Av. Malaquias mal-assombrada descrita por Freyre:

Da chamada Avenida Malaquias, que liga as estradas de Dois irmãos e do Arraial, e é hoje uma rua banal, já se disse que teve fama de ser ela inteira mal-assombrada. Ainda a conheci com suas velhas e grandes jaqueiras [...]. Parecia à avenida um resto de mata. Fantasiado de rua; e a rua, uma caricatura de avenida. (FREYRE, 2008, p. 84).

Contudo, a mística da avenida parece ainda sobreviver à modernidade. O jornalista Roberto Beltrão replicou no site *O Recife Assombrado* uma reportagem publicada no *Diário de Pernambuco*, em 23 de junho de 2002, trazendo um relato de um possível contato sobrenatural:

O vigilante Armando Severino da Silva, que trabalha no edifício de número 103 da Avenida Malaquias, jura que ouve assobios e gritos durante a madrugada e relata que teve contato com uma das assombrações. ‘Ano passado, por volta das três horas da manhã, um senhor chegou no prédio me pedindo um casaco. Disse a ele que iria verificar se alguém tinha. Por um segundo, quando me virei, o homem havia desaparecido’. Armando confessa que já está acostumado com os vultos e gemidos. (*Diário de Pernambuco*, Recife, 23 de junho de 2002. In: *O Recife Assombrado*, 12 de outubro de 2016, sítio virtual).

No plano natural, seria comum para quem transita entre os bairros da Jaqueira e das Graças receber uma resposta do Sr. Armando, ou de outro cidadão que conhece a localidade, de um ponto de referência para a Avenida Malaquias: o monumento da Estação da Ponte d’Uchoa.

Ainda hoje existe (ou seria resiste?) um monumento da antiga estação de trem criada em 1865, mas que com o passar dos anos serviu de parada de bondes e ônibus. Também conhecida como Estação da Maxambomba:

[...] Pode-se sentar num dos bancos da velha e pitoresca estação “Ponte d’Uchoa” da antiga Maxambomba. Maxambomba é corruptela da expressão inglesa “*machine pump*”. Trenzinho da empresa de trilhos urbanos – “*Brazilian Street Railway*” – a Maxambomba serviu à cidade de 1865 às primeiras décadas do século XX. A que transitava por aqui, vinha da rua do sol e ia até Dois Irmãos. A estaçãozinha está necessitando, urgente, de reparos e pintura. Os lambrequins estão se desprendendo da cobertura. Uma placa indica: construída na administração do Dr. Antônio de Góis

Cavalcanti, Prefeito. Dr. Álvaro de Oliveira, diretor das O. P. Municipais, 1923 (FRANCA, 1977, p. 233).

Hoje é uma espécie de praça, ainda um oásis onde se pode sentar em meio à comumente engarrafada Avenida Rui Barbosa, como se referiu o professor Franca nos anos 1970. Com relação à necessidade de reparos e pinturas, o quadro mudou um pouco, talvez porque a estação esteja inserida numa das zonas especiais de preservação do patrimônio histórico-cultural (ZEPH)⁶⁸. Nesta década, a estação passou por duas grandes requalificações. A última após ser parcialmente destruída pela colisão de um veículo em outubro de 2013:

Um carro capotou na madrugada desta sexta-feira (28), na Avenida Rui Barbosa, no Bairro da Jaqueira, destruindo boa parte da antiga estação de bondes da Ponte D’Uchoa [...]. A secretaria de Infraestrutura e Serviços Urbanos informou por meio de nota que começará ainda esta semana, ações para a recuperação da estrutura. (*JC online*, Recife, 28 out. 2013).

Afora esse atual crime contra o patrimônio público, outro crime envolvendo o nome da estação Ponte d’Uchoa, ficou marcado no Recife. Freyre o menciona na narrativa da Avenida Malaquias: “Mais de um homem incauto foi assassinado à sombra daquelas jaqueiras tristonhas e gordas. Ficou célebre o assassinato do chefe da estação de Ponte d’Uchoa. Uma cruz de pau recorda ainda hoje esse crime” (FREYRE, 2008, p. 84). A cruz que recordava o crime não se encontra mais no local, ainda assim, pudemos encontrar ecos desse crime em editoriais da primeira década do século XX:

Crime bárbaro

Nos anais da criminalidade, o bárbaro assassinato ocorrido no distrito da Tamarineira, pela hediondez de que se reveste, ficará assinalando uma de suas páginas sinistras. [...]. Ontem, cerca de 5 horas da manhã, o capitão Guilhermino Torres, subdelegado do Espinheiro, teve ciência [...] de haver sido morto na Avenida Malaquias [...] o Sr. José de Andrade Lima, chefe da estação de Ponte de Uchoa. O cadáver apresentava vestígios de cem ferimentos. (*Diário de Pernambuco*, Recife, 24 dez. 1909, p. 1).

No seguinte editorial do *Diário de Pernambuco* também é possível termos um panorama da Avenida Malaquias, bastante próximo ao relatado por Freyre algumas décadas depois, bem como e a proximidade da mesma em relação à estação Ponte d’Uchoa:

A Avenida Malaquias é um lugar quase ermo. Ensombreada de grandes árvores, de um e de outro lado, apresenta um aspecto que infunde medo, para o que concorre mais a circunstância de ser o sítio pouco povoado e reputado perigoso, pelos muitos indivíduos de má fama que costumam transitá-la. É escassamente iluminada. A estação de Ponte de Uchoa, onde o morto era empregado, dista apenas poucos passos do teatro do crime. (*Diário de Pernambuco*, Recife, 24 dez. 1909, p. 1).

⁶⁸ Áreas formadas por sítios, ruínas e conjuntos antigos de relevante expressão arquitetônica, histórica, cultural e paisagística, cuja manutenção seja necessária à preservação do patrimônio histórico-cultural do Município. (LEI N° 16.176/96, LEI N° 16.290/97, LEI N° 16.719/01). ZEPH – 06: Ponte D’Uchoa

Três dias depois, do editorial do DP, o *Jornal Pequeno*, em manchete, dá a tônica da forma como parece ter agido o algoz (ou os algozes) do Sr. José de Andrade Lima: “Sede de sangue”; e continua: “O crime da Avenida Malaquias: [...] ainda não se dissipou do espírito público a impressão dolorosa que o fato produziu, pela hediondez com que foi praticado”. (*Jornal Pequeno*, Recife, 27 dez. 1909, ed. 291, p. 3)

Chama-nos atenção o fato de Freyre trazer, para a história da rua mal-assombrada, uma espécie de “fantasma diferenciado”, amigo da luz. Visto que, ele próprio afirma que, os “fantasmas ortodoxos” são amigos do escuro e inimigos das luzes de lampião e até de lamparina. Contudo, ao que tudo indica, Freyre escutou a história direta ou indiretamente de um acendedor de lampião:

No tempo da iluminação a gás, a chamada Avenida Malaquias era o pavor dos acendedores de lampião. Mais de um acendedor correu gritando como um menino com medo, apavorado com a assombração na avenida. Vultos brancos debaixo das jaqueiras e vozes. Vozes estranhas. Vozes de outro mundo. Certo vendedor de lampião a ouviu bem ao pé do ouvido [...]. Dizia a voz: “Não me deixes no escuro!” (FREYRE, 2008, p. 85)

De certa maneira, ainda hoje, o medo de passar à noite pela Avenida Malaquias – e em diversos trechos do Recife - persiste em muitos transeuntes. A baixa iluminação pública facilita uma série de violências, e nesses casos o assombramento vem ao plano natural. Ficamos a pensar, não seria, além dos motivos do sobrenatural, a história dessa voz do outro mundo somada à voz de Freyre a clamar por melhorias na iluminação do Recife?

A seguir, temos uma das vinhetas de Lula Cardoso Ayres para *Assombrações do Recife Velho*. As vinhetas tinham, além de uma proporção bem menor que as pranchas, um fundo esverdeado e, por vezes, se repetiam no texto em diversas histórias. Esta, em especial, parece-nos inspirada na Avenida Malaquias, com a cruz de madeira lembrando o local do assassinato do antigo chefe da estação de Ponte D’Uchoa.



Figura 27 - Desenho de Lula Cardoso Ayres, 1955, Vinheta alusiva a cruz na Avenida Malaquias. In: FREYRE, 1955, Integrante do livro ARV, exemplar 151, p.65 - Acervo da Faculdade de Direito do Recife – UFPE

3.2 – O Livro de luxo: no atelier do Lula, nas gráficas e nos melhores jornais do ramo!

Em dezembro de 1955, o *Jornal de Letras* (RJ), das Edições Condé, publicava um anúncio do livro das Assombrações, acompanhado de uma das vinhetas de Lula Cardoso Ayres, como o mais belo livro de luxo do ano. Na edição seguinte⁶⁹, em janeiro de 1956, o mesmo anúncio era replicado em formato similar, mas um detalhe contrastava: o preço consideravelmente reajustado. O livro que em dezembro custava Cr\$ 1.000,00 passou a custar Cr\$1.500,00. Conforme veremos a seguir:

⁶⁹ O *Jornal de Letras* (RJ) tinha publicação mensal.

ACABA DE SAIR

O mais belo livro de luxo do ano:

ASSOMBRAÇÕES

DO

RECIFE VELHO

DE
GILBERTO FREYRE

e
ilustrado
por

LULA CARDOSO AYRES



EDIÇÃO LIMITADA DE 400 EXEMPLARES

Preço Cr\$ 1.000,00

EDIÇÕES CONDÉ

Figura 28 - Jornal de Letras (RJ), dez.1955, p. 3

ACABA DE SAIR

O mais belo livro de luxo de 1955:

ASSOMBRAÇÕES

DO

RECIFE VELHO

DE
GILBERTO FREYRE

e
ilustrado
por

LULA CARDOSO AYRES



EDIÇÃO LIMITADA DE 400 EXEMPLARES

Preço Cr\$ 1.500,00

Edições Condé

Figura 29 - Jornal de Letras (RJ), jan. 1956, p. 9

Sobre o aumento significativo da cifra de um mês para outro, esclarecemos que não entraremos no mérito de uma indexação contundente. Apenas para termos uma ideia superficial do preço bem como do aumento, o *Jornal de Letras* custava Cr\$ 5,00, tanto na edição de dezembro de 1955 quanto na de janeiro de 1956. O preço do livro equivaleria ao de duzentas edições do jornal (Cr\$ 1.000,00) em dezembro de 1955, e de trezentas (Cr\$ 1.500,00) em janeiro de 1956. Mas, enfim, era a quantia cobrada por uma edição de luxo.

Além do *Jornal de Letras*, *Assombrações do Recife Velho* começou a ser citado com o termo “livro de luxo” em alguns jornais do país a partir de 1955. A exemplo do *Correio da Manhã* (RJ) ⁷⁰, de 2 de abril de 1955, no 1º caderno, p. 2, que trazia a indagação: “O que

vamos ler?”, e entre as indicações de leitura estava a obra de Freyre. Em 1956, o mesmo *Correio da Manhã*, em 16 de fevereiro, mais uma vez, trazia na seção *Escritores e livros*, p. 10, “O último lançamento do *Jornal das Letras – Assombrações do Recife Velho*”. O *Jornal do Commercio* (RJ)⁷¹, em 18 de março de 1956, trazia um anúncio em destaque do livro versando algumas de suas qualidades de escrita e gráfica.

O *Diario de Pernambuco* do primeiro domingo de abril de 1956 dedicou um grande número de linhas ao lançamento do livro: “*Em torno de Assombrações*” – um longo trecho do prefácio, de autoria de Freyre (p. 4, com continuação na p. 13). Foi uma espécie de resenha assinada pelo escritor Renato Carneiro Campos:

Assombrações do Recife Velho é o novo livro de Gilberto Freyre

Da zona do açúcar, do massapé, da terra gorda, existia “Nordeste”, descrevendo a terra, o homem, as águas, os animais, os costumes, suas inter-relações, com muita poesia rigor científico, num equilíbrio raro na sua maneira de ser livro impressionista. Agora, temos *Assombrações do Recife Velho*, que vem completar de um certo modo o Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife. O livro de Gilberto Freyre está impregnado de pernambucanidade; de fantasmas pernambucanos vistos por olhos esbugalhados de pernambucanos; do Recife antigo cheio de evocações; de poesia. Poesia viril de quem sentiu todo legado poético da sua cidade, dos que viveram antes dele, sentiram, tiveram medo, se assombraram: molecotas, negras velhas, sinhás, fidalgos, senhores patriarcais. E é livro de análise social. Retrato de uma época. O que existiu no que acreditou as marcas deixadas no povo, meninos crescendo com medo de “cabras-cabriolas”, de “lobisomens”, de almas penando nas encruzilhadas. Sinhás pálidas, enclausuradas, com medo de atravessar salas, entre os móveis austeros. Negros, magros de jacarandá. É um livro de um poeta verdadeiro, do melhor que já falou do Recife, de quem melhor sentiu a sua poesia. Estava faltando esta história poética do Recife, do Recife velho, feita agora por mão de mestre, com belas e sugestivas ilustrações deste pintor de grande sensibilidade que é Lula Cardoso Ayres. É histórias contadas por bocas pernambucanas em cozinhas patriarcais, em mocambos e palácios, coligidas e narradas por Gilberto Freyre, trazendo para os recifenses atuais a poesia da sua cidade, poesia perdida, esquecida. E agradecemos ao autor de tão belo livro pelo reencontro com a meninice, com os bons momentos passados ao pé de pretas velhas, de avós, ouvindo regaladamente, nas noites sem sono, de menino sem querer dormir, as histórias da cidade do Recife. Não pode o escritor recifense fugir às sugestões poéticas de sua cidade. Cidade de rios, de pontes, de velhos sobrados esguios, de barcaças, de cais solitários e de muitos mistérios. Mistérios que sem eles, diz Gilberto Freyre, “O passado recifense tomaria o frio aspecto de uma história natural, e pobre da cidade e do homem cuja história seja só história natural”. (CAMPOS, 1955. In: *Diario de Pernambuco*, Recife, 1º abr. 1956, p. 31).

⁷⁰ *Correio da Manhã* (RJ). Fundado por Edmundo Bittencourt, é considerado hoje um dos mais importantes jornais brasileiros do século XX, dotado de uma ética própria e introdutor de refinamentos textuais que se transformariam na sua marca. Começou a circular em 15 de junho de 1901. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/correio-da-manha/>> Acesso em: 21 mar. 2019.

⁷¹ *Jornal do Commercio* (RJ) - Publicado desde 1º de outubro de 1827 é o segundo periódico diário mais antigo do Brasil ainda em circulação, bem como um dos mais antigos de toda a América Latina, perdendo apenas para o *Diario de Pernambuco*. Veio a lume pelo tipógrafo parisiense Pierre René François Plancher de La Noé, fundador da Imperial Typographia, no centro do Rio de Janeiro (RJ) Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-commercio-rio-de-janeiro/>> Acesso em: 21 mar. 2019.

O escritor Renato Campos, além de conhecedor da obra de Freyre, apresenta alguns traços em comum com este: era amigo e colega de trabalho. Estudou sociologia, chegando a ser diretor desse setor no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais - talvez por isso que ele ressalte que o livro das assombrações tenha um “rigor científico”, típico da sociologia.

Concordamos com Campos quando este diz que *Assombrações do Recife Velho*, de certa forma, é um complemento ao *Guia prático, histórico e sentimental do Recife* (1934), visto que o tema das assombrações também está contido neste e que a intimidade poética com a cidade permeia ambas as obras. Outra coisa que nos chama atenção é o ar de saudosismo que ele demonstra ao agradecer a Freyre por reviver sua “meninice”. Uma meninice de casa-grande, passada ao lado de pretas velhas, uma vez que Renato Accioly Carneiro Campos vinha de uma família de tradição açucareira.

Dando sequência à edição de 1º de abril de 1956, do *Diário de Pernambuco*, uma terceira menção é feita ao livro das assombrações, num anúncio em forma de resenha, sem autoria exposta:

Novo livro do escritor Gilberto Freyre

Em edição reduzida de 400 exemplares, acaba de ser publicado pelas Edições Condé, do Rio de Janeiro, novo livro do escritor Gilberto Freyre – *Assombrações do Recife Velho*, em que são analisados aspectos do passado sentimental recifense menos ostensivo: o ligado ao sobrenatural, através de aparições constatadas ou observadas em área urbana ou suburbana da cidade. Desse passado, pode-se dizer que são constantes as recorrências nos dias de hoje, associando-se o sobrenatural a ruas, casarões, sobrados magros das margens do Capibaribe e sítios pitorescamente suburbanos. A edição – admirável trabalho gráfico – vem ilustrada por numerosos desenhos de Lula Cardoso Ayres. Ao livro é anexada ainda, uma pasta contendo os desenhos ampliados do texto. Exemplares de “*Assombrações do Recife Velho*” podem ser adquiridos na Indústria Gráfica Brasileira, à Rua do Bom Jesus, nº 183, primeiro andar, fone 9108 – ou na residência do pintor Lula Cardoso Ayres, à Avenida Beira Mar nº 5092, fone 7172, ramal 35. (*Diário de Pernambuco*, Recife, 1º abr. 1956, p. 3).

Algo que nos chama bastante atenção nesse anúncio é o fato de que o livro poderia ser adquirido na residência de Lula Cardoso Ayres, deixando ainda mais claro o empenho que “O amigo certo de sempre” de Gilberto tinha para com o êxito da obra, inclusive o das vendas. Anos mais tarde, em 1960, em carta enviada a Freyre, outro momento de esforço para divulgação e venda vem à tona:

Meu caro Gilberto,

É com maior alegria e emoção que lhe escrevo depois dos dias tumultuosos da inauguração de nossa exposição [...]. Nosso livro das assombrações tem feito um sucesso enorme. Pouca gente o conhecia graças à indiferença de Condé. Os 14 volumes que vieram voaram logo no começo da exposição e a Cr\$ 5.000,00 cada. Já tenho uma lista de pretendentes e por isso pedi pra você mandar através do nosso bom amigo Werner mais alguns exemplares se achar conveniente [...]. Muitas saudades e abraços do amigo certo de sempre, Lula. (AYRES, 1950, p.1).

Conforme a metodologia sugerida pela historiadora Angela de Castro Gomes, e por nós seguida desde o capítulo anterior, retomamos o histórico de correspondências que tivemos acesso entre Ayres / Freyre na tabela 2:

Tabela 2 – Correspondências Ayres/ Freyre				
TIPO	DATA	EMISSOR	DESTINATÁRIO	ASSUNTO
Carta manuscrita	07/12/1950	Lula Cardoso Ayres	Gilberto Freyre	Resposta a carta enviada por Freyre sobre o convite de ilustrar o livro ARV, bem como das sugestões para os desenhos. Delimitação dos desenhos; Contato com o editor João Condé;
Carta Manuscrita	09/08/1951	Lula Cardoso Ayres	Gilberto Freyre	Carta enviada a Freyre que se encontrava em Paris; Lula cita a demora do Editor Condé em responder sobre a autorização para se iniciar a ilustração do livro. Lula ressalta que está impaciente pra iniciar o trabalho;
Carta Mista / datilografada e manuscrita	23/04/1960	Lula Cardoso Ayres	Gilberto Freyre	Carta enviada a Freyre comentando particularidades da Exposição do Museu de artes de São Paulo, e evidenciando o sucesso de vendas do livro <i>Assombrações do Recife Velho</i> , bem como a impressão da negligência do Editor João Condé para uma maior divulgação da obra.

No conjunto de cartas, fica clara a delicadeza de Lula para com Freyre, mantida num período de aproximadamente uma década. Também se percebe que Lula não demonstrou, em nenhum momento, satisfação com o editor do livro, João Condé.

Retornando aos jornais, além do citado trecho do prefácio, publicou-se, senão uma narrativa inteira de *Assombrações do Recife Velho*, pelo menos resumos dessas narrativas. O *Jornal de Letras* (RJ) de maio de 1956 (p. 11) trazia comentários do “interessantíssimo” livro de Freyre, duas vinhetas de Lula Cardoso e a reprodução do conto *Um Sobrado de S. José*.

Já no *Correio da Manhã* (RJ) de 9 de junho de 1956 (p. 8), no primeiro caderno, seção *Um passeio pelos livros* – sem autoria expressa - foi realizado o tal passeio por *Assombrações do Recife Velho*, resumindo algumas histórias: *O Boca-de-Ouro*; *Um lobisomem famoso* (Outro Lobisomem); *As assombrações premonitórias* (O Barão de Escada, num Lençol Manchado de Sangue; O Vulto do Salão Nobre e o Sobrado da Estrela) – as histórias também acompanhavam a parte imagética com vinhetas de Lula Cardoso Ayres.

O *Diario de Pernambuco*, ainda em 1956, lançou mão de publicidade indireta a *Assombrações do Recife Velho* ao tratar de temas como a reedição de lançamento do livro *Recife Sangrento*: “Publica Oscar Melo a nova edição do seu livro *Recife Sangrento* [...]. O repórter é realmente antigo. Está muito citado em *Assombrações do Recife Antigo* (sic), de Gilberto Freyre.” (*Diario de Pernambuco*, Recife, 24 jun. 1956, p. 4); E na denúncia sobre a falta de iluminação na Avenida Beira-Mar:

Todo mundo que chega do Rio diz que a praia de Boa Viagem é muito bonita; mas o que faz pena é não se ver ninguém, de noite, na praia. Ninguém passeia, como em Copacabana; ninguém sai de casa; todo mundo se encaramuja em suas tocas. De noite, a Boa Viagem dá a impressão de uma cidade morta. Mas que querem? Se não há iluminação? Parece que o ponto mais atraente do Recife e turisticamente mais interessante nasceu com ‘caveira de burro’; se acreditarmos nas assombrações e nas coisas encantadas, coisa de que tão bem se ocupou no seu livro *Assombrações do Recife Velho*, o grande escritor e pesquisador das coisas pernambucanas, Gilberto Freyre. (*Diario de Pernambuco*, Recife, 15 abr. 1956, p. 4).

Interessante que na mesma edição que se fez essa denúncia, na coluna *Coisas da cidade*, aparecia uma matéria diretamente ligada a *Assombrações do Recife Velho*:

A edição do novo livro de Gilberto Freyre *Assombrações do Recife Velho*, em formato de luxo, com ilustrações do pintor Lula Cardoso Ayres, ficará como uma das grandes performances literárias do ano; não só pelo texto, em que o autor aparece com a sua imaginação, o seu estilo e o seu espírito de pesquisa, que, tanto se tendo exercido sobre o natural, se volta agora para o sobrenatural; mas pelo conjunto de ilustrações, em que o pintor procura acompanhar o autor. Toda cidade velha e toda casa velha deve ter suas lendas; que a imaginação popular e os espíritos simples aceitam e transmitem de pais a filhos. Assis Chateaubriand lamentava anteontem, na Câmara Municipal, ao receber o título de ‘Cidadão do Recife’ porque se havia destruído o velho Recife; a Lingueta; a Rua da Cadeia; e como todo esse antigo bairro, que ainda conheci em todo o seu esplendor, a Igreja monumental, que lá se erguia, com sua fachada de pedra; e os arcos tão característicos. Aí, pode-se dizer que a culpa foi, não só das autoridades civis, mas das eclesiásticas; que por um ‘dez réis de mel coado’ se desfizeram de um patrimônio tão precioso. O próprio Instituto Arqueológico tem culpa no cartório; pois chegou a aprovar uma indicação, para a mudança do nome ‘Encanta Moça’ ao pequeno aeroporto do Pina. Tendo nascido no Recife crescido e vivido, Gilberto Freyre reuniu as histórias mal assombradas de lobisomens, de papa-figos, de fantasmas, de sobrados e casas povoadas de duendes. A nossa vida é povoada de inquietações; de dúvidas e de mistério. O sobrenatural nos rodeia e nos enlaça. A tudo isso empresta ele a magia do seu estilo e de sua imaginação. O Recife, que já lhe devia o seu Primeiro Guia, ilustrado por Jardim, deve-lhe agora a história de suas assombrações. Quem acreditar em superstições o leia; quem não acreditar não o despreze. É o caso de dizer como o outro: ‘Não acredito em bruxas, mas que as há, há’. – Z (Z, 1956. In: *Diario de Pernambuco*, Recife, 15 abr. 1956, p. 4).

No *Dicionário de pseudônimos de jornalistas pernambucanos*, o jornalista Luiz do Nascimento (1983, p. 36) nos dá um indício de que “Z” pode ser o jornalista Aníbal Fernandes. Interessante observar que o autor dessa espécie de resenha de *Assombrações do Recife Velho* aproveita para alfinetar entidades mediante denúncia de negligências com o patrimônio da capital pernambucana, se ancorando na fala do magnata da comunicação Assis Chateaubriand, no discurso de posse à cidadania recifense.

Na mesma coluna – *Coisas da cidade* –, sob a alcunha de “M”, a qual não identificamos no *Dicionário de pseudônimos*, é abordada a possibilidade de uma edição popular de *Assombrações do Recife Velho*:

Certamente, o editor José Olympio não vai perder a parada. A do lançamento de uma edição popular de *Assombrações do Recife Velho*, de Gilberto Freyre. O livro saiu agora pelas Edições Condé. Alto luxo, 400 exemplares em formato grande e papel sulfite. Que fique só em mãos de bibliófilos e assinantes essa obra-prima de arte gráfica. Mas que chegue também aos leitores comuns a outra obra-prima que contém a essencial: a dos temas e das narrativas. Com eles e nelas, assessorado por Lula Cardoso Ayres (que bota nas ilustrações medos e mistérios vivos, movimentos quase físicos, e não de trações, de fantasmas, rumores de estilhaços e cadeiras balançando sozinhas), Gilberto Freyre nos dá a plenitude de seus dons poéticos em contato mesmo com o mundo maior da poesia que é o do sobrenatural ou do sentido como sobrenatural. E a plenitude de sua retentiva e de sua acústica de menino, tão ágeis e plásticas, ambas quase de cera virgem, para guardar e enriquecer de sensibilidade as sombras e os era-uma-vez que ressurgem agora feitas da substância mais difícil, quando pura, a substância da linguagem, a única capaz de recompô-los com a integridade e os intentos primitivos. Em *Assombrações do Recife Velho* a luz está apagada. Mesmo a luz dos antigos lampiões de gás ou das lamparinas de azeite dos oratórios. O clima e à hora são da noite, sempre de noite de muro contra a aurora, cheirando a açúcar, molhada de Capibaribe, aberta ao trânsito dos mortos nas ruas, nos sítios de arrabalde, nas canoas fluviais. Nenhuma interferência do folclore universal ou mesmo nacional. Nenhum fantasma inglês bem comportado. Todas as visões do Recife, do Recife Velho. A das almas subindo as escadas, a do Capeta fedendo a enxofre, a das casas mal-assombradas de São José, a dos carros com boleiros extintos de cartola, a dos papa-figos, fazendo medo às crianças, a dos lobisomens pegando as moças na estrada escura. M. (M, 1956. In: *Diário de Pernambuco*, Recife, 8 mai. 1956, p. 4).

“M” com certeza estava por dentro do mercado editorial. O fato é que uma edição dita popular realmente se fazia interessante para o público de menor poder aquisitivo. Contudo, o livro demorou quase uma década e meia para sair nesse novo formato – como comentaremos adiante. Discordamos do fato de o autor falar que não houve nenhuma influência do folclore universal ou mesmo nacional na narrativa de Freyre.

Apesar dos casos serem todos de fatos ocorridos no Recife, há muita coisa que permeia o folclore de diversos países, como os lobisomens, por exemplo. A própria temática da hibridez das crenças nos leva a perceber que Freyre frequentemente utilizou elementos do folclore nacional e de povos colonizadores. Lembremos que o velho Suassuna também aparecia como um fantasma comportado, lembrando um fantasma de *lord* inglês.

Em novembro de 1956, o *Diário* nos apresenta sua derradeira reportagem sobre *Assombrações do Recife Velho* do ano:

Esgota-se o livro de Gilberto Freyre

Vai se esgotando rapidamente no Rio, São Paulo e no Recife a edição de luxo (400 exemplares) do livro *Assombrações do Recife Velho*, de Gilberto Freyre, com ilustrações do Pintor Lula Cardoso Ayres – ilustrações que alguns críticos consideram a obra-prima do artista. Sabemos que a partir de janeiro o exemplar da

referida obra rara, acompanhado de uma pasta com as ilustrações aumentadas, de mil e quinhentos cruzeiros passará a dois mil cruzeiros. (Diário de Pernambuco, 11 nov. 1956, p. 3).

Percebe-se que a matéria tem título sensacionalista. A expressão “esgota-se” parece muito com os anúncios de vendas próximos ao natal: estilo “adquira já o seu exemplar!”; mais uma vez o preço do livro aumentaria substancialmente no mês de janeiro, frisemos que *Assombrações do Recife Velho*, contudo estava distante de se esgotar em 1956. Conforme verificamos em carta, Lula Cardoso Ayres venderia no mínimo 14 exemplares a Cr\$ 5.000,00, em 1960, o que significa uma porção considerável em meio à tiragem de luxo.

3.3 - Assombrações do Recife Velho: recepção e longevidade

3.3.1 – As edições populares

O preço do feijão / não cabe no poema. O
preço do arroz / não cabe no poema. /Não
cabem no poema o gás /a luz o telefone / a
sonegação / do leite /da carne /do açúcar
do pão [...] porque o poema, senhores,
está fechado: “não há vagas”.
(Ferreira Gullar)⁷²

O jornalista “M”, em 1956, como vimos, já externava a possibilidade da José Olympio Editora lançar uma edição popular de *Assombrações do Recife Velho*. Além de ser uma das grandes editoras do ramo, havia uma ligação estreita com Freyre pela publicação de obras anteriores. Segundo Fonseca (2002, p. 129), para além do profissional, José Olympio possuía relações de compadrio com Freyre: foi grande amigo e compadre de G.F., a quem confiou, em 1936, a direção da Coleção Documentos Brasileiros, que ele dirigiu até o volume 18, de 1939. Foi editor de G.F. - quando lançou a quarta edição *Casa-grande & senzala*. E, de fato, a José Olympio viria a publicar a segunda e terceira edição do livro das assombrações.

Contudo, o processo de publicação de *Assombrações do Recife Velho*, na “versão popular”, foi permeado por diversas negociações expostas na imprensa. Uma delas vem pela própria pena de Freyre, na Revista *O Cruzeiro*, em 1963: “Um editor de livros de bolso ao alcance do chamado grande público - o Tavares - vai em breve lançar no Rio e em São Paulo, em vasta edição popular, o *Assombrações do Recife Velho*. Um livro sobre fantasmas e

⁷² GULLLAR, Ferreira. *Não há vagas*. Disponível em < <http://rascunho.com.br/analise-de-um-poema-de-gullar/> > Acesso: 15 fev. 2019

mistérios [...]” (*Revista O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, coluna: Pessoas, Coisas e Animais 14 dez. 1963, p.112). Mais adiante, Freyre vem a público esclarecer os leitores sobre suas relações editoriais, numa matéria intitulada “*Um editado e alguns de seus editores*”:

Deixou o editor José Olympio? Pergunta-me ‘um leitor’ em carta que me chegou às mãos vindas de Curitiba. De modo algum: continuo a ser pessoa da casa ou da família editorial que tem em José Olympio Pereira o seu insigne patriarca [...]. Sucede, porém, que esse editor que é também um fraternal amigo deste seu antigo editado, concorda em que certos trabalhos deste e de outros editados que ele não possa publicar senão a prazo mais ou menos longo, tenham sua publicação antecipada por intermédio de outros editores. [...] A ed. Record lançará outros livros meus [...], há anos esgotados: *Açúcar*, e mais *Assombrações do Recife Velho* [...]. As edições Record são organizadas e lançadas com admirável espírito pioneiro. Trata-se de uma empresa arrojada. Anima-a jovem e inovador cearense fixado no Rio: Hermenegildo de Sá Cavalcanti [...] (FREYRE, 1968. In: *Diario de Pernambuco*, Recife, 16 jun. 1968, p.4).

Os argumentos utilizados por Freyre foram reforçados quando ele mesmo publicou o prefácio à segunda edição de *Assombrações do Recife Velho* e deu nota explicativa: “[...] a ser lançada em breve pela *Editora Record*, do Rio, edição revista e aumentada pelo autor e com novas ilustrações de Lula Cardoso Ayres que podem ser consideradas obras-primas do gênero” (FREYRE, 1969. In: *Diario de Pernambuco*, Recife, 4 mai. 1969, p.4).

A essa tática de divulgação do prefácio foi acrescida crônica do jornalista Renato Carneiro: “*Assombrações do Recife Velho* é livro que bem merece nova edição. Se possível, popular.” (CARNEIRO, 1970. In: *Diario de Pernambuco*, Recife 15 mar. 1970, p. 3). Afora a frase inicial, a crônica é idêntica à realizada pelo mesmo autor, que foi publicada para a primeira edição. É interessante observar que, em 1956, o *Diario de Pernambuco* creditava ao autor outro sobrenome seu “Campos” – trocando em miúdos, Renato Carneiro e Renato Campos eram a mesma pessoa.

Ainda no ano de 1970, Freyre vem ao *Diario de Pernambuco* mais uma vez anunciar o lançamento de *Assombrações do Recife Velho*, agora pelas *Edições José Olympio*:

O editor de livros José Olympio vai breve lançar no Rio e em São Paulo, em edição popular com ilustrações de Poty, o *Assombrações do Recife velho*. Um livro sobre fantasmas e mistérios do qual há apenas uma edição especial (Condé) mais que esgotada. (FREYRE, 1970. In: *Diario de Pernambuco*, Recife, 30 ago. 1970, p. 4).

Notemos que o nome de Lula Cardoso Ayres não foi mencionado nas ilustrações. Para a edição popular, foi designado Poty. Acreditamos ter sido essa iniciativa tomada pelo fato deste ser o ilustrador oficial da editora. De concreto, o que podemos confirmar é que a segunda como a terceira edição ficou realmente a cargo da *José Olympio*:

A editora José Olympio [...] acaba de entregar ao público a 3ª edição de *Assombrações do Recife Velho* [...]. Obra enriquecida com capa e 36 belos desenhos de Poty [...], vem mantendo o mais vivo interesse não só entre os aficionados de

assuntos que versem sobre temas sobrenaturais como entre os leitores em geral (*Diário de Pernambuco*, Recife, 19 mai. 1974, p. 60).

Após a *José Olympio*, mais três editoras viriam a publicar edições populares de *Assombrações do Recife Velho*. A quarta edição ficou a cargo da *Editora Record*, em 1987, a quinta foi retomada em 2000 pela *Topbooks*, e a sexta 2008 pela *Editora Global*, que ainda se encontra em catálogo. Ressaltemos que, apesar das capas serem distintas, as seis edições populares contaram com a permanência das ilustrações de Poty

3.3.2 – Luz, sombras, câmera e ação: *Assombrações do Recife Velho* nas telas da TV e cinema

Esta cidade é mágica, meio bruxa
Enfeitiça, quebranta, tira as forças
(Nilo Pereira)⁷³

Estudar o tema das assombrações em narrativas pode ser visto como algo inusitado para alguns. Tal tema quando trabalhado em linguagem de cinema, que é próxima a dos sonhos pode levar o estudo a soar como incerto. Contudo, para nossa pesquisa, levamos em consideração as palavras do historiador Marc Ferro (1992, p. 79): “mas essa explicação não é satisfatória para quem conhece o infatigável ardor dos historiadores, obcecados por descobrir novos domínios, sua capacidade de fazer falar até troncos de árvores.”

Para nós, se fez interessante, ao longo da pesquisa, observar o cinema como forma de recepção da obra de Freyre e o seu recurso de longevidade. Levamos em consideração que o cinema incrementou as histórias dessas assombrações, concebidas em livro de luxo na década de 1950, uma popularidade sequencial a iniciada nos anos 1970, com a edição do livro popular.

No entender dos críticos Francis Vanoye e Anne Golliot-Lété (2002, p. 54): “Um filme é um produto cultural inscrito em um determinado contexto sócio-histórico.” Compactuamos com essa ideia. Acrescentemos que o produto fílmico *Assombrações do Recife Velho* surge no ano 2000, quando a *TV Jornal do Commercio* encomendou a alguns artistas locais uma série de curtas-metragens baseados no livro de Gilberto Freyre.

⁷³ Esses versos compostos pelo historiador Nilo Pereira (1909-1922) estão inscritos, numa placa-monumento, em concreto e cerâmica de autoria do artista plástico Francisco Brennand (1927-), na Praça Chora-Menino, bairro do Paissandu, Recife. Acreditamos que esse monumento é uma exaltação as lendas de “assombrados” que circundam o local, mencionadas por Freyre.

Os episódios de aproximadamente cinco minutos seriam exibidos logo após o noticiário *TV Jornal Meio-dia*. O roteiro da série ficou a cargo de Bráulio Tavares, que se uniu a uma plêiade de nomes da então “nova safra” de diretores do núcleo pernambucano, como Adelina Pontual, Lula Queiroga e Cláudio Barroso.

A série fez parte da comemoração dos cem anos de nascimento de Gilberto Freyre. O jornalista Marcos Toledo, no dia 10 de julho de 2000, no *Jornal do Commercio* (p. 1 – Caderno C) trouxe um pouco do que seria essa adaptação, com a matéria intitulada “*Assombrações de Freyre ganham vida em filmes para a TV*”:

[...] O texto original é reverenciado por todas as vertentes envolvidas na produção dos vídeos como um exemplo da versatilidade do autor. [...] Mesmo rodada em vídeo formato *betacam*, o tratamento dispensado a série é de cinema. Desde a linguagem de texto, passando pelo corte de enquadramento (com tarjas), requinte de arte e fotografia sofisticada. A realização lembra os filmes de cinema-mudo: não há diálogos, apenas a narração de Rubem Rocha Filho, uma espécie de alter ego de Gilberto Freyre - e a música assinada pelo Quinteto Violado (tema) e Lula Queiroga e Felipe Falcão (trilha). (TOLEDO, 2000. In: *Jornal do Commercio*, Caderno C Recife, 10 jul. 2000, p. 1).

A adaptação de *Assombrações do Recife Velho* para as telas surgiu numa época em que o *Festival de Cinema de Recife* (atual *Cine PE*) ia se firmando como um dos grandes festivais cinematográficos do país. Ainda segundo Vanoye e Golliot-Lété (2002 p. 144): “Adaptar é [...] não apenas efetuar escolhas de conteúdo, mas também trabalhar, modelar uma narrativa em função das possibilidades ou, ao contrário, das impossibilidades inerentes ao meio.”

Assim, a série *Assombrações do Recife Velho* teve por lógica apresentar narrativas curtas, como os contos de Freyre. Seus dispositivos- narrativos ou discursivos -, sua estrutura dramática e rítmica, a forma e sentido tiveram resultados, a nosso ver, impactantes nas sequências fílmicas.



Figura 30 – Abertura da Série ARV - retirada do curta-metragem “O Boca-de-Ouro” (2000)

A seguir, demonstraremos um pouco de nossas impressões sobre três desses filmes: I - *O Boca-de-Ouro* (Direção: Cláudio Barroso); II - *Outro Lobisomem* (Direção: Adelina Pontual) III - *Fantasma de Menino Feliz* (Direção: Lula Queiroga). Reiteramos que o roteiro adaptado de todos os curtas ficou a cargo de Bráulio Tavares e a narração de Rubem Rocha Filho. A realização ficou ao critério da *Luni Produções*, *O7M Comunicação* e *Fundação Quinteto Violado*.

I - O Boca-de-Ouro

Diferentemente do conto de Freyre, que inicia descrevendo as aparições do Boca-de-Ouro, fantasma aciganado, que vez por outra visita outras cidades do país, o filme começa com um distanciamento do Recife a um tempo mais remoto que o que se passa no conto. Para tanto, o roteirista se utiliza de alguns trechos da introdução do livro:

Por séculos, o Recife foi como as demais cidades do Brasil colonial, um burgo escuro, cujas casas se iluminavam azeite ou a vela. Só na segunda metade do século XIX apareceram nas casas [...] os candeeiros belgas [...], luz mais brilhante que a antiga e que foi afugentando os fantasmas não só das ruas, como do interior das casas. Obrigando-os a se refugiarem nos ermos, nos cemitérios, nas ruínas, nos restos de igrejas, de conventos e fortalezas, nos casarões abandonados, nas estradas tão sombreadas de arvoredo. (FREYRE, 2008, p. 44).

A narração desse trecho é bem fidedigna à original, havendo supressões ou expressões conectivas. A iluminação parece acompanhar a tonalidade narrada: pouca luz e muita sombra, silhuetas da cidade, de objetos e pessoas sugerindo assombrações. A mudança da iluminação e

do colorido das cenas demarca o início da história do Boca-de-Ouro em si. Adiante a voz do narrador aparece quase a recitar trechos de Freyre na íntegra.

Há uma nítida sincronia entre texto, música e interpretação das cenas que se dão em mais cinco etapas:

- *Pacato cidadão:*

Um rapaz a transitar próximo ao Capibaribe, na sua solidão a desfrutar do ar bom da madrugada. Desejando quem sabe encontrar alguma mulher encantadora: “Acontece que um pacato recifense dos princípios deste século decidiu uma noite [...] ser um tanto boêmio [...]. Quem sabe não encontraria alguma mulher bonita? Alguma pálida iaiá de cabelos e desejos soltos?” (FREYRE, 2008, p. 63).



Figura 31 – “Pacato cidadão”- retirada do curta-metragem “O Boca-de-Ouro” (2000)

- *O encontro do rapaz com o Boca-de-Ouro:*

Mas quem de repente encontrou foi um tipo acapadoçado, chapéu caído sobre os olhos, panamá desabado que foi lhe pedindo fogo. O aprendiz de boêmio não gostou da figura do malandro [...]. E ia remexer nos bolsos quando o tipo acapadoçado encheu de repente, sem quê nem pra quê, o silêncio da noite alta [...] uma medonha gargalhada; e deixou ver um rosto de defunto já meio podre e comido de bicho, abrilhantado por uma dentadura toda de ouro, encravada em bocaça que fedia como latrina de cortiço. (FREYRE, 2008, p. 63).



Figura 32 – “Encontro”- retirada do curta-metragem “O Boca-de-Ouro” (2000)

- *O desespero e a tentativa de fuga:*

“Correu o infeliz aprendiz de boêmio com toda força de suas pernas azeitadas pelo suor do medo [...] Mas quando ia parando, quem lhe via surgir de novo com nova gargalhada de demônio zombeteiro? [...] O fantasma roxo e amarelo”. (FREYRE, 2008, p. 63).



Figura 33 – “Desespero”- retirada do curta-metragem “O Boca-de-Ouro” (2000)

- *O alívio trazido pela luz do dia:*

“O pacato recifense então não resistiu. Espapaçou-se no chão [...]. E ali ficou como um trapo até ser socorrido pelo preto do leite que, madrugador, foi o primeiro a ouvir a história: e, falador como ninguém, o primeiro a espalhá-la,” (FREYRE, 2008, p. 63).



Figura 34 – O “causo” sendo contado - retirada do curta-metragem “O Boca-de-Ouro” (2000).



Figura 35 – O “divulgador” - retirada do curta-metragem “O Boca-de-Ouro” (2000).

- *A aparição final*: o Boca-de-Ouro finaliza o episódio com sua gargalhada de terror característica, quase todo em preto e branco, exceto o dourado de sua dentadura.



Figura 36 – “Gargalhada final” - retirada do curta-metragem “O Boca-de-Ouro” (2000)

Sobre filme, acrescentemos que na dramaturgia do horror, como sinaliza o historiador Luiz Nazário (1998, p.22-25), o monstro surge do além: de um mundo desconhecido, do passado remoto, do reino das trevas, e resume esse além numa expressão: “do inconsciente”. Ainda segundo Nazário, alguns são antropomórficos, isto é, homens moral e/ou fisicamente deformados.

Quase sempre, uma testemunha privilegiada toma consciência da existência do monstro, do perigo que ele representa, e tenta alertar a comunidade, que o toma por louco. No caso do Boca-de-Ouro, a testemunha privilegiada foi o jovem boêmio, aturdido. A comunidade pode ser condensada na figura do preto do leite, rapaz de ar risonho e debochado que saiu a espalhar a história da aparição.

II - Outro LobisOMEM

Filme com um toque artístico que destoou um pouco da narrativa original, mas nada que comprometesse o cerne da história. A começar que a fotografia é inteira em preto e branco e Freyre lida com a simbologia das cores: “Também se diz, no Recife, do lobisOMEM que chupa sangue [...], sangue de moça bonita e de meninozinho cor-de-rosa [...]. Diz-se que

certa madrugada assombrou umas moças que iam tomar banho na praia do Brum [...]. As moças todas vestidas de baeta azul [...]” (FREYRE, 2008, p. 135-136).

Julgamos que a cor rosa atribuída ao meninozinho representava a pouca idade e etnia da criança, bem como a cor azul da vestimenta das moças indicavam pureza, virgindade, inexistentes no filme, são relevantes para o discurso de Freyre. Sobre o lobisomem, Freyre ainda destaca sua brancura, atribuindo-lhe o apelido de “Barata Descascada”, mais de uma vez mencionado no conto e suprimido no filme.

O filme logo de início traz algo impactante: gravuras de diversos tipos de seres vinculados à caricatura de lobisomem. Retratos também são utilizados, para vincular o protagonista a uma árvore genealógica ilustre. Vemos que foi dada ênfase a cenas de ação com efeitos especiais condizentes com uma atmosfera de horror.



Figura 37 – “Criatura” - retirada do curta-metragem “Outro Lobisomem” (2000).

Segundo Nazário (1998, p. 12), os olhos do monstro refletem sua concupiscência, assim é comum termos na tela olhos lascivos de esquizofrênicos, esbugalhados, saltando das órbitas, antecipando em brilhos sádicos o gozo que obterá. Assim foi no filme durante os movimentos de ataque do “lube” de Beberibe.

Destaquemos que na penúltima cena houve um acréscimo que, a nosso ver, deu um tom majestoso ao filme: uma mulher dando de mamar ao lobisOMEM, fazendo alusão à *Pietà*, de Michelangelo. Finalizamos ressaltando que a voz do narrador foi fiel à maior parte do conteúdo apresentado no livro e que, apesar das cores não terem a simbologia do discurso freyriano, a opção pela fotografia em preto e branco surtiu um efeito positivo ao tonalizar um horror que talvez não ficasse tão bom com a filmagem em cores.



Figura 38 – “Olhar de lobisOMEM” - retirada do curta-metragem “Outro LobisOMEM” (2000).



Figura 39 – “Referência à *Pietà*” - retirada do curta-metragem “Outro LobisOMEM” (2000).

III - Fantasma de Menino Feliz

Nessa adaptação há uma permuta. Optaram por suprimir a parte final do conto, na qual Freyre começa a fazer uma correlação do fantasmazinho protagonista com outro de tradição inglesa. Em lugar da fidalguia britânica, foi feito um paralelo com outros fantasmas recifenses, figuras predominantemente desafortunadas, “à toa”, habitantes de um universo onírico da Praça Chora-Menino. Mudou-se também a localização do enredo. A voz do narrador aparece logo no princípio adaptando trechos da introdução do livro:

[...] Chora-Menino, que por tanto tempo foi [...] um descampado da cidade [...], a tradição é que naquele descampado houve matança e sepultamento de recifenses, inclusive de meninos [...]. A lenda diz que [...], na revolta de 1831, conhecida por Setembrizada [...], o Recife ficou cheio de gente morta [...] e que, tempos depois, quem passasse alta noite por aquela paragem ouvia sempre choro de menino. Talvez menino morto ali enterrado. (FREYRE, 2008, p. 37).

Acompanhando a locução aparecem imagens da Praça Chora-Menino, localizada no bairro do Paissandu, com placa do logradouro, monumentos e natureza circundante, compondo a cena em tons pretos e brancos. Deu-se sequência inserindo-se trechos de cenas de batalhas, também em preto e branco, para fazer alusão à lendária carnificina. E como representação aos meninos mortos, inseriu-se esculturas de pequenos anjos de arte sacra/tumular.

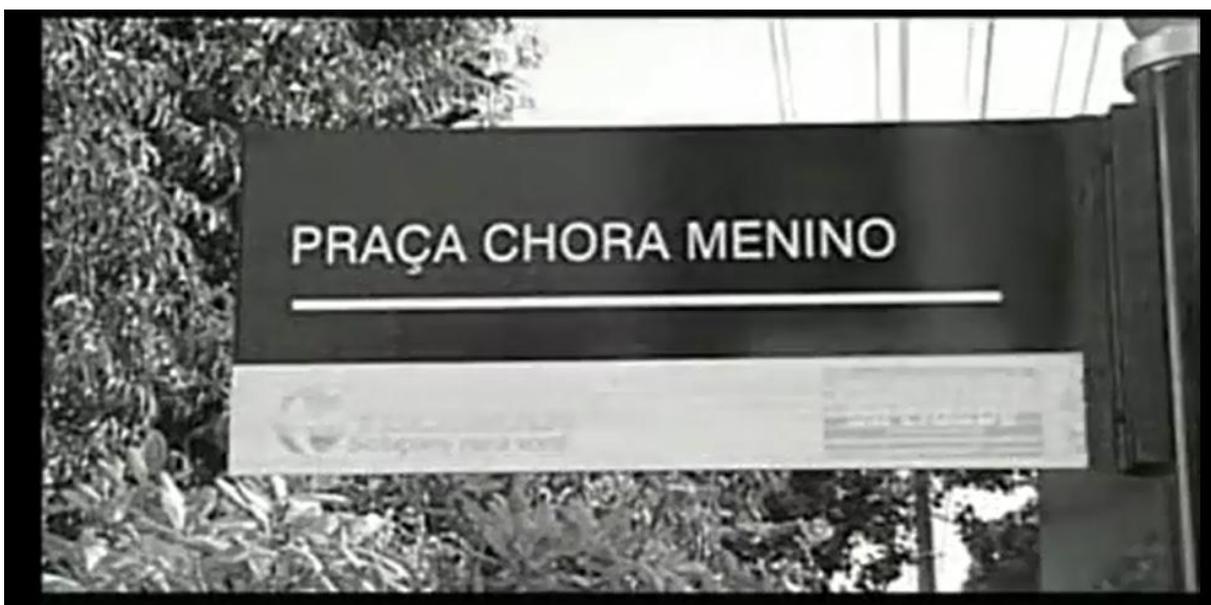


Figura 40 – Placa da Praça Chora-Menino - retirada do curta-metragem “Fantasma de Menino Feliz” (2000).



Figura 41 – “Arte tumular” - retirada do curta-metragem “Fantasma de Menino Feliz” (2000)

Para dar início à história do conto em si, o narrador começa fazendo uma diferenciação entre o logradouro dos desafortunados e a casa da elite em que aparecia um sorridente fantasma de menino, com aparência de rico e feliz:

Era a mais bela das assombrações. Bela e difícil de ser explicada pela gente da casa onde aparecia: casa antiga da Boa vista. Casa de gente sinhá e não à toa. Pois o fantasmazinho não intimidava pessoa alguma da casa nem aterrorizava menino vivo, nem pedia missa [...]. Era o contrário dos fantasmas convencionais, apenas sorria e brincava como se ainda fosse gente deste mundo. (FREYRE, 2008, p. 99).



Figura 42 – “Casa de gente sinhá” - retirada do curta-metragem “Fantasma de Menino Feliz” (2000).

A partir daí, as cenas que acompanham a voz do narrador são basicamente todas coloridas – apenas com alguns momentos em preto e branco, a acrescentar um clima de horror - e com um cenário rico em detalhes: reconstituição de trajés e costumes de gente elegante dos fins do século XIX e início do XX.

Acrescidas, como não poderiam deixar de ser, das peraltices de um menino loiro, como neto em casa de avó. Aqui frisemos que a decisão por um menino loiro foi opção da produção do filme, visto que Freyre não deixou essa parte bem definida:

Contou-me Dona Carmem de Sousa Leão que na casa de família recifense muito de suas relações – e creio que até que do seu parentesco-, moradora em velha Rua da Boa Vista, costumava há anos aparecer e desaparecer por encanto a figura de um lindo meninozinho, não me lembro se louro cor-de-rosa, se moreno como um bom e belo brasileiro do Norte. (FREYRE, 2008, p. 100).



Figura 43 – “Fantasma de meninozinho” - retirada do curta-metragem “Fantasma de Menino Feliz” (2000).

O ponto alto do filme foi em seu desfecho, quando a família chamou uma plateia de vizinhos para presenciar o menino brincando, que apesar de não parecer se importar, desaparecia a seu bel prazer. Nessa cena, houve também uma liberdade artística, visto que o fantasmazinho só sumiu após uma tentativa de ser fotografado.

Freyre tinha sugerido apenas que “[...] o meninozinho desaparecia de repente, sumindo da vista dos vivos, como qualquer fantasma de gente grande. Misterioso como qualquer assombração de história de alma-do-outro-mundo.” (FREYRE, 2008, p. 100). A inserção de um fotógrafo da cena veio a calhar com o clima de horror clássico do cinema.



Figura 44 – “Fantasma prestes a desaparecer” - retirada do curta-metragem “Fantasma de Menino Feliz” (2000).



Figura 45 – “O desaparecimento” - retirada do curta-metragem “Fantasma de Menino Feliz” (2000).

A “chave de ouro”, ou seja, o desaparecimento do fantasma é tratada por Nazário (1998, p. 34) como potencializadora da dramaturgia do horror, uma vez que a invisibilidade aumenta o poder do fantasma, pois, pode se deslocar sem nenhuma restrição, tendo domínio sobre os seres visíveis que ficam atormentados, unidos, embaraçados pelos próprios olhares.

Ressaltamos que, apesar da grande supressão que houve no texto de Freyre, para fins da temática das *Assombrações do Recife*, o contraponto com a história do “Chora-Menino” não desarticulou o cerne do fantasma do menino feliz da Boa Vista. Contudo, percebemos que houve uma lacuna em relação à sugestão de Freyre quanto ao contato mais estreito com a tradição inglesa, rica em histórias de fantasmagoria.

Para o crítico de cinema Alexandre Figueirôa (2003, p. 94), “a coletânea de pequenos filmes baseados no livro sobre assombrações [...], que foi gravada em formato eletrônico e transposta para 16 mm, é bem convincente”. Talvez, com esse sentimento de convencimento de público e crítica, que no dia 26 fevereiro de 2001, no Centro de Convenções de Pernambuco, *Assombrações do Recife Velho* entrou na mostra competitiva de curtas-metragens, na 5ª edição do Festival. Apesar de algumas dificuldades na exibição, devido a problemas técnicos oriundos do local das projeções, conforme consta no *Caderno C*, p.1 do *Jornal do Comércio* (PE) de 27 de abril de 2001, *Assombrações* foi agraciado com o prêmio de melhor roteiro do festival na categoria ficção 16 mm.

3.3.3 - Algumas Assombrações do Recife Velho: fantasmas ressurgem nas histórias em quadrinhos (HQ)

A população de Melânia se renova: os dialogadores morrem um após o outro, entretanto nascem aqueles que assumirão os seus lugares no diálogo, uns num papel, uns em outro. (Ítalo Calvino)⁷⁴

Segundo a historiadora Sandra Pesavento (2006), de maneira mais geral, o estatuto da escrita de Freyre possui tanto um conteúdo sociológico quanto histórico visto sua preocupação com a pesquisa e com as fontes. Seriam, pois, a erudição e o vigoroso trabalho de pesquisa de Freyre fatores que contribuíram para a formação de um acervo, arquivo ou museu imaginário, isto é, um universo mental de referências, que permitiram as mais diversas confrontações e estimularam a sua criação.

Em relação à temática das assombrações do Recife, a historiadora Maria Alice Gabriel e a linguista Luciane Santos (2016, p. 570) refletem que a obra de Freyre está profundamente ligada às raízes da cultura popular, mas em paralelo ao relato escrito. A presença de temas

⁷⁴ Ítalo Calvino (2009, p. 76), Em *As cidades Invisíveis*, na parte 5 é abordada pela primeira vez no texto reflexões do narrador sobre *As cidades e os mortos*.

amplamente explorados pelo fantástico permite aproximar os relatos das narrativas insólitas que floresceram da tradição oral.

Mediante a riqueza cultural e a vastidão de personagens, foram escolhidos sete contos do livro para serem adaptados aos quadrinhos, resultando no livro *Algumas Assombrações do Recife Velho*, publicado pela Editora Global, no ano de 2017:

A adaptação foi conduzida por André Balaio e Roberto Beltrão, que possuem larga experiência na produção de histórias em quadrinhos. As ilustrações são de Téo Pinheiro e a pesquisa histórica foi realizada por Naymme Moraes. No processo de adaptação, procurou-se manter o âmago dos contos concebidos por Freyre, procurando assim transmitir a atmosfera de mistério presente no livro de 1955. (BALAIO; BELTRÃO, 2017, p. 9).

Ainda segundo os editores a adaptação das narrativas de Freyre para a HQ apesar de ter sido materializada no ano de 2017, fez parte de um processo iniciado no ano de 2000. Assim, a HQ é fruto do desdobramento do projeto *O Recife Assombrado* que tem por o objetivo divulgar o imaginário brasileiro no aspecto particular das lendas e assombrações.⁷⁵

O historiador Wilson Chiarelli Júnior (2018), que trabalha com produção de histórias em quadrinhos locais, nos apresenta dados relevantes sobre trabalhos envolvendo os participantes de *Algumas Assombrações do Recife Velho*, aqui representados pelo desenhista Téo Pinheiro e o roteirista André Balaio, responsáveis pela coleção de *graphic novels* sobre as assombrações do Recife. Tratam-se de narrativas recentes, inspiradas na atmosfera freyriana, que se tornaram verdadeiro êxito das HQs nacionais: *A Rasteira da Perna Cabeluda* (2015) e, *Malassombro: assovios na mata* (2016).

Em relação à adaptação das histórias de *Assombrações do Recife Velho*, Chiarelli Júnior ressalta:

[...] Tem seu diferencial ao representar os desenhos coloridos digitalmente e apresentar releituras bastante fiéis aos textos originais do Freyre [...]. Todas elas são narrativas fechadas, sem continuações e concluídas em uma quantidade padrão de oito páginas. Para tanto, foram selecionados os contos *O Boca-de-Ouro*, *Um Lobisomem Doutor*, *Papa Figo*, *Um Barão Perseguido Pelo Diabo*, *O Visconde Encantado*, *Visita de Amigo Moribundo* e *o Sobrado da Rua de São José* (CHIARELLI JÚNIOR, 2018, p. 36).

Concordamos com Chiarelli Júnior quanto à fidelidade do texto e demais aspectos por ele citado. Embora se faça prudente externar uma citação trazida pelo próprio Chiarelli:

Quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos. Há muitos

⁷⁵ O projeto *O Recife Assombrado* foi iniciado em sítio virtual www.orecifeassombrado.com. O projeto promove ainda palestras em escolas e universidades e desenvolve, junto com produtores parceiros, roteiros para teatro e audiovisual.

pontos comuns com a literatura, evidentemente. Assim como há também com o cinema, o teatro e tantas outras linguagens (RAMOS, 2016, p. 17 apud CHIARELLI JÚNIOR, 2018, p. 24).

Cientes dessas prerrogativas mencionadas pelo professor Ramos iniciamos a demonstração de *Algumas Assombrações do Recife Velho*: das sete histórias contidas em HQ, mencionaremos três: I - *Um Lobisomem Doutor*; II - *O Papa-Figo* e III - *O Sobrado da Rua de São José*. Frisamos que nossa finalidade nesta etapa é externar a longevidade do legado das assombrações do Recife retocadas por Freyre:

I - Um Lobisomem Doutor:

Tema recorrente no universo fantástico, o lobisomem é um “clássico da licantropia, a regressão do homem à condição animal.” (GABRIEL; SANTOS 2016, p. 575). Nessa história, o lobisomem também pode ser visto como o equivalente ao lobo que ataca meninas, a exemplo da “chapeuzinho vermelho”, cuja moral para as meninas é clara: afastam-se dos lobos! (DARNTON, 2017, p. 22). Aqui a mocinha parece ganhar contornos tropicais: vestida na cor azul, sinal de virgindade, como podemos verificar nas figuras abaixo:



Figura 46 – “Josefina”; Fonte:HQ AARV, p.24



Figura 47 – “Josefina / Lobisomem”; Fonte: HQ AARV, p.25

Essa história tem uma particularidade: diz Freyre que a escutou diretamente da negra velha Josefina (que após o episódio ficou conhecida por Josefina Minha - Fé), “que era então negrota gorda e redonda de seus 13 anos [...]” (FREYRE, 2008, p. 65). Na HQ, o clima de horror e sensualidade presentes na pena de Freyre é retratado de forma bastante intensa.

II - O Papa-Figo:

Das histórias apresentadas, esta é, provavelmente, a mais conhecida entre os recifenses. Talvez pelo fato de ela ser recontada não apenas pelo teor lúdico, mas por um medo coletivo do roubo de órgãos como o fígado, rins e córneas, principalmente entre os mais pobres.

Na história relatada em 1955, dois personagens foram marcantes: um senhor abastado, cuja doença o impelia a comer fígado humano e um “fornecedor”, também conhecido como “velho do saco”. Agrupamos alguns quadros, para sintetizar uma sequência que a nosso entendimento pudesse captar o cerne da história:

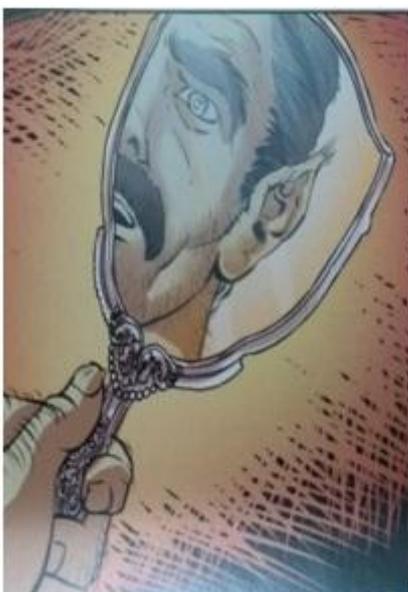


Figura 48 – “Papa-Figo;” Fonte:HQ AARV, p.29



Figura 49– “Fornecedor”; Fonte:HQ AARV, p.33



Figura 50– “Refeição”; Fonte:HQ AARV, p.34

Ressaltamos aqui a acuidade que os editores da HQ conferiram aos detalhes da indumentária e utensílios: desde a percepção da transformação licantrópica, até os utilizados na refeição/ritual de cura. Tal ritual se parece muito com o de vampirismo, visto que o fígado (“figo”, em linguagem coloquial) é um dos órgãos do corpo humano, que mais parece com sangue coagulado. A refeição é, pois, um caso assemelhado à hematofagia.

III - O Sobrado da Rua de São José

Freyre traz uma narrativa fantástica onde o personagem principal é um sobrado localizado na urbe recifense com alcunha de mal-assombrado: “O bairro de São José é o refúgio daquelas assombrações do tempo dos reis velhos, que outrora tornaram famoso o Recife propriamente dito: a quase ilha do Recife.” (FREYRE, 2008, p.163).

Percebemos que o autor se utilizou tanto das características do bairro (o palco, quase um museu ao ar livre) quanto do próprio sobrado (o protagonista) para dar vazão a uma experiência criadora de reconstituição de um passado.



Figura 51 – “Barulhos no Sobrado da Rua de São José”; Fonte:HQ AARV, p.59

Essa reconstituição pode ser verificada na figura 51, na qual o sobrado é participante ativo da história: com sua carcaça e mobília desgastada, parece reger uma orquestra sinistra de sons, contribuindo para aguçar a imaginação dos circundantes e moradores que clamam por socorro celeste.



Figura 52– “Adaptação d’ A Província” Fonte:HQ AARV, p.59

A figura 52 é a nosso ver um dos detalhes mais interessantes de toda a HQ, tendo em vista que há uma valorização das fontes primárias que deram origem à história. No caso, a adaptação do jornal *A Província*, por nós já mencionado como artigo de importância no processo que deu origem ao livro *Assombrações do Recife Velho*.

Assim como o historiador Robert Darnton (2017, p.23), acreditamos que os contos populares podem nos fornecer subsídios a uma análise da dimensão histórica de um povo. Abertamente, confesso do não-ineditismo das histórias, Freyre empresta sua pena para dar um colorido especial às crenças e tradições locais.

Mais de seis décadas depois, como na citação de Ítalo Calvino, na epígrafe deste tópico, novos atores entraram em cena para dar outro colorido a essas histórias. Procuramos valorizar esse trabalho de propagação onde os “fantasmas” de outrora, bem como seus cenários, que ressurgem em uma leitura *pop*, trazendo por consequência parte do imaginário sobre a cidade do Recife na plataforma HQ.

Frisamos que os quadrinhos, tão em voga na contemporaneidade, são um dos pilares da *Comic Con Experience*, (www.ccxp.com.br), evento brasileiro de cultura *pop*, periodicamente sediado na cidade de São Paulo - considerado o maior da categoria na América Latina. No ano de 2017, Recife sediou *CCXP Tour Nordeste*, momento em que os editores de *Algumas Assombrações do Recife Velho* puderam compartilhar com um grande contingente de pessoas as sete histórias vindas d’antanho com um retoque freyriano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freyre, escritor sofisticado, mergulhou na cultura popular para conceber as narrativas contidas em *Assombrações do Recife Velho*. Histórias do povo, ou inspiradas em crenças populares, receberam um retoque de erudição, seja pela composição textual ou imagética na obra. Acreditamos que boa parte dessas histórias estaria pulsante até hoje entre os recifenses, ainda que não houvesse a interferência de Freyre sobre elas. Contudo, apesar da declarada falta de ineditismo, inferimos que, para fins de narrativas escritas, - e, portanto de algum modo ficção - sobre o folclore do sobrenatural, Freyre foi um pioneiro no Brasil. Ao tratar desse aspecto íntimo da história do Recife, Freyre convidou outro pioneiro na temática das assombrações, Lula Cardoso Ayres, este via artes plásticas, para auxiliá-lo na feitura do livro *Assombrações do Recife Velho*.

Nosso trabalho foi fundamentado em bases historiográficas para analisar essa obra de Freyre. Para tanto, utilizamo-nos de um referencial teórico diversificado, incluindo autores que exemplificam o *modus operandi* da escrita historiográfica, a diferenciação entre história e memória, o tratamento das fontes como correspondências e jornais, as práticas de leitura e escrita, a história dos intelectuais e suas sociabilidades, o envolvimento com mercado editorial, a perpetuação da memória e também dos seus esquecimentos. Para nos aproximarmos da intimidade com que Freyre versava sobre a cidade do Recife, valemo-nos de livros, artigos, dissertações e teses sobre a história pernambucana, além de “arruarmos” por territórios da cidade, como o bairro de São José, Santo Amaro, Graças, Jaqueira, Beberibe, capturando imagens, fazendo anotações e associações com as narrativas de Freyre.

Iniciamos nossa narrativa, introduzindo-nos como parte integrante dela, ou seja, a partir da noção que o historiador se insere num lugar social e que ele interage com o seu objeto, sendo, portanto, parcial em suas escolhas. Optamos por tentar reconstituir escrupulosamente o itinerário de Freyre, tomando como parâmetro aquilo que supomos ser importante para a elaboração de *Assombrações do Recife Velho*. Mesmo sob a consciência de que nossas raízes, por vezes, sejam “aéreas”, ou seja, que funcionem como antenas para se conectarem com o mundo, optamos por percebermos como Freyre as replantou na sua terra natal, levando em consideração aspectos de suas sociabilidades, culminando com o brotar de seu projeto político mais relevante: a fundação do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (atual FUNDAJ).

Dando prosseguimento a nossa pesquisa, a observação da urbe recifense, incluindo algumas das transformações ocorridas em sua “fisionomia”, fizeram-se incontornáveis.

Também intensificamos a temática do livro propriamente dito. Dessa forma, buscamos observar a relação de Freyre com a imprensa, com seus editores e também com colaboradores, como o repórter policial Oscar Melo, o pintor Manoel Bandeira (M. Bandeira) e o multiartista Lula Cardoso Ayres. Frisamos que a parceria com Lula Cardoso Ayres em franca demonstração de como o ilustrador foi importante para a confecção, divulgação e venda do livro – o atelier de Lula chegou a funcionar como um dos endereços para a venda de *Assombrações do Recife Velho*.

A repercussão na imprensa local e nacional foi apresentada; refletimos sobre a produção textual e imagética de algumas de suas histórias do livro. Exploramos também a recepção por parte de produtores culturais, a partir da observação das adaptações de *Assombrações do Recife Velho* para a televisão, o cinema e as histórias em quadrinhos. Inferimos que, apesar da temática advinda do povo, foi com chancela de Freyre e seus colaboradores, que midiaticamente houve a corporificação dessas assombrações.

Nitidamente, os bens culturais produzidos sob inspiração freyriana lograram êxito: a adaptação de *Assombrações do Recife Velho* para as telas, que fez parte da comemoração dos cem anos de nascimento de Gilberto Freyre (2000), foi agraciada no ano seguinte (2001) com o prêmio de melhor roteiro do festival na categoria de ficção 16 mm, na mostra competitiva de curtas-metragens, na 5ª edição do Festival de Cinema do Recife (atual Cine PE). O Projeto *Recife Assombrado* (www.orecifeassombrado.com), expressamente de inspiração freyriana, em 2004, foi premiado pela AETI (Associação de Empresas de Tecnologia Internet) como o melhor site de cultura de Pernambuco daquele ano. Ressaltemos também que a adaptação para os quadrinhos tem recebido notoriedade em eventos importantes de cultura *pop* tanto no Recife quanto em outras cidades como, por exemplo, na *Comic Con Experience - SP*.

Enfim, coube-nos a iniciativa de, a partir das informações e representações produzidas na sociedade, e materializadas no livro de Freyre, ler nas entrelinhas as articulações das narrativas fantasmáticas com a história do Recife, o convívio de culturas diversas, como alguns habitantes lidam com a “convivência” entre os mortos e os vivos, como o medo pode servir de inspiração para a visualização de criaturas advindas de metamorfoses e a maneira como esse repertório foi passado adiante. Percebemos que o Recife, cidade contraditória, onde opulência e miséria coexistem desde tempos remotos, quando observada pela perspectiva do insólito, pode ser considerada uma *cidade transcendental*, onde os mistérios e a apreensão deles são importantíssimos para compreendê-la.

FONTES

Sítios da Internet:

www.americanobatista.com.br
www.anj.org.br
www.bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/
www.cpdoc.fgv.br
www.festivalcinepe.com.br/resultados
www.fundacaogilbertofreyre.blogspot.com
www.fundaj.gov.br
www.iahgp.com.br
www.orecifeassombrado.com
www.recife.pe.gov.br
www.ufpe.br
www.unicap.br
www.usinaserragrande.com.br
www.youtube.com

Assombrações do Recife Velho (Obra Rara / Portfólio)

FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**: Algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. Rio de Janeiro: Edições Condé, 1955. Exemplar nº VI (Caixa Cultural / Acervo da Fundação Gilberto Freyre)

FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**: Algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. Rio de Janeiro: Edições Condé, 1955. Exemplar nº 151 (Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife – UFPE. Setor de Obras raras)

AYRES, Lula Cardoso. Desenhos de Lula Cardoso Ayres para “Assombrações do Recife Velho” de Gilberto Freyre. **Portfólio** - anexo ao livro Assombrações do Recife Velho. Rio de Janeiro: Edições Condé, 1955. [s.p.] (Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco-UFPE. Setor de Obras raras)

Correspondências

AYRES, Lula Cardoso. **Carta manuscrita destinada a Gilberto Freyre 1**. Recife, 7 de dezembro de 1950 – (Fundação Gilberto Freyre)

AYRES, Lula Cardoso. **Carta manuscrita destinada a Gilberto Freyre 2**. Recife, 9 de agosto de 1951- Acervo Fundação Gilberto Freyre.

AYRES, Lula Cardoso. **Carta datilografada e manuscrita destinada a Gilberto Freyre**. São Paulo, 23 de abril de 1960 (Fundação Gilberto Freyre)

Caderno em espiral

AYRES, Lula Cardoso. **Caderno de estudos para ilustrações de Assombrações do Recife Velho.** (Fundação Gilberto Freyre)

Catálogos

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. Exposição: Gil – Gilberto Freyre, vida forma e cor. - Arte, região e tempo: de 22 de março a 8 de maio 2016. Curadoria: Clarissa Diniz; Fernanda Peixoto, Jamile Barbosa e Leonardo Borges. Caixa Cultural Recife – Galeria 1. **Catálogo.** Recife, 2017. 80 p. (Fundação Gilberto Freyre)

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. Exposição: Lula Cardoso Ayres - Arte, região e tempo: de 15 de junho a 27 de agosto de 2017. Curadoria: Clarissa Diniz; Eduardo Dimitrov e Jamile Barbosa. Caixa Cultural Recife – Galeria 1. **Catálogo.** Recife, 2017. 140 p. (Fundação Gilberto Freyre)

Relatório

LORETO, Sérgio. **Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (PE) - 1890 a 1930.** HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 15 mar. 2019. p. 1-117

Jornais

- **A Epoque (PE)**

TERRENOS Baratos. **A Epoque:** órgão do Partido Conservador. Recife, 5 set. 1889. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 07 fev. 2019.

- **A Província (PE)**

EMINENTE Estadista... **A Província,** 12 dez. 1926, p. 1. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 11 mar. 2019.

MELO, Oscar. A casa mal-assombrada da Imbiribeira... Série - Nos domínios do Sobrenatural. **A Província,** Recife, 14 jul. 1929, p.7. (FUNDAJ).

MELO, Oscar. As visagens do sobrado das Três Mortes... Série - Nos domínios do Sobrenatural. **A Província,** Recife, 16 jun. 1929, p.7. (FUNDAJ)

MELO, Oscar. Mal-assombrado nas velhas casas... O Sobrado da “Estrela” levou vinte anos fechado. Série - Nos domínios do Sobrenatural. **A Província,** Recife, 19 mai. 1929, p. 11. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 08 fev. 2019

MELO, Oscar. Na Rua de São Jorge. Série - Nos domínios do Sobrenatural. **A Província,** Recife, 7 jul. 1929, p. 7. (FUNDAJ)

MELO, Oscar. No sobrado mal-assombrado da Rua de Santa Rita Velha. Série - Nos domínios do Sobrenatural. **A Província**, Recife, 9 jun. 1929, p. 7 .FUNDAJ, Microfilmagem.

MELO, Oscar. No velho prédio mal-assombrado da Rua Augusta... Série - Nos domínios do Sobrenatural. **A Província**, Recife, 26 mai. 1929, p.9. (FUNDAJ)

MELO, Oscar. Quase todas as noites, depois de 11 horas, aparecia um vulto embaçado na janela da casa da rua S. João... Série - Nos domínios do Sobrenatural. **A Província**, Recife, 28 jul. 1929, p. 7. (FUNDAJ)

MELO, Oscar. Um outro prédio mal-assombrado em São José... Série - Nos domínios do Sobrenatural. **A Província**, Recife, 23 jun. 1929, p. 17 .FUNDAJ, Microfilmagem.

MELO, Oscar. Um sonho que faz desaparecer os mal-assombrados de um sobrado do Pátio do Terço... Série - Nos domínios do Sobrenatural. **A Província**, Recife, 21 jul. 1929, p. 7. (FUNDAJ)

MELO, Oscar.O sobrado mal-assombrado da... Série - Nos domínios do Sobrenatural. **A Província**, Recife, 02 jun. 1929, p. 7 .FUNDAJ, Microfilmagem.

OS Secretários do novo ... **A Província**, 14 dez. 1926, p. 3. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 11 mar. 2019.

- **Correio da Manhã (RJ)**

O QUE Vamos ler? **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 2 abr. 1955, p. 2, 1º caderno. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 14 fev. 2019.

ESCRITORES E livros - O último lançamento do Jornal das Letras **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 16 fev. 1956, p. 10, 1º caderno. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 14 fev. 2019.

PASSEIO Por Assombrações do recife Velho. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 9 jun. 1956, p.8, 1º caderno. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 16 fev. 2019.

- **Diario de Pernambuco (PE)**

1º Congresso Regionalista do Nordeste. **Diario de Pernambuco**. Recife, 5 jan. 1926. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 20 jun. 2018.

1º Congresso Regionalista do Nordeste. **Diario de Pernambuco**. Recife, 31 jan. 1926. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 20 jun. 2018.

1º Congresso Regionalista do Nordeste. **Diario de Pernambuco**. Recife, 7 fev. 1926. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 20 jun. 2018.

20 jun. 2018

A EDITORA José Olympio. **Diario de Pernambuco**, Recife, 19 mai. 1974, p. 60 HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 20 fev. 2019.

A HECATOMBE Da Vitória. **Diario de Pernambuco**, Recife, 30 jun. 1880, edição 147 p. 3. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 06 fev. 2019.

ASSOMBRAÇÕES do Recife Velho, novo livro de Gilberto Freyre ... **Diário de Pernambuco**. Recife, 17 nov. 1950. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 02 jul. 2018

ASSOMBRAÇÕES Do Recife Velho. **Diario de Pernambuco**, Recife, 19 mai. 1974, p. 60. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 20 fev. 2019.

BEIRA-MAR. **Diario de Pernambuco**, Recife, 15 abr. 1956, p. 4. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 16 fev. 2019.

CAMPOS, Renato Carneiro. Assombrações do Recife Velho, é o novo livro de Gilberto Freyre. **Diario de Pernambuco**, Recife, 1º abr. 1955, p. 31. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 15 fev. 2019.

CARNEIRO, Renato. Assombrações do Recife Velho. **Diario de Pernambuco**, Recife 15 mar. 1970, p. 3. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 20 fev. 2019.

CENTRO Regionalista do Nordeste. **Diario de Pernambuco**. Recife, 15 jan. 1926. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 20 jun. 2018.

CHATEAUBRIAND, Assis. Congresso Regionalista. **Diario de Pernambuco**. Recife, 24 fev. 1926. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 20 jun. 2018.

ESGOTA-SE O livro de Gilberto Freyre. **Diario de Pernambuco**, Recife, 11 nov. 1956, p. 3 HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 16 fev. 2019.

FERNANDES, Aníbal. Gilberto Freyre. **Diario de Pernambuco**. Recife, 08 mar. 1923. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 10 nov. 2017.

FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife Velho. **Diario de Pernambuco**, Recife, 30 ago. 1970. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 20 fev. 2019.

FREYRE, Gilberto. Em torno de Assombrações – trecho do prefácio da 1ª edição do livro Assombrações do Recife Velho. **Diario de Pernambuco**, Recife, 1º abr. 1956, p. 4 e 13. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 15 fev. 2019.

FREYRE, Gilberto. Meu querido Lula Cardoso Ayres. **Diario de Pernambuco**. Recife, 19 jul. 1987.

FREYRE, Gilberto. O recifense Manoel Bandeira. **Diario de Pernambuco**. Primeiro Caderno. 08 mar 1964. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 10 fev. 2018.

FREYRE, Gilberto. Prefácio da 2ª edição do livro Assombrações do Recife Velho. **Diário de Pernambuco**, Recife, 4 mai. 1969. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 20 fev. 2019.

FREYRE, Gilberto. Um editado e seus editores. **Diário de Pernambuco**, Recife, 16 jun. 1968, p. 4. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 20 fev. 2019.

INSTITUTO Arqueológico. **Diário de Pernambuco**. Recife, 19 fev. 1926. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 20 jun. 2018

M. Certamente o editor José Olympio não vai perder a parada. **Diário de Pernambuco**, Recife, 8 mai. 1956, p. 4, coluna Coisas da cidade. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 16 fev. 2019.

NOVO Livro do escritor Gilberto Freyre. **Diário de Pernambuco**, Recife, 1º abr. 1955, p. 31. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 15 fev. 2019.

O BUMBA-MEU-BOI: Motivo folclórico que ainda persiste no Lula abstracionista. **Diário de Pernambuco**, Recife, 13 set. 1953, p. 1 -2. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 02 fev. 2019.

O CRIME De Ponte D'Uchoa. **Diário de Pernambuco**, Recife, 24 dez. 1909, p. 1. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 10 fev. 2019.

RECIFE Sangrento. **Diário de Pernambuco**, Recife, 24 jun. 1956, p. 4. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 16 fev. 2019.

VISCONDE De Suassuna. **Diário de Pernambuco**, Recife, 29 jan. 1880. Ed. 23 p. 2. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 06 fev. 2019.

Z. A edição do novo livro de Gilberto Freyre. **Diário de Pernambuco**, Recife, 15 abr. 1956, p. 4, coluna Coisas da cidade. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 16 fev. 2019.

- **Jornal do Commercio (PE)**

CARRO capota e destrói antiga estação Ponte D'Uchoa. **JC online**, 28 out. 2013. Disponível em:<<https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2013/10/28/carro-capota-e-destrui-antiga-estacao-ponte-duchoa-na-rui-barbosa-103064.php>> Acesso: 10. Fev. 2019

CARVALHO, Nelly. No reino das palavras. **Jornal do Commercio**. Recife, 02 jun 2015. Disponível em: < https://www3.ufpe.br/agencia/clipping/index.php?option=com_content&view=article&id=23696:no-reino-das-palavras&catid=69&Itemid=122> Acesso em: 11 mar. 2019

FESTIVAL De Cinema do Recife. **Jornal do Commercio**, Recife, 27 abr. 2001, p.5 Caderno C. (APEJE)

TOLEDO, Marcos. Assombrações de Freyre ganham vida em filmes para a TV Jornal do Commercio. **Jornal do Commercio**, Recife, 10 jul. 2000, p. 1 caderno C. (APEJE)

- **Jornal do Commercio (RJ)**

ASSOMBRAÇÕES Do Recife Velho. Anúncio. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 18 mar. 1956. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 14 fev. 2019.

- **Jornal de Letras (RJ)**

ACABA De sair o mais belo livro de luxo de 1955. Anúncio. **Jornal de Letras**, Rio de Janeiro. Jan. 1956, p. 9 HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 10 fev. 2019.

ACABA De sair o mais belo livro de luxo do ano. Anúncio. **Jornal de Letras**, Rio de Janeiro, Dez.1955, p. 3 HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 10 fev. 2019.

PUBLICIDADE. Assombrações do Recife Velho. **Jornal de Letras**, Rio de Janeiro, nov. 1950, p. 8

UM Sobrado de S. José. **Jornal de Letras**, Rio de Janeiro, mai. 1956, p. 11. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso: 16 fev. 2019.

- **Jornal Pequeno (PE)**

SEDE De sangue. **Jornal Pequeno**, Recife, 27 dez. 1909, ed. 291, p. 3. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 10 fev. 2019.

- **Jornal do Recife (PE)**

JORGE. **Jornal do Recife**, Recife, 30 jun. 1880. Edição 146, p. 3. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 06 fev. 2019.

OBTUÁRIO. Missa de sétimo dia - Visconde de Suassuna. **Jornal do Recife**, Recife, 5 fev. de 1880, Ed 28, p. 3. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 06 fev. 2019.

OBTUÁRIO. Visconde de Suassuna. **Jornal do Recife**, Recife, 1º de fev. 1880, p. 1 HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 06 fev. 2019.

RECOLHIDOS. Jovino ex-escravo do Visconde de Suassuna. **Jornal do Recife**, Recife 28 fev.1880, Ed 48, p. 1. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 07 fev. 2019.

RECOLHIDOS. Policarpo ex-escravo do Visconde de Suassuna. **Jornal do Recife**, Recife 6 abr.1881, Ed 78, p. 1 HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 07 fev. 2019.

- **Suplemento de A Manhã (RJ)**

NOVO Livro de Gilberto Freyre. Letras e artes. **Suplemento de A Manhã (RJ)**. Rio de Janeiro, 16 dez. 1951, p. 1

- **Suplemento Pernambuco (PE)**

VIEIRA, Anco Márcio Tenório. A Casa-Grande, a Senzala e os seus senões. **Suplemento Pernambuco** - Suplemento cultural do Diário Oficial do Estado. Recife, n. 90, p. 14-16, ago. 2013.

Revistas

HÉLIO, Mário. Prosa de quem se espreguiça. **Revista Continente Multicultural**. Recife, ano, n. 33, p. 62-63, set. 2003.

GILBERTO Freyre: um pouco de memórias e um novo livro. **Visão**. São Paulo: , v. 47, nº 9, p. 86-87, 27 out. 1975.

FREYRE, 1956. In MESTRE Lula Cardoso Ayres: seu novo triunfo. **Revista O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, Edição 50, p. 2. Coluna Pessoas Coisas e Animais. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 02 fev. 2019.

FLASH. Perfil e Gilberto Freyre. **Revista O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 18 dez. 1954, p. 25. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 20 fev. 2019.

ASSOMBRAÇÕES Do Recife Velho. **Revista O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 14 dez. 1963, p.112 Coluna: Pessoas, Coisas e Animais. HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em < <http://memoria.bn.br/hdb/periodico>> Acesso em: 20 fev. 2019.

MACHMAN, Flora. O grande Lula. **Revista Contraponto**: Recife, União Gráfica: nº 1, 1946[s.p.]

MARACATU – concepção e desenho de Lula Cardoso Ayres. **Revista Contraponto**: Recife, União Gráfica: nº 4, 1946[s.p.]

BORBA FILHO, Hermilo. Lula Cardoso Ayres: retrospectiva. **Caderno Moinho Recife**, Recife: Dilgraf, nº 11, dez. 1973. p.12-13

Vídeos:

BOCA- DE-OURO. Luni Produções. **YouTube** . 18 de jan de 2009. 6min.15s. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=vtP7TLihZb8&t=150s> > Acesso: 2 dez. 2018

FANTASMA DE MENINO FELIZ. Luni Produções. **YouTube** . 18 de jan de 2009. 4min.14s. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=SA9_r06ZKIo&t=3s> Acesso: 2 dez. 2018

OUTRO LOBISOMEM. Luni Produções. **YouTube** .18 de jan de 2009. 4min.36s. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch> > Acesso: 2 dez. 2018

Histórias em quadrinhos

FREYRE, Gilberto. **Algumas Assombrações do Recife Velho**. HQ Adaptação de André Balaio e Roberto Beltrão; Ilustração de Téo Pinheiro. 1 ed, São Paulo: Global, 2017.

REFERÊNCIAS

- 2001 – 5º FESTIVAL DE CINEMA DO RECIFE. Curtas metragens categoria: Ficção 16mm, Melhor Roteiro: Bráulio Tavares de “Assombrações do Recife Velho” (PE). Disponível em: < <https://www.festivalcinepe.com.br/resultados>>>. Acesso: 1º mar. 2019.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALVES, Brito. **Prefácio**. In: MELO, Oscar. Recife Sangrento - Crimes sensacionais do Recife antigo e os seus protagonistas - antigas autoridades - notas de um antigo Repórter - dialeto dos gatunos - novos capítulos. 4ª Ed. Recife: Edição do Autor, 1956. p. 5-6.
- AMORIM, Helder Remigio de. **Um pequeno pedaço do incomensurável: A trajetória intelectual e política de Josué de Castro**. Recife: UFPE, 2016. Disponível em: < <https://repositorio.ufpe.br>> Acesso em: 17 nov. 2018
- AMORIM, Luiz. Cucaú, França e Recife. In: AYRES, Lula Cardoso. **Lula Cardoso Ayres: fotografias**. Albertina Malta (organização). Recife: Cepe, 2017. p. 151-157.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Pernambuco Imortal: Evolução histórica e social de Pernambuco**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1997.
- ANDRADE, Oswald de. **Poesias Reunidas: Oswald de Andrade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p.135-138 .
- ARAÚJO, Bárbara Luna de. **A cidade e o medo: como as histórias de assombração falam sobre o Recife: Universidade Federal de Pernambuco./CFCH/ Antropologia. Dissertação (mestrado) . 107 folhas: il., fotos. Disponível em: < http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/576/arquivo1078_1.pdf?sequence=1>. Acesso em: 05 nov. 2016.**
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. **Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 1930**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. **A imprensa na tumultuada República Velha**. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/imprensa-brasileira-dois-seculos-de-historia-2/>> Acesso em: 19 jan. 2018.
- AYRES FILHO, Luiz Cardoso. Lula Cardoso Ayres, um artista múltiplo. In: AYRES, Lula Cardoso. **Lula Cardoso Ayres: fotografias**. Albertina Malta (organização). Recife: Cepe, 2017. p. 15-23.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- BARRETO, Octavio Hamilton Tavares. **Prefácio**. In: MELO, Oscar. Verdades – Impressões de um repórter. Recife: Edição do Autor, 1924.p 5.
- BELTRÃO, R. **Histórias Medonhas d’O Recife Assombrado**. Recife: Bagaço, 2002.
- BELTRÃO, Roberto. Fantasmas na Avenida Malaquias. **O Recife Assombrado**. Disponível em: <<http://www.orecifeassombrado.com/pavor-na-avenida-malaquias>> Acesso em: 10 fev. 2019.
- BERNARDES, Denis. **O caranguejo e o viaduto**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História - o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

BURKE, Peter; PALLARES-BURKE, Maria Lúcia G. **Repensando os trópicos**: um retrato intelectual de Gilberto Freyre. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 381p.

CABRAL, Flávio José Gomes. **Conversas reservadas**: “vozes públicas”, conflitos políticos e rebeliões em Pernambuco no tempo da Independência do Brasil. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça, 2013.

CADENA, Paulo Henrique Fontes. Dívidas e fortuna ou riqueza e destino- o caso dos Cavalcanti de Albuquerque de Pernambuco (1801 – 1880). In **Clio** – Revista de Pesquisa Histórica – Nº 33.2. Disponível em < file:///C:/Users/Usuario/Documents/2019%20mestrado/2019%20TEXTO%20disserta%C3%A7%C3%A3o/24686-49378-1-PB.pdf > acesso em : 09 mar. 2019.

CADENA, Paulo Henrique Fontes. **Ou há de ser Cavalcanti, ou há de ser cavalgado**: trajetórias políticas dos Cavalcanti Albuquerque (Pernambuco, 1801-1844). Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, 2011.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad.: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CALVINO, Ítalo. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**: lições Americanas. Trad.: Ivo Cardoso. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

CAPIBA. **Recife, Cidade Lendária**. In: Capiba 80 anos. Recife: Funarte /INM, 1984 – Encarte de LP

CARNEIRO VILELA, J. M. **A Emparedada da Rua Nova**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 1984.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CASCUDO, Câmara. **Lendas Brasileiras**. São Paulo: Global, 2001.

CASTRO, Josué. **A cidade do Recife**: ensaio de geografia urbana. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954. Disponível em : < <https://books.google.com.br> > Acesso: 10 mar. 2019

CASTRO, Josué. **Homens e caranguejos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CASTRO, Josué. Tintas e Traços – Lula Cardoso Ayres. Jornal Pequeno. Recife, 2 de março de 1928. In: CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Lula Cardoso Ayres** - Arte, região e tempo: de 15 de junho a 27 de agosto de 2017. Curadoria: Clarissa Diniz; Eduardo Dimitrov e Jamile Barbosa. Caixa Cultural Recife – Galeria 1. Catálogo. Recife, 2017. p. 112.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária 2002

CHACON, Vamireh. **Gilberto Freyre**: uma biografia intelectual. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana; São Paulo: Ed. Nacional, 1993.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**- entre práticas e representações. Algés- Portugal: Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. Do livro a leitura. In: CHARTIER, Roger (Org.) **Práticas da leitura**. Org. Chartier, Roger. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p. 77- 106

CHARTIER, Roger. O Mundo como representação. **Revista das revistas**. Estudos avançados, 1991. p. 173-191 Disponível em : http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010 Acesso em: 11 jun. 2017.

CHIARELLI JÚNIOR, Wilson Roberto. **Produção de histórias em quadrinhos como estratégia didática para desenvolvimento da educação patrimonial em Olinda**. Recife, 2018. Disponível em: <<http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/handle/tede2/7851>> Acesso: 10 mar. 2019

CHICO, Science. A cidade. In: Chico Science & Nação Zumbi, Da lama ao caos. Rio de Janeiro: Sony/ Chaos, 1994.

CHICO, Science. **Banditismo por uma questão de classe**. In: Chico Science & Nação Zumbi, Da lama ao caos. Rio de Janeiro: Sony/ Chaos, 1994. – Encarte de CD

CHICO, Science. **Da Lama ao Caos**. In: Chico Science & Nação Zumbi, Da lama ao caos. Rio de Janeiro: Sony/ Chaos, 1994. Encarte de CD

CHICO, Science. **O cidadão do mundo**. In: Chico Science & Nação Zumbi Afrociberdelia. Rio de Janeiro: Sony/ Chaos, 1995. Encarte de CD

COLEÇÃO Gênios da Pintura - Lula Cardoso Ayres. Editora Abril, 1968, p. 74

COLÉGIO AMERICANO BATISTA. **História**. Disponível em : <<http://americanobatista.com.br/site/pagina-1/historia/>> . Acesso em: 02 jan. 2018.

COMPAGNON, Olivier. Latin America - from Part III - World War. In: **The Cambridge History of the First World War**. Publisher: Cambridge University Press, 2013. p. 533-556. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/books/cambridge-history-of-the-first-world-war/latin-america>>. Acesso em: 15 mar. 2019

COSTA, Edson Tavares. **A construção e a permanência do nome do autor: o caso José Condé**. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2013/06/images_EdsonSa.pdf> . Acesso em 05 jul. 2018.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Anais pernambucanos**. 2. ed. Recife: Fundarpe, 1984.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Folk-lore pernambucano: subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco**. Recife: CEPE, 2004. 747 p.

COULANGES, Fustel. **A cidade antiga**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

COUTINHO, Edilberto. **Gilberto Freyre**. Rio de Janeiro: Agir, 1994. 128 p. Coleção Nossos Clássicos; nº 117

CPDOC. **Gilberto Freyre**. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/gilberto_freyre> Acesso em: 28 mar. 2018.

CUNHA, Diogo Arruda Carneiro da. Os estudos sobre os intelectuais brasileiros e os modelos franceses: constituição, problemas, abordagens, diálogos e historiografia. **Revista História Unicap**. Recife, v. 5, n. 10, p. 325-338, jul.-dez 2018. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/1273>> Acesso em: 21 jul. 2019.

DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos-** e outros episódios da história cultural francesa. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

DARNTON, Robert. O que é a história dos livros? In: DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette-** mídia, cultura e. São Paulo: Cia das letras, 1995.p. 109-131

DARNTON, Robert. **Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária**. São Paulo: Cia das letras, 1998.

- DIMAS, Antonio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs). **Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Editora da USP, 2006.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: como escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1992.
- FIGUEIRÔA, Alexandre. **Cinema Pernambucano: uma história em ciclos**. Recife, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000.
- FIGUEIRÔA, Alexandre. **O cinema em Pernambuco**. Recife, Assembleia Legislativa do estado de Pernambuco. (ALEPE), 2003.
- FINKELSTEIN, David; McCLEERY, Alistair. **Una Introducción a la historia del libro**. 1 ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2014.
- FONSECA, Edson Nery. **Gilberto Freyre de A a Z: referências essenciais à sua vida e obra**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional e Zé Mario Editor, 2002.
- FRANCA, Rubem. **Monumentos do Recife: Estátuas e bustos, igrejas, lápides, placas e inscrições históricas do Recife**. Governo do estado de Pernambuco, Secretaria de Educação e Cultura. Recife, 1977.
- FREYRE, Gilberto. **Açúcar - Uma Sociologia do Doce, com Receitas de Bolos do Nordeste do Brasil** São Paulo: global, 2006.
- FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho: Algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense**. São Paulo Global, 2008.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**, 50ª edição. Global Editora. 2005.
- FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista**. Recife: Editora Massangana /FUNDAJ, 2016. 80 p.
- FREYRE, Gilberto. **Nordeste: Aspectos da Influência da Cana Sobre a Vida e a Paisagem**. São Paulo: Global, 2006.
- FREYRE, Gilberto. Prefácio à 2ª Edição. Recife, 1970. In: FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho: Algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense**. São Paulo Global, 2008.p. 19-21.
- FREYRE, Gilberto. **Prefácio**, 1975, p. 17-26. In: *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930*. São Paulo Global; Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2006.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. São Paulo: Global, 2006.
- FREYRE, Gilberto. **Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e primeira mocidade do autor**. Vol. I São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1979.
- FREYRE, Gilberto. **Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e primeira mocidade do autor**. Vol. II. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1979.
- FREYRE, Gilberto. **Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930**. São Paulo Global; Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2006.
- GINZBURG, Carlo: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

GOMES, Angela de Castro. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo, **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.6, n. 11, 1993, p. 62-77 Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1954> > Acesso em: 15 ago. 2018.

GOMES, Angela de Castro. **História e historiadores: A política cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro, FGV, 1999

GOMES, Angela de Castro. O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. In: **Capanema: o ministro e seu ministério**. Ângela de Castro Gomes (organizadora). Rio de Janeiro, FGV, 2000. p. 13-47

GOULART, Isabela Regina Oliveira. **A ilusão da imagem: o sonho do estrelismo brasileiro em Hollywood**. São Paulo: USP. Dissertação. 142p. Disponível em: < <file:///C:/Users/Usuario/Documents/MESTRADO%202017.1/QUALIS/Cap%C3%ADtulo%201/IsabellaROGoulart.pdf> > . Acesso em: 02 jul. 2018.

HÉLIO, Mário. **O Brasil de Gilberto Freyre: uma introdução à leitura de sua obra**. Recife: Comunigraf, 2000. 210 p.

INSTITUTO ARQUEOLÓGICO, HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PERNAMBUCANO. **A História nas Paredes**. Disponível em: < <http://www.iahgp.com.br/> > . Acesso em: 10 jan. 2019

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC - Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Los estratos del tiempo: estúdios sobre la historia**. Barcelona: Ediciones Paidós y I.C.E. de la Universidad Autónoma de Barcelona, 2001.

LIA Torá. **Mulheres do cinema brasileiro**. Disponível em: < <http://www.mulheresdocinemabrasileiro.com.br/site/mulheres/visualiza/564/Lia-Tora/3> > . Acesso em: 02 jul. 2018.

LIMA FILHO, Andrade. **China Gordo – Agamenon Magalhães e sua época**. Recife: Editora Universitária, 1976.

LUBAMBO, Cátia Wanderley. **O Bairro do Recife: entre o Corpo Santo e o Marco Zero**. Recife: Cepe / Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1991.

MALTA, Albertina; MONTENEGRO, Antônio Carlos. Pinturas e fotografias: Lula Cardoso Ayres e seus personagens. In: AYRES, Lula Cardoso. **Lula Cardoso Ayres: fotografias**. Albertina Malta (organização). Recife: Cepe, 2017.p. 7-13.

MARIN, Louis. **Como ler um quadro- uma carta de Poussin em 1639**”. In: CHARTIER, Roger (Org.) **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p. 117-140

MENESES, Diogo de Mello. **Gilberto Freyre**. Recife: FUNDAJ- Editora Massangana, 1991.

MEUCCI, Simone. O mundo português criado por Gilberto Freyre: fundamentos, efeitos e possibilidades do luso-tropicalismo nos anos 1950. In: BOTELHO, Gabriela; FERREIRA, André (Org.). **Revisão do pensamento conservador: ideias e política no Brasil**. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2010. p. 311-343.

MIRÓ. **Miró até agora**. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2016. 222 p.: II

MORENO, Newton. Pois o Recife Antigo teve uma rua chamada Encantamento. **Apresentação**. In: FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho: Algumas notas**

históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. São Paulo Global, 2008.p. 10-16.

NASCIMENTO, Luiz do. **Dicionário de pseudônimos de jornalistas pernambucanos**, Recife: UFPE, Ed. Universitária, 1983. Disponível em: <https://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/Pseudonimos.pdf>> Acesso: 17 fev. 2019

NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco** (18211-1954). Vol.II - Diários do Recife – 1829/1900. Recife: Imprensa Universitária - UFPE, 1966.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco** (18211-1954). Vol.III - Diários do Recife – 1901/1954. Recife: Imprensa Universitária - UFPE, 1967.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco** (1821-1954). Vol. I - Diário de Pernambuco. Recife: Imprensa Universitária - UFPE, 1968.

NAZÁRIO, Luiz. **Da natureza dos monstros**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

NEPOMUCENO, Margarida. Eu vi o mundo... ele começava no Recife. **Carta maior**. 25 nov. 2014 Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Eu-vi-o-Mundo-ele-comecava-no-Recife/12/7204>>Acesso em: 15 out. 2018

NORA. Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Projeto história**. São Paulo: n 10, dez. 1993, p. 7-27 <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>>. Acesso: 02 jun. 2018.

PAGE, Joseph A. **A Revolução que nunca houve**: o Nordeste do Brasil, 1955-1964. Rio de Janeiro: Editora Record, 1972.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. **Gilberto Freyre**: um vitoriano nos trópicos. São Paulo: Edusp, 2005.

PANDOLFI, Dulce Chaves. **Pernambuco de Agamenon Magalhães**: consolidação e crise de uma elite política. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2015.

PENA FILHO, Carlos. **Livro geral**. Recife: Editora Raiz/ Gráfica Vitória, 1977.

PEREIRA, João Batista. Visagens e assombrações no Recife velho: sobre o fantástico, a alegoria e a história. **Revista Criação & Crítica**. n 13 p. 102-112 Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/83611/91600> >. Acesso em: 23 nov. 2017

PEREIRA, Nilo. **Pernambucanidade** - Alguns aspectos históricos - . Recife: Governo do Estado de Pernambuco/Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, 1983. Vol.1

PORFÍRIO, Pablo Francisco de Andrade. **Francisco Julião**: Em luta com seu mito; Golpe de estado, exílio e redemocratização do Brasil. Jundiaí – SP: Paco Editorial: 2016.

QUINTAS, Fátima. **Assombrações e coisas do além**: a convivência entre vivos e mortos na civilização do açúcar. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2009

RAMOS, P. **A Leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2016.

REZENDE, Antonio Paulo. **Desencantos modernos**: histórias da cidade do Recife na década de XX. Recife: FUNDARPE, 1997. 240 p.

REZENDE, Antonio Paulo. **O Recife**: histórias de uma cidade. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife; Ed. JC, 2000. 80 p.

REZENDE, Antonio Paulo. **Prefácio**. In: FREYRE, Gilberto. Guia prático histórico e sentimental da cidade do Recife. São Paulo: Global, 2007.

- REZENDE, Antonio **Paulo. Ruídos do efêmero**: histórias de dentro e de fora. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010. 200 p.
- RIBEIRO, José Adalberto. **Agamenon Magalhães**- uma estrela na testa e um mandacaru no coração. Recife: Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, 2012.
- RODRIGUES, Luís César B. **A primeira guerra mundial**: a Grande Guerra, a paz dos vencedores, os legados da guerra. São Paulo: Atual; Campinas, SP: Editora da universidade de Campinas, 1986.
- SALES, Tadeu José Gouveia de. **José Mariano e seu tempo**: 1850 -1912- o tribuno do Recife e a utopia da liberdade durante o Império e República. Recife: Cepe, 2013
- SANTOS, Luciane Alves; GABRIEL, Maria Alice Ribeiro. Diálogos com o fantástico: Assombrações do Recife Velho. **RevLet** – Revista Virtual de Letras, v. 08, nº 02, ago/dez, 2016. Disponível em: < <http://www.revlet.com.br/artigos/408.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2017
- SANTOS, Luciane Alves; GABRIEL, Maria Alice Ribeiro. Dos engenhos aos sobrados: memórias e ficções em Gilberto Freyre e Jayme Griz. **Crítica Cultural** –Palhoça, SC, v. 11, n. 2, p. 295-309, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/3486>. Acesso em: 02 nov. 2017
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SETTE, Mário. **Arruar**: história pitoresca do Recife Antigo. Recife: Governo do Estado de Pernambuco – SEDUC, 1978.
- SETTE, Mário. **Maxambombas e maracatus**. Recife: Governo do Estado de Pernambuco – SEDUC, 1981.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 4ed. São Paulo: Brasiliense: 1999
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na Metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- SILVA NETO, Antônio Leão da. **Dicionário de filmes brasileiros** – curta e média metragem. São Paulo: IBAC, 2011.
- SILVA, José Claudio da. Apresentação. In: PERNAMBUCO, Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes. **Desenhos de Manoel Bandeira**: originais do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano. Recife: AHCC/APE, 1983 p. 6-10
- SILVA, Sílvia Cortez. **Tempos de Casa-grande**- (1930-1940). São Paulo: Perspectiva, Fapesp, 2010.
- SIRINELLI, Jean- François. Os intelectuais. In : RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 2002. p. 231-269.
- SKIDMORE, Thomas E. **Brasil**: de Getúlio Vargas a Castelo Branco. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- TEIXEIRA; Isabel; SILVA, Edson. **Revista - História da ciência e ensino** – PUC-SP, p. 70 Disponível em < <https://revistas.pucsp.br/index.php/hcensino/article/viewFile/28063/22596>> Acesso em: 02 fev. 2019

USINA SERRA GRANDE S.A. **Dados diversos** . Disponível em:<
<http://usinaserragrande.com.br/>> Acesso: 2 mar. 2019

VALENTE, Waldemar. **Bandeira, o pintor**. Recife: FUNDAJ, 1984.

VANOYE, Francis; GOLLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas-SP: Papyrus, 2002.

VELOSO, Caetano. **Língua**. In: Caetano Veloso, Velô. Rio de Janeiro: Philips, 1984
Encarte de LP

VELOSO, Caetano. **Livros**. In: Caetano Veloso, Livro. Rio de Janeiro: Polygram, 1997.
Encarte de CD

VIANNA, Herbert. **Tendo a Lua**. In: Os grãos. São Paulo: EMI, 1991. Encarte de CD

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; Ed. UFRJ, 1995.

ZEROQUATRO, Fred. Caranguejos com cérebro. **Manifesto**. In: Chico Science & Nação Zumbi. Rio de Janeiro: Sony/ Chaos, 1994. Encarte de CD

ZONAS ESPECIAIS DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL.
Disponível em: < <https://www.recife.pe.gov.br/pr/leis/luos/soloZEPH.html>>. Acesso em: 12 fev. 2019